# REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

ANO XXI · N.° 10

0
857/99
º 10/ 1972

NATAL — 1972

NEH
UFRN

NEH UFRN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
C C H
Dpto de História

**REVISTA DA ACADEMIA**

**NORTE-RIOGRANDENSE**

**DE LETRAS**

**Escrevem neste número:**

Floriano Cavalcanti
Josué Silva
Helio Galvão
Francisco Menezes
Antídio de Azevedo
Esmeraldo Siqueira
Nilo Pereira
Peregrino Júnior
Paulo Viveiros
João Batista Cascudo Rodrigues
Raimundo Nonato
Jorge O'Grady de Paiva
João Medeiros Filho
Veríssimo de Melo
Jaime dos G. Wanderley
Edgar Barbosa
M. Rodrigues de Melo
Arthur Cezar Ferreira Reis
Otto de Brito Guerra
Irmão José Otão
Maria Eugênia Maceira Montenegro
Walter Wanderley
Waldemar de Almeida Barbosa

Natal — 1972

NEH
UFRN

**ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS**

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

**Séde Própria:** Rua Mipibu, 443 — Natal-Rio Grande do Norte-Brasil

**Diretoria:** Manuel Rodrigues de Melo, Presidente; Esmeraldo Homem de Siqueira, Secretário Geral; Veríssimo de Melo, 1.º Secretário; Jaime dos G. Wanderley, 2.º Secretário; Oswaldo de Souza, Tesoureiro; Antônio Fagundes, Bibliotecário; Aderbal de França, Diretor da Revista. **Comissão de Contas:** Onofre Lopes, Newton Navarro — José Melquíades. **Comissão de Sindicancia:** Paulo Viveiros — Otto Guerra — Américo de Oliveira Costa. **Comissão de Revista:** Edgar Barbosa — Alvamar Furtado — José Tavares da Silva.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
4 857/99
C C H
Dpto de História
22 09 99

**REVISTA**

**DA**

**ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LÊTRAS**

**Diretor:** Aderbal de França

**Comissão de Revista:**

Edgar Barbosa
Alvamar Furtado de Mendonça
José Tavares da Silva

## BRASIL 2.022

Quando o Brasil comemorou o primeiro Centenário da sua Independência, em 1922, os veículos de comunicação e divulgação do pensamento se restringiam quase só ao livro, ao jornal, à revista e ao folheto de cantador. Entre as máquinas falantes possuiamos o gramofone, o telefone e o telégrafo. O automovel e o caminhão já andavam buzinando sertão adentro, levantando poeira, fazendo medo, espalhando pavor por toda parte.

No Rio Grande do Norte, na area da capital e do interior, já havia vários jornais, disseminando cultura e promovendo comunicação entre os homens.

Em Natal, além dos jornais e revistas em circulação, havia duas instituições de cultura da maior significação: o Centro Polimático e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Durante a Semana da Pátria daquele ano, além da parte externa, desfiles, paradas, retretas, funcionou também uma secção intelectual que teve por fim relembrar e destacar as principais figuras da cultura do Estado ao longo de um século de independência.

Cinquenta anos depois das grandes festas da Independência, a paisagem do Brasil e do Rio Grande do Norte, nos mais diversos planos de sua atividade, está inteiramente mudada, inegavelmente, para melhor.

Não cabe aqui soprar as cinzas dos ressentimentos, fracassos, perdas de oportunidade, neste ou naquele campo. Falamos de modo global, somando erros, acertos, audácias, experiências, lutas, sacrifícios que nos transmitiram por fim um Brasil unido e forte capaz de enfrentar o desafio lançado aos povos pelas nações mais poderosas do globo terrestre.



Labim/UFRN

Neste ano do Sesquicentenário da Independência. podemos dizer que o Rio Grande do Norte não ficou à margem do progresso do País, apresentando hoje uma paisagem totalmente diversa daquela de 1922.

O aumento da população, a multiplicação dos municípios, o desenvolvimento da educação primária, secundária e superior, a criação de novas industrias, a descoberta de novas fontes de riqueza, o aperfeiçoamento dos processos de trabalho, na agricultura, na pecuária, na indústria, tudo isso são índices do nosso crescimento que precisa ser cada vez mas intensificado para grandeza e felicidade do povo norte-riograndense.

A vida intelectual que era feita de modo precário, através de instituições sem estrutura e sem base econômica, ganhou, sem dúvida, em extensão e profundidade, com a fundação da Academia Norte-Riograndense de Letras e, posteriormente, com a criação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bem como da Universidade Regional de Mossoró, Fundação José Augusto e outras instituições com a mesma finalidade

Evidentemente, entre o que eramos em 1922 e o que somos hoje, não há termo de comparação.

Melhoramos consideravelmente, não há dúvida. Mas não está tudo feito. Precisamos continuar trabalhando a fim de que o segundo centenário nos apresente ao mundo como uma nação que em nada deixe a desejar perante as demais nações do mundo.

Na parte que toca à Academia Norte-Riograndense de Letras, este é o seu destino e a sua glória: trabalhar pelo desenvolvimento das letras e das artes, pelo apuro da forma e do estilo do idioma, estimulando e protegendo o trabalho de criação literária e artística do nosso povo.

Este número da Revista se faz em comemoração ao Sesquicentenário da Independência do Brasil, sem deixar de reconhecer que do esforço conjugado de todas as províncias dependem o futuro e a grandeza do Brasil 2.022.



Labim/UFRN

## SEBASTIÃO FERNANDES (*)

*Floriano Cavalcanti*

Convidado por um grupo de estudantes para proferirmos, nesta solenidade de instalação do Grêmio Literário "Desembargador Sebastião Fernandes", algumas palavras em torno do seu ilustre patrono, não seria lícito escusar-me da honrosa distinção maximé quando se trata de homenagear um colega de magistratura, a quem sinceramente admiramos por sua inteligência e virtudes.

Antes de tudo, congratulamo-nos com os jovens fundadores do Grêmio, pelo fato de se congregarem para incentivar no meio estudantil o amor de nossa literatura, tão descurada, infelizmente, no momento materialista que atravessamos. Tal iniciativa, pelo que significa e mais pelos frutos que há de produzir, merece aplausos dos que desejam a sua terra ao nível das mais adiantadas. Palmas, pois, aos moços que pretendem restaurar o esplendor das grandes épocas, revivendo os magníficos dias do "Congresso Literário" e de "Le Monde Marche"! Mas, que não se esqueçam de que sem as revistas "A Tribuna" e "Oasis", nada conheceríamos daquele brilhante momento intelectual...

* * *

A mocidade é o fermento eterno das agitações. Opera, assim, a natureza pela necessidade de descarga da energia vital. Daí por que os moços são sonhadores, entusiastas e irrequietos. Têm a alma tempestuosa, o cérebro ardente e os nervos em tensão. É a vida na sua plenitude. E como a característica biológica é o movimento, tudo neles, em virtude mesmo da pletora orgânica, é vibração. Nessa quadra do desenvolvimento físico-psíquico imperam as paixões. No caleidoscópio da imaginação visões passam e repassam sempre coloridas e agradáveis. E a mente escaldada leva-os a toda sorte de idealizações. Pouco a pouco a realidade se transforma em devaneio. A curva do horizonte recúa, a noção do tempo desaparece e o pensamento perde-se nos longes do espaço infinito. Que de maravilhas não se descortinam num plano sem limites! Ó como é bela



Labim/UFRN

a vida! Por que, então, o desânimo ou desespero, se tudo foi feito para eles?! É a recapitulação da fase antropocêntrica. O mundo pertence-lhes. Não há o **Impossível**. É a febre da conquista. Já não se contentam com a posse do presente, anseiando o domínio do futuro. A existência não é mais do que uma marcha triunfal. Quem obstará a vitória? É tão fácil a escalada... E incendidos pela leitura de uma biografia heróica, consideram-se também, vencedores. Deputado, governador, ministro, que coisas simples!

Para ser, basta querer. Haverá nisso desvio mórbido? Não, por que é o natural da psicologia da juventude. Todos nós passamos por esse período megalomaníaco. Alguns mais, outros menos. Quem não se julgou esteta, filósofo ou sábio, depois de conhecer o primeiro livro de literatura, filosofia ou ciência?! É mero derivativo do excesso de seiva. E se o acúmulo de energia enche os moços de iniciativas, a confiança no próprio valor torna-os audaciosos. Não há como eles para as empreitadas do espírito. Prestemente se reunem, formando centros nos quais discutem não somente letras, como questões sociais e políticas. Desarraigados de preconceitos, aceitam logo as idéias novas anatematizando, impiedosamente, as velharias do passado. Desempenham, desse modo, importante papel histórico, solapando a resistência do meio. Agitadores, não há dúvida; porém, como não sofreram o choque de forças contrárias e nem experimentaram o travo das decepções, são sempre conduzidos pelos sentimentos nobres e generosos. O seu egoismo é de natureza **sui generis**, não se confundindo com o dos maus ou desesperados. É antes uma modalidade do altruísmo. Irreverentes pela força da audácia, todavia, só crêem no poder do Bem, no valor do Belo e no triunfo do Justo. A má orientação poderá transtorná-los, impelindo-os, porventura, à adoção de teorias exóticas, mas isso momentaneamente, porque corrigível até mesmo pela auto-reflexão. Está claro que não nos referimos à classe dos anormais, fauna patológica onde, desgraçadamente, vicejam as aberrações e monstruosidades, e sim a jovens normais e de organização sadia, inclinados aos gestos de cavalheirismo e aos atos de justiça. E agora temos a prova, pois que são eles que estão a instalar o seu gremio literário com o nome de Sebastião Fernandes, reparando, dessarte, a falta de se ter deixado em quase esquecimento uma das mentalidades mais fortes que já possuimos. É que os moços tudo descobrem e não se acumpliciam com os que procuram, pela greve do silêncio, sonegar os verdadeiros valores.

* * *

Sebastião Fernandes nasceu nesta cidade de Natal, no ano de 1880, aos 11 dias do mês de março, aqui fazendo as primeiras letras e preparatórios. Formou-se em direito pela Faculdade do



Labim/UFRN

Recife, com 22 anos de idade. Foi promotor Público em Mossoró e em São José de Mipibu e Juiz Distrital nesta Capital. Nomeado Diretor da Escola de Aprendizes Artífices, estabelecimento federal de educação profissional, foi o instalador e organizador dos seus serviços. Em 1915 entrou para o quadro da magistratura de carreira, como Juiz de Direito da comarca de Ceará-Mirim, sendo, em 1929, transferido para a de Natal, e, em 1934, promovido ao Tribunal de Apelação do qual foi presidente por mais de uma vez. Como desembargador, ocupou, também, a Procuradoria Geral do Estado. Ao tempo da judicatura em Ceará-Mirim, desempenhou os cargos, em comissão, de Chefe de Polícia e Secretário Geral do Estado. Em 1906 publicou o livro de poesias "Alma Deserta" e em 1922 os "Estudos e Aplicações de Sociologia Criminal". Faleceu no dia 29 de maio de 1941, com 61 anos, dois meses e 18 dias de idade.

* * *

Na sua atividade intelectual, Sebastião Fernandes foi poeta, dramaturgo, orador e jurista. Acima de tudo, porém, poeta e jurista. Esses os dois títulos que o imortalizaram. E se quisessemos, ainda, resumí-los num só, diríamos que ele foi poeta, por que nos trabalhos jurídicos, nas sentenças e acórdãos, descobre-se, através da linguagem, sempre o artista do verso, o estilista do "Alma Deserta". É livro da juventude, mas que estreia! Acabamos de percorrer esse lindo roseiral, e estamos inebriado com o perfume suave de tantas flores mimosas, que nos deliciaram a vista e embeveceram a alma. É que amamos a poesia simples e espontânea, que fala ao coração e desperta a emotividade, a poesia que nos identifica com o poeta, fazendo nossa a sua estesia. Não compreendemos a pretendida poesia científica. Consideramo-la um desvirtuamento. Seria atribuir ao verso o papel da prosa, quando ele é para traduzir os estados íntimos, os sentimentos que vêm da profundidade do ser. Fora disso não há poesia, mas artificialismo escusado, desvio de natureza e função. Para as grandes construções do pensamento, científicas e filosóficas, a prosa é que é o instrumento natural. O domínio de uma é o coração, enquanto o da outra é o cérebro. Eis por que não lograram escola os preconizadores da poesia científica. Baldado foi o esforço de Martins Junior. A poesia é, e será, perenemente o grito d'alma. E por concebê-la assim, não diligenciaremos classificar o bardo norte-riograndense, embora notemos nele a influência de Luiz Murat e também de Olavo Bilac, principalmente no soneto "Junho". Aliás, para nós, tanto importa românticos como parnasianos, simbolistas como realistas, por quanto a poesia é uma só: ritmo e harmonia, vibração e sentimento. O que procuramos ver é o poeta, quer se chame Victor Hugo, Lamartine, Byron ou Musset,



Labim/UFRN

quer seja Castro Alves, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu ou Alvares de Azevedo, que todos são criadores de beleza e irradiadores de emoções. O Anacreonte, ó Píndaro, quem vos pensou sepultados no Letes do tempo, certamente não se advertiu que havieis herdado a lira imortal de Orfeu! As poesias do "Alma Deserta" refletem a psicologia do autor ao tempo em que as produziu. Abrangem o período dos 18 aos 25 anos, justamente a fase dos idílios e das paixões. E os seus versos desenvolvem-se dentro desses dois temas eternos, que polarizam a misteriosa força que rege o nosso destino, o amor ou lei de afinidade universal. É que para ele

"O amor é tudo! É o céu, é a Vida!"

Mas, de temperamento nervoso, as senções eram tão intensas, que o próprio amor o fazia sofrer:

"Gaura! Se o amor é bem que mais amamos,
É o mal maior que mais nos doi na vida:
Pois se conosco está — faz que sofremos,
E se nos deixa — deixa a alma ferida!"

Esses formosos versos, com exteriorizarem a alma do poeta, caracterizam a estesia do seu pletro. A saudade, o queixume e a tristeza são as notas principais de sua musa. Às vezes também perpassa a sombra do desalento, e o poeta imerge, então, em sombrio desespero, como na poesia "Nada", que lembra Salomão, quando ele reduz tudo a mentira, ou Leopardi, quando ele faz do amor um simples devaneio, e da ventura a maior das mentiras... No mesmo tom é o soneto "Ilusão", cujo último terceto poder-se-ia atribuir ao desventurado cisne de Recanati:

"Que por um dia de felicidades,
Temos séculos de mágoa e agonia.
E um infinito todo de saudades!"

Sebastião Fernandes foi um grande amoroso. Na sua galeria repassam as Dulce, Lucia, Carmen, Regina, Delorme, Elisa, Efialta e Gaura. Mas os seus amores eram platônicos, mais afetos do que paixões e, em rigor, mais idílios do que propriamente amores. Ao lado do mundo real, o poeta criou o seu paraiso de sonhos, no qual vivia de ilusões. Vibrátil e delicado, tudo o impressionava, registando no verso as emoções, à proporção que as ia sentindo. Ora, a alegria, a doçura de um olhar e a satisfação de ser correspondido; ora a tristeza, o travo de uma dúvida, o gemido de uma saudade. Era um sentimental e as suas poesias se ressentem desse langor lírico. Em "Souvenance", é a saudade de Gaura, a "Noiva do meu amor, amor que trago aqui", que o faz exclamar, ao fim de cada canto, "Que sau-



Labim/UFRN

dades de ti!". Em "Alados", uma das mais belas poesias do livro, é a mesma lembrança da noiva, que provoca o queixume;

"Ah! tu nem sabes, flor, nem possas nunca
Saber quanto a saudade a alma definha!".

Quem seriam aquelas vaporosas silhuetas de mulheres com quem o poeta sonha? Teriam, realmente, existido? Uma delas, Gaura, creio identificar na pessoa da virtuosa senhora que foi a esposa querida, a respeitável matrona genitora dos seus filhos, d. Alice Fernandes, que vive da recordação do companheiro, ainda cantando baixinho as estrofes queridas da poesia "Alados", de que foi a protagonista numa ausência de noivado.

Que lirismo delicioso esse que enleva o espírito e faz chorar, com o poeta, a dor da saudade! É a poesia verdadeira, que penetra a alma como acorde de violino, e vara o coração como dardo de amor. Que contraste com a pretensão científica, que estanca a inspiração e mata a poesia! Iríamos longe se fossemos destacar as jóias do precioso escrínio que o poeta nos legou. Baste-nos recomendar as gemas que trazem as etiquetas "Incompreendido", "Sempre" e "Revezes". São sonetos de um encanto indizível, sem mescla de falsificação. É que Sebastião Fernandes nasceu poeta. Tinha o segredo do verso e ninguém, como ele, sabia fechar, com chave de ouro, um soneto:

"E então pensamos coisas desiguais:
— Que o amor que parte nunca mais nos volta,
— Que o amor que fica — não nos lembra mais"!

Como dizer melhor e exprimir com mais delicadeza os sentimentos contidos nesses versos? Impossível!

Não conhecemos as poesias do Sebastião Fernandes, escritas na sua maturidade. Reportamo-nos tão somente ao "Alma Deserta", ou seja às produções da mocidade. Ele, porém, foi poeta até o fim da vida. De um escorço biográfico que dele traçou o escritor Câmara Cascudo, consta um "Ato de Contrição", soneto de 1937, quando contava 57 anos de idade, tão belo quão profundo, que não nos furtamos ao prazer de transcrevê-lo, mesmo porque o consideramos o **nosce te ipsum** de um varão justo. E se não tivessemos privado com o intelectual na exuberância do seu talento e visto o homem na grandeza do seu coração, bastaria esse soneto para dar-nos a medida do seu valor, Ei-lo:

"Senhor! Quanto me doi o mal que, porventura,
Possa eu fazer a alguém, possa eu fazer sofrer!
Não somos nós irmãos de toda criatura?
Perdoar uns aos outros, não é nosso dever?

Não foi isto, Senhor, que cheio de candura,



Labim/UFRN

Existe sobre a terra, e nos deste a aprender?
E por que, oh! Senhor! a injustiça perdura
E a maldade cruel há de permanecer?

Eu não, Senhor! Eu creio, eu temo, eu sinto. eu penso,
Sei quanto nada sou! E, por mim, me convenço
Que somos sombra, só, ou vibração ou som...

Concede-me, Senhor. em toda minha vida,
O dom de perdoar toda ofensa sofrida
E essa graça eternal de ser justo e ser bom".

Falamos do poeta, cabendo, agora, dizermos do jurista. Mas como já fizemos noutra oportunidade, quando de nossa investidura no cargo de desembargador (1941), em discurso publicado na "A República", apenas para dar-vos uma noção do jurista dos "Estudos e Aplicações de Sociologia Criminal" e do seu esforço para a solução dos problemas da criminalidade e de sua repressão, destacamos daquela nossa apreciação o seguinte trecho:

Sebastião Fernandes era um especulativo da ciência do direito, um estudioso de patologia social, um entusiasta da nova escola penal italiana. Discípulo de Lombroso, Ferri e Garófolo, tinha a sua atenção mais voltada para o delinquente do que para a pena. E convencido de que o criminoso é um ser psiquicamente defeituoso, vitima de uma falha cerebral e por isso retardado na evolução normal da espécie, propugnava pela instituição de penitenciárias, ou melhor, de reformatórios ou estabelecimentos de regeneração, como soia chamar, em que o delinquente pudesse receber. simultaneamente, o tratamento apropriado à cura da insanidade psíquica, a educação necessária à readaptação social, aprendendo, também, a trabalhar para prover à subsistência e tornar-se útil à coletividade, da qual fora por algum tempo afastado. Era, assim, entre nós. o mais brilhante intérprete da sociologia criminal de Ferri. Aceitando os postulados da escola positiva, combateu a escola clássica desde o livre arbítrio, a grande ilusão subjetiva. que acreditava desmentida pela fisiopsicologia, até o critério punitivo das penalidades prefixadas sem nenhum substratum científico ou resultado prático. Durante quarenta anos bateu-se pela adoção das reformas preconizadas na escola antropológica. Havia nisso um grande fundo humanitário. É que ele se revoltava contra os processos da escola clássica, que deixava piorar, envilecendo cada vez mais nas prisões. o delinquente, quando, por meio de assistência adequada, seria possível reintegrá-lo ao convivio social. Em lugar do estigma da infâmia, reclamava para o pobre retardado a reeducação ou readaptação social; ao invés do castigo cego, o tratamento da nevrose que o impelira ao crime; em suma, a profilaxia da diátese ou predisposição e da terapêutica da



Labim/UFRN

neurose ou molestia de que são portadores os delinquentes, de preferência à punição irracional a que são submetidos.

A isso que escrevemos àquele tempo, cumpre, unicamente, acrescentar que muitas das idéias do criminólogo norte-riograndense se acham, hoje, incorporadas no Código Penal Brasileiro.

* * *

Estudantes! Tivestes uma lembrança feliz, tomando para patrono da vossa agremiação um magistrado que foi o modelo de sua classe, um intelectual que foi paradigma de trabalho e um homem que viveu honestamente. Segui-lhe o exemplo, visando sempre ao que há de mais nobre e elevado na existência humana: perfeição moral e intelectual. Estudai ciências e filosofia e não esqueçais que a religião é o traço de união que liga as várias formas do conhecimento, porque todas colimam a verdade, que é o próprio Deus, sendo que apenas diferem os processos de pesquisa. Enquanto a filosofia se esteia na ciência, e esta na observação das coisas e dos fatos, a religião se serve da fé; o resultado, porém, é sempre o mesmo; aquelas buscam o progresso intelectual e esta o progresso moral. Não vos deixeis, pois, levar por tentações sedutoras porque fora de Deus não há ciência, não há filosofia e não há justiça!

(*) Conferência lida por ocasião da instalação do Grêmio Literário "Sebastião Fernandes", na Academia Norte-Riograndense de Letras, em 1954.



Labim/UFRN

## FERREIRA ITAJUBÁ (*)

*Josué Silva*

Manuel Virgílio Ferreira Itajubá, igual ao outro, foi poeta, sonhou e amou na vida. Nasceu pobre e probremente viveu, sob o teto humilde de seus pais, Joaquim José Ferreira e Maria Ferreira, praiana inteligente, mas sem cultivo para enobrecer-lhe o nome.

O pai vivia da pesca, enfrentando com denodo as furias deste mar que nos costeia. A mãe, rendeira eximia. Sabia, na almofada, traçar no jogo agil dos bilros, os desenhos artísticos do papelão. Com engenho e arte, produzia em várias larguras bicos e rendas como se fossem produtos caprichados da Renascença.

Itajubá, menino inquieto como as águas do caudaloso rio em que se banhava, era esguio, cabeça chata, olhos vivos e travessos; testa larga e morena, denunciando ausência de arianismo, sobrando-lhe no entanto esplendores de grande inteligência, muito embora lhe faltassem os recursos materiais para desenvolvê-la com sabedoria.

Itajubá, como tudo indica, era rio-grandense do norte, mas pelas variações imaginosas de seus versos, da sua prosa, deixava em dúvida o local onde soltara o seu primeiro vagido. Ele, em arrôjos de eloqüência, dizia que nascera em Estremoz, nas ribas seculares onde se estende o rio em cujo leito desagua o Jundiaí. Depois coloca na beleza de seus versos, a antiga vila de Touros, afirmando: aí nessa nesga ensombrada do meu berço natal, mais do que em qualquer parte espumejam as ondas, preludiam as aves, palpitam os arroios, estremecem os ninhos e sussurram as auras nos ramos túmidos da vegetação, espalhando sobre as dunas alvacentas o perfume das flores agrestes. O certo, porém, é que o poeta foi como afirma categoricamente, nascido nas ribanceiras que as margens emolduram e as aves aquáticas rastejam, obrigado portanto a viver entre homens rudes que lançam os tresmalhos e tripulam as embarcações, habituando-se a ouvir as queixas do vento irritado, as canções dos barqueiros, repassadas de dor, os gemidos das águas lamentosas.

Ao que parece, o poeta pelo grande amor dedicado a Branca, a mulher ou visão, exaltada nos lindos poemas do "Terra Natal", quis



Labim/UFRN

também numa solidariedade muito humana e afetuosa, ter sua origem na antiga vila do Bom Jesus o nativo rincão da mulher sonhada que se tornou todo o seu amor e todo o seu cuidado. Branca fora uma criação do poeta, originada duma lenda que lhe contaram quando menino, ao ruído de uns coqueiros da ribamar.

Deixemos o caso corporificado pelo poeta e entremos nos pormenores de sua vida. Ele, como acima ficou dito, procede de origem modesta. Aluno de primeiras letras, se lançou muito cêdo à vida afanosa, na louvável intenção de vencer, crescer, progredir nas letras. Para tanto, confiava na argúcia de sua inteligência. Tudo, porém, lhe saiu adverso. Modestamente e curiosamente procurava se inteirar das cousas, observando-as com interesse e nada fugia da sua curiosidade.

Compôs os primeiros versos. Aplaudiram-no pela precocidade nos meandros da poesia. O resultado é que sem cultura e sem escola, tornou-se em pouco tempo um dos mais festejados poetas, graças as rutilâncias de seu formoso talento.

As suas poesias eram musicadas e faziam parte das serestas em noites claras de lua, ou nas tertúlias, em reuniões festivas de caráter social ou literário, na feiticeira terra de Lourival e Barjão.

O "Desterro", musicado por Cirilo Lopes, foi a canção que mais caiu na simpatia do povo. Os boemios das farras violeiras enchiam de musicalidade sonora as noites veronais, dizendo assim:

Tenho pena de ti que estás solteira,
Quando outra vez voltar a lua nova,
Hás de chorar debaixo da mangueira,
Que a primavera quando vem renova...
E quando for o céu pálido manto,
Por noites aromais de lua cheia,
Na mesma terra que me enxuga o pranto
Procurarás meu rastro sobre a areia...

Além de grande número de poesias espalhadas em vários jornais e revistas da terra, Itajubá desenvolveu a sua lenda, tendo como personalidade central, Branca, a praiana morena que se tornou endeusada no seu poema de amor e tendo por ela tanto zelo que partindo para o norte, deixou-a aos cuidados de sua própria mãe, até o seu regresso do exílio. Ouçamos a sua recomendação:

Não desampares nunca essa pureza linda!
Branca é orfã de pai, ela é tão moça ainda!
Pois bem, tu que na vida os meus passos guardavas
Lança à tua afilhada a benção que me davas,
E pra ela reserva, imagem da piedade,
Do teu leito macio a branca suavidade,



Labim/UFRN

Do teu sorriso quero as lânguidas ternuras,
Do teu sítio aromal as laranjas maduras,
Do teu canteiro ameno, as flores odorantes,
Do teu vestido roxo as dobras ondulantes;
Não te esqueças jamais de amparar o maguado
Coração que inda está sem nodoa de pecado.

O dr. Augusto Meira, conterrâneo ilustre, residente em Belém do Pará, revelou a lenda sentimental do grande poeta no seguinte conceito: "Branca era uma moçoila modesta, suavemente obscura que se apaixonara de um moço em condições mais ou menos similares às suas. Amaram-se com sincera candura e reciprocamente se prometeram dias felizes. Esse é o intróito do grande drama que o poeta desenvolveu com arte, ternura e sentimento".

* * *

Belíssima interpretação. Tempo depois parte o namorado para a Amazônia. A moça ficara angustiada, aos cuidados da mãe do poeta, na mais completa desolação. Os meses se passam, martirizando-a cada vez mais e sempre acometida de uma tristeza profunda, morre enfim de saudade, sem o conforto acalentador do namorado ausente.

Regressa o poeta cheio de alegria pelo prazer do retorno. Grandes seriam as emoções do encontro. Desilusão! Dolorosa notícia feriu-lhe em cheio o coração. Branca morrera! Inconsolável e levado pela grande mágoa que o acabrunhava, escreve inspiradamente o seu derradeiro poema que é uma composição admirável e de real valor na literatura patrícia.

É doloroso o transe do poeta e tem ainda inspiração para dizer:

A tua vez chegou, saudade que murchaste,
— Alma que, de sofrer, da carne te exilaste!
Nunca mais te verei, por tardes luminosas,
Escutando o rumor das vagas alterosas,
Vendo a espuma alvejar as praias ensombradas!
Onde esbarram da pesca as velas das jangadas!

Itajubá, bafejado pelo fulgor de uma inteligência intuitiva, era como afirma Luiz Torres, na vibratilidade de seu organismo, no seu temperamento quente de nortista, a alma florejante do artista que resplandecia na auréola multicor do seu ideal e se encachoeirava nessa criação de pensamentos elevados e nobres, onde transparecia a sua vernaculidade invejável. E além de tudo, era um moralista perfeito na dedução concludente dos seus ideais".



Labim/UFRN

Itajubá, afirmo eu, foi um poeta honesto. Para exaltar a mulher amada, não a despiu nos seus versos e nem descreveu eroticamente, em rimas, os seus contornos físicos.

Indiferente às prescrições da vida e sem arrostar o orgulho nem a vaidade de ser poeta como poucos, ninguém mais acertado escreveu sobre a sua personalidade do que o poeta Severino Silva. "Alma rebelde às prescrições do convencionalismo nortista, identificado nas raizes mais profundas, com a simplicidade cândida e bravia do povo, mergulhou avidamente, para cantar, no manancial das lendas e tradições de amor da gente heróica do Nordeste. Com as suas imperfeições nem por isso deixa de ser um dos poetas mais fulgurantes da gloriosa terra potiguara. Severino, retratando ainda, o talentoso artífice do TERRA NATAL, diz no seu modo de julgar que "Itajubá era alheio às transcendências filosóficas, despossuido mesmo de cultura que lhe proporcionasse, ao menos, classificação razoável no conjunto da mentalidade contemporânea, era poeta por uma fatalidade psiquica".

São maneiras de julgar, acrescento eu.

Há no esplendor de seus versos a emotividade nativa desses que nasceram debaixo deste lindo céu que nos cobre, empolgando-nos pela luminosidade de suas estrêlas e pelo esplendor de seus luares de prata. Canta em seus versos onde a sensibilidade mora, a graça embaladora dos atrativos que vicejam na energia criadora dos gênios parnasianistas.

Angione Costa, de saudosa memória, observa que Itajubá na simplicidade emocional de suas rimas, descreve com magistral encanto, a terra na florescência verde dos dias de sazão; fala-nos em trovas sentidas dos descantes, ao pé da viola; das noites passadas à beira do mar; dos laranjais embalsamados; dos milharais verdejantes quando começam embonecar".

Acrescenta ainda: "Ferreira Itajubá foi o precursor dessa grande obra, que há de ficar mais tarde, juntamente como episódio heróico dos bandeirantes no sul, como a página mais viva a relembrar os feitos épicos da nossa raça em formação".

Joalheiro perfeito na composição artística de seus versos, Itajubá mantinha sempre numa pureza de linguagem harmoniosa e cantante a ternura imaculada dos seus versos, descrevendo de vez em vez, os encantos da terra amada cheia de praias bonitas — banhadas pelo clarão da lua cheia, principalmente nos meses da colheita do milho e dos frutos do cajueiro!

Escutai mais um pouco, meus prezados ouvintes, a lindeza deste soneto, trabalho artístico de uma caprichosa ouriversaria intitulado MARIA:



Labim/UFRN

Sobre o rio gazil dos meus alexandrinos,
Inspirados na luz da tua mocidade,
A escuna verde-mar dos meus sonhos alpinos,
Todas as noites vai para a felicidade...

Quando chega no porto os teus olhos divinos
Voltam-se para os meus alijando a saudade
Que levo e então da vida a repetir-lhe os hinos.
Canto-te, novamente, as emoções da amizade.

Seis meses, hoje, assim, de noites venturosas,
O céu a nos cobrir de lençóis estrelados,
A terra a nos forrar de tapetes de rosas!
— E, praza a Deus, que nunca em dia de procela.
À sombra do beiral dos sonhos enflorados,
Chores, vendo na praia os destroços de vela!

Peregrino Júnior, o imortal conterrâneo, também definiu bem a personalidade poética de Itajubá, dizendo: "tipo genuno de nortista sem mescla. Alto e rijo; o porte esbelto e verticalizado; a fronte larga e inteligente; o olhar brilhante e expressivo... Intransigente, integralizado de toda a simplesa e ingenuidade sertanistas: — inadaptavel a uns tantos rigores do tempo; efusivamente familiar; de voz ensurdecentemente vibrante e gritada, e vaidosamente ensimesmado; carregado sempre de uma forte e irresistível dose de ênfase preciosa".

Creio que ninguém definiu com tanta observação a figura física e moral do saudoso poeta, como Peregrino Júnior.

Eu que convivi com o poeta nas serestas pelos bairros desta linda cidade que nunca se me apagou da memória, posso bem confirmar tudo quanto acima foi exposto pelos conterrâneos citados. Outros intelectuais de renome, têm com simpatia se expressado em linguagem falada e escrita, sobre a mentalidade poética de Ferreira Itajubá.

Barreto Sobrinho, o admirável artífice da "Orquestra Selvagem", glorificando o desditoso amigo, compôs este soneto, publicado na Poliantéa, no Estado do Pará, em homenagem ao quarto aniversário de seu passamento, no ano de 1916:

O tempo que destrói, que tudo apaga,
jamais apagará tua memória.
Serás lembrado enquanto houver História
e quem no peito o sentimento traga.

Pela Estrada da vida Transitória,
andaste, Sonhador, de plaga em plaga,



Labim/UFRN

cantando o Luar, o Sol, a Flor, a Vaga,
formando assim o teu padrão de Glória.

A tua lira outrora abemolada,
hoje sem cordas, triste, desolada,
em vez de cantos lágrimas encerra

Tombaste à Lei fatal que rege o mundo,
mas deixaste a pulsar, grande, profundo,
teu Coração em versos sobre a Terra!

O autor deste lindo soneto foi um dos mais afeiçoados amigos do cantor de Branca. De amistosa e frequente convivência, adquirira todos os seus gestos, costumes, fala e por incrível que pareça, até a espontaneidade da palavra cachoeirante e das mímicas gesticuladas no arrojo cantante de seus versos.

Barreto Sobrinho tinha de cor todo o anedotário do poeta, dando-lhe graça natural no decorrer dos fatos. A juventude de Itajubá, fora sempre divertida. Nunca o fausto dos favorecidos da sorte, causou-lhe inveja. Era grandemente conformado com o seu humilde estado de moço pobre. Foi caixeiro, pescador, jangadeiro e por fim circense. Qualquer Circo que se armasse na Ribeira, ele estava presente como malabarista, trapezista e barrista, arrancando calorosamente aplausos da grandiosa assistência.

Depois de muito trabalho, consegue um modesto lugar na Capitania dos Portos, onde trabalhava também Gotardo Neto, o magistral tecelão do FOLHAS MORTAS. Serviu também no antigo Ateneu Norte-Rio-Grandense. Não venceu na vdia pelo desregramento de sua boemia.

Henrique Castriciano muito se interessou pela vida do poeta. A publicação do TERRA NATAL foi por ele animada, obtendo ruidoso sucesso entre os intelectuais da terra.

Itajubá fora também um apaixonado das nossas Lapinhas em épocas natalinas. Partidário exaltado do cordão encarnado, era sempre vencedor nas pugnas entre o cordão azul e o cordão encarnado, não pelas somas do metal sonante que o poeta não possuia, mas pela fulgência de sua oratória que era arca de ouro, influindo no entusiasmo dos partidários, os quais gritavam: muito bem, poeta! Deus não azulou e sim encarnou. As palmas rugiam. Os aplausos eram ensurdecedores. A vitória do encarnado estava ganha. Felizmente nesse tempo o vermelho em nada influia nos partidários que denunciassem suspeições...

Nas noitadas das Lapinhas de Zé da Bica, Parrudo, das Rocas, quem muito influia para o entusiasmo das festas, eram os par-



Labim/UFRN

tudo dos dois cordões, entre eles se destacando João Estevão, Gotardo Neto, Francisco Bulhões, Evaristo de Souza. Oradores fluentes, viviam sempre em destaque nessas manifestações populares, em louvor ao nascimento do Salvador da Humanidade. Bons tempos! Quantas recordações! Quantas promessas de amor desaparecidas na voragem dos anos!

Em vários jornais críticos da Ribeira, Itajubá sempre estava à frente, como figura de prôa, ao lado de Heroiso Pinheiro, Tasso Leite, Deolindo Lima, João Estevão, Francisco Pereira, Evaristo Martins e outros. Esses jornais domingueiros causavam certas inquietações pela mordacidade das críticas estampadas com certa dose de veneno.

A Divisão Branca, depois do Clube Noturno e dos Jandalas, foi a que melhor se exibiu nos carnavais passados. Deolindo Lima, Heroníides Câmara, Ferreira Itajubá e Barôncio Guerra eram os principais animadores desse magnífico e importante clube carnavalesco da Ribeira. Carros alegóricos, os mais artísticos. Canções lindas, musicadas em rítmos alegres, constituiam a atração da Divisão comandada pelo poeta e folião Ferreira Itajubá, seu decorador artístico. Tudo isso se acabou na corrida do tempo que tudo desmorona. Resta-nos somente a lembrança que nunca se acaba na recordação sentimental da gente...

Itajubá, o emocional criador de Branca, para remate desta palestra de hoje, foi um declamador de fôlego, sentindo-se bem com os aplausos que justificavam a glorificação do seu admirável talento. Ufanava-se, quando modestamente vestido, se encontrava em reuniões festivas, declamando alexandrinos enfeitados de lindas paisagens bíblicas, oferecendo assim maior realce aos seus versos artísticamente clássicos,

Itajubá nunca esquecera a sua desvairada paixão pela mulher da sua lenda e com tristeza dizia: "o tempo demoliu há muito a cruz poeirenta com que a piedade cristã lhe assinalou a cova rasa que o laranjal ensombrou até cair a derradeira folha e o roseiral perfumou até secar o derradeiro espinho.

E o poeta teve uma sorte infeliz. Morreu distante da terra que tanto exaltou na pureza de seus versos. E nesta esplêndida noite do mês das flores e dos insensos a perfumarem os altares, parece que ainda ouvimos dos seus versos os lamentos desse desejo que não se cumpriu por um determinismo fatal do destino:

Natal, quando eu morrer, apaga-me da lembrança,
Mas guarda-me na cova onde meu pai descansa,
E nem quero um letreiro à compaixão futura,
Um sinal, uma cruz, no pó da sepultura;
Pois ao triste que morre, ao corpo que apodrece,



Labim/UFRN

Que vale uma inscrição, um símbolo, uma prece?
Mãos que beijei ansioso· alvas mãos delicadas,
Não roubeis a fragrância às malvas adoradas·
Lábios cujo perfume suave e imaculado,
Não murmureis por mim no ladrilho sagrado,
Olhos santos que amei, olhos castos, piedosos,
Não molheis nesse dia os lenços perfumosos.
Calai a vossa dor, aves do solitário
Bosque, auras do mar, sinos do campanário!

---

**(*) Palestra realizada na sede da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 21 de junho de 1966.**



Labim/UFRN

# FRANCISCO IVO: ADVOGADO E POETA (*)

*Helio Galvão*

Concedeu-me a febre, que há oito dias me prende, este rápido intervalo de liberdade para vir aqui e desobrigar-me deste dever. Dia após dia, esperava se fosse ela, e me deixasse em condições interiores para escrever este discurso. E ela zombou das medicinas, de sulfas e antibióticos, e só por liberalidade sua é que pude vir. E aqui estou, para ser fiel ao compromisso.

Muitas vezes se escreveu sobre a doença e o trabalho de criação mental. Não entro nesta discussão, mas não creio que as moléstias agudas, dominadoras e avassalantes, possam de qualquer forma aprimorar ou contribuir para a elaboração mental. Das doenças crônicas, o mesmo não direi: seriam as enfermidades criadoras, porque seu ciclo evolutivo mais demorado conduz à meditação e ao aproveitamento das próprias reservas para a elaboração cuidada e aprimorada.

Se venho aqui, com este esforço sobre minhas próprias disponibilidades, faço-o para encarecer dois fatos: a responsabilidade da Academia, que não podia adiar a solenidade, e o elogio acadêmico de Francisco Ivo Cavalcanti, cuja memória merece de mim este pequeno sacrifício. As lições humanas que dele recebi reclamam esta indenização.

Dito isto, terei ganhado a compreensão dos presentes para uma circunstância que infelizmente não pude remover: a pouca documentação.

Discurso de doente sobre morto, é quase fúnebre. Por isto, é cansada a palavra e sumida a voz.

II

Aluno do professor Francisco Ivo Cavalcanti, muitas vezes o vi, menos para exaltar-se do que para estimular com o exemplo, interromper a exposição didática, para nos contar em classe a história sofrida de sua mocidade desprotegida, entregue ao desamparo, no horizonte vazio, sem ponto de referência nem indicações de rumo.



Labim/UFRN

Fala de si mesmo o acadêmico Francisco Ivo, em discurso pronunciado na sessão de 16.10.55. Boa regra de fidelidade histórica manda preferir a nota autobiográfica à nota biográfica:

"Tinha eu 16 anos de idade quando ingressei, como tipógrafo, na **Gazeta do Comércio**, jornal diário, que obedecia à direção do Major Pedro Avelino, (...) editado na tipografia de domínio e posse do Major Augusto Leite.

A **Gazeta do Comércio** era uma colmeia onde se aninhavam os grandes intelectuais de Natal: Antônio José de Melo e Sousa (...); Pinto de Abreu, Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, José da Penha, Pedro Alexandrino, Ezequiel Vanderlei, Gotardo Neto, Cícero Moura, Uldarico Cavalcanti, Pedro Melo (...). Eu, quase menino ainda, admirava aquela plêiade de homens de letras que fazia o aludido jornal, discutindo os trabalhos de outros intelectuais (...) especialmente do Rio de Janeiro (...).

E tudo aquilo empolgava o meu espírito de rapaz novo, que imaginava ser, futuramente, um dos homens de minha terra, que também escrevesse (...) e fizesse versos, contos e crônicas.

Ao ser instalada a "Liga Artístico-Operária (...), sonho de Augusto Leite, (...) nas vésperas da solenidade inaugural, chegou ele à sua tipografia com a idéia de um de seus tipógrafos para falar (...) em nome de sua classe (...), incumbência que Ezequiel Barbosa e Teófilo dos Anjos não aceitaram e ele pediu-me que o fizesse.

Comprometi-me e passei a imaginar o que poderia dizer (...) porque coisa alguma sabia sobre as aspirações do proletariado, que justificassem a criação daquela agremiação (...).

... Uma criatura amiga, dona Apolônia Sales, (...) frequentadora de nossa casa, sabendo de minhas preocupações (...), deu-me a ler **O Poder da Vontade**, de Samuel Smilles, por entender que naquele livro poderia eu encontrar muita coisa que servisse ao meu futuro discurso.

(...) Escrevi o desejado discurso (...). Este fato constituiu minha primeira vitória, e um estímulo para o meu ingresso nas letras (...).



Labim/UFRN

Falecendo meu pai, no dia 8 de abril de 1903, não podia eu com o salário de quarenta mil réis que tinha na tipografia, manter a herança que ele me deixara: uma mãe e três irmãos. Passamos então a residir em companhia de um tio afim — Joaquim Francisco Moreira — porteiro da administração dos Correios (...) o qual conseguiu em maio do mesmo ano, (...) uma colocação para mim, estafeta na linha Natal-Macaíba (...).

A mudança de emprêgo, ganhando setenta e cinco mil réis mensais, com um trabalho relativamente pequeno, porque somente trabalhava durante o dia (...) era o mesmo que cavar chelita (...) quando o minério se encontrava à flôr da terra (...).

E a vontade de estudar para ser alguém acentuou-se dentro de minha pessoa, em estado potencial.

Funcionário postal, ingressei no Curso de Madureza do Ateneu Norte Riograndense (...), porém ao chegar ao 2.º ano, tive de abandonar o curso, por motivo de moléstia. Não se queira saber a mágoa imensa que senti (...) porem, em 1908, criada e instalada a Escola Normal de Natal, fiz parte da primeira (Turma (...) em 1910 tive a felicidade de receber o diploma de professor primário.

De então por diante, tudo clareou na minha vida, pois na Repartição dos Correios, com a reforma de fins 1909, tendo alcançado o lugar de Praticante de 1a. Classe, em sendo professorando, abri um curso primário na minha própria residência, e a miséria desapareceu" (**Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras**, ano IV, n. 4, págs. 161 — 164).

O Professor Severino Bezerra de Melo me mandou um trabalho por ele publicado em 1960, para comemorar o cinquentenário desta primeira diplomação. Destaco este trecho:

"A's alegrias do fim da jornada juntaram-se as de quatro noivados: Luiz Antônio e Ecila Cortês; Anfilóquio Câmara e Aurea Barros; José Rodrigues e Olda Marinho, Severino Bezerra e Judit Barbosa, todos da primeira turma. Luiz Soares e Tavares Guerreiro já estavam prometidos. Francisco Ivo furtara môça, D. Hercília, com quem casara, ainda estudante, ganhando 120 mil réis como funcionário postal".



Labim/UFRN

A Turma, que se iniciara com 40 alunos, terminava com 27. Nas notas com que atualizou seu trabalho, o professor Severino Bezerra lembra que dos homens sobrevivem somente dois: ele próprio e o dr. José Rodrigues, residente no Rio de Janeiro. (1)

III

Depois disto, Francisco Ivo nunca mais deixou de ser professor. Tanto em estabelecimentos públicos, como em cursos particulares e a domicílio.

Eu o conheci ainda na Escola Normal, seu aluno, lecionando História Geral e do Brasil. E muitas vezes para dar às aulas um toque de maior interesse não deixava de lado uma anedota. Suas exposições revestidas de um admirável poder de comunicação, tinham a preferência dos alunos, que cada semana o esperavam com interesse diferente. O professor fazia dos seus estudantes seus amigos e confidentes. Comigo mesmo, ele parece ter tido a atenção atraída por algum motivo particular. Ocorrendo trágico acidente com um de nossos colegas, ele me encontrou na rua e foi dizendo para a esposa, no tratamento carinhoso: — Du, não foi este o menino que morreu? Pensei que fôsse ele porque dava umas lições diferentes.

Percorreu todo o itinerário do ensino, do primário ao médio e ao superior, como professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito do Rio Grande do Norte.

IV

Impelido por sua indomável vontade, embora varrida a miséria de sua casa, desde o cursinho que ali instalara, diplomou-se em direito em 1923, pela Faculdade do Recife. Passou então a exercer ativamente a advocacia. Naqueles tempos a profissão de advogado não era muito exigente em estudos nem em jurisprudência. Não se haviam, delineado na prática do fôro, como depois se veio a acentuar, a interdivisão das grandes províncias do direito. O Direito Criminal, quase todo sujeito ao Juri, era a esfera verde dos sonhos dos jovens bacharéis. O Direito Civil emprestava seus princípios gerais ao direito público. Isto no que diz respeito ao direito positivo. Porque o Direito Judiciário, posto na competência legisferante dos Estados, era uma arte de quebra-cabeça, fechando a fronteira dos Estados a advogados residentes em outros. Ninguém podia, apesar de algumas normas comuns, conhecer quarenta códigos de processo.

O direito constitucional, apesar de alguns grandes acórdãos precursores do Supremo Tribunal só veio tomar foros de cidade depois de Ruy Barbosa, Pedro Lessa e Paulo de Lacerda.



Labim/UFRN

Do direito administrativo quase não se falava, tal como agora o conceituamos e aplicamos. Somente depois da Constituição de 34, com a instauração do mandado de segurança, destinado a cobrir uma zona descoberta dos direitos individuais, pelo recuo da reforma constitucional de 26, fazendo refluir o instituto do **habeas-corpus** ao leito de origem para proteger somente a liberdade de locomoção, somente a partir daí, diziamos, o direito administrativo ingressa como disciplina jurídica autônoma, submetida a normas e princípios especiais. As faculdades de direito viviam num circulo vicioso de civilismo, e ainda hoje muitos juizes encontramos que recusam ao Poder Público o **privillège du préalable**, já posto em prática pelos tribunais franceses em meados do século XIX.

Francisco Ivo Cavalcanti formou-se neste ambiente e dentro dele e conforme as inspirações dele, exerceu com nobreza, coragem e destemor esta profissão incomparável, que restitui a liberdade e o sol ao que está encarcerado e na sombra do cárcere. Que devolve ao espoliado o direito que lhe foi subtraído. Que dá ao injustiçado o calor da justiça.

Seus trabalhos forenses, poucos, são memoriais, razões de recurso, em primeira ou segunda instância. Não são eruditas as citações, nem os autores estrangeiros são diretamente consultados.

O estilo é comum, sem altos nem baixos, a linguagem revela o professor que escreve com apuro, embora a regência seja por vezes obscura.

Em 1930 desentendeu-se com a Revolução, que lhe cassou os direitos de exercer a profissão, logo porém restaurados por decisão judicial, de Rêgulo Tinoco, se não estou em equívoco.

Isto mostra outra face de sua advocacia: a coragem com que a exercia.

Suas coleções de revistas jurídicas (**Revista Forense e Revista dos Tribunais**) são as mais completas do Estado, superando as do Tribunal de Justiça. Muitas vezes ele me franqueou a consulta delas, sem restrições nem vigilâncias.

V

Como os rapazes de seu tempo, Francisco Ivo fez incursão pelo teatro. Não tive tempo, nem achei interesse em investigar este aspecto de sua obra literária, que parece ter sido de pouco relevo. E foi poeta, também. Fez fortuna e correu o País todo a poesia "Súplica", escrita em 1909, com melodia de Olímpio Batista Filho, somente adaptada em 1920 (cf. Gumercindo Saraiva, **Trovadores Potiguares**. Saraiva editores, 1962, São Paulo, págs. 42 — 44):



Labim/UFRN

Tão fria a noite, tão deserta a rua,
O céu tão calmo, mórbido e sombrio;
Abre a janela, já não brilha a lua...
— Quererás que adormeça neste frio?

Não: eu não posso acreditar que a tua
Bondade cesse e que teu corpo esguio
Não me queira aquecer, se a carne estua
E recebo o sereno deste estio.

Abre a janela, meu formoso lírio;
Tudo é silêncio, em tôrno do universo.
Somente tu palpitas no meu verso
E não deva sofrer este martírio.

Eu tenho nalma ficções risonhas;
Não me é dado viver neste abandono
E' preciso dormir, pois tenho sono,
Nesta alcova cheirosa em que tu sonhas.

E' preciso ter escutado, como algumas vezes escutei, cantar modinha, que a melodia feliz carregou por estes mundos afora. Quanta mocinha ingênua não despertou do seu sono para a ouvir, estropiada na letra, adulterada na música, esta canção lírica que teve o doce destino de criar ilusões. Prefiro mesmo ouví-la ao violão praeiro e ao sotaque arrastado do pescador, do que meio sofisticada nestas seresias de radio.

Esta outra poesia teve sorte igualmente feliz:

**MELANCOLIA**

Já vem caindo a noite sonolenta
Morrem no ocaso os últimos lampejos
Numa frieza de feral tormenta
Eu sinto a falta de teus quentes beijos.

Agra saudade o peito meu ferindo
Traz-me lembrança do passado ameno,
Reclino a fronte o meu sofrer carpindo
Vejo em visão o rosto teu, moreno.

E durmo... e sonho o meu feliz passado
Onde nós dois no campo vicejante
Iamos ver os colibris do prado...
Cheio de amor o coração radiante.



Labim/UFRN

Porém me acordo... a noite o espaço invade
Contemplo a alcova cheio de desejos
Caio em meu leito, cofre de saudade...
E choro a falta de teus quentes beijos.

Quando lhe morreu a terceira esposa, Vanuce Dantas Cavalcante, o poeta novamente cantou, numa série de poemas, a saudade da companheira jovem, que rapidamente desaparecia. Suponho tenham sido estes poemas seu canto de cisne.

E mais não consegui fazer. A Academia não me deu dimensões: creio ter cumprido o mandato de que me investiu.

**(1) O professor Severino Bezerra faleceu em Natal a 25 de fevereiro de 1971.**

**(*) Discurso proferido na Academia Norte-Riograndense de Letras no dia 11 de abril de 1969.**



Labim/UFRN

Labim/UFRN

# MEU IRMÃO OTHONIEL (*)

**Francisco Menezes**

— Ao ensejo da homenagem póstuma com que a ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS relembrou, — pela palavra autorizada e afetiva do Acadêmico NEWTON NAVARRO —, a vida e a poética de OTONIEL, seu irmão FRANCISCO MENEZES, interpretando o reconhecimento da família, proferiu o seguinte agradecimento, em sessão de 03.05.1969.

Senhor Presidente da ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS,
Senhores Acadêmicos.
Sr. Acadêmico NEWTON NAVARRO,
Nobres Autoridades,
Meus Senhores,
Minhas Senhoras:

Muito relutei em estar aqui, hoje, defrontando a paciência e a admirada expectação deste augusto Areópago da cultura literária da nossa terra, na solenidade que ora se realiza.

Pensei muito na grave responsabilidade emergente da sensibilizante missão de amizade que me cometia o distinto Presidente desta insígne Agremiação, de algo dizer do agradecimento da família de OTONIEL MENEZES, nesta significativa tertúlia de memoração e de saudade.

Venceu esta minha indecisão momentânea a cordialidade do mesmo egrégio Presidente, Professor MANOEL RODRIGUES DE MELO, pois, assim aconteceu em relação ao agradecimento que me cabe externar, em meu nome e no dos familiares de OTONIEL, ora alvo desta homenagem póstuma.



Labim/UFRN

É que ele, antanho, com esta excelsa Academia andara às turras, porem, cujas remotas origens, de presente, não mais encontrariam clima para convalescerem.

Esta, pois, a minha derradeira reflexão, em consonância com as razões de ordem moral porventura intercaiadas entre os meus RELUTAR ou ACCFDER.

Assim, por este último me decidí, para vir defrontar, — como inicialmente afirmei, a paciência e a expectativa naturais dos preclaros Acadêmicos, e bem assim, da carinhosa assistência e acorocoante solidariedade de alguns dos amigos e admiradores de OTONIEL, para aqui convocados pelo gesto fraternal e sincero do Presidente MANOEL RODRIGUES.

**- Sr. Presidente,**
**Srs. Acadêmicos,**
**Seleto Auditório:**

Permita, com a dose da vossa proverbial generosidade, que eu, — irmão mais velho do Poeta, a cuja existência material e fisionomia literária ora remontais nesta trintena de sua morte, — sobre sua vida literária revele, ao ensêjo deste amavioso fasto do brilhante ciclo existencial desta ACADEMIA — aspectos e detalhes que a mim se me afiguram ainda inconhecidos, até mesmo daqueles que com ele privaram mais intimamente e que a modéstia e a discreção congenitas do Poeta, concorreram para com ele permanecerem em segredo e com ele mergulharem para o túmulo.

OTONIEL veio ao mundo, em Natal, pelas matinas do dia 10 de Março de 1895, — terceiro filho do casal JOÃO FELISMINO DE MELO — MARIA CLEMENTINA MENEZES DE MELO; ele, de Ceará-Mirim; ela, de Nova Cruz.

Nasceu em aposento que se localizava na terça parte do lado direito de quem olha de frente a atual casa de número 16, da Praça SENADOR GUERRA, —antiga Rua da Laranjeira, — prédio, hoje, de reconstrução moderna, — provindo da demolição de três casinhas de porta e janela, antes ali encravadas no terreno agora ocupado por aquela ampla morada.

A "comadre" que assistira na delivrança, ao anunciar o recem-nascido à Parturiente, revelou: "— Comadre, é MACHO, mas, parece um FIM DE RAMA...", ao que minha mãe, tomada de irradiante alegria, adiantou "... mas, é um HOMEM, e será o POETA da família!"

Perante meu Pai, o dito da espôsa não mereceu repercussão maior, pois, já naquela época (perdoem-me os bons poetas indiscretar a irreverência do conceito) o têrmo — POETA — des-



Labim/UFRN

frutava, nos domínios da sinonímia usual, a significação generalizada de VAGABUNDO.

Um ano e meio mais tarde, devido a tremendo surto de varíola, OTONIEL (ou TONI, como o chamávamos na intimidade de família), foi batizado em casa, às pressas, já desenganado para morrer. Passado o susto, e dias depois, já em Nova-Cruz, — para onde minha Mãe viajara, empreendendo temporada de repouso em casa dos Pais, nossos avós —, foi o TONI levado às águas bentas da pia batismal da Matriz da Cidade, ministradas pelo então santo Vigário, Padre AQUINO.

De volta da Igreja o batizado, minha Mãe repetiu para o Pai, avô materno do menino —, o vaticínio da hora do nascimento. Meu avô, — figura veneranda de Patriarca, espêssa e bem cuidada barba a Pedro II, conceituado homeopata e monarquista **à outrance**, e de quem se vislumbrava uma reação viva e forte, — ao contrário do genro, manifestou intensivo contentamento às palavras da filha, exclamando: — "A Virgem da Conceição" (que é a Padroeira da Paróquia) "abençoi a Você, minha filha, e ao POETA DA FAMÍLIA, seu filho e meu netinho, no dia do seu batismo lustral!"

Transcorridos os tempos, em 17 de Março de 1899, — cumpridos já pelo TONI os quatro anos de idade —, viajou de Nova Cruz para o Seridó uma caravana que se deslocava em doze muares alentados e dirigida por três tropeiros de confiança. Dentre eles, avultava um latagão afro-brasileiro, lazarino de quase dois metros de altura, apelidado CLEMENTE PRETO, a quem meu Pai confiou o jornadeio da burra "Mulatinha", que conduzia a "carga dos meninos", composta de duas "caçambas", — espécie de caixas de madeira rija, forradas a colchões, abertas aos lados e com cortinas e cobertura de lona, muito em uso naqueles bons e velhos tempos.

Nessas canastras se aboletavam os quatro filhos do casal: — FRANCISCO, o mais velho, de sete anos, e GABRIEL, de dezesseis meses, — o "caçula", na da direita, e TONI, — o POETA em formação —, de quatro anos, e JOÃO, de dois anos e nove meses, na da esquerda.

Após nove dias de quase infindável caminhada, durante a qual não faltaram os mais variados e pitorescos incidentes, desde os dos "atoleiros", na vadeação dos rios e riachos transbordantes do inverno copiosíssimo até às ferroadas impiedosas das mutucas, — atingiram os caravaneiros improvisados a linda cidade de JARDIM DO SERIDÓ, onde meu Pai, servidor do Fisco Estadual, e todos nós que o acompanhávamos, ali, — apenas sete meses mais tarde já infortunadamente órfãos das carícias maternais, — convivemos por mais de duas décadas.



Labim/UFRN

Aí, cresceu OTONIEL, viveu as quadras buliçosas e plenas de ilusões da infância e da adolescência, e muito amou e muito sofreu, e em êxtases de dôr e de saudade, decantou, afinal, em "MINHA VIOLA A CHORAR", Canto 15 do "SERTÃO DE ESPINHO E DE FLÔR:

— Da tarde o langor sidério
Cai no humilde cemitério,
Em vaporosas visões.
Minha Mãe dorme, a um cantinho...
sua alma de passarinho
chora, nas minhas canções.

— — — —

Sr. Presidente,
Srs. Acadêmicos,
Dignos Audientes:

Não é praticável, por mais instantes, continuar a ferir as vossas sensibilidades e abusar do vosso repouso físico. O tempo corre e é preciso dizer do objetivo que me colocou neste pôsto — pela minha inópia de expressões e de inusitado encantamento, — um pôsto de sacrifícios. Perdoai, contudo, pois, ainda contio da vossa nobre condescendência, algo alcançar de tolerância para as minhas palavras finais.

Ninguém, nesta nossa gleba gloriosa e insonte, poderá ter sido mais incompreendido do que OTONIEL MENEZES. Na desesperada luta existência afora, visando a sobrevivência própria e dos entes queridos, foi ele sempre um injusticado.

Dentro da sua probidade literária e pessoal, todos os epitetos malsinados e concebíveis pelos espíritos apaixonados e malsãos poderão lhe ser assacados, menos o de ORGULHOSO, — a se ter esse qualificativo desapossado da sua poética. Porque, na realidade ninguem foi mais humilde do que o cantor de PRAIEIRA.

Desde o CERMEN, — seu livro de estreia —, em que predisse ir "TENTAR A ESCALADA DA IMORTALIDADE", pontilhando "MANDRAGORAS E CARDOS" de envolta com "AÇUCENAS E CRAVOS BRANCOS" nos poemas bucólicos do "JARDIM TROPICAL", e até à "CANÇÃO DA MONTANHA", onde, pelo conselho amadurecido de HENRIQUE CASTRICIANO, no Prefácio do primeiro, OTONIEL "dobrou os joelhos ante o altar da Pátria", ou, ainda, no dizer do culto ESMERALDO SIQUEIRA, na opinião ali fixada, sentenciando que "a musa do Poeta é a humanidade" —, convenhamos —, a humildade do ora homenageado desta noite, para nós inesquecível, e



Labim/UFRN

o seu sublimado apanágio, plasmando sempre "UM TOQUE DE REBATE PARA A COMUNHÃO UNIVERSAL".

— Sr. Acadêmico Newton Navarro:

— Não sabemos o que mais destacar no deslumbramento da linda oração com que, no vosso nome e no da ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS houvestes por bem de prestar essa tão eloquente quão afetuosa homenagem de saudade a OTONIEL que trouxe do berço a predestinação da poesia, conforme, de início o afirmamos. Assim o corroboram, — para não irmos, mais longe — o portentoso CAMARA CASCUDO, quando no pórtico do "SERTAO DE ESPINHO E DE FLOR", conceitua OTONIEL "um poeta dos maiores do Brasil"; também, o pernambucano JOAQUIM INOJOSA no trabalho "CASCUDO e o Modernismo", ao dizer que "CASCUDO catequizou os escritores locais, dentre eles OS GRANDES DA POESIA, OTONIEL MENEZES e JORGE FERNANDES".

Vós, próprio, Sr. ACADEMICO NEWTON NAVARRO, — consciente e valoroso interprete da sensibilidade desta colenda Oficina do pensamento intelectual da nossa terra, há quase três quinquênios abristes vosso coração para revelardes corajosa profecia, sob toque da sábia vidência dos iluminados do Evangelho e proclamastes: — "O Grande Poeta! O Principe da Poesia potiguar! Ferido pelo mundo e pelos homens aguarda, solitário numa sala humilde, a sua grande hora. Não tem desespero. Tem um olhar de distância e uma palavra de ternura, ainda, para os que aparecem em sua casa. O meu grande Otoniel Menezes! Que fez ele, o cantor magistral da PRAIEIRA contra os homens e contra a Cidade? Que mal ou que maldição escreveu a sua pena de humildade e de beleza contra ti, minha cidade do Natal? Que ferida riscou ele em tua carne de sentimento para que o maltrates tanto na sua desdita? OTONIEL MENEZES, penso demoradamene em ti, nesta tarde. Quero ser teu irmão na desventura com que os homens de poder premiaram o teu grande e fecundo coração de Poeta. Participo dessa melancolia com que olhas do alto do teu silêncio ferido as torres da CIDADE PERDIDA a que deste a melhor parte da tua alma. Meu irmão mais velho, OTONIEL MENEZES, sinto a tua alma junto a minha e os teus versos soluçam em meus ouvidos. Mas há uma solidão enorme que nos cerca. Os homens renunciaram a missão de ter vergonha. Não te olham, não te agradecem, fecham os olhos para a bela dos teus cânticos. Pobre Cidade minha! Vergonhoso gesto dos teus mandatários tirando da mão trêmula do Poeta o pouco com que lhe premiaram o valor e a pureza dos seus versos. Ingrata Cidade que mataste ITAJUBÁ e feriste JORGE FERNANDES, pára um pouco a mão impiedosa que rasga a alma do Poeta de PRAIEIRA. Já sofreu demais



Labim/UFRN

este homem. Deixe ao menos que nos seus dias finais possa ele cantar como fazia, o teu encanto de mulher entre um rio e o mar e sustentando entre as mãos um sol vivo e verânico, como uma rosa de fogo"

— Se de uma face, Ilustrado Acadêmico NEWTON NAVARRA, trazeis o encanto da vossa palavra multifária e harmoniosa, magistralmente estudando a personalidade do homenageado, sob o seu duplice aspecto de artífice do verso e de humanista, por outro anverso ressai do brilho lentejoilante da vossa cultura e da vossa irisada inteligência, o sentido melhor e mais aperfeiçoado com que soubestes haurir da gema do vosso coração de eterno enamorado das Musas, a pedra de toque com a qual transubstanciastes a essência viva do carinho desta vossa oração reminiscente no preito da gratidão sempiterna da nossa família e que vô-la devolvemos num mixto de irmanação da alegria e da saudade congregadas, — fruto do nosso permanente reconhecimento, a se altear sempre e sempre imperecível.

— Sr. Presidente,

— Srs. Acadêmicos:

Representantes legítimos das letras norte-riograndenses, quiçá, brasileiras, — sempre RUMO À LUZ — AD LUCEM VERSUS —, como se delineia no sugestivo lema deste Augusto Templo de Cultura, eu, —em meu nome e no dos familiares de OTONIEL MENEZES, — guardaremos indelével a significação vertical e afetiva desta radiosa tertulia de admiração, de despedida e de saudade ao querido e malafortunado aêdo conterrâneo, permitindo vos relembre, como um brado de protesto aos coetâneos e uma salutar advertência aos porvindouros, esse ésto de aflição e esse "canto de cisne" do Poeta, para que ressurjam, — de cada um e de todos vós, — os arautos destemerosos e resolutos contra o indiferentismo a que temos displicentemente relegado os genuinos valores da terra berço, em detrimento do seu nome impoluto e da sua glória imortal.

Ao final deste nosso agradecimento pelo exponencial significado desta noite, para nós inesquecível, permiti, — Ilustrado Auditório —, relembrarmos "o canto de cisne" do homenageado, a que há pouco nos referimos, nestas sextilhas, ainda, do Canto 15:



Labim/UFRN

— A terra onde tenho o nome,
mata os poetas — de fome.
Profeta, nenhum se viu...
A parábola de CRISTO
não teve melhor registro,
mais dura não se cumpriu!

* * *

És linda. Yara morena,
pulando da água serena
do Potengi a cantar,
núa, à sombra dos coqueiros,
perfumada de cajueiros,
— os seios furando o mar...

* * *

Jamais quiseste, entretanto,
ouvir o amoroso canto
de um filho. Formosa e cruel,
à míngua os matas. E, calma,
lhes negas tivessem alma.
és mãe — como a cascavel...

* * *

Órfão de paz e conforto,
que importa — depois de morto —,
teus remorsos merecer?
Maldita sejas se, um dia,
tentares, hiena ímpia,
as cinzas me revolver!

* * *

Feliz quem possa, chegado
do mundo, ao Céu estrelado,
alto, a Consciência, dizer:
— "AMEI"! Por Amor, somente,
vir à terra, novamente,
sofrer! batalhar! Viver!



Labim/UFRN

Labim/UFRN

# VIRGILIO TRINDADE (*)

*Antídio Azevedo*

Não é tarefa das mais fáceis falar sôbre a vida e a obra de Virgílio Trindade. E não o é principalmente para quem não teve um contato direto com a sua pessoa na fase áurea da sua mocidade, quando eram mais amplas e mais fluentes as vibrações do seu espírito de beletrista, que foi como bem poucos.

Mas, afinal, a incumbência deverá ficar, de fato e de direito, a cargo daquele que lhe suceder no assento da poltrona que foi tão dignamente por ele ocupada e que soube honrar, por mais de uma trintena, na Academia Norte-Riograndense de Letras. Sim, porque sobre este recairá a obrigação de pesquisa e recolhimento dos elementos necessários e de fatos interessantes sobre os vôos de sua verve privilegiada e da sua obra como escritor, jornalista, teatrólogo e poeta.

Nascido e criado que fomos na aridez do rincão seridoense, não conhecemos Virgílio Trindade no vigor da sua juventude, mas, através da imprensa, sabiamos dos arroubos da sua inteligência, da fluencia do seu estro e da riqueza do seu espírito de fino humorista.

Os dotes da habilidade que lhe eram peculiares, extravasavam na sua prosa e na sua poesia. As suas crônicas. os sonetos e as redondilhas que surgiam nas colunas dos jornais e revistas de então, deleitavam os milhares de seus leitores com aquele chiste saboroso que brotava-lhe do cérebro com a fluência das águas correntes do inverno nas plagas sertanejas.

Só no final do ano de 1937, quando aqui aportamos, egresso das zonas áridas do Seridó, tomamos contato amistoso com o famoso epigramista da terra potiguar, já também cinquentão e afastado das gazetas locais, mas ainda deleitando os amigos com suas palestras em que nunca faltou uma dosagem deliciosa de sal e pimenta.

Mesmo na velhice, jamais lhe faltou o dom do humorismo. Ambos já velhos e, na qualidade de funcionários aposentados, tive-



Labim/UFRN

nos de nos encontrar, certa vez, numa longa fila, para percepção de vencimentos, no tesouro do Estado. Virgílio não perdia oportunidade de divertir os presentes com suas piadas humorísticas.

A nossa frente, uma senhora impaciente, se lamentava por tanto tempo perdido para receber uma ninharia da pensão deixada por seu marido. Foi quando o poeta, naquele tom galhofeiro, peculiar ao seu espírito folgazão, procurando conformar a matrona, disse-lhe: — "Paciência, minha senhora. Nos dias de hoje, até cachorro para vaer ósso, tem que entrar na fila". Todos riram. Até mesmo a madama encomodada disfarçou a zanga, num risozinho amarelo.

Virgílio Trindade foi um dos mais raros epigramistas da terra potiguar. Era dono de um talento sarcástico, por excelência, em que se disfarçava na imprensa com diversos pseudônimos, dentre os quais o de Z. Balos, que se tornou o mais conhecido. Sua sátira era, no entanto, de uma leveza de arminho, incapaz de magoar ou de ferir os espíritos mais susceptíveis.

Exerceu, por mais de trinta anos, as funções de secretário da Chefatura de Polício, tendo, nessa qualidade, ocupado por três vezes, a Chefia de Polícia. Fazendo humorismo, ele costumava dizer que aposentou-se com quarenta anos de serviço público, **"depois de passar mais de trinta anos indo à polícia todos os dias".**

Nas funções de secretário da Chefia de Polícia, tratava indistintamente a todos com verdadeiro carinho. Conta Nilo Pereira que, em 1930, quando ainda residia em Natal, já se metendo com os literatos, teve que ir à Secretaria da Polícia tirar um salvo-conduto, a fim de viajar ao Recife, para prestar exames na Faculdade. Ao ingressar na repartição, foi recebido fidalgamente pelo poeta que, rasgando o aparato policial, perguntou-lhe:

— Que deseja, menino?
— Um salvo-conduto, senhor Z. Balos.
— Você sabe quem é Z. Balos?

Quem ignorava em Natal o pseudônimo do grande humorista?

Virgílio Trindade fôra também teatrologo. Levou o seu humor às nossas platéias, em peças de alta importância, como "O Anti-Cristo", de colaboração com Jorge Fernandes, "O Ginásio por Dentro", "À Espera do Bonde" e "Céu Aberto", de parceira com Jorge Fernandes e Ezequiel Wanderley e "Tipos da Terra", que foram levadas, por entre risos, no antigo Teatro Carlos Gomes. É de se notar que o teatrólogo divertia as platéias com a mostra de um colorido à Bastos Tigre, sem descer à liguagem bocageana, como bem disse o escritor Rômulo Wanderley.



Labim/UFRN

Virgílio Trindade foi um dos maiores poetas potiguares. No entanto, o melhor da sua poesia ficou inédito nas páginas do livro "Disparopósitos a Propósito", que não publicou. Ezequiel Wanderley, à página 205 da coletânea "Poetas do Rio Grande do Norte", já quase desaparecida, cita um dos seus interessantes sonetos humorísticos;

"A UM TELEFONE

Tu te queixastes, num pesar profundo,
Dessa existência: prêso na parede.
Lembrando um cão danado, furibundo,
Que, inutilmente, a liberdade pede:

— Que preferias ser um vagabundo,
A suportar na rua fome e sêde...
Pois bem — das maravilhas deste mundo
Tens a primeira, ó descontente — a rêde!...

Cada vez mais elevo a tua fama,
Porque possuis esta virtude rara:
— Fazer que a gente, em casa, de pijama,

A cachimbar no próprio gabinete,
Descomponha um sujeito, cara a cara,
— Livre de murros, balas e cacête..."

Por sua vez, Rômulo C. Wanderley, às páginas 184 e 185 de "Panorama da Poesia Norte-Riograndense", registra uma interessante entrevista que o poeta em aprêço, quando ao visitar seus mortos, numa tarde de finados, mantivera com uma caveira que jazia abandonada ao pé do muro do Campo Santo:

"ENTREVISTANDO UMA CAVEIRA

— Por que, diz-me caveira, o caso é sério,
Andas a rir em pleno Cemitério?

Porventura esse riso teu se emana
Da enormíssima hipocrisia humana?

Vendo a flanar o povo todo aqui
Não te lembras de um "five o'clock tea"?



Labim/UFRN

Dá-me, como se eu fôsse um jornalista,
Mesmo no Campo Santo, uma entrevista.

De quem foste em Natal, diz-me caveira,
De uma grã-fina, de uma atriz, de freira?
A reduzir-te a poeira, dia a dia,
Foste dona Maria ou sinha Maria?

Algum negociante? Algum soldado?
Poeta? Barnabé aposentado?

Boêmio que ao claro do luar,
Passava noites, bêbado, a cantar?

Que diz teu coração agora mudo,
Fôste acaso Don Juan? Fôste Parrudo?

Quem sabe se tua alma, por castigo,
Não está reencarnada em Papa-Figo?

Fôste feliz, no entanto, quem diria...
Não te envolveste nesta carestia...

Já pensaste na nossa dependura?
Baixa somente o morto à sepultura...

Se existe alguém que deste Inferno escape,
Escapaste na Terra, da COAP...

Fôste do Rádio e lembras-te daquelas
Canções sentimentais? Farras? Novelas?

Político, teu voto na eleição
Deste ao Governo? Deste à Oposição?

Vejo, caveira, o riso teu crescer,
Já sei, tu pertenceste ao "Deixa ver...

Ali está um viúvo ajoelhado,
Não te rias, caveira, isso é pecado!

Deixa que eu fique sério ante o jazigo,
Que eu prometo mais tarde rir contigo..."



Labim/UFRN

Era assim a poesia do famoso bardo potiguar, sempre impregnada desse sabor humorístico, do qual tinha privilégio na Potiguarânia de então. Não lhe serviam de disfarce os diversos pseudônimos que usava, quando escrevia diariamente nos jornais da terra, porque a suavidade do seu espírito e o seu estilo eram por todos conhecidos.

Focalizava os fatos em evidência, notadamente na decorrência das campanhas políticas, em que podia emitir comentários com a pureza da verdade, uma vez que não era partidário.

Bem podemos calcular o quanto de interessante se continha, ou se contém, nas páginas do seu livro "Águas Passadas", que deixou inédito, escrito com mais apurado esmero do que as crônicas ligeiras feitas para os jornais.

Virgílio Galvão Bezerra da Trindade, filho de José Cândido da Trindade, Oficial do Exército Nacional, e de dona Ubaldina Trindade, nasceu em Natal, a 5 de abril de 1887, falecendo nesta mesma cidade, donde nunca saiu, a 25 de outubro de 1969, com oitenta e dois anos, seis meses e vinte dias bem vividos. Foi cidadão digno, por todos os títulos. Educado, sereno, cortez para com todos os que se acercavam da sua figura simples, que, tocada de modéstia e cavalheirismo, despertava, de momento, simpatia e cordialidade nos que tinham a felicidade de privar com sua personalidade de escol.

O Rio Grande do Norte não esquecerá jamais de homenagear a memória do ilustre morto, com a demonstração da sua admiração e com a lágrima da sua saudade imorredoura sobre a terra do seu nascimento, que guarda os seus restos mortais, com o merecido carinho.



Labim/UFRN

Livros perigosos — tornou a manifestar-se Lídia dos Anjos. Literatura sem Deus. Portanto, contra nossa pátria, porque como vocês devem saber, o Brasil é quase todo católico e, segundo o próprio lino de nossa religião, "quem não crê brasileiro não é".

Tamanhas razões impuseram silêncio ao grupinho, que tratou logo de dispersar-se, para entrar no gozo das bemaventuradas férias. Os outros grupos de estudantes já se haviam também dispersado, e o Instituto quase ficara deserto, restando-lhe somente em trabalho os funcionários da administração.

Enquanto isso, na Pensão Cosmopolita, onde por longos anos residira, se aguardava a hora do enterro do professor Ventura. Raros amigos, de ar compungido, estavam presentes. Nenhum aluno comparecera. O diretor do Instituto Polimático, professor Antônio Gadelha, não pôde fugir à formalidade de cumprir esse ultimo dever para com o defunto. Três colegas do morto acompanharam o direter.

No antigo Cemitério da Paz Eterna, às 10 horas da manhã, penetrou o minúsculo cortejo: o carro fúnebre seguido de quatro automoveis. Antes de o caixão baixar à cova, Antônio Gadelha tirou do bolso uma folha datilografada e leu o seguinte discurso:

"Ilustres e prezados colegas.

Não posso altear a voz num ambiente como este, onde o silêncio seria a melhor eloquência. Perdemos para sempre o nosso bravo companheiro Felisberto Ventura, que tanto dignificava o Instituto com as suas luzes e o seu caráter. Durante vinte anos ininterruptos, desfrutamos-lhe o convívio, a orginalidade do espírito brilhante, tantas vezes revelado não só nas preleções da cátedra, como ainda a cada hora na sua inesgotável conversação. Perda grande, em verdade, mas o Deus em que ele infelizmente não acreditava haverá, apesar de tudo, de apiedar-se dele na sua infinita misericórdia, recebendo-o entre os eleitos no reino do céu e ajudando-nos a encontrar-lhe um substituto condigno".

Lançada a derradeira pá de terra sobre o caixão, todos se retiraram. Era um dia de sol ardente, sem uma nuvem no espaço.

Assim terminou aquele que vivera sozinho 60 anos, refugiado nos livros e nas obrigações do magistério. Tivera amores? Fora alguma vez amado? Em alguns dos seus poemas (pois Felisberto versejava também) sobravam indícios veementes de que ele possuía um temperamento amoroso. Ignora-se, todavia, que mulher alguma o tenha simpatizado, apesar de Ventura haver sido de boa aparência e de trato afável. Sofria, por desgraça, de dois profundos defei-



Labim/UFRN

tos: não era rico nem religioso. Sendo demasiado franco, todos lhe conheciam a fama de ateu. Um hereje milionário se perdoa. Caso não o seja, só um milagre poderá salvá-lo.

Aí estão umas tantas causas do ostracismo de Felisberto Ventura. Outras, sem dúvida, deveriam existir que o isolaram do mundo. Valeu-lhe pouco o ser bem apessoado, inteligente, instruído, honesto e bom. A sociedade exige a **aurea mediocritas**, o amorfismo capaz de amoldar-se aos mais reles protocolos e conveniências, a sujeição incondicional, em suma, e o professor Felisberto se distinguia sobretudo pelo excesso de personalidade.

Depois da morte do professor, a vida continuou sem novidades no Instituto Polimático.

Vagando a cadeira de História da Civilização, o Magnífico Reitor Baltazar de Brito, numa reunião do Conselho Universitário, debateu com os conselheiros a necessidade de contratar imediatamente um professor ou de abrir logo concurso para o preenchimento da vaga. Os conselheiros votaram pelo concurso. Enquanto este não se realizasse, daria as aulas de história o professor assistente Henrique Sampaio.

Publicadas as normas e condições do concurso, em pouco tempo se inscreveram três candidatos: o professor Sampaio, substituto interino do finado Felisberto, o major Egberto Borja, ex-professor na Escola Militar, e o jovem Maurício Cavalcanti, recem diplomado pela Faculdade de Filosofia.

A dizer a verdade, nenhum dos candidatos possuía cabedais suficientes. Jamais haviam eles publicado obra nenhuma ou demonstrado qualquer prova de superioridade mental. O major Egberto Borja, no curso ministrado na Escola Militar, se bem que a sua cadeira se reportasse à história da civilização, limitava-se em dez anos de magistério, a repetir todo ano quase exclusivamente, e sem brilho algum, os fatos corriqueiros de nossa história nacional. Simples narrador de bagatelas, nunca soubera apresentar aos alunos as causas e razões filosóficas, políticas, sociais e econômicas das ocorrencias históricas. Obtivera seus pobres conhecimentos em livrinhos do curso medio, como o de Borges dos Reis e Veiga Cabral para a história brasileira, e o de Jônatas Serrano para os fastos da civilização.

Acontecia, entretanto, que o major, na prova de títulos, levaria vantagens sobre os seus concorrentes, além de contar com o prestígio do seu posto no exército, amparado ainda pela forte situação dos militares no país.

A tese do major Borja — **Papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial** — já se achava elaborada. Pelo título, dadas as circuns-



Labim/UFRN

tâncias da época, o candidato estava também altamente recomendado.

O professor Henrique Sampaio escolhera como tema do seu trabalho a Revolução francesa. Julgava, por ser assunto explanado em tantos livros, que lhe seria fácil sair-se bem. Mas, não sabendo, por falta de cultura e senso crítico, evitar a mera descrição dos fatos conhecidos e superficiais, a sua tese era desoladoramente medíocre. Quanto ao fato de haver sido assistente do professor Felisberto, nada importava. Fora-o contra a vontade do morto, com quem nenhuma semelhança apresentava em matéria de caráter ou de capacidade. Ventura o suportava filosoficamente, resignado em face de manobras e arranjos políticos que lhe impuseram como assistente uma nulidade.

Por fim, o terceiro candidato — o jovem Maurício Cavalcanti, na prova de títulos ficava em posição desfavorável relativamente aos outros candidatos. No tocante à tese, tivera a idéia de procurar um assunto valioso — **Causas da Primeira Guerra Mundial** — mas, o incipiente professor repetia no seu estudo o que os compêndios ginasiais haviam já dito um sem número de vezes. Em resumo, os três candidatos, a rigor, não poderiam pertencer a nenhum corpo docente de uma universidade digna deste nome. Eram um trio supinamente fraco, produto lastimável de um meio onde o ensino vinha sofrendo, de longa data, a mais assustadora decadência. Como outros candidatos não surgiram, um dos três inscritos teria de fatalmente substituir o falecido professor titular

Chegou, finalmente, o período marcado para a realização do concurso. A banca examinadora, composta do professor Honório Gouveia, membro do corpo docente do Instituto, e de mais dois titulares — Cipriano da Silva, de São Paulo, e Aderbal Moreira, de Pernambuco, depois da prova de títulos e da análise das teses, assistiram em dias sucessivos às aulas de mestre ou sapiência dos candidatos, versadas sobre assuntos sorteados vinte e quatro horas antes de cada uma.

Trancados numa das salas do Instituto, os três juízes somaram notas e tiraram médias, trocando opiniões no decorrer do julgamento. A elaboração da sentença gastou duas horas. Não houve surpresa na classificação, que foi a seguinte:

Major Professor Egberto Borja — média 8.
Professor Henrique Sampaio — média 7
Professor Maurício Cavalcanti — média 6,8.

Proclamado este resultado perante a Congregação no Salão de Honra da Faculdade de Filosofia, os aprovados foram cumprimentados vivamente.



Labim/UFRN

Dentro de mais alguns dias, o **Boletim da Universidade** publicava o resultado do concurso e a nomeação do major Egberto Borja para o cargo de professor titular de História da Civilização no Instituto Polimático.

Estranharão, talvez, que uma banca examinadora integrada por mestres de Pernambuco e São Paulo haja conferido notas relativamente altas às provas e às teses dos três candidatos. Numa justa avaliação dos méritos de cada um, todos teriam merecido reprovação. Os professores, todavia, em nossa querida pátria se assemelham admiravelmente. Não se deve, de conseguinte, deplorar o seu Estado, se for pequeno, comparado aos maiores. Más fadas há por toda parte. Que se pretenderia esperar daquela banca de exame? Seu veredito foi mais uma no meio de tantas comprovações da crônica penúria do ensino no Brasil.



Labim/UFRN

Labim/UFRN

# LITERATURA ORAL (*)

*Nilo Pereira*

Seria talvez interessante que, ao invés de falar sobre Literatura Oral e sua participação no estudo das escolas literárias — que são os temas principais do presente Curso promovido pela Academia Norte-rio-grandense de Letras, contasse aqui as próprias "estórias", os próprios "romances" populares que tanto falam do heroísmo da nossa gente ou dos nossos costumes. Todos conhecem bem essa tradição, que são, quase sempre, o que Juvenal Lamartine chamou no seu livro "costumes do meu sertão". Livro que, desde já, indicaria como uma das melhores fontes para o conhecimento da nossa literatura oral, que se tornou escrita e folclórica e, por vezes, erudita.

Falando sobre esses costumes, essas tradições, essas coisas misteriosas da psicologia popular, escreveu Thiers Martins Moreira no Prefácio ao livro **Literatura Popular em Verso**, Antologia, tomo I, Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1964, o seguinte: — "Afirmo e repetirei a afirmativa de que o fato merece a atenção de estudiosos de nossa literatura e da sociedade brasileira. Ver-se-á um dia que para a história ou para a sociologia aí se encontra uma das mais ricas fontes".

E Cavalcanti Proença, na "Introdução" do mesmo livro, assevera: — "Vemos que a proveniência do material tem origem das mais diversificadas, como é o caso da **História da Imperatriz Porcina**, **Os Martírios de Genoveva**, e tantos outros. Um traço porém os irmana a todos, isto é, o tratamento que lhes dão os poetas, todos também irmãos da velha Totonha, que aparece em **Menino de Engenho**, de José Lins do Rego, contando estória de príncipes e reinos ou escravos que são senhores de engenho e casas-grandes, partidos de cana e moleques do eito. Não será a primeira vez que acentuamos a lição que isso constitui para a transplantação de atividades culturais que devem adaptar-se ao nosso modo de ser, sob pena de se perderem".



Labim/UFRN

Não há ninguém que não tenha tido a sua velha Totônia a contar estórias. No seu livro **Oiteiro — Memórais de uma Sinhá-Moça** — publicado graças aos esforços de Rodrigues de Melo, Madalena Antunes Pereira lembra, docemente, as mucamas Patica e Tonha que lhe narravam episódios fabulosos. Se essas coisas não forem pesquisadas, perder-se-ão para sempre. E o que se perde com isso é a imaginação criadora, que procura sempre um refúgio no fabuloso, no heróico, no misterioso, que vai constituindo a chamada literatura de cordel. Não posso esquecer, ao acompanhar o escritor Alceu Amoroso Lima a João Pessoa, quando de sua visita ao Recife, em 1957, o interesse com que ele — o maior crítico literário de sua geração e do Modernismo — procurou na feira de Goiana os folhetos populares, nos quais o heroismo sertanejo é contado em versos por vezes geniais. Ou nos quais se faz, não raro, a adaptação de personagens universais a figuras nossas, que esplendem na crônica sertaneja, para lembrar Gustavo Barroso, como "heróis e bandidos", sendo às vezes o banditismo uma forma de heroismo, um heroismo romântico, como procura demonstrar Raimundo Nonato no seu recente livro sobre Jesuino Brilhante, uma versão carismática do vingador.

Não venho contar essas "estórias", que por aí andam em prosa e verso. Mas lembrarei sempre que devemos ouvir, nessa pesquisa, os mais velhos, que ainda são o sustentáculo desse patrimônio cultural. Aliás, isso nos é assegurado pelos próprios cantadores, como se lê no seguinte verso d'"O Boi Misterioso" —

> Já completaram trinta anos
> eu estava na flor da idade,
> uma noite conversando
> com um velho da antiguidade
> em conversa ele contou-me
> o que viu na mocidade.

É justamente isso que não nos deve faltar: o testemunho dos que guardaram lendas, fábulas, tradições, costumes, gestos, contos, música, as coisas que o povo diz, como lembra mestre Cascudo, e que são um subsídio para a literatura

A Revista ANNALES — maio a junho de 1970, editada pela Livraria Armand Collin, insere um interessante debate sobre os contos de Perrault. Trata-se duma mesa redonda sobre o livro de Marc Soriano — **Les Contes de Perrault, culture savante et Traditions populaires** — Gallimard, 1968. O debate, que se passa entre especialistas da história literária, mostra a atualidade dos referidos contos, que são estudados por diferentes ângulos. A mesa redonda põe em



Labim/UFRN

foco os aspectos folclóricos, orais e populares dos **Contos**, tudo isso em face duma "culture savante". E é precisamente aí que encontro um suporte humanístico para esta palestra: — especialistas em história da Literatura a se preocuparem com a substância criadora desses **Contos**. E nesse processo de particularização — como se lê à pág. 640 da mesma Revista — que se encontra de modo especial para os debatedores o processo de "historicidade" das fantasias de Perrault, o que permite não dissociar completamente a literatura oral da literatura "savante", porque os **Contos** — como acentua a referida publicação — são uma sábia elaboração dos contos de via oral, tendo o artista posto os recursos de sua arte ao serviço da arte popular.

Quando nos ocupamos das escolas literárias, nem sempre nos ocorre pensar de que modo se formou no povo o sentimento da criação e da beleza. A literatura oral, espécie de prima pobre, ou de Gata Borralheira da literatura oficial, é sempre esquecida. E parece ficar esquecida cada vez mais, à medida que o povo já não conta mais estórias: — contam-nas a ele através do rádio e da televisão. Mas essas novelas não se confundem, evidentemente, com a Novelística que resultou de modo um tanto mágico da Literatura Oral, da imaginação popular sempre tão fértil e variada na criação de personagens e reinos encantados.

Acaso haverá lugar para a Literatura Oral, como prima pobre ou simples Gata Borralheira num Curso como este que a Academia Norte-rio-grandense de Letras promove, animada como sempre pelo gênio inventivo de Rodrigues de Melo? Tomei-me do receio de que, entre as Escolas Literárias oficiais, entre os estilos consagrados, entre os autores famosos, a Literatura Oral, que vai acabando, pudesse fugir um pouco à estética do fenômeno literário. Mas não somente vi no fato de falar em Literatura Oral uma homenagem que, de minha parte, prestaria ao seu maior sistematizador no Brasil — o nosso Luiz da Câmara Cascudo, que a estudou exaustivamente — como entendi também que rever, embora sumariamente, a contribuição do povo, seria de algum modo explicar as próprias Escolas, os próprios estilos, a própria imaginação criadora.

Digo que Cascudo foi o maior sistematizador da Literatura Oral Brasileira, mas sem esquecer que Sylvio Romero foi um escritor intensamente voltado para o folclore e a oralidade como formas de expressão literária, de estilização, de pioneirismo da própria criação estética.

E se falo em Sylvio Romero, é justamente para caracterizar um dos aspectos da chamada Escola do Recife pelo que concerne à atuação desse escritor sergipano-recifense: a valorização



Labim/UFRN

da etnografia, do folclore, da sociologia em que ele foi interessado mais do que nenhum outro representante dessa Escola, considerada principalmente como renovadora do Direito. Fundada por Tobias Barreto, que lhe deu uma alma de profeta com o seu imenso talento verbal, dir-se-ia que a Escola do Recife não passava, na prática, duma concepção monística e evolucionista do Direito, em contraposição aos defensores do Direito Natural, um Pedro Autram da Matta e Albuquerque, um Soriano de Sousa, um Coelho Leite, entre outros. Seria apenas o Direito puro contra a Metafísica, o monismo contra o tomismo.

Essa Escola precisa ser estudada não apenas sob esse aspecto, realmente o mais enfático, mas, ainda, sob o aspecto de sua penetração em outras áreas, inclusive, pelo que toca a Sylvio Romero, na Literatura Oral, que lhe interessava como explicação, muitas vezes, da sociedade brasileira sob o ângulo antropológico-cultural. Disso não cuidaria Tobias Barreto, mais voltado para o seu germanismo. **A Alemanha é a minha loucura,** esta é uma frase sua que, de algum modo, o aliena de certos aspectos, da formação étnica e sociológica do povo brasileiro para deixá-lo mergulhado, quase de todo, nos fenômenos universais, na renovação do Direito e da Filosofia que lhe pareciam estagnados pelos velhos métodos escolasticos.

Mas esse é um assunto que terá de ser retomado — e já vem sendo, inclusive com o livro do professor Vamireh Chacon, intitulado **Da Escola do Recife ao Código Civil** — para que se veja que em Tobias não havia um chefe de escola que impusesse apenas o agnosticismo jurídico como explicação do próprio Estado e da própria pessoa humana subordinada à dialética do evolucionismo, que era para ele uma espécie de progressismo científico.

Tobias é uma figura que precisa ser revista além das dimensões da sua própria Escola, que ele fundou e foi o deslumbramento duma geração que Graça Aranha parece representar toda inteira, quando, sob a influência do mestre teuto-sergipano, disse que aos treze anos negou a Deus, negou a Metafísica, negou o Direito Natural. Já sugeri certa vez que podia haver em Tobias um nostálgico de Deus, e esse é um testemunho que nos dão Gumercindo Bessa e Arthur Orlando. Sobre o sentimento religioso em Tobias Barreto, Arthur Orlando escreveu interessante artigo na Revista **A Cultura Acadêmica,** de 11 de agosto de 1904. E Gumercindo Bessa afirma que Tobias nunca se desprendeu inteiramente das crenças de sua mocidade, e que distinguia no culto católico uma inspiração de poesia. Ele mesmo confessou a Gumercindo Bessa que o ateismo é uma tolice



Labim/UFRN

e que só é ateu quem é ignorante, acrescentando acreditar em alguma coisa que não sabia como exprimir. E Arthur Orlando acentuou que continuava admirando a fé por influencia de Tobias.

Bem sei que isso, nessa palestra, é uma digressão. Tratando, porém, da Escola do Recife em geral e de Sylvio Romero em particular, quis apenas aludir, ainda que de espaço, à figura do seu fundador como homem talvez deturpado sob o ponto de vista de sua posição em face dá formação espiritual brasileira, embora Tobias esteja distante dos problemas da formação nacional, sob a inspiração direta e misteriosa do povo. Bem ao contrário de Sylvio Romero, nesse ponto, seu mais devotado amigo, que procurou nas formas do dizer popular, nas tradições, nos cantos, nos contos u'a maneira se não de todo poética, mas ao menos antropológica e folclórica de estudar a origem cultural do Brasil. Cascudo escreve no seu Livro **Literatura Oral** essa frase que é bem o atestado da presença de Sylvio nessa pesquisa que lhe encheu tanto a vida: — "Impossível o caminho onde o seu pé esteja ausente"

Vê-se por aí que a Escola do Recife tratou de vários problemas, que não são apenas os duma cultorologia sistemática, simplesmente germânica, porque uma de suas mais notáveis figuras — Sylvio Romero — enveredou por um terreno que não era grato a Tobias. O Brasil, no entanto, começava a apresentar um panorama cultural que se ia valorizando por si mesmo. A mestiçagem — aquilo que Gilberto Freyre viria a estudar em **Casa Grande & Senzala** como tônica essencial, que era essa vida misturada étnica e socialmente numa economia de base patriarcal — teve em Sylvio Romero um antecipador se não de métodos de investigação, pelo menos de interêsse sociológico, à base da imaginação do povo, transmitida de geração a geração sob a forma quase sempre do maravilhoso, do fantástico ou do heróico.

Confessava a Coelho Neto: — "As primeiras palavras que saiam lentas no cilencio atento — era uma cez... — o coração batia-se comovido, um calor inflamava-me o rosto, abriam-se muito os olhos e eu via os caminhos do encanto". (1).

Creio que melhor não se pode dizer da Literatura Oral, que todos nós ouvimos quando meninos, atentos e deslumbrados, do que chamando a tudo isso "os caminhos do encanto". Ora, se são caminhos do encanto, se na verdade abrem aos nossos olhos perspectivas mágicas, como esquecer essa Literatura Oral tão cheia de estórias, de fábulas, de parlendas, de contos, de cantos, de advinha-

**(1) — Vide Sylvio Rabello — Itinerário de Silvio Romero. Civilização Brasileira, pág. 57.**



Labim/UFRN

ções, de gestas, de reinos maravilhosos, de heroísmos sobrehumanos, de lendárias façanhas? Acaso isso humilha a literatura oficial, que se classifica por Escolas e estilos e tendências e estéticas? Eis porque — repito — aqui na nossa terra, onde há **Luiz da Câmara Cascudo** e **Veríssimo de Melo, entre outros,** me atrevo a tratar dêsse assunto sem a menor tentativa de originalidade, sem qualquer acréscimo ao que se tem feito de pioneiro em Natal, onde é bom lembrar, era fundada a 30 de abril de 1941 a Sociedade Brasileira de Folclore. Natal, pioneira da aviação com o mártir da ciência, que foi Augusto Severo, do voto feminino e da aviação civil com José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine, da Escola Doméstica, com Henrique Castriciano, também é cidade pioneira no Brasil todo, duma Sociedade não apenas local, mas nacional, capaz de fazer do Folclore uma ciência tão nossa como dos povos mais adiantados, mais conservadores e mais modernos ao mesmo tempo.

Quase nada mais se tem a dizer sobre Literatura Oral — bem o reconheço — nesta cidade que é exemplo para todo o País, onde se multiplicam os pesquisadores da tradição oral e onde essa lição científica e literária não pode deixar de ser lembrada no momento em que a Academia Norte-rio-grandense de Letras — presidida por outro desses pesquisadores não menos lúcido e penetrante da sua zona de atuação cultural, o Assu, — empreende a iniciativa de estudar o fenômeno literário e situá-lo no nosso Estado, naquilo em que contribuimos para que a Literatura aqui se realizasse de modo tão brilhante em qualquer tempo.

Se, com efeito, nada mais se tem a dizer sobre um tema que, no Rio Grande do Norte, Cascudo esgotou, que fazer então? Não valeria a pena contar aqui as estórias que todos sabemos e que, não raro, nos tiraram o sono com a invenção mágica de reinos fabulosos. Nem gostaria de citar nomes de quantos escreveram sobre a tradição oral e o folclore, receioso da omissão que nem sempre é considerada involuntária. Afinal, o que eu desejaria propor é que, tratando-se de tema literário haurido em fontes populares, se tentasse a pesquisa das origens dessa literatura escrita, mas de procedência oral. Talvez muita coisa se perca se não acorrermos a essa investigação, que, de resto, tanto interessa à Academia quanto à Universidade. Na sua **Acta Diurna**, de 21 de março de 1940, advertia Cascudo: — "Se não se cuidar de escrever e registrar o folclore do RGN, ter-se-á perdido, dentro de 20 anos, 90% das tradições do Estado" E por que não se perdeu tão elevada percentagem dessas tradições? Precisamente porque ele e os seus discípulos — dentre os quais o hoje também mestre Veríssimo de Melo — cuidaram de ir registrando o que viram e ouviram. Até que Cascudo, ele próprio, formou o seu



Labim/UFRN

"universo", pelo qual viajou com seguro portulano — como se partisse de nova Escola de Sagres — o crítico e biógrafo Américo de Oliveira Costa (2).

Além da pesquisa da literatura escrita e popular, faz-se-ia, sempre a duas mãos, isto é a Academia com a ajuda da Universidade, uma outra: — a da própria Oralidade, que vai acabando, como já ficou dito, à medida que os meios de comunicação vão contando ao povo novelas que não são mais as suas, que ele ou criou ou recriou. Para isso se dividiria o Estado em zonas de Oralidade: o sertão, o canavial, a salina, a várzea. A literatura oral é ecológica. Vem de muito longe, de milênios, mas adapta-se a cada sociedade, a cada grupo, formando, muitas vezes, uma como que cosmovisão fabulosa em que se inserem os interesses comuns, animados pelo gosto do maravilhoso, que parece ser, em todos os tempos, uma sobre-vida, isto é, uma vida para suavizar a vida, para nos chamar além de nós mesmos pela sedução do fabuloso. O mistério, que é próprio da perplexidade humana, que é o nosso mito, a nossa lenda, como é o vôo espacial que inaugura por assim dizer um novo século, está na alma dessa literatura tão velha quanto o próprio homem e tão universal quanto regional.

"Há uma continuidade na transmissão das estórias orais sem prejuízo da fixação culta que também é divulgadora", escreve Cascudo (3). Ora, é isso que se pretende: — fixar a Oralidade, ou procurando-a naquelas zonas que terão sempre, decerto, o que explorar, ou analisando nos escritores e nos poetas aquilo que revela neles a inspiração popular. Popular, veja-se bem, e não popularesca. Não são poucos os poetas, escritores, ensaistas, jornalistas que se inspiraram no povo, nas suas tradições, na sua linguagem, nos seus modismos, nos seus estilos, na sua imaginação para, quase que estaria a dizer, reescrever o que foi escrito na língua errada do povo, língua certa do povo, como diz Manuel Bandeira, no seu poema "Evocação do Recife". E, justamente, aqui, é que temo apontar esses nomes, essas fontes, pelo perigo da omissão.

Lembraria, de espaço, essa confissão de Cascudo: — "Todos os anos vividos no alto sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba foram cursos naturais de literatura oral". Vê-se aí a influência do sertão na sua obra de folclorista e de etnógrafo. Com efeito, as populações rurais ofereceram subsídio inestimável à literatura oral.

**(2) — Américo de Oliveira Costa — "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo" — Fundação José Augusto, Natal, 1969.**

**(3) — Luiz da Câmara Cascudo — "Literatura Oral" — José Olímpio Editora, 1952, Introdução, pág. 13.**



Labim/UFRN

de natureza mais portuguesa, mais metropolitana, do que, em certo tempo, africana ou indígena. As estórias — expressão que, em 1919, João Ribeiro já aconselhava, mas só passou a ser definitiva em 1942, graças a Cascudo e à sua Sociedade Brasileira de Folclore, conforme nos lembra o mestre no seu livro **Coisas que o Povo diz**, ed. Block, pág. 104, — as estórias eram encantadoras. Vinham de onde? Quem as trouxe? E de que modo se misturaram em outros espaços culturais? Imagine-se o que não se perdeu, apesar de tantos esforços mais recentes, como contribuição africana e indígena: — deste queriam os jesuitas fazer cristãos e daqueles o que se queria era o braço escravo. De modo que a contribuição maior era lusitana no plano natural da miscigenação das culturas, com o predomínio do colonizador, que não somente era a ordem jurídica na terra descoberta, mas também a ordem moral, a ordem cultural, a ordem social e administrativa.

Ainda é o nosso Cascudo quem acentua que, em Natal, já no curso secundário, pôde sentir, comparando, as duas literaturas, a oral que trazia nos ouvidos e a escrita que agora lhe impressionava os olhos, as diferenças essenciais, "ambas ricas, antigas, profundas, interdependentes e ignorando as pontas comunicantes". "Inconscientemente — assinala — confrontava ritmos e gêneros, as exigências do dogma culto e a praxe dos cantadores sertanejos, setissílabos, décimas, pé-quebrado, a ciência do "desafio". "Todas as leituras subsequentes foram elementos de comparação"

Essa palavra me anima a sugerir — está claro — que a comparação nunca deixe de ser feita. E que o tema suscita uma investigação atual, mesmo depois que a Técnologia mudou os rumos da cultura, mas sem matar de todo o Humanismo. Porque no dia em que o homem perdesse os caminhos do seu encanto — para relembrar a expressão de Sylvio Romero — nesse dia a Tecnologia, se fôsse ela a culpada disso, teria escrito o último capítulo do homem sobre a terra, as Táboas do Juízo Final entre as sarças ardentes de um Sinai condenatório.

Nessa pesquisa sobre a literatura oral e escrita de motivos populares, nesse estudo comparativo de ecologias literárias: o sertão, o canavial, a várzea, a salina, para mencionar apenas essas áreas de prospecção cultural e humana, a riqueza é simplesmente imensa. E é aqui que não quero correr o risco de citar nomes; porque são muitos os que enriqueceram essa litratura — escrita ou oral — valendo-se de motivos de criação anônima, muitos dos quais valorizados pela tradição histórica. Até a anedota — da qual tem sido mestre mais ou menos caluniado o papagaio brasileiro — seria motivo de fixação de tempos e figuras, desde que o processo oral pudesse ser



Labim/UFRN

tomado, e isso pode muito bem acontecer, como subsidiário da própria História.

Sabe-se que entre antigos e modermos a motivação oral tem sido objeto de exaltação duma sabedoria instintiva e milenária, que é um encanto de fabulação natural. Em cada zona de ecologia literária há, decerto, ainda o que pesquisar. Essa pesquisa interessa diretamente à Novelística, tanto que, como salienta Cascudo, as grandes Universidades americanas já incluíram a Literatura Oral entre as suas cátedras. Por que não fazer o mesmo no Brasil? Aqui, o CRUTAC-RN, que é hoje uma entidade nacional pelo seu exemplo de integração sócio-cultural, adotado pelas demais Universidades regionais, poderia prestar nesse setor de Literatura e Linguística, em convênio com a Academia, os mais relevantes serviços. E seria essa tarefa u'a maneira de revalorizar o Humanismo cultural de algum modo ameaçado pela Tecnologia. E eis outra tese, que reponta inquietante e talvez lógica: estará a Tecnologia — não digo a Técnica, quero deixar bem claro — matando no homem o seu encantamento pelo mistério? Será que o povo já não tem imaginação para inventar as suas estórias ou recontá-las à moda antiga, em face do progresso que dá dimensões novas à cultura e à vida? Ainda temos, nas nossas feiras, aqueles cantadores que são mestres na chamada "ciência do desafio". Analfabetos geniais, chama-os Cascudo. Mas se perdemos o interêssse por eles ou por trovadores populares ou por aedos e rapsodos espontâneos que cantam lôas ou improvisam modas — e disso muitas vezes me falou o saudoso senador Eloy de Souza, o admirável Jacinto Canela de Ferro das Cartas de um Sertanejo — teremos perdido um patrimônio sentimental, heróico novelístico, que, afinal de contas, a Literatura não pode deixar evadir-se.

A Literatura Oral — lamenta-se Cascudo em face da outra Literatura, não existe, — mas continua, diz ele, teimosa e ignorada "como rio na solidão e cachoeira no meio do mato".

A recreação e o ensino, eis o que Menendez Pelayo vê nessa literatura anônima, que não chega aos grandes salões, esconde-se nas feiras e nos matos e esplende, geralmente nas noites de luar, quando a lua era só dos poetas. E salienta de modo enfático que a epopéia, a princípio teogônica e depois heróica, divina a princípio e logo depois humana, era representativa de uma humanidade mais excelsa e vigorosa que a das idades históricas.

Sou o primeiro a reconhecr quanto é arriscado falar nesses assuntos onde um Luis da Câmara Cascudo escreveu o **Dicionário do Folclore Brasileiro**, do qual diz Américo de Oliveira Costa que é a sua **Suma**, no sentido tomístico, escolástico do têrmo. Mas tudo quanto pretendi foi tentar — tentar apenas — fixar na Litera'ura



Labim/UFRN

humana — na Literatura Oral, principalmente — o que o homem deixou como ficção, como invenção. Desejaria, assim, que a Literatura não fôsse apenas a Técnica, ou mesmo a Tecnologia, mas o Humanismo, o homem construindo o seu mundo real ou utópico os bichos falando as lições das fábulas, as fantasias do mito, as danças, as artes todas em que o homem assinalou a sua ânsia de viver e de conviver.

Nunca se escreveu tanto como hoje sobre Tecnologia e Humanismo; e o pior, o mais grave, é que não se escreve, muitas vezes, em têrmos de harmonia, mas de antagonismo, de rivalidade, de temor. A Tecnologia é ao mesmo tempo admirada e temida. Isto porque o homem se sente como que diante dum mundo que pode ser um abismo, diante dum progresso que lhe faça esquecer o devaneio, o lazer. O lazer, sociologicamente considerado, está sendo tão necessário ao homem moderno como ao antigo viandante dos desertos a palmeira sob a qual repousava. E já não há mais lazer: há pressa, esgotamento, incapacidade humana para a contemplação, palavra da qual só se conservou a ação como medida do tempo.

Creio bem que o mundo tecnológico — esse "admirvel mundo nôvo" — é bem o processo histórico a que chegamos, criando uma civilização que a automação vai marcando e a Cibernética exaltando em novas formas de cultura, até o momento em que o próprio homem seja o produto dos laboratórios. Creio bem que a conquista dos espaços siderais já nos remete para outros mundos onde procuramos a explicação do universo. Tudo isso se há de refletir na Literatura. Mas não creio que, em meio a tanto prodígio, a imaginação se perca, esgotada pela Tecnologia. Como não creio que uma Teologia sem Deus — que é a ausência de sacralidade da vida — possa matar no homem a idéia da criação, a grandeza existencial do seu ser não apenas temporal, mas transcendente.

Creio na Nau Catarineta — ó tão linda! — como creio nas naves espaciais. E é justamente para esse sonho, para esse devaneio, para essa Oralidade criadora, que apelo neste momento, certo de que a defesa do Humanismo literário, à base da ficção milenária, não é uma atitude contra a Técnica nem contra a Tecnologia, pois onde estiver o homem aí deve estar a sua alma, o seu tempo e a sua eternidade, o que foi e o que é, o mistério de que ele surgiu e no qual sempre se refugiará, à procura de si mesmo, ouvindo estórias ou fazendo a História, voltando a reinos encantados ou indo a eles, sendo sempre o mesmo Homem em cuem Deus pôs a infinita ânsia de conhecer e de amar.

**(*) Aula ministrada no II Curso de Conferências da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 03 de dezembro de 1970.**



Labim/UFRN

# HONRADO E CONTENTE (*)

*Peregrino Júnior*

Ao entrar, honrado e contente, neste solar dos homens de Letras de minha terra, tenho a impressão de estar ingressando em casa minha e de minha gente. É um encontro com os meus, que desejei alegre e sem sombras. Não me sinto aqui um estranho. Nem estranhos me são os que aqui cordialmente me acolhem. Entre os patronos da Academia, deparam-se-me dois nomes que me são caros: o do meu tio Armando Seabra e o do meu primo Joaquim Fagundes. E entre os membros militantes desta ilustre companhia, contemplo afetuosamente um primo, companheiro dos velhos tempos do Colégio Santo Antônio e do Ateneu — Antônio Fagundes — uma autêntica vocação de santidade, e um irmão, Umberto Peregrino, que foi como meu filho vivendo a sua juventude entre as alegrias felizes de minha família, e hoje é confrade e companheiro do qual me orgulho. Entre os grandes ausentes, que evoco com a melhor ternura intelectual, meus primeiros mestres, meus velhos amigos, meus confrades mais amados: H. Castriciano, Armando Seabra, Sebastião Fernandes, Ponciano Barbosa, Otoniel Menezes, Ivo Filho, que tanto estímulo e compreensão concederam ao menino magro e melancólico, que com eles aprendeu o caminho em flôr da literatura. No elenco eminente dos vivos, só vejo amigos e confrades de minha melhor estima: esse cordial e dinâmico Presidente Manoel Rodrigues de Melo, a cujo labor diligente, construtivo e eficaz esta Academia tanto deve, para quem trago a minha palavra inicial de gratidão e afetuosa simpatia e o velho Câmara Cascudo, o Cascudinho da minha infância e mocidade, companheiro da geração de 98, juventude teimosa, lúcida e lépida, fundador e pioneiro da **A Imprensa** de 1914, ao lado de Pedro Alexandrino e Jaime Adour Câmara, meu colega da Academia das Ciências de Lisbôa, e de cuja glória participo como oficial do mesmo ofício e conterrâneo que dele se ufana. Esmeraldo Siqueira,



Labim/UFRN

tão brilhante e bravo, amigo e defensor da minha grei romântica e valente dos Seabras; e Veríssimo de Melo, cuja amizade nasceu ao calor afetivo das nossas fraternas famílias e cuja carreira acompanho com carinho e admiração; e Paulo Viveiros — confrade do meu melhor apreço e estima — que me concedeu a alegria de saudar-me com o brilho do seu talento e as graças da sua bondade. E todos os outros — todos tão ilustres e admirados, de cujo sereno convívio venho agora participar com a devoção melhor do coração e do espírito.

## CRISTÓVÃO E UMBERTO DANTAS

Os polos magnéticos da vida norte-riograndense do meu tempo eram dois: Recife e Belém. Aquele era a fascinação dos rapazes afortunados que a grande cidade enriquecia com a sua cultura metropolitana e transformava em bachareis; o outro, o polo de atração da gente mais pobre, que era o Pará, ensinava a disciplina do trabalho e gosto da luta.

Os Dantas, sempre originais, ignoraram a sedução desses dois polos econômico-sociais — e partiram para o Sul. Cristóvão, ao lado de Garibaldi, seguia pela mão pioneira de Lamartine, para a Escola de Agronomia de Lavras, em Minas. Umberto, já sob a atração natural dos irmãos, foi para S. Paulo, onde se formou em Direito.

Da personalidade de Cristóvão deu-nos Onofre Lopes um perfil exato e completo. Segundo Onofre Lopes, Cristóvão obedecia ao chamamento irresistível da terra, não o vencendo o encanto das grandes cidades do Sul. A sombra dos cactus parecia-lhe mais agasalhadora. Formado, veio logo para Natal e ocupou, no Ateneu, a cadeira de Higiene. Os méritos do melhor aluno que fora, na Escola de Lavras, onde conquistou prêmio excepcional, e o brilho de uma cultura ampla e sólida, deram-lhe direito a uma bôlsa de dois anos de estudos nos Estados Unidos, onde, na Universidade de Georgia, fez o curso de especialização sobre a lavoura algodoeira. Regressando ao Brasil, foi nomeado Diretor da Estação Experimental do Algodão, em Tupi, no Estado de São Paulo, quando teve oportunidade de pôr em prática a seleção de variedade de algodão, primeiro trabalho racional para uma cultura produtiva e da maior importância para a economia brasileira. A expansão algodoeira do Estado de São Paulo foi fruto do seu esforço somado ao de seu irmão Garibaldi, igualmente capaz e dotado de ideais patrióticos. Sempre interessado pelo destino do Nordeste e enamorado da terra natal, veio prestar serviços ao Estado, no governo Juvenal Lamartine, ocupando o cargo de Secretário da Agricultura. Posteriormente, foi eleito Deputado Federal, assumindo a liderança da bancada na Câ-



Labim/UFRN

mara. Fechado o congresso pela Revolução de 1930, fixou-se, mais uma vez, em São Paulo, integrando-se na atividade jornalística. Colaborou em jornais e revistas, escreveu plaquetes, enriqueceu a imprensa com estudos de interesse palpitante, foi um dos Diretores da Agência Nacional, participou do corpo redacional do "O Diário de São Paulo", do "O Estado de São Paulo", da "Fôlha da Manhã".

Nos grandes jornais, de São Paulo e do Rio e, também, entre nós, na "A República", eram característicos os seus artigos: título sugestivo, temas atualíssimos, texto substancial, ilustrado de números comparativos, de estatística, de quadros convincentes.

Ocupando altos cargos na administração paulista, coberto de justas atenções dos governantes e das classes conservadoras, conceituado na grande imprensa, participando da Federação das Indústrias de São Paulo, do Instituto do Café, Diretor do Departamento de Publicidade da Secretaria da Agricultura, contando com as óbvias vantagens econômicas, não titubeavam um só instante em tudo deixar, para voltar a trabalhar na sua terra, pondo a sua inteligência, o seu esforço, o seu labor e os seus ideais a serviço do progresso e do bem-estar econômico-social do Rio Grande do Norte. Deixou, assim, em diversos governos, através da Secretaria da Agricultura e de órgãos de desenvolvimento do Estado, o traço de sua personalidade e do seu espírito criador. Sem se lhe fazer qualquer concessão, era realmente um homem de letras, um homem de boa convivência, um homem de coração. Saiu menino da "Vila Pretória", voltou feliz ao lado da sua querida filha Heleninha, para o mesmo chão, depois de ver grande parte do mundo, o sul do País, dos Estados Unidos, a Europa, o Egito, e aqui adormeceu para sempre.

O outro Dantas, cuja louvação me cumpre agora fazer, é Umberto, que, como Cristóvão, não chegou a assumir a Cadeira n. 9 nesta Academia.

Nascido em Natal, a 5 de janeiro de 1908, foi para o Sul, radicou-se em São Paulo desde 1926, formando-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em 1931. Exerceu a profissão durante alguns anos, mas dedicou-se, sobretudo, ao jornalismo. Em 1929 ingressou, ainda estudante, na redação do "Diário de São Paulo", órgão da cadeia dos "Diários Associados". Participou, como simples voluntário, da Revolução de 1932. Em 1936 foi nomeado Ajudante-chefe do Departamento de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo, e logo a seguir serviu como Assistente-Jurídico do mesmo Departamento. Em 1936, fez a cobertura jornalística da expedição chefiada pelo sertanista José Morbeck, que visava descobrir, nas margens do Rio das Mortes, a legendária povoação de Araés. Em 1942 foi convidado por Roberto



Labim/UFRN

Simonsen para ser sub-Secretário da Federação das Indústrias de São Paulo. Três anos depois era promovido a Secretário Geral.

Nessas funções, quer como funcionário, quer como jornalista, deu contribuição excelente à criação da consciência industrial brasileira. Como homem de imprensa, colaborou assiduamente em vários jornais e revistas técnicas, focalizando, de preferência, problemas industriais. Foi Diretor da revista "Indústria e Desenvolvimento", da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Em 1961 secretariou uma missão industrial que visitou o Japão. Publicou dois livros, o primeiro relatando as impressões de uma volta ao mundo, denominado "Samurais e Proletários", e o segundo, sob o título "Amazônia — Caminho do Futuro", no qual procurou despertar a atenção dos brasileiros para a Amazônia. Em face da grande repercussão desse trabalho nos meios empresariais, o Govêrno do Estado do Amazonas e a SUDAM, em solenidade especial na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, lhe concederam o título de "Benemérito do Amazonas".

Em 1968 foi ao México, como Assessor da Junta Empresarial de Assessoramento da Organização dos Estados Americanos (OEA). Dessa viagem elaborou um relatório, com base nos artigos que escrevera para o "Diário de São Paulo".

Em 1963 obteve uma bolsa de estudos concedida pela Agency Industrial Development (Departamento de Estudos do Governo Americano) para estudar problemas ligados ao planejamento industrial nos Estados Unidos, onde permaneceu por dois meses.

Em 1965 esteve no Japão integrando uma missão industrial que visitou aquele país. Tendo ido a Portugal e Espanha, em 1965, foi escolhido para Secretário Executivo do Grupo Permanente de Empresários espanhóis e brasileiros.

A convite do Governo chileno, realizou uma viagem de estudos ao Chile, publicando, na imprensa, artigos sobre aquele país, e organizou a visita do Presidente Frei a São Paulo.

## OS DANTAS

Cêdo morrem — dizia Menandro — aqueles que são amados dos Deuses. Os dois irmãos ilustres a que sucedo na Cadeira n. 9 — Cristóvão e Umberto Dantas — foram ambos amados dos Deuses — e por isso como queria o grego, cêdo se recolheram à sombra da Eternidade. Ambos autênticos e lucidos, no fulgor da inteligência e na doçura do coração, pertenceram ao clã dos Dantas, Vila Pretória. Conheci o patriarca da família, o Dr. Manoel Dantas, polígrafo laborioso, homem entusiasta e infatigável, dono de ideais avançados



Labim/UFRN

e personalidade singular e desde menino habituei-me a apreciá-lo e respeitá-lo. A ele e a sua grei, que souberam servir e dignificar o Rio Grande do Norte. De Garibaldi e Cristóvão Dantas fui Contemporâneo: frequentamos juntos o Ateneu, do qual eram, ao lado de Aldo Fernandes, os primeiros alunos — e juntos jogamos foot-ball na Praça Pedro Velho — naquele verde e imenso quadrilátero deserto, de onde olhavamos não só o Prado, mas as casas famosas do Dr. Dantas, de Antônio de Souza, da Vila Cincinato e do sítio de meu avô, o velho Miguel Seabra.

Cristóvão, o nosso Pelé — jogava descalso e era invencível, pequeno e ágil na arte de driblar. Depois do jogo passeio ao Monte, banho-de-mar na Areia Prêta. Essas as peraltagens da minha geração: saudáveis e alegres. No dia seguinte, aula pontual e sisuda aplicação no velho Ateneu, onde nos esperavam Emídio e Itajubá, pacientes e camaradas.

Eis os sucintos perfis de dois grandes norte-riograndenses, que cêdo abandonaram a vida, quando tanto deles poderiam esperar o Brasil e o Rio Grande do Norte.

Mas aqueles que deixam no seu mundo uma generosa lição, como Cristóvão e Umberto Dantas, não morrem: ficam, como dizia Guimarães Rosa, encantados. Porque sentimos, sem vê-los, a sua presença na lição que nos legaram: a lição de devotamento ao estudo, à inteligência, ao serviço generoso da sua terra e da sua gente.

## NATAL DE MEU TEMPO

Natal do meu tempo era uma cidade humilde, pobre, mas viva. Inaugurávamos nossas horas turbulentas de perplexidade, inquietação e sonho. E já naqueles velhos tempos, Natal, cujas modestas dimensões urbanas contrastavam com as suas largas dimensões espirituais, o que se definia e exprimia, na poesia dos seus seresteiros, na santidade dos seus homens bons, na bravura civica de batalhadores como J. da Penha. O seu quotidiano intelectual gravitava em torno de H. Castriciano, Sebastião Fernandes, Ponciano Barbosa, Pedro Alexandrino, Moyses Soares.

Mais moços — e mais próximos de nós — Jorge Fernandes, Armando Seabra, Nascimento Fernandes, Ivo Filho, Virgilio Trindade, João Estevão, Salomão Filgueira e alguns outros. E por que não lembrar Carlos Policarpo?

Os jornais eram além de vibrantes — numerosos, e as questões gramaticais e literárias decidiam-se como se diz na gíria carioca: na **ignorância**... Tinhamos os jornais diários: **A República, Diário de Natal, Jornal da Manhã**, aos domingos jornaizinhos se-



Labim/UFRN

manais de irreverente tom e às vezes grave ar polêmico: **A Evolução**, **A Imprensa**, **O Arurau**, de Deolindo Lima **O Espectador**, **de José Lira**, José Soares e meu **O Bloco**, do major Zé Pinto, **O Tempo**, de Armando Seabra.

Todos nós, os da minha geração, eramos poetas e jornalistas... os nossos ídolos mais queridos eram heróis, poetas e santos: Miguelinho, Auta de Souza, Padre João Maria.

Filhos desta terra humilde, mas ilustre, temos sido fiéis às inspirações naturais de sua gente, cujo sertão e cujas praias incomparáveis os poetas cantaram, discritivos e exatos, com o melhor lirismo do seu estro.

E, como no poema de Jorge Fernandes, nós afinal somos a remanescença dos poetas

> Que morreram cantando,
> Que morreram lutando

Ainda hoje, no quotidiano existencial da nossa terra, o povo luta e canta. Essa a constante moral do nosso povo. Julio Gauthier tinha razão: para lutar contra a Realidade só dispomos de uma arma: a Imaginação. É preciso cantar.

Cada homem vê as coisas com os olhos da sua idade, como queria Machado de Assis.

Mas eu, contrariando a sabedoria machadeana, quero olhar a nossa terra com os olhos de ternura da minha infância, que estes se conservam isentos e intactos, através das flutuações do tempo e e das asperezas das lutas, para a contemplação comovida das imagens. Os meninos do meu tempo, aliás, cresciam, como diz Gilberto Freyre, dentro da poesia popular e folclórica. No Rio Grande do Norte os meninos adormeciam — diga-se a verdade — dentro da Poesia, **tout-court**. E era dentro da Poesia, escutando a voz de Luiz Avila e o violão de Eronides França, que as moças acordavam para os sonhos de amor... Eram afinal seresteiros todos os rapazes do meu tempo que despertavam, ao luar, a primeira namorada com as suas serenatas eruditas, transformando em folclore versos de Segundo e Itajubá, de Tobias Barreto e Castro Alves, de Ponciano Barbosa e Otoniel Menezes... Afinal de contas, quando eu era menino tudo isso para mim, era vaga e confusamente "poesia popular" — porque era o que se cantava nas ruas — e tinha para nós um dom encantatório indefinível. Creio que o Rio Grande do Norte foi dos raros Estados do Brasil que fizeram o milagre de incorporar, na emoção popular das serenatas, as poesias mais eruditas e belas dos nossos poetas — e isto nos encanta.



Labim/UFRN

Éramos todos assim, por toda parte, poetas e jornalistas — afirmando ao mesmo tempo as constantes da nossa vocação histórica: o lirismo e o civismo, o amor da liberdade e o gosto das letras.

Quando Claude Cezan perguntou a Jean-Paul Courtis que região melhor o inspirava, ele respondeu:

— Foi a minha província natal, onde estão as minhas raízes.

## O MITO DA INFÂNCIA

É o mito que renova, na recordação, o espírito dos homens. O mar de Balbec e a torre de Combay, de Proust, como os sinos misteriosos da cidade submersa de Renan — representam a visita silenciosa da infância esquecida. Nós também temos os sinos do carro-caído de Extremoz e os ruídos inaudíveis do morro-do-Estrondo, para acordarem, dentro da nossa memória, o menino adormecido.

"O menino continua dentro de mim — como na confissão de Gilberto Amado — e é à sua presença militante e buliçosa no espírito do homem que atribuo o fato de viver a plenitude que a criança encontra no brinquedo".

Quem adormeceu um dia, ao embalo da rêde familiar, ouvindo cantar versos de Auta de Souza, de Gotardo e Itajubá — que estas foram as canções que a doce voz de minha mãe cantava para acalentar-me o sono-voz de inteligência, compreensão e bondade que iluminou todo o meu longo e árduo caminho — quem a escutou um dia — há de guardar na memória do coração o gosto lúcido da poesia.

## O MILAGRE PROUSTIANO

Mas onde afinal o pedaço proustiano de **madalena** com chá, que nos devolva, com a velha imagem da infância, aquele inefável prazer, isolado e inexplicado, sem emoção de causa nem de origem, que um dia se apodera de nós, de repente, diante da Combray privada e pessoal que escondemos nos porões obscuros do subconsciênte? Encontrei-o agora, esse pedaço catalítico de **madalena** com chá, neste instante feliz do meu reencontro com a minha terra e a minha gente; sinto-me de súbito inteiramente provinciano e nostálgico, e refaço, contente, os itinerários velhos da infância. Episódios quotidianos que a memória guardou, momentos obscuros da sensibilidade — antigos êxtases, antigas atitudes interiores, sofrimentos e aventuras do coração... Tudo isso — tão longe — estava perdido na memória — e agora me comove. Morei na selva Amazônica. Varei o Brasil de extremo a extremo. Viajei a Europa, a Ásia, a África e a América. Vivo no Rio há 50 anos. E no entanto guardo



Labim/UFRN

comigo, intacta, a imagem humilde da minha província, que se funde, comovida, com a imagem pobre e melancólica da minha infância.

Menino da rua dos Tocos, de infância alegre e livre, mas modesta e bem comportada, sem banhos no balde, sem peraltagens no Passo da Pátria ou na Salgadeira (como eu invejava a vida turbulenta e heróica de meu tio Armando Seabra, de João Baker, de Nascimento Fernandes, de Otavio Severo, de Pedro Oscar!...). É no entanto do mundo da infância — hermético, misterioso e remoto — que extraí as recordações mais líricas da minha terra. A Lagoa Seca, o Sítio de Benedito na Passagem, o Carnaval da rua da Palha, com as máscaras do Gigante Noturno, as lavadeiras do Oitizeiro, as partidas de foot-ball, na Praça Pedro Velho, com Cristóvão e Garibaldi, os banhos no Morcêgo, os brinquedos — felizes brinquedos — livres, alegres e solitários, no sítio de meu avô... Da janela da casa de Tio Lalú, na rua da Palha, eu via lá longe — o mar — além da Ribeira, além dos coqueiros da Limpa, além do Forte dos Santos Reis — o mar alto, azul e puro, como se estivesse acima do nível da cidade, encostando no Céu... Falar de Natal — cidade lírica na sua humilde paisagem provinciana d'aquele velho tempo — é para mim fazer um passeio ao mundo mágico da infância. É um regresso à vida livre do sítio (os passarinhos bicando os cajús maduros); é uma volta às aventuras noturnas ao luar, sob as estrêlas, no quintal da casa de Jaime Adour, e Edgar Câmara, entre coqueiros e mangueiras, diante do silencioso Potengi transportando as estrêlas do céu para o mar...

Longos passeios à tôa na ladeira do Rosário, para o êxtase das paisagens mais queridas: o Potengi, a boca da Barra, a Limpa, a Redinha, o Forte dos Santos Reis... A curiosidade infantil que se deleitava, deslumbrada, diante das locomotivas da Great Western, dos guindastes do Canto, das lanchinhas e dos navios do Porto, do trapiche da Alfandega, do alagado das Rocas, dos botes flutuando junto à Pedra do Rosário... Depois o Colégio Santo Antônio, com o voseirão autoritário de Padre Jofeli e a fala mansa de seu Barroca; e o Grupo Escolar, com D. Eulália, dôce e maternal, e o Dr. Benigno, espigado e lépido, de fraque; e o Ateneu, com o Padre Calazans, amigo e mestre Professor João Tiburcio (— Menino, você vai ter 10 na prova porque é de família muito inteligente!), Dr. José Augusto, lider da ala dos namorados, professor Manoel Garcia, montado no seu biblico burrinho... E os banhos na Lagoa Sêca, e no sítio de Benedito, sob as ingazeiras; e os dias felizes e livres no sítio de meu avô, na rua do Morcêgo, onde cada cajueiro tinha um nome e cada coqueiro um dono... E a poesia melancólica do Cemitério do Alecrim, com suas casuarinas soluçando dia e noite... Den-



Labim/UFRN

fro do meu coração, esteja eu em Belém, em Buenos Aires, em São Paulo, em Paris ou em Lisboa, em Viena ou em Madrid, esteja eu onde estiver, o que fala é a lembrança da minha cidade humilde e lírica...

Depois de Natal, do sítio de meu avô, da rua da Palha, do morro do Estrondo e da Praia do Morcêgo, a recordação que mais forte grita dentro de mim é a dos engenhos da família de meu Pai: o Paul, a Barraca, o Juncal, a Cibauma; o Catu...

Os americanos ainda nao haviam transformado o raso taboleiro nu de Parnamirim na maior base área do Brasil. Era ainda possível alí apanhar mangabas e cajus, guabirabas, camboins e ubaias, vendo passar ao longo, resfolegante, o trenzinho barulhento da Great Western:

Toque fogo, seu foguista,
Seu safado maquinista!
Vou danado pra Belém!
Vou danado pra Belém!

O trenzinho lerdo e sacolejante varava o taboleiro apitando — na Plataforma o condutor Gabrielzinho, o Bento no carro-correio entregando pessoalmente pela portinhola as cartas sem selos que levava para os conhecidos — a caminho do Engenho Belém, de S. José de Mipibú, de Goianinha, Penha, Piquiri, Vila Nova, Nova Cruz... E deixando pra traz as lavadeiras do Oitizeiro, saias arregaçadas e pernas de fora, entrava docemente na idílica paisagem de Pitimbu e Cajupiranga, de canaviais ondulantes, e mansas águas correntes... Cabo Guedes — herói da guarra do Paraguai — negro velhinho, de cabeça e barba muito alvas — e sempre fardado, de branco — farda impecável — não sabia ler. Mas como toda a gente lia no trem, ele comprou "A República" e começou a olhá-la gravemente de cabeça para baixo... Um conhecido passando por ele, comenta com malícia:

— Lendo o jornal de cabeça para baixo, cabo Guedes!

— Não — acudiu ele sem hesitação. Já li ele todo: agora estava **dislendo**...

Na cadeirinha de palhinha que rodava, eu me ajoelhava para ver a paisagem que corria, interminável, diante da portinhola do trem: Sapé, Estiva, Goianinha, Penha, Piquiri, Vila Nova, Montanha, Nova Cruz — onde publiquei o meu primeiro jornal — "O Independente" — que sei eu! Tomavam-se os cavalos na Penha — e era então a marcha lerda e encantadora para o engenho de Tio Totonio, para a casa



Labim/UFRN

acolhedora e generosa de tio Bentinho, para os passeios ao Canto, em cavalos de pau, para a faina da moagem, para as farinhadas, para os banhos de rio... Felizes dias, os do Paul e da Barraca. Felizes, despreocupados e livres!

Revendo outras paisagens reconquistadas ao esquecimento, parto noutros roteiros da minha infância. Na lanchinha "Julita" de mestre Antônio subo o Potengi, ou na bela lancha de Chico Brito atravesso as marolas inquietas de Periquito, contemplo o Refoles, a Aldeia Velha, Mangabeira, as Quintas, Guarapes, e Ferreiro Torto, e desembarco feliz em Macaíba, terra de Auta de Souza, para ver Joca Leiros tocar trombone, e tomar banho na Marezinha e no sítio do delegado Zé Ribeiro, e contemplar, curioso, aquela Feira incomparável: alegre, colorida, movimentada... Monto a cavalo, e, parto com Tio Maneco para o alto sertão — seis dias de viagem — deixo de lado Panelas, Caiada, Cajazeiras, subo a Serra do Doutor; almoço na Fazenda de D. Mariquinha Pegado, janto na casa de Gonzaga Galvão em Currais Novos, sigo pro Acarí, contemplo de longe o paliteiro de pedra da Gargalheira, contorno o açude da Ramada, vou parar em Parelhas, diante do Boqueirão da Borborema... Quem acaso pode esquecer o ronco festivo de uma cheia no rio Seridó, poderosa e fugaz? E a ressurreição vegetal das primeiras chuvas? Os comboios de algodão vão marcando de branco nos marmeleiros da estrada o seu roteiro. E nos pousos do Seridó, à noite, entre a carne sêca com farofa e a coalhada escorrida, comentam-se com voz saturna de mêdo as façanhas de Antônio Silvino... Jardim do Seridó, com sua linda igrejinha na colina, Caicó, grave e ilustre, Parelhas, nova em fôlha, de telhas sempre vermelhas... Que inveja de Cotia, que tocava trompa na Filarmônica, e de Manoel das Virgens, que tocava piston... A casa do Coronel João Felismino, pai do poeta Otoniel Menezes, era a casa mais bonita do lugar — e como era enfeitada e pretenciosa aquela casa vermelha! Mas quando chovia, era dôce tomar banho em baixo dos jacarés de boca escancarada do seu telhado! Aquilo era o sertão de espinho e de flôr — o Seridó: coração de minha terra, leal, ardente e rude. Mas, quando não chovia era ali que morava a fome, a miséria, o infinito sofrimento do povo. O sertão que o poeta cantou:

Sertão selvagem, de Euclydes!
prosaicamente, progrides,
— mas, nada te corrompeu!
Paraiso de minha infância,
ingênuo como uma estância,
de Casimiro de Abreu!



Labim/UFRN

Touceira de xique-xique.
Cercadão de pau-a-pique.
Dez léguas de tombador...
Mar de penasco dourado
Bogarí, cravo encarnado.
Sertão de espinho e de flor.

Do outro lado, lá para traz da Serra de Sant'Ana — linha azul no horizonte limpo — está Angicos, ao pé do Cabugi... Terra de J. da Penha — paisagem áspera e bela, gente forte e destemida, mas de uma envolvente doçura. E descendo, pela Central, lá vem Lages, Baixa Verde, e Ceará-Mirim, terra de minha avó, vale verde, de terras gordas e ricas... Extremoz, onde ainda ressoam os sinos do carro caído, com suas lendas e seus mistérios. E a Aldeia Velha, e o Potengí largo e manso, e de novo Natal!

Natal para mim é História e Poesia — sentimento dramático dos conflitos sociais, dos sofrimentos do povo, dos sonhos de liberdade: a revolução de 17, as campanhas da Abolição e da República, as revoluções de 30 e 35. (André de Albuquerque, Pedro Velho, Zé da Penha)...e seu sentido precursor nas conquistas sociais e culturais (A Escola Doméstica, sonho de Henrique Castriciano, os escoteiros do Alecrim, de Luiz Soares); a graça esquiva das moças cantando e amando, os poetas natalenses amando e cantando, e os seresteiros (Eronides França, Luiz Avila, Aristoteles Costa), cantando à porta das namoradas, sob as estrêlas, versos de Itajubá, de Gotardo, de Auta de Souza...

Quando eu voltar para estancar as máguas
Antes que cesse o peso das fadigas,
Correi jangadas que boiais nas águas,
Cantai, marujos, quero ouvir cantigas...

O poeta tem razão. O nosso maior bem é esse: carregar por todas as terras e por todos os mares uma obsessão afetiva, protetora fiel da ingenuidade morta...

É essa Provincia submersa, como dizia o proustiano Otacílio Alecrim, que eu hoje reencontro aqui, para a ternura filial do meu amor.

E tudo isso — a mitologia emocional da minha infância — visita assiduamente, densa e viva — Pussanga. Matupá, as minhas histórias da Amazônia, cujos tipos, costumes, folclore do sertão e do agreste — são as mais ricas substâncias do meu fabulário... Nunca esqueci — nem nas voltas de minha vida, nem nos passos ficcionais da minha obra — a vivência longinqua da infância — a terra e a gente do meu coração.

**(*) Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 5 de dezembro de 1970.**



Labim/UFRN

## SAUDAÇÃO A PEREGRINO JÚNIOR (*)

*Paulo Pinheiro de Viveiros*

"O Sr. está mas é muito enganado! A Paraíba, depois que o dr. Epitácio assumiu a Presidência da República, tem progredido extraordinariamente e, hoje, a não ser o Rio...

Sorri melancólico, com uma confissão silenciosa de derrota nos olhos. Quedara-me solitário e humilhado porque Natal que, naquele tempo ainda não havia recebido a visita do progresso ianque e ainda não possuia a Base de Parnamirim, ficava sendo afinal a única cidade humilde e modesta do Brasil, sem pretensões e sem glórias... Mas, o bairrismo, dentro de mim, recompunha-lhe com ternura comovida — com a particular ternura com que se recorda uma mãe humilde e pobre ou um filhinho feio e doente — na emoção daquele encontro na distância e no tempo — a fisionomia alegre e pitoresca. E revendo-a de longe, eu recapitulava tudo o que ela possuia de melhor e de mais belo para os meus olhos enternecidos, tudo aquilo — que espelhava as graças peculiares de minha terra — as brancas praias empolgadas de dunas e embandeiradas de coqueiros; os vales festivos onde os canaviais ondulam ao vento; as ásperas serras em cujas garupas de granito, o panasco põe uma carícia verde de veludo; os santos, como João Maria e Sinfrônio Barreto; os heróis, como Camarão e Miguelinho; os poetas, como Auta, Segundo, Gotardo e Itajubá. Doces lembranças revoam no nosso espírito e o nosso coração se dilata, cheio de vozes familiares... A nossa pequena e querida terra que hoje, aliás, como naquele instante, de novo evoco eternecidamente, nunca está, na verdade, longe de nós, porque a temos sempre no coração, presente e palpitante. E' que lá ressoam as doces falas da nossa gente, se perdem as melhores recordações da nossa infância, dormem os nossos mortos queridos, vivem, heróicas e belas, as tradições dos nossos maiores, a esperança e o labor dos nossos irmãos".



Labim/UFRN

Estas palavras, meu caro Peregrino, foram suas, há 24 anos passados, quando você discursava, por ocasião de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, onde toda a sua ternura e emoção brotavam, em homenagem à sua cidade distante.

Recordo-as, num momento como este, de fundo emocional, ao seu reencontro com os pagos provincianos, num crisma espiritual e intelectual de verdadeira consagração:

E muito mais de espírito! Porque você jamais esqueceu a sua cidade, sempre lembrada e querida, quer na mocidade trabalhada, sofrida e inquieta, quer no outono hibernal dos cabelos brancos que a glória cobriu de louros e vitórias.

Foi este o constante destino de seu pórtico intelectual: na Suprema Academia, sentando-se na poltrona 18 que pertenceu sucessivamente a José Veríssimo, Homem de Mélo, Alberto Faria e Pereira da Silva, todos formados "no amor da terra e na intimidade do solo brasileiro". E, agora, na humildade regional desta casa, igual a Humberto Dantas, pela distância física das origens que fez aumentar, no perpassar dos anos, o carinho e a lembrança afetiva ao gostoso e primitivo mundo da infância a que você foi sempre fiel, como Renan, dos "Souvenirs d' enfance et de Jeunesse" e Joaquim Nabuco, de "Minha Formação".

Sua presença a esta solenidade não significa uma consagração, porque esta já se incorporou ao seu mundo intelectual, mas simplesmente uma volta ao passado, na recordação de uma família que nunca se envergonhou de ser pobre, porém que envaidece à descendência, pela nobreza de atitudes e pelos princípios ancestrais de honestidade e de bom comportamento.

Quem não conhece, pelo menos por tradição histórica, já que o tempo se prolongou muito na distância, a pessoa do padre Vigário Bartolomeu, seu tio avô, homem maçon, integrado nas características do seu tempo, das lutas locais e que nunca perdeu, porem, a sua fé sacerdotal! Dele, não tenho memória pessoal.

Mas, eu me recordo das venerandas figuras de Salustiano e do seu pai, João Peregrino, dois irmãos. O primeiro — um cartorário da cidade, vinculado à sua época, num trabalho meticuloso da vida forense, ali na rua da Palha cuja casa humilde o tempo devorou. O segundo — o viandante da Cidade Alta onde residiam as famílias de mérito daquele tempo, o morador da Rua da Palha, da rua dos Tocos e das Laranjeiras, magro, baixo, aspecto sereno, de andar vigoroso e sempre com um sorriso a lhe aflorar aos lábios.

Foi meu professor de português; era amigo e companheiro de meu pai, ambos num mesmo balcão, servidores da coisa pública federal.



Labim/UFRN

Diariamente, para receber os seus ensinamentos, eu o encontrava, à tarde, no velho sítio do capitão Miguel Seabra, seu avô materno, cobrindo com um casario bucólico, o espaço de um quarteirão, o campo de sua meninice, entre as ruas Mossoró e Mipibu e as avenidas Campos Sales e Prudente de Morais. Tudo isto, o tempo destruiu e afogou nas novas linhas da sua bonita cidade deste fim do século presente.

Este foi o quadro feliz onde se desenvolveu uma honrada família da qual você promanou, com os outros seis irmãos, garridos e saltitantes, do sítio do Tirol cujo panorama, nos meses de férias escolares, era substituido pela fluente natureza da propriedade "Paúl", do outro seu avô, na Penha.

Recordo-lhe uma circunstância que você, certamente, não esquece, a de que nasceu em Natal e viveu neste ambiênte; vocação mata de jornalista; daqueles primeiros jornais, a manuscrito, na companhia de Tuyuty, seu irmão, e de Antônio Fagundes, seu parente fraterno, incorporador desta Academia; o "Tempo" e "O Dia", dos seus doze anos; das festas religiosas, no sitio, de Natal, em que você aparecia como padre, celebrando missa e fazendo sermões, imitando os gestos e a voz do Padre Calazans, seu padrinho de crisma; com Tuyuty, como sacristão, fabricando o vinho com açúcar mourenho e Fagundes e outros acólitos, companheiros seus.

E da sua formação intelectual, no Colégio Santo Antônio, do cônego Irineu Jofely; do Atheneu, de Pinto de Abreu; da Escola Normal onde você revelou toda a sua inquietação juvenil; do Gremio Literário "Frei Miguelinho", com Adauto e Mário Câmara, filhos do professor Teodolo, Garibaldi Dantas, irmão de Cristóvão e de Humberto aos quais você sucede nesta Casa, Flodoaldo de Góis, Omar Navarro, Joaquim Pinheiro de Freitas e Abelardo Barros ("Beleza").

Tudo isto é o mundo ilusório de sua vida em formação e que agora, neste reencontro, é preciso ser lembrado aos seus conteráneos de hoje.

Você já pensou, nestes momentos felizes, naquela mulher magra, alta, inteligente, sem grande cultura, porém possuidora de uma extraordinária vivacidade, tão cedo falecida? Ela se chamava Cornélia Seabra — d. Déa — filha do major Seabra, da Polícia Militar de Natal, e de cujas entranhas você nasceu, tão nobre quanto a sua companheira que buscou no Ceará e que lhe deu também filhos que você fazia adormecer, ao embalo das histórias do sítio "Paúl", deitadas, com a sua imaginação criadora, aos ouvidos tenros da prole de que tanto se orgulha.

Sua outra vida já não possui a alacridade dos tempos primitivos; é a do odontólogo sofrido, de Belém do Pará para onde



Labim/UFRN

se foi e do redator da "Folha do Norte"; depois, o médico do Rio de Janeiro, colaborador de "Careta", do verdadeiro profissional e do brilhante intelectual, imortalizado na Academia Suprema a que também pertencera um outro norte-riograndense — Rodolfo Garcia.

Alí, sua vida bifurcou-se entre o profissional responsável e o homem de letras.

A imagem que projetou como médico não foi somente a do titular que firma receitas e atende, com paciência beneditina, aos portadores dos males corporais. Ela está na presença do professor emérito da Universidade do Brasil, de projeção Internacional e na do escritor especializado que pesquisa doenças e remédios, através daquela literatura que nós leigos não compreendemos, instruida de conceitos formulados com aqueles nomes bonitos, a nos impressionarem, à procura do elixir da longa vida: Biotipologia e Educação, Valores Patológicos da Pressão Arterial no Brasil, Tireóide, Patologia e Clínica, Stress e Sindrome Geral da Adaptação, Test de Thorn e suas aplicações Clínicas, Metabolismo Basal e Colesterolemia nos distúrbios tireodianos.

Por conseguinte, você foi um homem útil, pelo estudo de sua profissão, ao seu povo e ao seu Governo. Você serviu ao país, no combate às doenças e na exploração do campo científico nacional. E na sua idade veneranda, ninguém lhe usurpará essa glória.

No literário e jornalístico, já agora é o curador das almas, pelo montão de deliciosas produções que enlevam o espírito quando lidas.

Como encanta a leitura suave daquele Natal na Amazônia:

> "Já urrou, já urrou
> O meu boi de fama que Chico matou.
> Mas, o Natal do caboclo que vive largado e só na barranca dos grandes rios paludais é melancólico. Que funda e soturna poesia, a desse Natal sem missa e sem festa: o Natal da Amazônia em verdade não existe: porque na Amazônia não há noite de festa. E' um pouco surrealista também. O caboclo paraense, largado sozinho, na beira dos rios de fundas, esconde, na intimidade do coração, uma estranha poesia e o seu Natal, embora tocado dessa estranha e grave poesia, não tem missa, nem alegria".

Mergulhado, a princípio, nos preceitos filosóficos e na leitura de Nietzche e Bergson, sua formação cultural se concentra, depois, nos portuguêses, nos românticos Herculano, Garret e



Labim/UFRN

Castilho, além de pesquisar a obra dos quinhentistas. Daí, a sua produção estilizada, firmada através de uma bibliografia incontável a que se juntam, entre outras publicações, Jardim da Melancolia, Cangaceiro, Zé Favela, Pussanga, Histórias do Amazonas, O Tempo Interior na Poesia Brasileira, Movimento Modernista, Origem e Evolução do Simbolismo e Mata Submersa

Quando estudou Pereira da Silva, no discurso acadêmico de 1946, a página sobre simbolista e os caminhos do simbolismo no Brasil, retrata a fidelidade do seu aguçado espírito crítico-literário, sobre o qual Américo de Oliveira assim se expressou, num comentário sutil de uma página de jornal: "E assim vai o sr. Peregrino Junior, na sua evocação do poeta morto — de sua infância, da sua juventude, da sua maturidade e do seu fim de jornada, melancólico fim de jornada, de quem teve a irremediável situação do marginal da vida".

Ora, meu caro Peregrino, a essa altura, você deve estar cheio de elogios, partidos de um homem de pouca convivência com a sua personalidade. Talvez a sua escolha para que eu o recebesse, nesta Academia, tenha se originado dessa distância entre nós dois, à procura de quem, por tais motivos, fosse insuspeito para falar sobre você

Mas, de tudo quanto disse, dois argumentos conclusivos podem ser, agora, por nós ambos, apreciados: primeiro, se alguém é culpado pelos momentos presentes que ferem a sua sensibilidade e a sua modestia, não sou eu, e sim você que volta ao Estado para esse reencontro com os intelectuais provincianos de sua terra, sob a imensa folha de serviços que ornam a sua personalidade. Segundo: falei menos para você e muito mais para os que, em prestígio à sua presença aqui vieram para esta homenagem ao cidadão natalense, ávidos também para conhecerem o seu valor intelectual e profissional, sua pessoa e a história daquele menino distante, que fazia versos e discursos, celebrava missas sem ser padre e brigava com professores.

Sua vida já está distante dos primitivos tempos de sua infância. Não se assuste, porém, porque não revelarei a sua idade; quem por ela possa interessar-se, que pesquise em outros lugares.

Mas, a essa altura, sei que você não apreciará o sítio "Paúl", descobrindo nele a cor verde da paisagem de sua mocidade; ele, por tão longe que está no tempo de sua constante presença material, tem outra tonalidade diferente: menos agressiva ao olhar e ao coração.

Entre ele e você, passou o tempo dos anos vividos; ele muito e muito mais velho do que seus cabelos prateados.



Labim/UFRN

A tonalidade é outra bem diversa do verde de suas matas, dos seus cajueiros, das suas mangueiras e das árvores silvestres.

A distância, o afastamento, a longevidade farão com que você o veja azulado, entre azul e cinza; a cinza do tempo e o azul dos horizontes.

A este azul que é eternidade, vai a evocação do passado que os seus novos pares desta Casa, pelos presentes e pelos que virem no futuro, sempre lembrarão, do intelectual feito longe de sua cidade, hoje de braços abertos para recebê-lo, estimá-lo e bendizê-lo, como quem volta à casa dos avós para rever e amar por todo o sempre.

Nós saudamos, com reverência e alegria, o fulgurante irmão da inteligência potiguar.

---

**(*) Discurso de saudação ao acadêmico Peregrino Júnior, por ocasião da sua posse na Cadeira N.º 9, do dia 5 de dezembro de 1970.**



Labim/UFRN

## IMAGEM DA MULHER (*)

## FRANCISCO FAUSTO DE SOUSA E TÉRCIO ROSADO MAIA

*João Batista Cascudo Rodrigues*

SENHORES ACADÊMICOS:

Não desejastes — creio como primeira intuição — fixar o longe-perto de minha distância próxima de vós, até que este encontro me trouxesse à vossa ilustre companhia, a partir de agora. Malgrado a vossa paciência, em quase quatro anos de espera desde abril de 1967, — oh o tempo já vencido — sentida por mim e sem ter dela o mais leve esquecimento,não me achei ao abrigo da certeza do motivo circunstancial para o ingresso não mediato nesta Academia. Razões isoladas — talvez somente silenciosas para vós outros, estenderam a hesitação de inúmeros meses e até anos, formando um ciclo crítico de indefinição.

Dolorosa situação em que estive a tentar a via larga de outra oportunidade, como que pudesse descobrí-la — à frente, com mais adequada perspectiva, em dimensão plenamente ajustada ao fator causal mais convincente e de evidência inocultável em minha exigente expectativa.

Nenhuma resistência do meu espírito à prática do ato confessional de tornar-me acadêmico — seria a própria barreira para o acerto final com o Presidente Manuel Rodrigues de Melo, de todos vós o mais sequioso de obter o sinal verdadeiro da minha vitória única de estar convosco.

Não nego, pois, "a existência em mim de uma academabilidade", revelada na confissão de Mestre Gilberto Amado, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, destituindo-me, no entanto, da "vocação" reconhecida pelo rapaz de Sergipe", como se intitulou, e da qual — podia dizer — que, cinquenta anos depois, "já não se lembrava mais", no momento de sua ratificação.



Labim/UFRN

É tempo de afirmar que elementos referenciais não faltaram à base da decisão seguidamente transferida. Setembro de 1970: a 6 — centenário do sufrágio feminino nos Estados Unidos da América do Norte e no mundo; a 8 — primeiro decênio da perda definitiva de Tércio Rosado Maia e por quem falo, nesta hora, igual a de toda a sua "febre apostolar", como fundador desta cadeira n.º 32 e que se "encantou" — no horizonte apontado por Guimarães Rosa, antes do seu batismo acadêmico.

Em sentido excepcional, fluiam os cem anos da elevação de Mossoró ao predicamento de cidade, por todo um ano de motivação aberta e expressividade constante, em cuja marca haveria de permanecer impressa a solenidade com que a Casa de Henrique Castriciano acolhe quem — já identificado por vossa revista — como portador de mobilidade por excelência.

Depois, no outro ano nascente — o primeiro do novo século de vida urbana de Mossoró, a 14 de janeiro — os quatro decênios da morte de Francisco Fausto de Souza — Patrono da cadeira que assumo neste instante, e — à vista — este 8 de março, comemorativo do 61.º aniversário da instituição do "dia internacional da mulher".

Aderí, por fim, ao fato coletivo, profundamente inserido no interêsse social, económico, político e religioso da história de todas as gentes. Em síntese, a consagração universal que se credita à mulher, base e motivo da contribuição de conteúdo jurídico-sociológico oferecida pelo autor mossoroense que a vossa benemerência introduz como titular de uma posição acadêmica em nosso Estado.

## IMAGEM DA MULHER

Possível que seja ainda sublinhar os "encargos históricos" conferidos às mulheres, cabe com justeza a reprodução da pergunta lançada pela antropóloga Margareth Mead: "que houve com aquelas funções que sempre pertenceram a elas — cuidar dos jovens, tratar dos enfermos, preparar os mortos, assistir mulheres que dão à luz, confortar os que padecem, aquietar as desordens, acalmar os coléricos com delicadeza e sabedoria e, muitas vezes, escolher uma vida de isolamento devotada a Deus ou aos filhos de Deus?" Se tal enumeração "parece estranha e antiquada", a linguagem em si mesma já não se compadece com o interêsse de participação total da mulher e não apenas sua emancipação, em suas formas mais especializadas.

Desligou-se de qualquer embasamento científico e moderno a conceituação freudiana da "passividade" feminina e "atividade" masculina, como característica de diferenciação biológica dos sexos. Ainda agora, a falsa interpretação da teoria psicanalítica constitui



Labim/UFRN

elemento de fermentação de predisposto antifeminismo, ou antimachismo, — em sua manifestação extrema — notadamente nos países desenvolvidos. Não obsta isso que se torne crescente a adesão à corrente dominante do determinismo cultural, condicionando-se a mulher a um papel equivalente no campo da criatividade humana e contribuição esperada em todas as áreas do conhecimento

Há pouco mais de cinquenta anos, a mulher norte-americana obtinha o direito de emancipação política. Na celebração dessa conquista fundamental, o movimento feminista daquele país agudizou o relacionamento de significação antagônica entre homens e mulheres a tal ponto, que — apenas três meses decorridos — uma analista do prisma cultural, biológico e das funções sexuais, na sociedade norte-americana, vinha a público reconhecer ter sido "tão precipitada a recente aceitação da idéia de vencimentos iguais para igual trabalho e promoção igual para méritos iguais" que chegava "a suspeitar de que a causa dos direitos profissionais femininos esteja tendo tão franca acolhida como um meio de protelar a necessidade de examinar mais de perto certos aspectos ainda mais perturbadores da relação entre os sexos". E acrescenta a escritora Diana Trilling, pensando "pessoalmente que, por exemplo, será grande o dia em que as mulheres conseguirem cátedras nas universidades, em equiparação de condições com os homens, mas será ainda maior o dia em que, sem derramamento de sangue ou fanfarras, nas nossas salas de estar, as mulheres recebam tanto crédito e atenção quanto os homens têm quando emitem uma opinião contrária a uma idéia ou a uma pessoa!".

O apelo à teoria freudiana tem se esmaecido em sua repercussão, por força de sua inserção no próprio contexto histórico-cultural da época em que se fez a constatação diferencial já referida. Reduzido à visão final do período vitoriano e ao quadrante europeu, difícil não será concluir de forma igualmente limitada a determinados aspectos geoculturais. A posição da mulher — estabelecida formalmente em grau de dependência relacionada com o homem — admite situações gradativas e diversas, às vezes irrelacionadas entre povos ou estágios de cultura. O maior ou menor grau de participação agressiva da mulher — ao contrário — está correlacionado com o enquadramento regulador do sistema econômico, e não sob o império do direito natural, por mais que se recorra a uma explicação extensiva à natureza sexual.

A "mulher complexa" — definida pelo Simpósio sobre "O Potencial da Mulher", promovido pela Universidade da Califórnia — oferta energias agressivas que são sublinhadas em "atividades criativas, ou em trabalho, e que só entra em competição com o mundo externo".



Labim/UFRN

afirmei que minha contribuição seria somada a favor da quebra da barreira acadêmica, no plano nacional. E sorriu — satisfeito — mansa e longamente, ao tempo que eu fazia a conclusão de meu testemunho, quase sob juramento em sua presença. "No meu discurso de posse na Academia Norte-riograndense de Letras, um capítulo será reservado à mulher e a esse episódio em particular". Respondeu-me, finalmente, ainda sorrindo: "Vou dizer a Dinah, sobre a sua ajuda, ao lado da minha, com a sugestão de alterar a lei sobre provimento de cargos". E continuou, em passo apressado, como a ele também eu chegara.

A decisão da Academia Brasileira de Letras é prevista para este mês. O acadêmico Odilo Costa filho, ao ser empossado, feriu a questão, em termos contundentes, na defesa do ingresso de Dinah e outras candidatas femininas. Assisti à explosão genial do "menino de ouro de quem os velhos gostavam", no grande salão da Casa Machadiana, com a presença da autora de "Floradas na Serra".

Não creio que a Academia seja, afinal, mais conservadora do que a mulher, que já não o é, nem venha a provar a inferioridade das características biológicas do sexo feminino, após o governo norte-americano ter premiado duas brasileiras na demonstração da resistência física, persuasivamente satisfatória em ambiente marinho de considerável e comprovada profundidade.

Se um procedimento tão obscurantista tivesse prevalência sobre a renovação espiritual dominante na "casa do mais universal dos nossos escritores" — na expressão grandiosa de Mestre Alceu de Amoroso Lima e se tanto fosse viável no milagre antecipado da ressurreição física de Mestre Gilberto Amado, o seu Xinduba vivo e teimoso de Itaporanga talvez pudesse repetir o julgamento insolente com que a molestou, há quase meio século: "Conselho Municipal de Literatura".

Sem ironia nem malícia, cairia o novo — antigo epíteto pouco ajustado à Academia, "grande Vestal" e que — ainda como queria Nabuco — não se pôde ainda transformar no "órgão de expressão literária mas também do próprio instinto da Nação à procura do seu gênio e da sua originalidade". Certo é que ela EXISTE — meia centena de anos depois — proclamou robustamente o acadêmico Gilberto Amado. E somente acolhendo a mulher no seu quadro de eleitos — perdida e irrecuperável está a orginalidade nacional, pois de marca provinciana registrada em alguns Estados, nas pequenas Academias — ela existirá "imensamente, para o povo brasileiro", e ficará "no centro de suas crenças".



Labim/UFRN

## MICRO-HISTÓRIA E LITERATURA LOCAL

No manuseio de tantas informações — em livro, jornal ou de oralidade viva, arrisco-me a penetrar na vida — com todas as aflições, desenganos e incompreensões — dos velhos cronistas que acenderam o interesse pelo local e/ou regional em páginas existencializadas de sua história.

O gosto pelo documento vário e disperso, acumulado pelo fareiador de material, para o que se particularizava na simples notícia ou se adensava de conteúdo permanente: o fato histórico. A busca inusitada de poucos, empenhando o feixe documental — de informação nem sempre esclarecedora e nítida, no empenho de "confirmar a advinhação", que preocupava Capistrano de Abreu. Aquela partida de todos, na orígem indicada pelo Acadêmico José Honório Rodrigues — "de uma leitura incansável e de um extraordinário poder de intuição".

São esses os elementos básicos da própria "recriação", pela história que reergue "um mundo vivido, sofrido ou aproveitado".

Francisco Fausto de Souza foi um desses anotadores de textos de livros de tombo, visitação religiosa ou civil, exploradores de fontes inacessíveis ao conhecimento comum, um fazedor da crônica viva dos pioneiros da terra e sem problemas iniciais.

Nos arquivos mudos e esquecidos pelos seus contemporâneos, viveu e sentiu o ambiente da comunicação informe do banal, do cotidiano, em busca de valorização e movimento.

A escola de Capistrano — todos autodidatas — abrigou tantos e inesquecíveis escrevinhadores do sertão, nos jornais subprovincianos, atentos também à atração dos homens de uma geração bipartida — com doutores e literatos, que "cresceram com a palavra Nordeste nos ouvidos e nos lábios". Pela precisão de conceitos e análise debuxada de Mestre Gilberto Amado, mais uma vez, falavam todos "das secas e das suas obras, em termos de ansiedade e imediação".



Labim/UFRN

Os precursores e alguns contemporâneos dessa quadra — seguidores humildes e sem brilho do próprio caminho, em seus escritos da micro—história ou literatura local — respondiam como Francisco Fausto de Souza, Nonato Mota e Manuel Antonio Coriolano de Oliveira, nos jornais "O Mossoroense" e "Comércio de Mossoró" e aqueles outros lembrados carinhosamente por meu recipiendário Raimundo Nonato — Palmério Filho, do Açu, Martins de Vasconcelos, já no seu fumegante "O Nordeste", em Mossoró, Joaquim Correia, em Pau dos Ferros, Professor Adrião Melo, em Augusto Severo, Hugolino de Oliveira, em Caraúbas, João Onofre, em Martins e Olegário Vale, em Caicó, "nomes que atestam capacidades intelectuais, incentivadores do pensamento e das letras, que, em épocas mais ou menos remotas, contribuiram, realmente para a formação de uma mentalidade que deu assinaladas provas de sua existência no tempo de uma geração que não foi de tudo perdida".

**O "Pai da História de Mossoró" — O Patrono**

Deve-se a Luis da Câmara Cascudo o rebatismo de Francisco Fausto de Souza, como sendo ele o procriador do conhecimento da história local e em Francisco Romão Filgueira o seu "homem-arquivo".

O "pai da história mossoroense" nascera um ano depois do "último abolicionista", em 1861, tornando-se este a sua "biblioteca viva", aquela "ressurreição de figuras, fatos, sucessos, anedotás evocadas com graça, verve e colorido", no saber autêntico de Mestre Cascudo, acadêmico fundador desta Casa.

Fausto, de seu lado, mergulhou fundo nas raízes da genealogia local e regional, produzindo trabalhos sucessivos e variados que o "Boletim Bibliográfico" e a "Coleção Mossoroense" instituídos pelo plano cultural do Prefeito Dix-Sept Rosado com a animação central e radiosa de Vingt-un Rosado — em gestos, palavras e ações junto aos Prefeitos mossoroenses, durante vinte anos — publicaram amplamente. As famílias Camboa, Alves de Oliveira, Ausentes, Freitas Costa e Guilherme de Melo são conduzidas às suas orígens pelo facho aceso na mão segura do genealogista mossoroense do sítio Pintos, nos arredores da cidade. O primeiro desses trabalhos abre a "Coleção Mossoroense", entre os da Série A (mimeografados). Tais apontamentos genealógicos cobrem, respectivamente, páginas de outra publicação do Museu Municipal e Biblioteca Pública de Mossoró, no movimento editorial mais bem organizado do interior do Brasil, no julgamento consagrador de Waldemar Cavalcanti; o "Boletim" referido, em seus números 13 e 14, de junho e julho e 1949. A última das contribuições valiosas já citadas — para



Labim/UFRN

a identificação dos grupos humanos fixados em Mossoró, no seu período colonial, está contida no número 13 da série "B" (folhetos) da Coleção Mossoroense, com mais de 120 publicações, afora os 153 números do "Boletim Bibliográfico" e 21 livros impressos na série C, todo esse acervo constitutivo da "Lição de Mossoró", para "Prefeitos municipais, intelectuais e estudiosos do interior", no depoimento expressivo do Prof. Glaucio Veiga, da Universidade Federal de Pernambuco.

No campo da micro-história alarga-se, aprofunda-se e desdobra-se a visão do pesquisador constante e sutil, em tantas direções. O antigo funcionário público, em seu Estado e no Amazonas, excluía-se por deliberação pessoal, do serviço governamental, decerto não para ficar livre de "alunos ignorantes e desatentos", como ocorrera com a disponibilidade de Capistrano. Em sequência cronológica, estagiaria como Escrivão da Coletoria de Rendas Gerais (1881-1883), Agente da Mesa de Rendas Gerais (1883-1888), Procurador das Rendas do Mercado Público, Secretário da Câmara Municipal, Agente do Correio, Coletor de Rendas Gerais, Secretário da Intendência, Delegado de Polícia, em Mossoró, Amanuense da Secretaria do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas (6.9.1894) e Secretário Interino do mesmo Tribunal.

É outra vez Raimundo Nonato quem toma a palavra para o registro marcante, em toda a sua extensão:

"Sem as preocupações ou relutâncias que afogam os vaidosos, a ação revolucionária do cronista mossoroense, cedo passaria à superfície mais ou menos tranquila dos homens de sua geração, para sobrepor-se, mesmo no lado econômico, à importância das emprêsas, das grandes firmas comerciais, que via nascer o advento do ano de 1894, muitas projetadas pelos primeiros quartéis do século XX, para tomar um sentido de vanguardeiro, deixando seu nome ligado ao itinerário das pesquisas históricas, num trabalho duradouro e de legítimo pioneirismo, que se circunscreve, de modo considerável, às comunidades de Mossoró e de Areia Branca".

Com ação militante na vida partidária do Estado, Francisco Fausto, após tentar a atividade salineira como produtor, elegeu-se deputado estadual e cumpriu seu mandato nos períodos de 1898—1900, 1910—1912, 1916—1917, 1921—22, 1927—29 e Presidente da Intendência de 1914—28, além de Prefeito (1929—8.10.30), em Areia Branca.

Nessa larga faixa, pouco se colhe a respeito do político e legislador, exceto como administrador municipal com as marcas que



Labim/UFRN

fixou em sua segunda terra. Parecia não gostar de dizer de si mesmo, senão raras notas relativamente à sua atuação no Congresso Legislativo do Estado, assumindo posição contrária ao governo, na constituição de contrato monopolista para a indústria salineira.

Se em pequeno hiato, não se pode ver plenamente o trabalho do parlamentar, ainda em 1908, em 20 de setembro, aparece assinando uma coluna do "Comércio de Mossoró, n.º 226, intitulada — "Para a História" e versando sobre "Apontamentos históricos da freguesia de Mossoró, fundada pelo Sargento Mor Antonio de Souza Machado".

Efetivamente, o rumo de seus escritos, crônicas e colaborações na imprensa de Mossoró se dirigia "para a História", de então em diante. Coronel Comandante da 22a. Brigada da Guarda Nacional, sediada em Areia Branca, ainda em 1914, a 15 de fevereiro, é distinguido como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Naquele vôo dos vinte anos mais próximos, Fausto começara por situar a tradição dos primeiros "Negociantes e Moradores (Mossoró e suas velhas firmas)", referidos no trabalho de Raimundo Nonato. E fornece o roteiro básico de descobrimento das incipientes transações do ciclo mercantilista de Mossoró, indicando que "alguns habitantes do lugar iam por esses tempos a Pernambuco (a princípio compradores no Aracati) por terra e dali traziam algumas cargas de fazendas, que por ocasião da partida para aquela praça despediam-se da família e dos amigos até dia de Juízo tão arriscada consideravam a travessia". E cada vez lhe brotava o sentido exato do historiador, citando os nomes do criador Antonio Gomes da Mota e de Manuel Rodrigues Pereira, prefixando o ano (1845) em que se estabeleceu, em Mossoró, Joaquim Nogueira da Costa com uma padaria (a 1a. que teve Mossoró), vindo de Aracati",... e velocidade inicial da expansão do subsetor de produtos alimentares do seu parque industrial, na inversão operada de maior praça da província em comércio para a mais pujante no setor secundário dos dias atuais.

Dessa época vincada e coincidentemente **faustosa** que resta? No plano material, o traço mais saliente e guardado na fisionomia urbana de Mossoró é o sobradinho do inesquecível Joaquim Nogueira, na praça da Redenção, e "pioneira das casas assombradas" — como tentou salvar a sua própria história o relojoeiro e etnógrafo José Maria Gonçalves Guerra. Lá, sim, na geografia viva daquela praça — que é o "forum cívico do Rio Grande do Norte",



Labim/UFRN

como a crismou Edgar Barbosa, com a figura dominante da Mulher-Liberdade, o velho sobrado do primeiro industrial de Mossoró, em sua chateza circundante — tantas vezes com o seu destino transformado — oferece o abrigo às explosões do Trinta de Setembro e acolhe, com a sua utilidade vencedora do tempo, quantas instituições de menimos — como a Casa de Menores Mário Negócio e agora os jovens técnicos da ANCAR — Mossoró.

No mais, não forço a pergunta insistente: que há de ser presente desta repetida **era faustosa**, senão as imortais clareiras, abertas documentalmente por Fausto a todos nós — Câmara Cascudo, Vingt-un Rosado, Raimundo Nonato, Conego Francisco Sales Cavalcanti, Walter Wanderley, Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas, Raimundo Soares de Souza, Luiz Fausto de Medeiros, Romeu Rebouças, José Leite, Aoem Menescal, Assis Silva e a uns poucos mais apenas.

Os documentos copiados por Fausto, trazendo o seu timbre identificador, constituem **ms** indispensáveis à construção da verdade histórica em Mossoró. Desde as Atas da Câmara Municipal de Mossoró, a partir de 1853 a 1892, com a "fala" do Padre Antonio Freire de Carvalho, na abertura de sua primeira sessão em 24 de janeiro do mencionado ano inicial, todas reproduzidas nesse largo período, por Fausto, às correções sobre o momento de partida para a vida organizada do Município — retificando Manoel Coriolano, do Apodí, no registro da histórica eleição de 1852 — projetadas recentemente, com fidelidade, por Walter Wanderley, em seu Irineu Soter Caio Wanderley — "sendo a mesma para Vereadores da Câmara e Juízes de Paz de Mossoró, e não para eleitores" — na "Breve Notícia sobre a Vida do Padre Antonio Joaquim Rodrigues — Tipografia de O NORDESTE — Mossoró — 2ª edição, 1925"; ou ainda, na recíproca, a estender a mão ao seu confrade apodiense, no tocante "ao engano involuntário quanto à veracidade do nome do seu biografado" — Padre Francisco Longino Guilherme de Melo, o primeiro sacerdote mossoroense, de atribulada memória, mais de setenta anos de vida e quase o mesmo tempo de inimizades locais de caráter violento ou de "psicologia incisiva", na linguagem moderada de Câmara Cascudo.

Antes de Fausto, ninguém assinalara o temperamento afirmativo do mossoroense, desde a posse do seu único vigário colado Antonio Joaquim Rodrigues, filho de Aracatí, sobre cujo ato "o povo do lugar tentou opôr-se à mesma, tornando-se tumultuoso... pois no recinto da Igreja erguiam-se vozes dizendo que não aceitavam o novo vigário; que queriam a continuação do seu vigário velho,



Labim/UFRN

o Padre José Antonio Lopes da Silveira, há quatro anos seu Capelão, muito estimado. Sucedendo que alguns dos mais imprudentes investiram para rasgar a Carta Pastoral que então se lia, conseguiu acalmar os exaltados o Padre Florêncio Gomes de Oliveira, mostrando com a sua aplavra fácil e convincente o erro em que laboravam". De informação significativa, igualmente colhida nas notas escritas pelo "pai da história mossoroense", são aquelas relativas a setembro de 1875, quanto "um grupo de senhoras das mais distintas e respeitáveis famílias da cidade e do município, tendo à frente Ana Rodrigues Braga, também conhecida por Ana Floriano, por ser esposa de Floriano da Rocha Nogueira (pai de Jeremias da Rocha Nogueira), dirigiu-se à casa do Escrivão de Paz e exigindo deste, tomou os papéis e livros concernentes ao sorteio para o exército e armada, rasgando-os. Em seguida, foi o primeiro grupo à redação de O MOSSOROENSE, exigindo do respectivo diretor os papéis que alí, constituindo listas de sorteio, estavam para ser publicados, sendo igualmente rasgadas. Essas senhoras foram acompanhadas em todo esse trajeto por grande massa popular. E ficou nisso".

O diretor do quase centenário "O MOSSOROENSE" — Jornalista Lauro da Escóssia, "que salvou do desaparecimento grande parte dos escritos de Francisco Fausto de Souza", segundo a dedicatória da edição de "Mossoró no Século XIX" — Coleção Mossoroense — Série B (folhetos) n.º 12, dezembro de 1953 — atualizou o seu trabalho, "À guisa da história do município de Areia Branca", inserido no "Boletim Bibliográfico" — n. 95—100 (Abril a Setembro de 1956). O indomável e experimentado Jornalista — há pouco fez ressurgir com Lauro Filho e Danilo, o único órgão informativo diário do interior do Nordeste — sendo descendente direto daquela mulher extraordinária e mãe do "pai da imprensa de Mossoró", — o mencionado Jeremias da Rocha Nogueira, fundador de "O Mossoroense", margeando os noventa e nove anos. Lauro, o velho, recolheu os "Inéditos" de Fausto para o seu jornal iniciar a publicação, em sua 3ª fase, incluindo os documentos copiados do livro de tombo da Capela de Santa Luzia e fazendo a sua cessão a Vingt-un Rosado. "O Boletim Bibliográfico" do n. 1 ao 16, de Setembro de 1948 a Setembro de 1949, em série mimeografada tornou-se o repositório dos fatos da vida local, em quase duzentos anos pesquisados de história religiosa, política, social e econômica pelo primeiro historiador de Mossoró.

É-lhe devido, pelo Rio Grande do Norte, o justo tributo que se contraiu com a elaboração documental de base, paralelamente à de Coriolano de Oliveira (Apodí) para a Questão de Grossos".



Labim/UFRN

Salienta Raimundo Nonato: "Esses subsídios considerados parte do trabalho do Deputado A. Tavares de Lira e do Des. Vicente S. Pereira Lemos — "Apontamentos sobre a Questão de Limites entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte, ingressariam nos argumentos das RAZÕES do Conselheiro Rui Barbosa, para alcançar, no Supremo Tribunal Federal, na qualidade de advogado, a decisão vitoriosa com a qual voltava o Rio Grande do Norte à posse de vasto e rico território, a que o Ceará, inexplicavelmente, disputava a ocupação, embora sem direito certo".

Os mossoroenses do movimento cultural de 1949 — de passagem citados neste discurso — fizeram de Francisco Fausto de Souza um dos Patronos da Biblioteca Pública Municipal, desejada, já em 1913, pelo Farmacêutico Tércio Rosado Maia, seu precursor e porta-voz do ideário de sua organização em "O Mossoroense" daquele dia de Santa Luzia, "a Santa das doces claridades visuais".

## TERCIO ROSADO MAIA — IDEALISTA E HOMEM DE AÇÃO

Ao escrever a memória justificativa de uma Biblioteca Pública para Mossoró, dirigida à Sociedade União Caixeiral, Tércio Rosado Maia contava com pouco mais de 21 anos. Como Fausto, também nascera na área rural do Município. Já se diplomara em Farmácia, pela Escola da Bahia, em 1910. Voltava a Mossoró, donde guardava a imagem de uma infância de angústia, traduzida mais tarde no poemêto "Tuberculose" (1921):

"Ainda mal aberto
Para o sofrimento e para a vida
O meu tristonho olhar errante, incerto
Vieste oh! branca noiva prometida
Pelo destino
E me disseste és meu.
Mas,
N'um milagre de esforço e ternura
O desvelado afeto dos meus pais
Arrancou—me, em caminho
A noite escura
Para onde me levavas
Nos teus braços".

Já adolescente, sobrevém — conta o Prof. Nestor César, "nova e grave investida":



Labim/UFRN

"Repeli-te, porém. N'um amor dos quinze anos
Como um sol a espargir beleza, Vida e Bem
Forças eu fui buscar, com que te resistir
Maravilhas do amor, de insondáveis Arcanos:
Bateram-na. Venci".

Há quinze anos, acompanho o itinerário luminoso de Tércio: como estudante, seu nome estava inscrito com um pequeno artigo nos "Subsídios para a História", do Professor Antonio Gomes de Almeida Barreto, no seu Colégio "7 de Setembro", transferido de Brejo do Cruz para Mossoró em 1900, sob a animação influente do Farmacêutico Jerônimo Rosado, pai do menino articulista. Na minha Aula do Curso de Antropologia Cultural, em 18 de julho de 1956, publicada na Coleção Mossoroense — Série B — (folhetos) n. 38, a respeito daquele "censo pioneiro da Educação Secundária em Mossoró e sua região", evidenciei a marca perene de suas atividades no magistério.

Tércio, realmente, foi sempre o que Raimundo Nonato classificou "Professor e humanista", em suas "Memórias de um Retirante". Recém-formado em Mossoró, exerceu atividades profissionais, na Farmácia de seu pai, que dizia "ter sido a mais movimentada do Estado do seu berço" ainda recorda o Prof. Nestor César, no discurso da homenagem que lhe foi prestada, já quase no fim da vida, pela Sociedade Farmacêutica de Pernambuco.

Em Mossoró, estivesse iniciando a jornada cooperativista, como pioneiro no Rio Grande do Norte, em 1915, sua palavra de mestre precoce guardava sistematicamente, aquela "coisa comovedora" referida por Nilo Pereira: o interêsse que sempre manteve pelo Nordeste. Acrescento: e por Mossoró. Ao tornar-se alma e corpo da "Mossoró Novo" — sindicato rural sertanejo — e a "Sociedade Defesa do Nordeste", após as conferências pronunciadas em Macau, Mossoró e Caraúbas, ambas viveram pelo seu sopro vivificante, reconhecido por Felipe Guerra, jubilosamente.

Tantos anos decorridos — para mais de quarenta — depois da primeira experiência cooperativista em todo o Estado, usando máquinas agrícolas, aprendizagem especializada, da "Beneficente Operária (assistencia médica, educativa, econômica, pelo trabalho e judiciária) e aquela "Defesa do Nordeste", "com sede em Mossoró", propondo-se na fundação de associações congêneres na região das secas", fico a imaginar a dimensão do Homem fora de seu tempo, relembrando as suas próprias palavras:



Labim/UFRN

"Da sociedade mossoroense desse tempo, era figura marcante, o mais culto dos comerciantes locais, o meu particular amigo o Sr. Cunha da Mota, um intelectual absorvido na exaustiva direção de uma enorme e complexa casa importadora, uma das maiores do Nordeste. Quantas vezes discutimos as minhas idéias de reforma, compreendidas na criação da "Mossoró Novo", e sempre encontrei apoio e compreensão na sua clara inteligência; e no governo do município, amparou materialmente, por uma subvenção, o meu "Aprendizado Agrícola de Mossoró", que me custara tanto esforço e que vi inanir-se, e do qual guardo ainda saudosa e dolorida memória".

Ou ainda:

"Uma figura interessante da fase era Miguel Monte, um mossoroense do Ceará, que primeiro, em 1885, propôs a construção de uma barragem no rio, sendo a idéia mal acolhida por seus colegas de vereança municipal.

Miguel Monte, no apogeu da grande fortuna que criara, e depois triplicara ou quadruplicara, ao transferir para o Rio a sua residência e principal atividade, sonhava, nessa época, aplicar, no desenvolvimento industrial de Mossoró, a maior parte do capital aqui constituído. E com o jovem sonhador do cooperativismo e da reforma de processo agrícola que eu preconizava, ele, mais de uma vez, expunha os seus planos de industrialização e por seu turno discutia comigo os meus projetos ruralistas, afirmando que "se fosse mais moço me aproveitaria", isto é, daria todo o seu apoio à execução das minhas idéias. Dessas palestras, vi delineada, uma vez, vai para trinta anos, a grande fábrica de tecidos pela qual Mossoró ainda hoje espera, e que Miguel pensava seriamente em fundar, já tendo obtido o apoio da grande firma Souto Maior, que se comprometera a tomar uma importante quota de ações; e, em solidariedade à sua idéia, Miguel estabelecia entendimentos, com outros interessados no ramo".

Da Escola Agrícola de Mossoró, esquematizada por João Ulrick Graf, no histórico prospecto justificativo da Estrada de Ferro de Mossoró, em 1876, e a ser mantida por sua emprêsa concessionária do projeto novo concedido e executado por Tércio, quarenta anos depois, restaram aqueles "dissabores e decepções", revelados em carta pelo segundo pioneiro da aprendizagem de técnicas agronômicas, no Rio Grande do Norte, a "O Mossoroense", em 15.8.1917, como "antecipada penitência de todo o possível pecado que a minha possível descendência venha a conceder pelo futuro em fora".



Labim/UFRN

Descendência — informo como testemunha preocupada com a verdade acima de tudo — fiel à grande matriz do espírito de Tércio — com seu filho Tércio — o odontólogo social presente na literatura científica, Júlio — o continuador do pai na "febre apostolar" do cooperativismo e Mainha, o outro odontólogo, capturado cedo pela morte.

No cinquentenário dessa gloriosa campanha, toda vivida e sofrida em Mossoró, escreví, então, à margem do trabalho do Cônego Francisco de Sales Cavalcanti, agraciado pelo "Prêmio Tércio Rosado", a nível de Professor, dentre outros, os conceitos seguintes:

"O cooperativismo no Brasil traz um sentido evolutivo da ação criadora e expansionista desse tipo de associativismo humano para a conquista de fins sócio—econômicos. Registra-se a nucleação do interêsse primordial localizado no sul do Brasil império numa manifestação valorativa do comprometimento inovador. Idéia viva, necessária e carecente de atingir a área problema do Nordeste.

Assinala-se Pernambuco na primazia regional. Por tropismo exercido sobre Tércio Rosado e, de resto, dentro da característica migracional, em termos culturais, torna—se o Recife o centro dinamizador da atividade gerada em Mossoró".

De sua cidade partira, após lecionar Francês, Física, Química e História Natural e Português na Escola Normal de Mossoró e no Ginásio Diocesano Santa Luzia. Até aí, sua bibliografia ainda não dava a altura de seu portentoso espírito, acrescendo-se "Frei Miguelinho" (1908) — Conferência no Ginásio Diocesano Santa Luzia, "Mode" (1912) — Almanaque de Pernambuco e os já referidos "O Problema do Nordeste e a salvação coperativista" e, ainda, "Tuberculose" (1921) — poemeto moderno realista. Também, ainda não atingira aos 30 anos de idade.

No Recife, sua experiência cultural encontra margem ampla, "de corpo inteiro na luta integral que travou, conforme aduzí em 1965, pelo homem e pela terra, até o fim".

São os sucessivos concursos públicos para as catedras da Escola de Farmácia, Ginásio Pernambucano, Escola Politécnica e Faculdade de Comércio, Ciências Econômicas, depois tornadas conquistas suas, ora se lança à apreensão de novos conhecimentos sistematizados, diplomando-se em Odontologia, Direito e cursando até o 4.º ano de Medicina. Desdobra-se a sua atividade científica e literária, abrangendo em série ordenada:



Labim/UFRN

1926—"A VERDADE".

1926 a 1928 — "FOLCLORE COMPARATIVO — Estudos.

1927—TAYLORISMO E COOPERAÇÃO — Tese — Congresso do Café, Garanhuns.

1928—MEDICAMENTOS DE AÇÃO CATALÍTICA — Tese.

1928—UM RELÂMPAGO NAS TREVAS — Estudo — Jornal do Comércio.

1928—TOBIAS BARRETO, UM PIONEIRO — "A Província".

1928—A SÍNTESE CATALIZADA — Tese.

1928—TAYLOR, TAYLORISMO E TAYLORIZAÇÃO — Diário de Pernambuco.

1929—OS PRONOMES POSSESSIVOS NA LÍNGUA FRANCÊSA — Tese.

1931—MEMÓRIA SOBRE A VERDUNIZAÇÃO DAS ÁGUAS — Tese apresentada ao Congresso Médico-Acadêmico do Recife.

1935—ORMUZD E AHRIMAN — Conferência — Escola Politécnica do Recife.

1936—DAS FORMAS QUÍMICAS — Tese.

1938—QUÍMICA DOS SENTIDOS — Conferência na Escola Politécnica.

1946—DEUX THEMES: Les formations absorptives dans la langue française (Des faits connus, sous une lueur nouvelle) et Autour de Paffaire Villon (Esquisse biographique et littéraire d'un poète maudit)".

Ao publicar, em 1937, "Salário e Produção em face da Energética (Ensaio de Aplicação do princípio de Carnot em Economia Política), acentuando as equivalências de transformação oferece o desafio fatal: "o salário sobe... e a produção se degrada" e merece o apoio irrestrito de Apolônio Sales, Herbert Levy e Câmara Cascudo, dentre outros especialistas brasileiros. Retornava à "filosofia desenvolvimentista", referida por José Gomes Neto, nos artigos do "Comércio de Mossoró" sempre com precedência de muitos anos — pelo proletariado que se organizasse "para a defesa de seus interêsses", e agora com o homem educado e criando novas ambições, e novos ideais... era o seu desejo e esperança.

Tem curso, em seguida, a sua presença na "Coleção Mossoroense", com o "Drama da Derrocada" (1954) — n. 18 — Estudo de Sociologia comparada sobre o encerramento do ciclo intermediarista de Mossoró e a ascenção vertiginosa de Campina Grande em 1924; "Dez Temas de Folclore" — C. Mossoroense", n.º 19; "Carta Aberta aos Bispos do Nordeste" — Coleção Mossoroense, n. 28, como documento submetido aos prelados regionais para o encontro de



Labim/UFRN

Campina Grande e reiterando a sua posição história sobre a participação do clero no desenvolvimento agrário da Região; "Por uma Reforma de Base" — Coleção Mossoroense, n. 19 — tese de informação técnico-científica encaminhada ao "Congresso de Salvação do Nordeste", em prol de sua redenção sócio-economica. Afora o seu "Quatro Temas Nordestinos", encartado no "Boletim Bibliográfico", n. 95—100, já referenciado anteriormente, abrangendo estudos sobre I—"Alicerces e barragens submersíveis — um erro a evitar"; II — "Porto de Areia Branca — uma pequena sugestão em torno de um grande problema"; III — um grito ou dois bolões de barro e IV, "Toma a "deixa", Terto Aires", baseada na exclamação "A macambira acabou-se", do texto de Isaac Gondim Filho, em "A Grande Estiagem".

**Senhores Acadêmicos:**

Três momentos comuns da vida prestante de Tércio pelo Nordeste e Mossoró me ligam, emocionalmente, ao seu espírito potencialmente produtivo e anunciador de soluções que somente o progresso da técnica e da ciência tem permitido a sua confirmação regular. Nos últimos vinte anos, sempre que visitava o Recife, raramente deixava de vê-lo em sua Livraria Agência Cultural Brasileira Ltda, à Rua 7 de setembro, defronte ao Edifício Ouro, aonde ia ter: a "república" dos rapazes da região de Mossoró, dentre eles meu irmão mais moço. José de Arimatéia, Joaquim Saldanha, Aníbal Duarte e Genival Dias de Melo. Por intermédio do mesmo irmão, cheguei a Tércio, em circunstância inicial sobre a qual não posso informar precisamente, mas ainda qual esse outro Milton naquele "paraíso perdido", em sua "pequena livraria", onde se encontrava — afirmava em Mossoró (1958), como se estivesse no seu "último reduto", em sua "velha e imporfiada luta em prol da educação da mocidade brasileira".

No penúltimo vôo da "águia do Apodi", como o chamou o Prof. Nestor Cesar, de minhas mãos recebeu o título de sócio correspondente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, na sessão magna de encerramento das celebrações do centenário de Almeida Castro, a 28 de agosto daquele 1958, sendo o próprio Tércio o seu orador oficial, em improviso seguro e memorável, testemunhado por Mossoró no seu Cine-Teatro Pax. Foi esse ato, sem qualquer contestação, o último recebido por ele em sinal de reconhecimento aos seus méritos intelectuais, publicamente, através daquela outorga. Isto porque, dois anos depois, já não participava da entrega do diploma de Professor Emérito da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Pernambuco, em 6 de junho de 1960, no



Labim/UFRN

Recife, ao lado do Prof. Mário Ramos, conforme carta da Profa. Dulce Fonte, intérprete de sua Congregação e com inclusão de um seu trecho em "Um espírito rochdaleando no Rio Grande do Norte" — "Coleção Mossoroense, n. 75 — da Acadêmica Maria Conceição de Oliveira — "Prêmio Tércio Rosado", a nível universitário e instituído por sua família.

Em posição intermediária, estava eu a presidir uma das sessões plenárias do "IV Congresso Brasileiro de Municípios, na qualidade de um de seus inúmeros Vice-Presidentes, representando o Rio Grande do Norte. Por coincidência, ingressa Tércio, com aquela ansiedade de "toda vez que se agitava um movimento sério" — depõe ainda Nilo Pereira, Tércio vinha com o seu pronunciamento". Esta sua constante lá estava, infalível, no Clube Internacional do Recife, fazendo distribuir por intermédio de um inseparável acompanhante, os panfletos — "Em defesa das nossas reservas vegetais (— A macambira acabou-se...) Por que? Verdades duras, enunciadas rude e francamente" e "Porque São Paulo avança (um retrato da vida paulista), analisando o "rítmo do trabalho do grande Estado Bandeirante", com o agradecimento final por quaisquer comentários ou referências a essa apreciação", ajuntava em 1.º de dezembro de 1959. De minha parte coube apresentá-lo a todo o Congresso reunido, sorrindo doce e levemente, no seu gesto de gratidão comovida.

Em julho de 1960, Mossoró, sede da "XV Assembléia Nacional de Geografia", Tércio me confiou o encargo de propor aos geógrafos brasileiros a sua já sistemática indicação — **Xerolândia** para o "Polígono das Secas". Não logrei vê-la aceita naquela reunião científica. Ainda assim, era vivo e intenso o seu interêsse, narrado com leveza pelo cronista e acadêmico Nilo Pereira: "Fazia o seu comentário dos discursos e trabalhos, em muitos dos quais era citado com aplausos gerais. Isso alegrava o seu espírito sempre forte e lúcido. Parecia enganar-se a si mesmo o bom Tércio, enquanto a doença prosseguia e, sem visão, conhecia os amigos pela voz".

A incontida alegria com que saudara a sua eleição para esta Academia não lhe asseguraria a certeza de, por mim, antes como o faço, por ele, neste instante. O seu vôo final fora de regresso ao seu ninho, em Mossoró, para morrer. Na manhã de 8 de setembro de 1960, a reconstituição de sua imagem total se renovava na projeção verdadeira de uma luz, na categoria do homem personificado em Rondon, e sintetizado por Roquete Pinto, com sua intensidade fulgurante como a de uma estrêla cada vez mais próxima.



Labim/UFRN

**Senhores Acadêmicos:**

Historiadores e sociólogos manejam o instrumento científico apropriado à análise das "raízes da crise contemporânea". Arthur M. Schelsinger, cronista norte-americano das eras rooseveltiana e kennediana, identifica inúmeras, a partir da velocidade da história através do "impulso cumulativo da ciência e da tecnologia. E, ainda hoje, não há sinais de que esta a c e l e r a ç ã o desenfreada deva sofrer uma queda mesmo relativa, no futuro previsível. "No diagnóstico do Professor de Humanidades da City University de Nova York estão fichadas a "crise democrática", provocada por "padrões melhores de alimentação e métodos mais eficazes de combate à doença"; a "crise urbana", produzida pelo "crescimento da população e sua distribuição de acôrdo com as exigências da sociedade moderna"; a "crise ecológica", deflagrada pelo "aumento cada vez mais rápido da produção que consome recursos naturais preciosos para em seguida poluir o ar e as águas, já em níveis alarmantes". Depois, "a revolução na informação e nas comunicações provoca inesperadas urgências e exigências morais: a sociedade contemporânea rejeita como inaceitáveis condições de pobreza, discriminação e opressão que a humanidade tolerou ao longo de séculos e séculos."

A associação das mulheres com os homens — proposta pela antropóloga Margareth Mead — já praticada há quase cem anos pelas lideradas de Ana Floriano, em Mossoró, há de ser perseguida pelas de hoje, no encontro de "uma forma de pensamento que estimule as mulheres, ao lado dos homens, a se transformarem em vigilantes preservadores da sua herança de terra, água e todas as formas de vida natural". Será o objetivo principal da Conferência Mundial que a ONU promoverá em Estocolmo, no próximo ano.

O "espírito do lugar" — atuante desde os romanos antigos — presidiu à vida e à obra de Francisco Fausto e Tércio Rosado Maia. Do primeiro — a saga imortal do servidor da História e da Administração Pública, encarnado no inesquecível Vigário Antonio Joaquim Rodrigues, o aracatiense que projetou com fundamento primordial a precedência jurisdicional do Rio Grande do Norte no litígio de limites com o Ceará e fez de Mossoró — uma cidade. Do segundo — talvez o último dos varões plutarquianos, e o primeiro dos melhores estrategistas na defesa do Nordeste, com a sua sociedade regional, localizada em Mossoró, como força centrada da convergência dos migrantes da terra — social e econômicamente desajustados.



Labim/UFRN

**Senhores Acadêmicos:**

Não atribúo conotação individual à glória acadêmica que me conferis, nesta hora. Desejei possuí-la é verdade. Recebo-a como doação de vossa benemerência e generosidade, antecipando-me a gravá-la em comunicação permanente com todos os que acendem no meu espírito a missão de imaginar, criar e construir sempre e bem. A minha pequena família — como sinto presentes minha mãe, esposa, filhos e irmãos-queridos.

A outra —a grande família — a Universidade Regional do Rio Grande do Norte, na qual sinto o fascínio de ser um pouco de sua alma e simples acelerador de sua conquista irreversível e definitiva.

Vozes cheias de presença na comunidade cívica de Mossoró fazem-na o "interêsse maior de uma população, um povo e uma juventude, que têm na Universidade Regional o seu único meio de sobrevivência cultural"; ou não escondem "que é pacífico o direito de possuí-la". Tudo conta ressonância nestes conceitos timbrados por "O Mossoroense" e Rádio Rural de Mossoró.

Reconhecido está — desde a Conferência sobre Estudos Latino-Americanos, realizada no Rio de Janeiro, em 1965 pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais — o imperativo do exercício de um papel fundamental pela Universidade: "o encargo de preparar a tomada de consciência dos problemas para o desenvolvimento e a investigação desses problemas".

Se pelo uso de uma ótica diferente não se flagrar a integração total nessa problemática, a extensão cultural, ativamente participante em Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Macau constitui sinal da relação viva entre a presença do "virus mental" e o desenvolvimento micro-regional, nesses elementos balizadores da região polarizada de Mossoró.

Porta principal do grande sertão norte-riograndense — Mossoró, através da sua Universidade Regional e da Escola Superior de Agricultura, abre a vereda de aproximação dos seus homens com os desta Academia. Sou um desses "homens do sertão" ao lado de Raimundo Nonato e Walter Wanderley, que vós chamastes para ser um dos Vossos — com o mais caloroso sentimento da gratidão que vos devo sem qualquer cerimônia em confessá-la.



Labim/UFRN

Cada homem ou mulher pode ser entendido no sertão, "não no sentido filológico, mas metafísico do termo". Riobaldo no Universo de Guimarães Rosa, "Fausto Mineiro, Hamlet Caboclo", enfim o homem de sempre — o "eu" de qualquer um que "ainda não encontrou nenhum "tu", vive e sente o sertão: "o território da eternidade e da solidão".

(*) Discurso de posse na Cadeira N. 32, em substituição ao Acadêmico Tércio Rosado Maia, proferido no dia 08 de março de 1971.



Labim/UFRN

## SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JOÃO BATISTA CASCUDO RODRIGUES

*Raimundo Nonato*

Convocado pela voz da amizade, chego a tempo de responder presente à sua festa, certo de que este encontro marca um instante singular na sua vida. E por força dele e das circunstâncias do que vejo e do que penso, se bem percebo, tudo nesta solenidade acadêmica tem um agradável colorido sentimental da presença de Mossoró.

De uma presença de ontem, dos dias mais distantes, contemporâneos da própria história. Mas, também, de uma presença de hoje, das horas que passam e que se fixam na paisagem do cotidiano, lembrando a vida no pensamento e nas imagens da palavra.

Talvez por tudo isso é que observados os fatos nos seus limites naturais da confluência do tempo e da imaginação, não há senão como reconhecer-se que o fenômeno da imortalidade é, por sua essência, um fenômeno da província.

Não daquela "província esquecida" de que falava Lopes de Andrade, no mundo aberto nas altiplanuras da sua Borborema. Nem tão pouco da "província submersa" do proustiano de Macaíba, Otacílio Alecrim. Ele que não raro, nas suas memórias de excepcional lucidez, tornou-se o paisagista inimitável do vale do Jundiaí, esse manancial tranquilo, cujas águas fertilizaram o chão com a seiva criadora para que nele florescesse, sempre belo e exuberante, o jasmineiro da poetisa do "Horto", de cuja vida breve, Câmara Cascudo fez a mais encantadora das histórias, que só tem de breve o nome.

Mas, nem a província da serra alcantilada, nem a do vale verde, onde corre o rio de águas mansas, uma a "terra esquecida". outra, a terra submersa", têm encontro marcado nesta festa.



Labim/UFRN

Por que, a imortalidade evocada, nesta hora, é aquela da outra província do afeto e da sensibilidade, recanto inesquecível que agasalhou a mocidade efêmera, terra onde a peregrinação hugoana imaginou que o homem sempre tende a voltar um dia, para nele rever a imagem das primeiras ilusões. Esta festa, assim pensada, e assim realizada, não foi obra do acaso. Para que se chegasse a essa situação ideal, a Academia Norte-Riograndense de Letras, na pessoa do seu extraordinário presidente, escritor Manuel Rodrigues de Melo — esse homem que me faz lembrar a figura do feiticeiro oriental, que fazia surgir palácios no deserto, despertando gênios do submundo da magia para atenderem aos seus desejos e caprichos — a Academia — de tudo foi ciente a tempo e hora certa. E por isso, o presidente atendendo ao imperativo de certas circunstâncias sentimentais, umas até de ordem municipalista, sem fugir sequer, ao mínimo detalhe do cerimonial e tradição da posse, resolveu dar a este ato da consagração da investidura no grau da imortalidade do seu novo eleito, acadêmico João Batista Cascudo Rodrigues, um agradável colorido de provincianismo, cheio de suavidade e de encantadora simpatia humana.

Para compartilhar desse encontro, de certo modo inédito, pela ausência do formalismo pragmático, reunem-se o sertão e o litoral, concentrando-se na harmonia dos mesmos ideiais, os que vieram da gleba revolvida pelas lufadas do Nordeste — esse vento ciclópico de ação dinamizadora do pensamento e do progresso — para se irmanarem com os artífices da literatura e da vida do asfalto, nesta bela e heróica cidade de Jerônimo de Albuquerque — Natal — a fantasia geográfica feita panorama de urbanização à margem do Potengí legendário.

Nesta posição dominadora de metrópole espraiada à sombra dos coqueirais, que o vento afaga ao sussurrar nas tardes nordestinas, foi encontrá-la o seu poeta Ferreira Itajubá — de quem Nilo Pereira decantou a vida num fenômeno de explosão do talento — que escreveu estrofe como esta, rica de sonoridade e de legítimo expressionismo tropical:

— Natal é um vale ameno entre coqueiros,
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra afora as velas das jangadas,
— Cessam no rio as trovas dos barqueiros...

Pouco importa que os concretistas achem tudo isso banal, insípido e sem originalidade.



Labim/UFRN

Só não se pode negar, porém, que os versos são belos, e que a eles terão de se voltar, inevitavelmente, os espíritos das gerações sucessoras, quando tratarem dos problemas da cultura e da valorização dos seus artistas criadores.

Evidentemente, é notável a coincidência proporcionada por esta solenidade dominada por tantas evocações, do encontro de 3 gerações de mossoroenses, representadas no plano das atividades culturais do Rio Grande do Norte.

O elogio à memória do patrono da Cadeira 32, que vem de ser ocupada pelo escritor João Batista Cascudo Rodrigues, representa no meridiano das especulações do conhecimento, um estágio da consciência e da fé corporificadas num movimento de consagração ao esfôrço do impressionante autodidata que foi Francisco Fausto de Souza.

O seu nome alcançou um registro na história, que só é dado aos que realizam obras de mérito marcada na face do tempo, pelo sentido da exatidão que é a própria razão de ser do fato histórico.

Ao fixar o itinerário vocacional desse raro tipo de pesquisador provinciano, cuja glória toda se resume em ter levado a vida inteira no isolamento dos arquivos, no contacto dos alfarrábios, decifrando os textos dos velhos livros de tombo das igrejas e registros dos cartórios, foi Vingt-un Rosado quem deu um definitivo depoimento da autenticidade do seu trabalho, afirmando no seu livro MOSSORÓ, que foi Francisco Fausto de Souza, o primeiro mossoroense a se dedicar ao estudo da crônica regional.

Sua obra de verdadeiro tirocínio da paciência, tornou-se de considerável importância na colaboração que prestou ao documentário com que Augusto Tavares de Lira e Vicente Simões Pereira de Lemos, consubstanciaram de modo irrefutável, a tese do direito do Rio Grande do Norte na chamada "Questão de Grossos".

Sua condição de profundo conhecedor das fontes históricas era de tal modo relevante, que ao eclodir aquele litígio, amplamente debatido na imprensa e no Parlamento do País, foi Francisco Fausto um dos elementos mais eficientes na contribuição documental levada aos dois ilustres historiadores conterrâneos, cujo trabalho constitui um inestimável patrimônio legado à cultura do Estado.



Labim/UFRN

Por que, a imortalidade evocada, nesta hora, é aquela da outra província do afeto e da sensibilidade, recanto inesquecível que agasalhou a mocidade efêmera, terra onde a peregrinação hugoana imaginou que o homem sempre tende a voltar um dia, para nele rever a imagem das primeiras ilusões. Esta festa, assim pensada, e assim realizada, não foi obra do acaso. Para que se chegasse a essa situação ideal, a Academia Norte-Riograndense de Letras, na pessoa do seu extraordinário presidente, escritor Manuel Rodrigues de Melo — esse homem que me faz lembrar a figura do feiticeiro oriental, que fazia surgir palácios no deserto, despertando gênios do submundo da magia para atenderem aos seus desejos e caprichos — a Academia — de tudo foi ciente a tempo e hora certa. E por isso, o presidente atendendo ao imperativo de certas circunstâncias sentimentais, umas até de ordem municipalista, sem fugir sequer, ao mínimo detalhe do cerimonial e tradição da posse, resolveu dar a este ato da consagração da investidura no grau da imortalidade do seu novo eleito, acadêmico João Batista Cascudo Rodrigues, um agradável colorido de provincianismo, cheio de suavidade e de encantadora simpatia humana.

Para compartilhar desse encontro, de certo modo inédito, pela ausência do formalismo pragmático, reunem-se o sertão e o litoral, concentrando-se na harmonia dos mesmos ideiais, os que vieram da gleba revolvida pelas lufadas do Nordeste — esse vento ciclópico de ação dinamizadora do pensamento e do progresso — para se irmanarem com os artífices da literatura e da vida do asfalto, nesta bela e heróica cidade de Jerônimo de Albuquerque — Natal — a fantasia geográfica feita panorama de urbanização à margem do Potengí legendário.

Nesta posição dominadora de metrópole espraiada à sombra dos coqueirais, que o vento afaga ao sussurrar nas tardes nordestinas, foi encontrá-la o seu poeta Ferreira Itajubá — de quem Nilo Pereira decantou a vida num fenômeno de explosão do talento — que escreveu estrofe como esta, rica de sonoridade e de legítimo expressionismo tropical:

— Natal é um vale ameno entre coqueiros,
Logo que desce a luz das alvoradas.
Vão barra afora as velas das jangadas,
— Cessam no rio as trovas dos barqueiros...

Pouco importa que os concretistas achem tudo isso banal insípido e sem originalidade.



Labim/UFRN

Só não se pode negar, porém, que os versos são belos, e que a eles terão de se voltar, inevitavelmente, os espíritos das gerações sucessoras, quando tratarem dos problemas da cultura e da valorização dos seus artistas criadores.

Evidentemente, é notável a coincidência proporcionada por esta solenidade dominada por tantas evocações, do encontro de 3 gerações de mossoroenses, representadas no plano das atividades culturais do Rio Grande do Norte.

O elogio à memória do patrono da Cadeira 32, que vem de ser ocupada pelo escritor João Batista Cascudo Rodrigues, representa no meridiano das especulações do conhecimento, um estágio da consciência e da fé corporificadas num movimento de consagração ao esfôrço do impressionante autodidata que foi Francisco Fausto de Souza.

O seu nome alcançou um registro na história, que só é dado aos que realizam obras de mérito marcada na face do tempo, pelo sentido da exatidão que é a própria razão de ser do fato histórico.

Ao fixar o itinerário vocacional desse raro tipo de pesquisador provinciano, cuja glória toda se resume em ter levado a vida inteira no isolamento dos arquivos, no contacto dos alfarrábios, decifrando os textos dos velhos livros de tombo das igrejas e registros dos cartórios, foi Vingt-un Rosado quem deu um definitivo depoimento da autenticidade do seu trabalho, afirmando no seu livro MOSSORÓ, que foi Francisco Fausto de Souza, o primeiro mossoroense a se dedicar ao estudo da crônica regional.

Sua obra de verdadeiro tirocínio da paciência, tornou-se de considerável importância na colaboração que prestou ao documentário com que Augusto Tavares de Lira e Vicente Simões Pereira de Lemos, consubstanciaram de modo irrefutável, a tese do direito do Rio Grande do Norte na chamada "Questão de Grossos".

Sua condição de profundo conhecedor das fontes históricas era de tal modo relevante, que ao eclodir aquele litígio, amplamente debatido na imprensa e no Parlamento do País, foi Francisco Fausto um dos elementos mais eficientes na contribuição documental levada aos dois ilustres historiadores conterrâneos, cujo trabalho constitui um inestimável patrimônio legado à cultura do Estado.



Labim/UFRN

Depois, intimamente preocupada em trazer para o seu quadro social os valores mais representativos da inteligência norte-riograndense, a Academia preencheu a Cadeira de que é patrono aquele estudioso dos problemas históricos do Estado, com a eleição do polígrafo, escritor e professor Tércio Rosado Maia, nome de relevo nas letras pátrias e portador de trabalhos que justificavam plenamente a sua escolha.

Tércio Rosado foi um nome projetado na vida intelectual do País, através de suas múltiplas atividades na cátedra, na imprensa e em vários órgãos da vida literária do Recife.

Do lado da sua formação humanística, Tércio Rosado era um cidadão possuidor de excepcional espírito de bondade. Homem simples como um justo. Modesto e desinteressado pelas falsas aparências da vida, como a própria simplicidade dos mais humildes dos mortais.

Seu desinteresse pelo problema da vaidade humana era total. E por isso, soube criar em torno de si mesmo, para definição dos seus atos e das suas ações, um padrão de dignidade, que era o modelo do cidadão catoniano, respeitado e admirado pelo consenso dos seus conterrâneos de todos os credos filosóficos, políticos ou religiosos.

Meu professor em duas disciplinas fundamentais, Francês, Física e Química e História Natural do curso da Escola Normal de Mossoró, dele guardo, daqueles dias memoráveis, uma impressão inapagável do afeto com que sua palavra sabia irradiar em suas aulas, as mais belas lições e os ensinamentos mais proveitosos.

Sua presença na escola foi marcada como a de um verdadeiro precursor das modernas técnicas que a pedagogia científica vem imprimindo à escola progressista dos dias atuais.

Sua qualidade de professor de estabelecimentos do Recife e catedrático de 2 Faculdades, posteriormente integradas no sistema universitário de Pernambuco, dera-lhe justo renome entre os estudantes da época, como pontificou o testemunho de Nilo Pereira.

E lembrando sua memória, em hora tão significativa, estou certo, professor Tércio Rosado Maia de que, o seu substituto nesta casa, escritor João Batista Cascudo Rodrigues, vai continuar a tradição do seu espírito orlado pelas filigranas do seu aticismo e pela beleza da sua inteligência privilegiada.



Labim/UFRN

É diante desta invocação e deste compromisso irretratáveis que lhe dirijo estas palavras em forma de discurso de recepção, Senhor Acadêmico Cascudo Rodrigues.

E como este discurso vai rememorar paisagens de uma vida penso em dizer-lhe que somos companheiros militantes de tantas lides do ensino, da vida associativa e dos empreendimentos publicitários de que nos fizemos soldados, do mesmo nível, sempre animados pelos mesmos ideiais e pela mesma força telúrica, que nos levaram tão longe nesses cometimentos da audácia de homens provincianos.

Mas, o instante, muito mais do que isso, é uma vivência de ordem sentimental, que me faz recuar a um outro instante marcante da sua vida.

E lembro, de propósito, como fato significativo, o dia e a hora daquele exame de admissão, no velho e tradicional Ginásio Diocesano Santa Luzia de Mossoró, onde nos defrontamos, num momento inesquecível, o orador, como professor, e o acadêmico de hoje, na qualidade de examinando.

O ambiente devia ter um colorido quando não constrangedor, talvez, sem nenhum entusiasmo, sem nenhuma esperança de afeto.

A banca examinadora estava constituida pelas forças que capitalizavam o poder da reprovação —: o Pe. Diretor, Jorge O' Grady de Paiva, Inspetor Federal, Edgard Dias de Medeiros, o orador do momento e o homem sensacional dos cálculos mentais, professor Solon Moura, o terror do exame.

Iniciados os trabalhos, foi ele o professor de matemática que me sussurrou: parece que este menino da Ozelita vai salvar-se do naufrágio...

O motivo por que pensava isso, o duro examinador de matemática, só Deus sabe, hoje.

As razões, correram, porém em favor do argumento.

A progenitora do aluno metido naquele círculo de fogo era Ozelita Cascudo Rodrigues, professora de meninos nos grupos escolares da cidade, vindo da primeira turma da Escola Normal de Mossoró e com essa base essencial, ensinou aos outros e ensinou aos próprios filhos, aqueles rudimentos necessários à formação das humanidades. E eles se foram depois, galhardamente, pela vida afora, vencendo, dando lições de entusiasmo, capacitando energias, soli-



Labim/UFRN

dários e reconhecidos do valor daqueles preciosos ensinamentos da progenitora, e da ajuda paterna de Adolfo Rodrigues, em que se apoiaram para os triunfos do futuro, que pertencem aos fortes, inegavelmente.

Não sei de outra página, acadêmico Cascudo Rodrigues, que mais pudesse engrandecer a sua entrada na Academia Norte-Riograndense de Letras do que esta remoração que faço do seu começo, onde surge enobrecida e bela pelo esforço que desenvolveu para a vitória dos filhos. a figura da professora Ozelita Cascudo Rodrigues, mulher admirável e heroina marcada pelo signo das virtudes cristãs.

Apreciado num ângulo singular de sua atitude humana, a posição de Cascudo Rodrigues, na vida Literária do Rio Grande do Norte, assume uma esplêndida configuração da presença do homem realizado na diversificação do esforço cotidiano, com que tem sabido resolver sozinho, os seus problemas.

A tranquilidade da expressão fisionômica, a palavra fácil e moderada, a confiança irredutível com que defende as suas convicções, a ação, o bom senso que nele é uma determinação normativa dos seus atos, tudo isso, num conjunto apreciável de condições reflete no homem a exterioridade do espírito, cuja visão tem ultrapassado os obstáculos comuns da vida para se objetivar em realidade dignificadora da sua vontade e do seu caráter.

Mossoró lhe deve, neste particular, um trabalho que não se mede pelos elogios, nem pela adjetivação. De companhia com Vingt-un Rosado, Cascudo Rodrigues tem realizado, num entendimento ideal em que os dois se integram numa admirável compreensão, o mais extenso movimento publicitário de natureza municipalista, de que há notícia, em terra do Brasil, em identidade de condições e de meios.

No setor do ensino, em particular do ensino superior, atesta sua eficiência e incansável capacidade de intensificação, o funcionamento das Faculdades instaladas naquela cidade, e consequente criação da sua Universidade Regional, as quais tem feito comunicar a força de um entusiasmo que, vem realizando milagres da resistência na divulgação das letras do povo de Mossoró que, no dizer do Acadêmico Edgar Barbosa, pode ser convocado para qualquer cruzada, onde se exija solidariedade e sacrifício.



Labim/UFRN

Este é o homem na sua visão panorâmica de idealista.

Muito maior, no entanto, tem sido sua atuação na vida literária da sua cidade e do próprio Estado, onde seu nome se tem projetado, como um dos mais vigorosos escritores da nova geração

Suas obras, todas de valor indiscutível e de méritos relevantes, atestam seu meridiano de homem de letras. Em curto prazo apresentou vitoriosamente, nada menos de 14 trabalhos que recomendam suas qualidades de pesquisador da crônica social e histórica:

MOSSORO e seus educadores

O COLEGIO de Antônio Gomes, centro pioneiro da educação secundária em Mossoró e sua região

UMA FACULDADE em três dimensões

O MUSEU MUNICIPAL de Mossoró, numa síntese Histórica.

UM COLEGIO e um cinquentenário

A MULHER BRASILEIRA, direitos políticos e civis.

Seria agradável permanecer numa demorada apreciação desses livros, todos de leitura amena, pelos assuntos de que tratam e pela forma erudita com que o autor os apresenta.

Mas, forçoso é reconhecer que o tempo tem seus limites razoáveis de que não se deve abusar, desnecessariamente.

O grande trabalho sobre o Colégio de Antônio Gomes bastaria para dar perfeita identidade ao historiador das unidades escolares de Mossoró

Aquele colégio que nascia alvissareiramente, na terra do 30 de setembro, no crepúsculo do século XIX, seria hoje, numa linguagem do sistema de intercâmbio apontado como centro e meio de irradiação do movimento educacional que surgiu no poderoso empório dos mercadores da Zona Oeste do Rio Grande do Norte.

Antônio Gomes era uma espécie rude de homem prodigio dos rincões sertanejos. Jornalista, professor, político, na Paraíba, latinista, advogado e poeta, veio para Mossoró, arrastado pelo poder da amizade de um dos maiores mossoroenses de todas as gerações, apesar de não ser norte-riograndense, o farmacêutico Jerônimo Rosado.

O colégio brotava, heroicamente, nos pedregulhos de Brejo do Cruz. O espírito e o entusiasmo do idealista mantinham viva aquela chama, no meio das agruras que a cercavam.



Labim/UFRN

Mossoró, descobriu "seu" Rosado, seria o céu aberto para florescência daquele educandário. E o foi de fato, durante 4 anos.

Daí, emigrou para as serras, saiu para Martins, a minha terra, de onde voltou ao ninho antigo, tranquilo e acolhedor, para um esquecimento, que não foi definitivo. Seus alunos, que foram numerosos e foram importantes, não esqueceriam nunca aquela fase. E ainda, hoje, um deles, Artéfio Bezerra da Cunha, ex-prefeito de Serra Negra, agora, publicando um excelente livro de memórias e beirando já os oitenta e três janeiros, relembra com saudade, fatos, pessoas e acontecimentos do longínquo ano de 1900, quando foi aluno daquele educandário.

Cascudo Rodrigues arrematou o seu sucesso. Escreveu o livro memória do Colégio Sete de Setembro do pedagogo Antônio Gomes de Arruda Barreto.

Ainda bem que a glorificação não foi fora de tempo.

Ao seguinte trabalho, bem mais importante, a MULHER BRASILEIRA, direitos políticos e civis, devo reportar-me, mais sucintamente, pois que já se trata do escritor vinculado ao renome internacional. Trata-se de um livro revelador de estranhas novidades na vida e na história das atividades da mulher na política das nacionalidades.

Para escrevê-lo, o historiador rebuscou os quadrantes da bibliografia. E envolvendo nesse itinerário maravilhoso, nomes dos mais brilhantes das letras e da cultura, a exemplo de Domingos Jorge de Barros, Lopes Trovão, Godofredo de Bulhões, Lauro Sodré, Dioclécio Duarte, Mozart Lago, José Augusto e Juvenal Lamartine, chegou ao fato consagrador dessas lutas no Brasil, colimado com o caso Rio Grande do Norte, terra berço de mulheres notáveis, como a educadora e escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Tudo surgiu, como por encanto, graças a reforma da Constituição do Estado, no ano de 1927, onde o deputado mossoroense e líder do govêrno na Assembléia Legislativa do Estado, Adauto Câmara fez inserir aquele famoso artigo 77, que assegurava à mulher o direito do sufrágio universal.

Em decorrência dessa prerrogativa inovadora, na audiência eleitoral de 25 de novembro de 1927, em Mossoró, era deferido o pedido de inclusão da professora Celina Guimarães Viana na lista dos votantes, como primeira mulher eleitora do Brasil.

O Juiz de Direito interino, que prolatou o despacho, foi o Dr. Israel Ferreira Nunes.



Labim/UFRN

Quer me parecer que a vida das criaturas tem certos instantes marcados para a eternidade. Quero ser explícito no caso. Entendo que, toda a agitada e longa vida política do deputado Israel Nunes deve estar pontilhada de fatos, alguns que não resistirão, duradouramente, à marcha danificadora do tempo. Mas, devo crer, por outro lado, que aquele seu despacho mandando incluir Celina Guimarães Viana, no cadastro dos eleitores do Brasil, primeira e única mulher, até então, a desfrutar daquele nobre privilégio cívico — esse irá muito longe, senhor deputado. E se por outra circunstância, seu nome, por vezes não prevalecer no cenário das lutas heróicas da política gregária, tão cheia de imprevistos, mas tão necessária á formação democrática do País, como sua fonte embrionária, se tudo isso não resistir para afirmar a autenticidade do seu trabalho legislativo, fique certo, Sr. Juiz e deputado de que aquele seu despacho, hoje, memorável, lhe abrirá, definitivamente, as portas por onde nem todos passam, e que levam aos registros da história, onde seu nome adquire ressonância e projeção, na companhia de quantos foram pioneiros na memorável campanha da implantação dos direitos políticos da mulher brasileira.

Sr. Presidente:

Os pronunciamentos que se fizeram ouvir nesta solenidade afirmam de modo iniludível que, o patrimônio cultural desta instituição se engrandeceu e se notabilizou, hoje, com a presença no seu quadro social do nome do escritor JOÃO BATISTA CASCUDO RODRIGUES. O novo imortal é figura das mais expressivas na geração dos novos, todos brilhantes, sonhadores, idealistas, todos como ele, com o mesmo direito a um lugar no sol da Academia, que não é privilégio de ninguém, senão daqueles mesmos que fazem da cultura um privilégio do primado do espírito, da consciência da liberdade e da autenticidade do valor.

Prova de uma sincera e duradoura amizade que me desvanece com a lembrança de velhos dias que se foram, fui motivo da sua preferência para proferir este discurso de recepção, no momento em que se investe no grau da imortalidade conferido aos seus eleitos pelos dispositivos fundamentais da Academia Norte-Rio-grandense de Letras.

Senhores Acadêmicos:

As palavras ao recipiendário que pronuncio nesta cerimônia são, porventura, as mesmas com que invoco o nome e a imagem da cidade ensolarada que lhe serviu de berço — heróica e bela cidade de Mossoró.



Labim/UFRN

E lembro-a assim, para imaginar uma dimensão emocional do afeto, esta poderosa força que condiciona sempre o retorno do homem, para cumprir o seu destino, ao seu torrão natal, formando homem e terra — uma unidade orgânica integral, definitiva e indissociável, que é em si mesma, a própria fonte de sedimentação do amor da Pátria.

**Sr. Acadêmico João Batista Cascudo Rodrigues:**

Os momentos que me conduzem a este encontro, confesso francamente, são momentos de alegria.

E é com esta alegria, que reflete um estado de sensação da vida e das idéias, que o recebo nesta casa, em ocasião, assim, festiva, dando-lhe palavras de boas vindas e expressando a minha confiança de que este encontro se renovará por longos e repetidos dias de compreensão, de tranqüilidade e de paz do espírito.

Que seu ingresso nesta Casa, e nesta hora, senhor ACADÊMICO JOÃO BATISTA CASCUDO RODRIGUES, possa servir de estímulo ao nosso esforço e ao trabalho que aqui se desenvolve na defesa da inteligência, de que você é parte, e de que é, inegavelmente, uma das expressões exponenciais da cultura desta geração de brasileiros que confia nos destinos do BRASIL.

**(*) Pronunciada em sessão solene da Academia Norte-Riograndense de Letras, na noite de 08 de março de 1971.**



Labim/UFRN

## O PRESIDENTE DA ACADEMIA NO CENTRO NORTE-RIOGRANDENSE DO RIO DE JANEIRO

*Senhor Manoel Rodrigues de Melo*

O CNR, braços abertos, alma em festa, recebe-vos nesta tarde, para honrar o ilustre coestaduano ora em visita ao Rio de Janeiro.

Muito deve o R. G. do Norte ao homenageado de hoje.

Desde os dias, já distantes, da cátedra de História e Geografia do Estado, por vós exercida na Escola Normal natalense, que vosso amor e dedicação às coisas e aos homens da terra potiguar se manifestavam. E longo caminho, desde então, tendes percorrido.

Vieram os livros. 'Várzea do Açu", tratando da região onde nascestes e, no qual, repontava, promissor, o homem de pesquisa e estudos sociológicos que, na 2a. edição, mais completo se revelaria. Representa esse estudo regionalista, para o vale típico do Açu, o que foram alguns anos antes e, em sentido mais anplo, o de Jorge Amado sobre a região cacaueira da Bahia e o de Lúcio Cardoso sobre as margens e populações ribeirinhas do S. Francisco.

Da influência sobre vós exercida pela gleba seridoense, para onde emigrantes adolescente, teríamos, a seguir "Patriarcas e Carreiros", obra que, como a precedente, alcançou a 2ª edição.

As reminiscências da infância, sadia e alegre, tão fortes irromperam que não resististes à memorialização e publicastes "Cavalo de páu". Os títulos de vossos livros são, aliás, sugestivos e esse retorno aos dias despreocupados da meninice dá a medida do estofo sentimental que vos reveste. "Pode dizer-se" — cito Agrípino Grieco — "que, no sentido da emoção a infância é a existência total e quem não visite, a miudo, esse país natal de sua sensibilidade, é como se não tivesse música na memória". E a narrativa da infância, qual no-la fazeis, Sr. Rodrigues de Melo, é bem mais bela do que a do "Cavalinho azul" que Maria Clara Machado ouviu, em



Labim/UFRN

criança e transformou, adulta, em peça teatral das mais enternecedoras. A infância é, realmente, a melhor quadra da vida e o filão de poesia nela contido veio à tona, em versos, quando escrevestes "Chico Caboclo", outro nome expressivo e que é, já, o de vosso 4º livro. O amor que tendes ao estudo, à terra e às letras continua vivo e, agora, nos ides brindar com "Antônio de Souza", 5.º volume de vossa lavra a sair do prelo e em que a figura, por tantos títulos notável daquele ex-governador e intelectual, é posta no devido relêvo. Mas não descansa, na escrivaninha, vossa pena e "Camundá", romance de costumes regionais do grande vale açuense, é vossa 6ª obra, já concluída e a caminho da editora.

Em vós identifico, a esta altura, um dos fundadores de "Bando", revista de cultura que tanto honrou o Estado. Realço o haverdes salvo do olvido Afonso Bezerra, morto prematuramente, recolhendo, em velhos jornais e revistas, suas colaborações e fazendo, assim, surgir "Ensaios, Contos e Crônicas", para o qual escrevestes minunciosa e esclarecida introdução. Lembro, ainda, vossa atividade de pesquisador quanto ao poeta e teatrólogo Manuel Segundo Wanderley - vida, obra, família - em série de estudos vinda a lume em número da Revista da Academia dedicado ao centenário de seu nascimento. Nem posso omitir a coleta de fatos relativos á imprensa potiguar, que deram alentado artigo a ser, agora, inserto na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do R. G. do Nórte. Investigação e seleção, retificação e anotação — eis vosso roteiro, nesse e em outros trabalhos.

Homem de letras, não lidais só com elas. Outros instrumentos também manejais, para servir às boas causas e ao R. G. do Norte. Refiro-me ao edifício-séde da ANRL, que construistes com infatigável labor, dotando a entidade a que pertenceis de tecto condigno para as reuniões. Não há, em todo o Brasil, meia dúzia de academias literárias com sédes próprias. Isso diz tudo e vos tem valido, por certo, a reeleição ininterrupta há mais de decênio, para a presidência da Casa, algo à maneira de Austregésilo de Ataide, na Academia Brasileira de Letras.

Pela capacidade de trabalho, tantas vezes e por tantos modos comprovada, sois mais o "homem-fôrça" de Carlyle, que realiza, do que — como vos chamaram — o "homem-idealista" de Cervantes, que sonha...

Na presidência da ANRL são notórios vosso zêlo pelos estatutos, vossa assiduidade às reuniões, a habilidade e cortesia no trato com os acadêmicos e candidatos à Academia e, ainda, a eficiente organi-



Labim/UFRN

zação de cursos de literatura e ciclos de conferências. É que ao presidente preside, por sua vez, o amor ao trabalho· o senso de equilíbrio, o tacto, a imparcialidade.

A manutenção da Revista da Academia, variada e seleta, traduz outro grande esforço vosso. E outra prova de interesse tem sido a designação, jamais protelada, de delegados para a Federação das Academias de Letras do Brasil, fundada no mesmo ano em que nasceu a ANRL, a qual conta, atualmente, junto àquela entidade, com 5 representantes, 3 dos quais por vós constituidos.

Homem de ação e de visão recebei, sr. Manuel Rodrigues de Melo. neste grato ensejo, as calorosas saudações do CNR, que vos acolhe com alegria e emoção.

**(Saudação a M. Rodrigues de Melo, pelo Pe. Jorge O'Grady de Paiva, na séde do CNR, Rio de Janeiro, a 18.5.1971).**



Labim/UFRN

Labim/UFRN

# CULTURA, LITERATURA E DIREITO

*João Medeiros Filho*

Fiz um resumo deste trabalho no discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras, como apresentação pública dos meus escassos méritos, em correspondência à honra que me foi tributada na solenidade inesquecível para mim do dia 27 de agosto do corrente ano, devendo uma explicação aos que se dignaram de ouvir-me ou ler-me.

Fugi ao emprego do plural de modéstia, para falar ou escrever na primeira pessoa do singular — o eu do narrador. É que, conforme observa Emílio Benveniste, "há, na linguagem, dois planos distintos de enunciação: — o do discurso e o da história". No caso da história, trata-se de fatos advindos a certo momento do tempo, sem qualquer intervenção do autor do enunciado. "O discurso, por contraste, diz-nos Benveniste, "é definido como toda enunciação supondo um orador (ou locutor) e um ouvinte, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro de algum modo".

Pretendi fazer uma tentativa de dissertação sobre a natureza estética de certos fatos da vida intelectual do Rio Grande do Norte e sua causalidade histórica, sem obedecer a métodos, visando a uma perspectiva futura.

Para não tornar o quadro muito insulso, procurei dar à exposição certa universalidade de sentimentos e de pensamento, numa união com a representação mental de qualquer espírito, do passado e do presente. Recorri, para isso, aos filósofos sonhadores e aos homens práticos, aos poetas líricos e aos pensadores sisudos e herméticos, alternando os temas desenvolvidos, a fim de evitar monotonia.

Com relação ao elogio do Patrono da cadeira em que me empossei, poderia ser acusado de sintético, irrogando-se-me prolixidade quanto ao mais. Ingressando nas atividades literárias pela distinção conferida, estaria na obrigação de mostrar razões e motivos que significassem uma relação de causa e efeito entre o premio que recebi pelos 40 anos aqui vividos e mourejados e o meu suposto merecimento. Por outro lado, querendo atender à solicitação da Academia feita em caráter de urgência, eleito que fui há mais de



Labim/UFRN

dois anos por essa ilustre corporação, minguaram-me os elementos necessários a uma interpretação correta da personalidade de Benício Filho, o que espero realizar dentro em breve. Vale, por enquanto, a escolha que fiz de tão notável cidadão para inspiração e defesa numa sociedade que congrega intelectuais. Essa escolha por si só constituía maior homenagem que poderia prestar a Benício Filho, se não bastarem os conceitos formulados quanto à "totalidade" e à "unidade" de sua projeção no Estado.

O discurso, que não foi somente discurso, mas também uma busca, não de curriculum vitae, "sem o outro lado da sombra", a que alude Sanderson Negreiros numa de suas objetivas crônicas do dia-a-dia, porém de subsídios com que pudesse mais tarde escrever algo de sério sobre a história Literária do Rio Grande do Norte, história literária como parte da história da cultura, omitiu duas figuras fundamentais na crítica extrínseca, no estudo das circunstâncias ou causas que produziram ou condicionaram em certa época a produção da arte, "as circunstâncias externas — políticas, sociais, econômicas — nas quais a literatura é produzida (Sidney Lee): Pedro Velho e Alberto Maranhão. Reparo a falta neste exórdio, revigorando de alguma maneira a crítica histórica, pelo conhecimento de fatos relevantes que integram a literatura na história da civilização (Afrânio).

Aqueles dos escritores e poetas de quem apenas cito nomes, ou de alguns, apenas nomes e publicações, que me perdoem a síntese resultante do tempo exíguo e de informações imprecisas colhidas às pressas. Simples referências, entretanto, quando se demonstra empenho na tarefa, firmam um apreço que se não deve obscurecer, embora possa alguém presumir descaso ou menosprezo.

O autor, considerado talvez perdulário no desenvolvimento de determinados capítulos, talvez venha a ser julgado avarento nesses casos. Serve como justificativa a boa intenção que o animou. Mais acertado teria sido, sem dúvida, restringir-me ao modêlo clássico das apresentações, ao invés de tomar caminhos desconhecidos e cheios de surprêsas e precipícios. Estimula-me, porém, o conselho de Rui: "Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. Mais pode que os seus azares, a constância, a coragem e a virtude".

Por fim, tomei por base o axioma de Sertillanges: "É preciso ser poeta, e, poeta, um pouco filósofo". E ainda o do Rabino por ele citado: "Num alqueire de nozes podem caber muitos almudes de azeite".

Natal (RN), outubro de 1971
**JOÃO MEDEIROS FILHO**



Labim/UFRN

## DE COMO VIM A SER ADVOGADO

Sou bacharel em Direito, não somente porque, na época, o curso jurídico oferecia maior facilidade a um estudante pobre, como também pela impressão que me causou um discurso de Antônio Boto de Menezes, já falecido, em sessão do Júri na cidade de Guarabira, Paraíba.

Dale Carnegie relata o seguinte episódio sobre a vida de Abraham Lincoln:

"Um dia um carreiro que ia para Yowa parou o seu veículo diante da venda de Lincoln & Barry (tratava-se de uma sociedade comercial entre Lincoln e o filho de um pastor protestante chamado Barry). As estradas estavam moles de lama, os cavalos cansados, e o cocheiro resolveu aliviar a carga. Vendeu a Lincoln uma barrica de miudezas domésticas. Lincoln não precisava de miudezas, mas teve pena dos cavalos. Pagou o carreiro cinquenta centavos e, sem examinar a barrica, levou-a para um quarto atrás do armazém.

"Uma quinzena depois ele despejou o conteúdo no chão, curioso de ver o que comprara. No fundo da tralha encontrou uma edição completa dos Comentários de Direito de Blacstone. Os lavradores estavam ocupados nos campos, os fregueses eram raros, e por isso ele tinha tempo à vontade. Quanto mais lia, mais interessado ficava. Nunca antes um livro o absorvera tanto. Leu até ter devorado os quatro volumes.

"Então tomou a decisão momentosa: — seria advogado".

O exemplo citado tem apenas um escopo: — demonstrar que, às vezes, um pequeno episódio, que a muitos passaria despercebido, pode decidir a vida de um homem, seja um gigante, como Lincoln, ou um pigmeu, como o orador que vos fala.

* * *

Conquistado o diploma de bacharel, procurei realizar-me a mim próprio, pois não abracei a profissão de advogado com intenções interesseiras, mas por uma vaga aspiração de vir a ser um bom orador de Jurí.

Bacharel formado, como dizem os textos, compenetrei-me de que, se se não exigem faculdades extraordinárias para realizar uma grande obra, bastando uma média superior, o resto dependeria de algum estudo.



Labim/UFRN

Dessarte, procurei empenhar-me no sentido de conseguir ficar em estado de pensamento e de emoções universais, apesar de dedicar-me a uma ocupação profissional absorvente, sempre atento aos conselhos de Sertillanges, meu guia espiritual:

"É difícil dar um conselho determinado sobre o que convém aprender, e menos sobre a dosagem dos elementos. O cultivo exclusivo de qualquer ciência apresenta perigos que ninguém de bom senso desconhece. O estudo isolado das matemáticas falseia o juízo, habituando-o ao rigor que nenhuma outra ciência, e menos ainda a vida real comporta. A complexidade da física e da química causa fastio e apouca o espírito. A Filosofia conduz facilmente ao materialismo, a Astronomia corre o perigo de habituar à divagação, a Geografia converte-nos em galgos que tudo farejam, a Literatura torna-nos balofos, a Filosofia incha, a Teologia expõe-nos ao falso sublime e ao orgulho doutoral. Precisais por conseguinte, de variar as culturas para não cansar o solo".

## 2

## PRIMEIRO PASSO PARA O SOCIALISMO

Como costuma acontecer antes de o individuo amadurecer no ler e no pensar, tive os meus tropeços e cometi as minhas cincadas.

Lembra-me como se fosse hoje. Era aluno do Colégio Pio X na capital paraibana, quando, aos 15 anos, fui eleito sócio da Arcadia, agremiação literária daquele educandário.

Entre os presentes, estava o Severino Lira, irmão do professor José Pereira Lira.

Iniciando o meu discurso de posse, disse, com ênfase:

"Ao entrar para esta Academia, dou o primeiro passo para o **SOCIALISMO**...

A frase caiu como uma bomba. O Severino Lira ria ou quase gargalhava.

A despeito de tudo, continuei o discurso, não muito entusiasmado.

Aqui e alí uma risada, até que enfim terminou a sessão.

Correndo, fui ao salão de estudos, não sem ser observado atentamente pelo bedel, Padre José Coutinho. Folheei o Dicionário Seguier e nele procurei o significado da palavra **SOCIALISMO** que tinha causado tanta celeuma.



Labim/UFRN

S—S—SO — **SOCIALISMO**, s.m — "Sistema dos que querem reformar a sociedade pela incorporação à comunhão dos meios de produção, a volta dos bens à coletividade".

Fiquei parado, olhando para o bedel. Que coisa! Querendo impressionar, dissera uma asneira das grossas. Tinha empregado um termo bombástico, parecido com sociabilidade — tendência para a vida em "sociedade", que também não era apropriado.

.....

Dizem os entendidos no assunto que a Arcádia constituiu um momento poético que nasceu, em 1690, de um encontro, embora ainda amaneirado, com a natureza e os efeitos comuns do homem, refletidos através da tradição clássica e de formas bem definidas julgadas dignas de imitação. Era um estilo melífluo, musicalmente fácil e ajustado a temas bucólicos.

O nome veio da região da Grécia antiga dominada pelo deus Pan e habitada por pastores que se divertiam com canções de amor e pugnas poéticas. Os árcades eram chamados "pastores", cada um deles adotando um nome pastoril, grego ou latino. Era patrono da instituição o Menino Jesus, símbolo da simplicidade, e suas reuniões se faziam em parques ou jardins.

Ora, se o Arcadismo tinha como objetivo a procura de verossímil, se salientava o papel da fantasia e do prazer idílico no tecido da obra poética, não se compreenderia que um sócio da Arcádia Pio X pregasse as vantagens do socialismo ateu ou agnóstico... Coisas da juventude.

## 3 — A VIDA INTELECTUAL NO RIO GRANDE DO NORTE

### CULTURA

Numa homenagem especial aos que me acolheram com todas as honras de um filho da gleba potiguar desde os idos de 1927, gostaria de fazer um levantamento completo da vida intelectual norte-riograndense, e, para isso, teria necessidade de tempo e vagar. Não sendo possível realizá-lo nesta oportunidade, contento-me com este retrospecto de ordem geral, por cujas imperfeições de forma e de mérito responde meu pouco conhecimento da matéria, escusável em quem, de boa fé, mete ombros num cometimento ousado, levado pelo desejo de retribuir os favores recebidos, o que terei de manifestar muitas vezes, aqui e alhures.



Labim/UFRN

A partir do movimento romântico até nossos dias, as atividades intelectuais no Rio Grande do Norte marcam etapas expressivas, obedecendo à influência de cada época.

Apesar de se dizer que a civilização do texto escrito deve ceder lugar à civilização da imagem do som, pela comunicação, penso com Maximiniano Campos, citado por Ariano Suassuna, que, se se vaticinar a extinção do livro, haverá uma incoerência flagrante em afirmar e negar ao mesmo tempo a mesma proposição. Se é o livro que expõe a idéia, não há falar na extinção dele.

A noção de cultura, segundo Egon Schaden, como significando toda a herança social dos grupos humanos leva-nos a encarar todas as esferas da vida através do texto escrito e de outras formas de difusão, inclusive a imagem do som. É uma ingenuidade, portanto, sob o pretexto de "contestação" desprezar o valor do livro, da literatura escrita, e, por via de consequência do intelectual, para dar relevo a outro tipo de comunicação.

Feitas estas observações que julgo sensatas, passo a dirigir uma visão de conjunto sobre as atividades culturais no Rio Grande do Norte, como um todo, sem critério estatístico, dentro de certa gradação de valores e de produção dos textos escritos, sem esquecer a tradição oral.

Na linguagem comum, quando falamos em "cultura" nos referimos aos requintes da vida espiritual ou à esmerada educação artística ou intelectual de uma pessoa. Nas ciências antropológicas o conceito de "cultura" se amplia a ponto de abranger todo o sistema de soluções técnicas, atitudes e valores de um povo ou de uma tribo pelo convívio dos homens em sociedade (Schaden).

A "cultura" tem que ser entendida num contexto somático, em relação com os organismos humanos, e extrasomático, quando as coisas e acontecimentos, dependentes de simbolização, são considerados neste contexto face à sua relação com outras coisas e acontecimentos semelhantes. E num sentido mais restrito, compreende-se por "cultura" o nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução, na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na moral etc., e instituições correspondentes".

Em consequência, quer se considere "cultura" como idéia, ou abstração, ou comportamento aprendido, num todo complexo que inclui conhecimentos, crença, arte, moral, lei, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem em sociedade, ou como entidade "mística", a essência do problema é reconhecer que, no caso da "cultura", suas variações em tempo e lugar e seus processos de transformação devem ser explicados, como ensina Leslie White, em termos da própria "cultura".



Labim/UFRN

Colocada a questão nestes termos, volta-se minha atenção para as "pessoas", para os indivíduos denominados centros dinâmicos dos processos de interação social.

## I — Cultura
## — no plano político

Ninguém desconhece a influência da norma jurídica como força condicionante da opinião pessoal e grupal, quanto ao que é justo ou injusto, bom ou mau para a sociedade. É a onipresença do fato jurídico, sendo o Direito como é a forma expressa mais elevada de ordenamento social.

Tanto quanto a sociologia jurídica, a ciência política estuda o direito como fato social, procurando libertar-se do predomínio do pensamento jurídico, sem excluir a aplicação da Psicologia, da História e da Sociologia. É que o cientista político precisa ter um espírito objetivo, unindo a teoria legal à teoria política, sempre atento às condições de vida do povo, às suas tradições, ao meio social. Não é outra a lição de Gerome Hall, David Easton e Temístocles Cavalcanti.

Reexamino esses princípios e teorias para situar, no seu lugar próprio, o campo da ciência política, inscrita hoje como ciência autônoma no quadro das ciências sociais.

Partindo daí, compreender-se-á o significado de "cultura" no contexto somático ligado ao comportamento humano — conceitos, crenças, emoções, atitudes, não obstante poderem os processos culturais ser explicados sem se levar em conta os organismos humanos.

O objetivo deste trabalho é tão somente observar determinadas pessoas que fizeram ou fazem "cultura", sem esquecer o outro lado da questão.

Os dados sociais de que disponho na ocasião, refletidos nos atos daqueles a quem todos atribuimos um sentido histórico na vida intelectual do Rio Grande do Norte, levam-me a fazer a gradação de valores de início aludida.

Ensina Wrigt Mills que em todo o mundo de hoje alguns intelectuais desempenham os primeiros papéis na política de suas respectivas nações. Desempenhar um papel político explicitamente é tentar influenciar as decisões de consequências, e com isso empenhar-se numa luta pelo poder.

É justamente a aparelhagem cultural dos que estejam preocupados com a política que lhes dá maior relevância para as grandes questões da competição nacional.



Labim/UFRN

Quero citar aqui alguns dos norte-riograndenses que no século passado e ainda na Idade Moderna, já agora sendo substituida por um período pós-moderno, tiveram ou têm existência marcante na tarefa cultural, impregnados de visão e das exigências políticas a que alude o sociólogo norte-americano.

## AMARO CAVALCANTI

Amaro Cavalcanti foi considerado por Juvenal Lamartine "a maior figura intectual do Rio Grande do Norte".

Nascido no Caicó, com as limitações naturais da província, foi, no começo, autoditada.

Trabalhado por emoções, por vicissitudes várias, andou pelo Ceará, pelo Maranhão, lecionando latim, até viajar à Europa e aos Estados Unidos, onde se graduou em Direito pela Universidade de Albany, sendo considerado o aluno mais distinto e mais instruido da classe.

Deputado à Assembléia Legislativa do Ceará, teve, afinal proclamada a República, reconhecidos os seus méritos pelo Estado natal, sendo eleito para o Senado, assinalando então a fase mais agitada e mais brilhante de sua vida.

Humanista, poliglota, falava francês, inglês, italiano, espanhol; traduzia alemão, conhecia russo, ensinava latim, lia grêgo. Além de ter exercido as altas funções de Ministro da Justiça e membro da Corte Arbitral de Haia, publicou 40 obras notáveis, entre as quais 5 volumes sobre Economia "Política e Ciência das Finanças" e o tratado clássico — "Responsabilidade Civil do Estado".

Amaro Cavalcanti fez cultura e engrandeceu o nome do seu Estado, do Brasil.

Do homem público, do estadista, escreve Juvenal Lamartine:

"Sua eleição para o Senado Federal marca uma nova fase de sua vida talvez a mais brilhante de sua notável carreira de homem público, revelando qualidades invulgares de talento, de capacidade de realizações, de energia e de cultura, que o sagrariam não só o parlamentar brilhante, como o estadista em dia com os altos problemas políticos e administrativos da Nação. Seus discursos e pareceres, no Senado, sobre política, finanças, meio circulante, tributação, intervenção nos Estados e muitos outros assuntos de interesse público definiram-no como um dos mais cultos membros daquela casa do Parlamento Brasileiro".



Labim/UFRN

"No Supremo Tribunal, ao lado de juristas da estatura mental de Epitácio Pessoa e Pedro Lessa, continúa Juvenal Lamartine, nosso eminente conterrâneo ocupou o plano em que gravitaram esses notáveis brasileiros.

"Amaro Cavalcanti jamais esqueceu sua terra de nascimento, tendo requerido à Prefeitura do então Distrito Federal a abertura de uma rua, nos terrenos de sua chácara, a que deu o nome de NATAL.

"Quando Presidente do Rio Grande do Norte", finaliza Lamartine, "dei o nome de Amaro Cavalcanti ao Grupo Escolar que fiz construir em São Tomé. Não basta, porém, esta homenagem. Amaro merece muito mais do que nosso Estado já lhe deu. Sua memória deve ficar perpetuada no bronze, para que as gerações futuras prestem o seu culto a esse homem extraordinário".

Se Deus me permitir ainda farei um estudo detido sobre essa figura exponencial da vida intelectual e pública do Rio Grande do Norte.

Dada a complexidade de seus conhecimentos poderia incluir Amaro Cavalcanti no título — "Cultura Geral", ou "Cultura jurídico-política". Desprezando, porém, o escolasticismo conservador, procurei dar ênfase à sua constância na Política Aplicada, sem dúvida pensando como Aristóteles que "a política é a melhor das ciências".

## AUGUSTO TAVARES DE LYRA

Deputado Estadual em 1893; Deputado Federal, aos 22 anos, de 1894, a 1904. Ainda em 1904 foi Governador do Estado, não terminando o período governamental por ter sido convocado pelo Conselheiro Afonso Pena para exercer o cargo de Ministro da Justiça, aos 36 anos. Senador da República, Ministro da Viação no Governo Wenceslau Braz, Professor de Direito, Tavares de Lyra "é dos mais eminentes historiadores de nossa terra, um estudioso do nosso passado, um pesquisador incansável dos fatos nacionais", no dizer de Ferreira de Souza em discurso no Senado

Realmente, Tavares de Lyra foi historiador excepcional, formando, com Rodolfo Garcia e Tobias Monteiro, o grande triunvirato potiguar de expoentes do estudo de "História do Brasil Co-



Labim/UFRN

Quero ressaltar aqui somente o aspecto da cultura jurídica de Seabra Fagundes, deixando à margem sua atuação passageira em cargos de natureza política, nos quais, é bom não esquecer, sempre fez prevalecer as tendências do Juiz emérito que o foi.

Suas obras de direito avultam na pobreza da nossa bibliografia e clamam por um reconhecimento desta Academia: "Controle dos Atos Administrativos pelo Poder Judiciário", "Dos Recursos Ordinários em Matéria Civil", "Da Desapropriação no Direito Brasileiro", além de inúmeros ensaios e artigos doutrinários nas Revistas especializadas e pareceres.

**FRANCISCO RIBEIRO DANTAS**

Magistrado, professor de Direito. Publicou: "Legítima Defesa no Direito Riograndense", "Casos Julgados" e "Comentários ao Código de Processo Civil e Comercial".

Foi Presidente do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e todas as suas atividades se desenvolveram no referido Estado principalmente no estudo do Direito.

**JOÃO LINDOLFO DA CÂMARA**

Bacharel em Direito e alto funcionário da Fazenda Nacional. Suas publicações: "Projeto ao Código Administrativo", "Imposto de Consumo", "Comentários ao Regulamento das Contas Assinadas" e "Direito Fiscal". Publicou ainda: "Memórias e Devaneios".

**III — Cultura geral:**

**LUIS DA CÂMARA CASCUDO**

Câmara Cascudo, é "o nosso maior escritor em todos os tempos", como diz Manoel Rodrigues de Mélo, o que subscrevo, com mais de 100 obras publicadas, em cuja produção intelectual deparam-se-nos textos literários do melhor quilate.

É, na verdade, o nosso grande polígrafo. Além de conhecer História, Antropologia, Geografia, Etnografia, Folclore, Toponímia, Arqueologia, Música, Sociologia, Psiquiatria, Ciência Política, Direito, e um sem número de coisas, Cascudo investiga, cata todos os escaninhos onde pode encontrar algo que interesse a seus estudos prediletos. É um trabalhador intelectual infatigável e, sobretudo,



Labim/UFRN

uma figura humana dessas que raramente encontramos na vida. Seu lar é o refúgio de quantos procuram saber a origem do que ele conhece em profundidade, e também da amizade velha que não cansa. Seu espírito abarca todos os ângulos de cultura que constituem o ideal da consciência coletiva, razão por que todos lhe pedem ajuda para a explicação de certos fatos por muitos ignorados. Sua personalidade é a consagração de um valor que, para vê-lo reconhecido, no dizer de Georges Davy, se tornou necessário adquirí-lo e merecê-lo.

Quem, estrangeiro ou ignorante da cultura, quiser conhecer Câmara Cascudo, leia os livros de Américo de Oliveira Costa e Zila Mamede.

Câmara Cascudo não é um mandarim das letras, da arte ou da ciência, encastelado na sua torre de marfim; é um ser social que vive na companhia de seus semelhantes, buscando com eles os mesmos bens comuns, e cuja atividade com tudo o que comporta de necessidade e liberdade, o especifica entre os homens mais ilustres do Estado, de acordo com o conceito de Follet.

Em "Província", publicada em sua homenagem, tive que ressaltar esta faceta de sua personalidade marcante.

Nada mais será preciso dizer de Cascudo, a não ser que ele é um guia e um mestre com sua generosidade cultural.

**RODOLFO GARCIA**

Primeiro norte-riograndense a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Historiador, deixou um acervo de contribuições inestimáveis para o estudo do Brasil Colônia, do Brasil Império e do Brasil República, juntamente com Tavares de Lyra e Tobias Monteiro. É um grande nome na intelectualidade potiguar. Publicou. "Dicionário de Brasileirismos", "Nomes das Aves na Língua Tupi" e "Etnografia Indígena". Sua produção: cerca de 16 obras.

**TOBIAS MONTEIRO**

Homem de letras e jornalista. Senador e Ministro da Marinha no Governo Epitácio Pessoa. Escreveu: "Campos Sales na Europa", "Pesquisas e depoimentos para a História" e "Funcionários e Doutores", além de ensaios sobre História que o elevaram à mais alta categoria entre os homens cultos de sua época.



Labim/UFRN

## FLORIANO CAVALCANTI

Magistrado, filósofo, professor. Seus trabalhos jurídicos, em linguagem escorreita, denunciam o profundo conhecedor da Ciência do Direito. Proferiu sentenças que, a par dos aspectos dogmáticos, da pesquisa teórica e da formulação das doutrinas, revelam a segurança do sociólogo na observação dos fatos sociais. Publicou os seguintes ensaios: "Juízes e Advogados", "Caxias, o Estudante Soldado", "Rui Barbosa e a necessidade do culto cívico", "Sílvio Romero, o Crítico", "O Juiz e a Importância de sua Missão", "A Concepção Filosófica da História", tendo a publicar "Farias Brito e sua Influencia Espiritualista" e "Introdução à Ciência do Direito".

## Padre LUIZ GONZAGA DO MONTE

Nascido a 3 de janeiro de 1905, na cidade de Santo Antão, Pernambuco, sendo norte-riograndense honorário. Homem de letras, cientista, orador, polemista, era latinista e vivia na intimidade com os clássicos. Historiador, nada ignorava sobre fatos, datas, nomes, lugares da história antiga ou moderna. — "Em sua ciência havia sempre lugar para a poesia", escreve Jorge O'Grady de Paiva, citando Ferreira da Silva. Beletrista e acadêmico. Escreveu: "Compêndio de Biologia", "Fundamentos Biológicos da Castidade" e vários outros ensaios. Era um homem de cultura geral.

## FELIPE NERI DE BRITO GUERRA

Felipe Guerra nasceu a 26 de maio de 1867, na cidade de Augusto Severo, deste Estado, filho de Luiz Gonzaga de Brito Guerra, que foi Ministro do Supremo Tribunal na Monarquia. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1889, foi Juiz de Direito em Macau, Caicó e Mossoró. Procurador Geral do Estado e Desembargador.

Seu livro básico intitula-se "SECAS CONTRA A SECA", onde estuda os costumes e problemas do sertão semi-árido do Rio Grande do Norte. É obra hoje esgotada. Foi equiparada pelo cientista norte-americano Gerald Waring, em livro que escreveu para a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas aos "Sertões" de Euclides da Cunha como repositório seguro sobre os problemas no Nordeste.



Labim/UFRN

Além desse livro, escreveu: "Ainda o Nordeste", livro polêmico, em que defende o povo da região, duramente atacado por um engenheiro sulista.

São de sua autoria, ainda, um ensaio sobre a Seca de 1915 e uma História das Secas, além de vários folhetos tais como "O Porto de Mossoró", um memorial sobre a Estrada de Ferro de Mossoró, etc.

## IV — Literatura.

A História Literária ou a Ciência da Literatura no Brasil deve ser encarada tendo em vista o drama de sua formação, como entende Afrânio Coutinho. Foi efetivamente na década de 1920 a 1930 que a literatura brasileira atingiu sua maioridade.

Apesar disso, ainda não alcançamos, é forçoso reconhecer, a maturidade desejada.

Verdade é que nos últimos anos se vem fazendo sentir em nosso país uma grande transformação de idéias e métodos destinados a despertar o prazer estético e a imaginação criadora.

O que ainda nos falta, como salienta Afrânio Coutinho, é um **status** de independência social e econômica que propicie uma vida literária organizada em bases profissionais. Não importa que um ou outro escritor goze de situação privilegiada. Nossos homens de letras, com raras exceções, "ou condenam-se à derrota financeira, ou se deixam atrair por outras atividades — jornalismo político, advocacia, medicina, burocracia, magistério não especializado, política militante etc., ou, o que é a regra, são profissionais dessa qualidade que cultivam as letras nos raros momentos de ócio, sem especialização, sem terminologia apropriada, sem espírito literário. Ou então encontram na literatura um salvo conduto para a projeção na política, na administração, na sociedade, a ela não se mostrando presos senão por laços sentimentais, nunca por uma fidelidade constante de estudo e produção".

No que diz respeito aos Estados do Norte e, especialmente ao nosso Estado, pode imaginar-se o que ocorre. Os que fazem literatura, na maioria, são verdadeiros heróis. Ou se prendem àquelas condições (Câmara Cascudo é uma exceção, pois é homem de letras fiel ao livro, a salvo das limitações que empecem os demais), ou nada realizam.

### a) — Romance, jornalismo ensaios, teatro.



Labim/UFRN

## NILO PEREIRA

Historiador, professor e jornalista, "autor de uma obra que o consagra entre os melhores representantes de sua geração", no dizer de Edgar Barbosa.

Publicou: "Dom Vital e a Questão Religiosa", "Coisas de não esquecer", "Palavras que o Vento Leva", "O Infante Dom Henrique a Serviço de Deus", "Renan e Nabuco", "A Reforma Universitária e a Universidade Regional", "Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim", "Camões e Nubuco", "Revisionismo e Tradição", "O Período Regencial no Brasil". Sua produção literária alcança uma vintena de livros.

## MANOEL RODRIGUES DE MELO

É um desses heróis que fazem literatura no Estado. Funcionário modesto de uma das nossas instituições, ninguém mais do que ele tem feito pelas nossas letras. Não sei onde encontra a energia com que tem conseguido empreender o trabalho hercúleo já desenvolvido nesta Academia, e tudo porque é de fato e de direito, um líder das nossas atividades literárias. Sobre ser um impulsionador dessas atividades, não tenho receio em colocá-lo entre os nossos melhores ensaístas: Seus livros, "Várzea do Açu", "Patriarcas e Carreiros" e "Cavalo de Pau" dão-lhe credenciais para isso.

## AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Professor, escritor, jornalista. O livro — "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", prêmio Nacional da Fundação José Augusto, é suficiente para conceder-lhe um lugar reservado na vida intelectual do Estado.

## EDGAR BARBOSA

Professor, magistrado, jornalista, ensaísta, forma, com Bruno Pereira e Eloy de Souza, o triunvirato de expoentes do nosso jornalismo político, à semelhança do que se convencionou chamar com relação às atividades de Tavares de Lyra, Rodolfo Garcia e Tobias Monteiro nos estudos de História. Publicou: "História de uma Campanha", "Síntese Histórica", "Três Ensaios" e "Imagens do Tempo".



Labim/UFRN

## OTTO
## DE BRITO GUERRA

Nasceu em Mossoró, a 2 de julho de 1912. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1933, foi Chefe de Gabinete de Interventoria Federal, Promotor Público, Delegado do Recenseamento de 1940, Consultor Jurídico do Departamento das Municipalidades, Diretor do Departamento das Municipalidades, Diretor do Serviço Estadual de Reeducação Social, Procurador da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Norte, Diretor da Faculdade de Direito e Vice-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem publicados: "Divórcio e Reajustamento Familiar", "A Batalha das Secas, Verbete "Bispado" no Dicionário Enciclopédico de Direito, de Carvalho Santos, "Papel da Universidade no Mundo Moderno", "O Serviço Social na Era Atômica", "Pastoral e Comunicações Sociais" e "Cooperativismo e Comunidade".

## FRANCISCO
## BRUNO PEREIRA

Graduado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Promotor de Justiça (Petrolina, Pernambuco), deputado estadual e líder da bancada governista neste Estado.

Em 1924 fez uma tentativa de advocacia no Rio de Janeiro, sendo mal sucedido, retornando ao Estado após a Revolução de 1930.

Em 1931 foi escolhido membro da Junta Apuradora instituida naquela época, rompendo depois com os dirigentes revolucionários.

Em 1932, já tendo ingressado na política partidária, foi Diretor de "A RAZÃO", jornal empastelado duas vezes por combater o arbítrio dos Interventores, sendo obrigado a fugir do Estado na Interventoria Mário Câmara.

Em 1935, eleito Governador o dr. Rafael Fernandes, foi nomeado Procurador Geral do Estado.

Em 1941, com a instalação da Justiça do Trabalho, assumiu o exercício das funções de Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal.

Advogado, jornalista, professor, foi sempre um aplicador justo da lei, um combatente ardoroso pelas causas que empolgavam seu espírito.

Grande sabedor da língua portuguêsa, seus trabalhos primam pelo aticismo de linguagem.



Labim/UFRN

**ELOY**
**DE SOUZA**

Escritor e jornalista. Apesar de não ter nascido neste Estado, é considerado norte-riograndense honorário, pois toda a sua vida passou-a na terra potiguar a que deu o máximo de suas energias intelectuais e cívicas. Fez, sobretudo, jornalismo político, sendo o porta-voz na imprensa dos grandes políticos que pontificaram nesta região".

Exerceu mandatos eletivos na Câmara Alta como representante do Rio Grande do Norte, deixando publicações de grande valor intelectual, de cunho regionalista: "Costumes Locais", "Alma e Poesia do Litoral do Nordeste", "Cartas de um Sertanejo" e "Calvário das Secas".

**RAIMUNDO**
**NONATO DA SILVA**

Eis um escritor regionalista que definiu sua posição no quadro que hei tentado esboçar. Radicado no Rio de Janeiro, é um intelectual dedicado à sua terra, oferecendo-lhe o melhor de sua inteligência.

Historiador, professor e jornalista. Anotam-se na sua bagagem literária: "Quarteirão da Fome", "Histórias de Lobisomem", "Mossoró no Espaço e no Tempo", "Província Literaria", "Lampião em Mossoró", "Adauto Câmara", "A Revolução de 1930 em Serra Negra", "Negociantes e Mercadores", "Memórias de um Retirante", "Figuras e Tradições do Nordeste", "O Pilão", "Bachareis de Olinda e Recife" e "Jornalista Martins de Vasconcelos".

**ROMULO**
**CHAVES WANDERLEY**

Nascido no Açu a 3 de abril de 1910 e falecido recentemente, a 7 de janeiro de 1971. Vencendo mil dificuldades conseguiu, após o curso de humanidades, formar-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1945.

Iniciou sua vida intelectual no Açu e, nesta capital, foi redator de "A REPÚBLICA", "O DIÁRIO" (depois "DIÁRIO DE NATAL"), "A NOTÍCIA" e da "TRIBUNA DO NORTE" onde manteve uma crônica diária — "NOTA DA MANHÃ".



Labim/UFRN

Publicou: "Uma Tempestade num Copo d'Agua" (1951), "ARCA DE NOE" (1954), "A Geografia Potiguar na Sensibilidade dos Poetas", "Panorama da Poesia Norte-Riograndense" (1965) e "História do Batalhão de Segurança".

Jornalista, cronista, poeta, professor, historiador, merece um lugar de destaque na vida intelectual do Rio Grande do Norte.

Grande figura humana, com ele convivi fraternalmente. Era uma confiança reciproca, cimentada no conceito da amizade de Aristóteles: "O amigo tem menos orgulho de sua virtude que da virtude do amigo".

**VERISSIMO DE MELO**

Ensaísta, jornalista, professor universitário, desde cedo ficou empolgado pelos estudos de cultura popular. Estudante no Colégio Universitário do Rio de Janeiro, tinha como compêndio — "Noções de História da Literatura Universal" de Manoel Bandeira. Dez anos depois era citado por este na segunda edição dessa obra entre os que, no Brasil, davam valiosa contribuição a esses estudos.

Tem mais de 30 ensaios e livros sobre folclore publicados no Brasil, em Portugal e Itália.

Fundou, com Câmara Cascudo, Onofre Lopes, Dom Nivaldo Monte e Cabral de Carvalho, o Instituto de Antropologia do Rio Grande do Norte, que é uma das unidades mais atuantes da nossa Universidade.

**ADERBAL DE FRANÇA**

Quando se quiser fazer a história do jornalismo potiguar, ter-se-á que colocar bem alto o nome de Aderbal de França.

De início pretendeu ser médico, porém o destino, o implacável destino, em que pese ao determinismo, trouxe-o à provincia onde havia de realizar um trabalho intelectual admirável, nessa forma de comunicação que se caracteriza pela transmissão ao público de informações de atualidade.

40 anos de "crônica" social, sob o pseudônimo de "DANILO", valem por uma biblioteca educativa em que o debate de ideias serve a uma missão política e social de grande importância. Publicou "Vida Profana".



Labim/UFRN

## HÉLIO GALVÃO

Advogado, sociólogo, folclorista, escritor. Suas "Cartas da "Praia", diz Manoel Diégues Júnior, "são um primor". Em primeiro lugar pela redação: a clareza de dizer coisas, a facilidade de exprimir o que viu, capaz de chegar ao entendimento de todos os leitores. Depois, pelas informações: trata-se, na verdade, de uma riqueza de informações sobre a vida praiana, hábitos, costumes, o cotidiano, as conversas, tudo enfim que a etnografia conserva, mas nem sempre se registra".

Helio Galvão é, realmente, um grande estilista: "O tempo perdido pode ser procurado. Talvez até recuperado. O poder de evocação pode fazer o milagre de repassar aos nossos olhos a paisagem que desapareceu, as pessoas que já não vivem, ou refluir aos ouvidos a voz emudecida, e trazer de novo à memória, que fugazmente os desenrola, em desordem, aos pedaços, sem conexões, episódios, fatos, gestos, modos, que um dia vimos, de que um dia participamos". Eis aí o poeta, o paisagista, o pintor que usa tinta a cores no mural da vida, "abrindo os olhos às amplidões infinitas do mar".

É um escritor para quem a literatura é instrumento de ação profissional, sem perder a segurança técnica do jurista. Publicou: "O Mutirão no Nordeste", "Canais de Circulação Vertical na Sociedade", "Dos Efeitos Patrimoniais em Mandado de Segurança", "Revogação de Isenção Tributária". "O Caso da Jazida Estrondadeira", "Calamidade Pública e Responsabilidade Civil", "Cartas da Praia" e "Novas Cartas da Praia".

## SEBASTIÃO FERNANDES DE OLIVEIRA

Magistrado que conheci de perto e me deu a honra de sua amizade acolhedora. Escreveu sobre ele Câmara Cascudo: — "Possuia a cultura literária que empresta às duras formas da lei a ilusão do movimento e a sugestão da cor. Era o poeta, o tribuno, o ensaísta, o doutor da lei, com a sensibilidade em perpétua sintonização, emocionando-se por uma página feliz, um crepúsculo resplandescente ou a história de uma gota d'água que ficará, milênios, guardada num bojo de alabastro". Poderia figurar em "cultura jurídica" ou em "cultura geral", mas, tomando por base sua linguagem como instrumento de arte ornamental, optei por "literatura". Publicou: "Estudos e Aplicações de Sociologia Criminal" e "Alma Deserta".



Labim/UFRN

**SANDERSON NEGREIROS**

Advogado. Jornalista por excelência, nada lhe escapa à versatilidade do espírito ágil. Suas crônicas diárias revelam grande acuidade intelectual. Conversador arguto, entrevistador percuciente, maneja a palavra com a mestria do lapidário no polimento das pedras preciosas: se há uma jaça ele a descobre e extirpa, ou brune. Publicou: "Ritmo da Busca", "Fábula, Fábula" e "Os Lances Exatos".

**JOSÉ FERREIRA DE SOUZA**

Otávio Alecrim, Nestor dos Santos Lima, Peregrino Júnior, Elias Souto, Luiz Fernandes, Matias Maciel, Izabel Gondim, Braz de Melo, Armando Seabra, Cristovam Dantas, Antônio Bento de Araújo Lima, Januário Cicco, Garibaldi Dantas, Orlando Ribeiro Dantas, Luiz Torres, Heraclio Vilar, Dom José Adelino, João Café Filho, Honório Carrilho, Almino Afonso, Monsenhor Jorge O'Grady de Paiva, Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia, Jaime Hipolito Dantas, José Wanderley, Augusto Meira, Alvamar Furtado, Francisco de Brito Guerra, Otávio Pinto, Rivaldo Pinheiro, Ezequiel Wanderley, Sergio Santiago, Djalma Aranha Marinho, Paulo Pinheiro de Viveiros, Ivan Maciel de Andrade, Múcio Ribeiro Dantas, João Ururahy, Raimundo Nonato Fernandes, Claudionor Telógio de Andrade, José Bezerra Gomes, Enélio Petrovich, Sandoval Wanderley, Vivaldo Pereira, Manoel Onofre Júnior, Vicente de Lemos, Geraldo Fernandes de Oliveira, Meira Pires, João de Amorim Guimarães e José Martins de Vasconcelos.

Obras de ficção, jornalismo, magistério, cultura científica, teatro, eis o solo onde plantaram a semente das pressões anímicas, das estruturas narrativas, da crítica, da arte.

**JAIME ADOUR DA CAMARA**

Publicou: "Europa, França e Bahia" e "Salvador Piza"; AURÉLIO PINHEIRO, membro do Instituto Brasileiro de Cultura: "Macau", "O Desterro de Umberto Saraiva", "Gleba Tumultuária" e "À Margem do Amazonas"; AFONSO BEZERRA: "Ensaios, Contos e Crônicas"; JOÃO BATISTA CASCUDO RODRIGUES: "A Mulher Brasileira, Direitos Políticos e Civis"; ADAUTO CAMARA: "O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguai" e "História de Nísia Floresta"; ANTÔNIO DA ROCHA FAGUNDES: "Vida e Apostolado de



Labim/UFRN

Dom Joaquim de Almeida", "Rio Grande do Norte", "Símbolos Nacionais", "Leituras Potiguares" e "O Cruzeiro"; ANTONIO JOSÉ DE MELO E SOUZA, sob o pseudônimo de Policarpo Feitosa: "Gizinha", "Flor do Sertão" e "Os Moluscos"; WALTER WANDERLEY: "Notas de Viagens ao Amazonas", "Bodas de ouro dos meus pais", "Família Wanderley", "Macau na Poesia de Edinor Avelino", "As Palavras", "A Amizade e o Tempo", "Mossoró na poesia de Cosme Lemos", "Paulo de Albuquerque — O Poeta da Abolição" e "Irineu Soter Caio Wanderley"; MURILO MELO FILHO: "Desafio Brasileiro", traduzido em várias línguas; ZILA MAMEDE: "Luiz da Câmara Cascudo — 50 anos de Vida Intelectual", "O Arado" e "Xico Santeiro"; MANOEL DANTAS: "Divisão dos Municípios do Rio Grande do Norte", "Natal daqui a 50 anos", "Homens de Outrora" e "A Revolução de 1817"; — CLEMENTINO CÂMARA: "Revelações", "Geografia e História do Rio Grande do Norte" e "Décadas"; UMBERTO PEREGRINO: "Euclides da Cunha e outros Estudos", "História e Projeção das Instituições Culturais do Exército", "A Margem do Problema Alimentar Brasileiro", "Os Sertões como História Militar" e "Histórias da Amazônia"; JOSÉ PINTO JUNIOR: "Cão de Luxo" e "Cachimbo de Barro"; MÁRIO MOACIR PORTO: "Ação de Responsabilidade Civil e outros Estudos"; WALFLAN DE QUEIROZ: "A Colina de Deus", "O Livro de Tânia", "O Testamento de Jó" e "O Tempo da Solidão"; DJALMA MARANHÃO: "Cascudo, Mestre do Folclore Brasileiro"; JOSÉ MELQUIADES: "Duas Palestras", "Os Estados Unidos, a Mulher e o Cachorro" e "Padre Francisco de Brito Guerra"; MARIA EUGÊNIA MACEIRA MONTENEGRO: — "Alfa, a que está só" e "Saudade, teu nome é menina"; Professor SEVERINO BEZERRA DE MÉLO: "Para errar menos"; Professor JOSÉ SATURNINO DE PAIVA: "Bate-papos", "Jorge O'Grady de Paiva" e "Compêndio da Língua Portuguêsa"; DIOCLECIO DANTAS DUARTE: "Estudos de Economia Brasileira", "Santos Dumont e Augusto Severo" e "De Como exerci o meu mandato"; Desembargador JOSÉ GOMES DA COSTA: "A vida e a Obra de Clóvis Bevilaqua"; OSVALDO LAMARTINE DE FARIA: "Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó" e "Encouramento e Arreio do Vaqueiro no Seridó" e "Uns Fescininos"; ALUIZIO ALVES: "Mensagem às elites", "Angicos", "Nordeste, Problemas de recuperação Econômica", "Resposta ao Desafio do Nordeste" e "Sem ódio e sem mêdo"; ASCENDINO HENRIQUES DE ALMEIDA JÚNIOR: "Gramática da Língua Portuguêsa para o curso primário" e "Pensamento em Férias"; Desembargador SILVINO BEZERRA NETO: "Reminicências" e "Últimas Reminicências"; DORIAN GRAY CALDAS: "Campo de Memórias" e "Os Instrumentos do Sonho"; NEY LEANDRO DE CASTRO: "Contistas Norte-riograndenses", "O Pastor e a Flauta", "Universo e Vocabulário



Labim/UFRN

do Grande Sertão" e "Voz Geral"; GENÁRIO ALVES FONSECA: "Aditivos Químicos em Alimentos", "Contribuição para o Estudo Bromatológico do Fruta-Pão" e "A Universidade e o N. P. O. R."; Padre PAULO HERÔNCIO DE MELO: "Os Holandezes no Rio Grande do Norte"; DIÓGENES DA CUNHA LIMA FILHO: "Bibliografia de Luis da Câmara Cascudo" e "Lua 4 Vezes Sol"; THADEU VILAR DE LEMOS: "O Coronel Cascudo"; HOMERO HOMEM: "Calendário Marinheiro".

Pena é que não disponha de tempo nem de informações outras para ao menos de relance, focalizar o trabalho de todos os intelectuais norte-riograndenses. A respeito de alguns dos indicados acima sei que publicaram trabalhos diversos, mas as fontes procuradas foram insuficientes. Daí as omissões em que possa ter incorrido, do que me penitencio.

**b) — Poesia**

**HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA,**

Otoniel Menezes, Jorge Fernandes, Cosme Lemos, Antônio Soares de Araújo, Esmeraldo Siqueira, Auta de Souza, Palmira Wanderley, Sebastião Fernandes de Oliviera, Francisco Palma, Edinor Avelino, Gotardo Neto, Ana Lima, Ferreira Itajubá, Barreto Sobrinho, Newton Navarro, Luiz Carlos Lins Wanderley, Abner de Brito, Araújo Filho, Mariano Coelho, João Damasceno Moreira de Menezes, José Gonçalves Pires de Medeiros, Maria Madalena Antunes, Antônio Pinto de Medeiros, Deífilo Gurgel, Miguel Cirilo, João de Amorim Guimarães, Luiz Inácio Maranhão Filho, João Carlos Vasconcelos, João Estevam Gomes da Silva, Gumercindo Saraiva, Monsenhor José Alves Landim, Juvenal Antunes, Francisco Ivo Cavalcanti, Ponciano Barbosa, Wilson Dantas, José Heroncio de Mélo, Clarisse Palma, Carolina Wanderley, Segundo Wanderley, Renato Caldas, Antônio Emerenciano, Oliveira Junior, Jaime dos Guimarães Wanderley, Bezerra Junior, Evaristo de Souza, João Emerenciano, Luiz de Carvalho Rabelo, Francisco Xavier de Araújo, Elyssósia Guimarães, José Pinto Junior, Luiz Carlos Guimarães, Virgilio Trindade, Silvino Bezerra, Antônio Antidio de Azevêdo, Luiz Patriota, Augusto Severo Neto, Fagundes de Menezes, Cedrin Jucá, uns mais, outros menos, são poetas pelas motivações que os animam na procura de um símbolo vago, indeterminado, submerso.

Não distingo entre vivos e mortos, pois a literatura, a poesia e a arte são eternas, apesar da limitação da vida humana.



Labim/UFRN

Não podendo nem devendo fazer aqui um trabalho circunstanciado, remeto os ouvintes ou leitores aos livros de Ezequiel Wanderley e Rômulo Wanderley, "Panorama da Poesia Norte-Riograndense" e "Poetas do Rio Grande do Norte", verdadeiras antologias. A despeito de tudo, devo discriminar de certa maneira alguns poetas que constituiram, por assim dizer, o cerne da história da nossa arte poética.

## OTONIEL MENEZES

Comparo a Vicente de Carvalho, que escutava a voz "monstruosamente romântica do mar", sublimando-se em baladas de amor a natureza. Foi poeta "sofrido" e, no fim, desencantado da vida:

### B A N Z O

"Dia azul para todas as criaturas
menos de mim.
O suicidio não adianta que é pior.
o bonde pararia. O ônibus. O lotação.
De que serve viver pelo coração?
A dor da morte deve também ser ilusão,
quem vive é que sente a evidência do fim.
Rostos novos só nos outros planetas
dos discos benfazejos
aqui é tédio tudo. Risadas. Vendetas.
Discos. Discos de sangue. E de cinza. Operetas".

Faz lembrar Mário de Andrade nesses versos livres. Otoniel, lírico, romântico, foi depois modernista, conservando sempre sua arte poética inigualável.

De poeta do mar e do amor, passou a poeta "derrotado" e "revoltado"; "derrotado", "sofrido", porque viveu nos últimos anos em função dos impactos emocionais, "revoltado" porque hostil a sociedade, sem cultuar, entretanto, o instinto, a violência, como aqueles "novos boêmios", sem recorrer aos ritmos de jazz, ou versos informes, ou obcenidades. Foi isso simplesmente um episódio. Embora com tendências a um protesto social organizado, seus versos de "BANZO" — nostalgia mortal dos negros da Africa, recordam justamente a melopéia dos negros desinibidos em relação aos brancos, da boêmia da década de 1920, com o repúdio ao provincianismo, aos filisteus, à hipocrisia moral da vida. Antes fizera poesia "pastoral" em "praieira dos meus amores":



Labim/UFRN

"Praieira dos meus amores,
encanto do meu olhar,
quero contar-te os rigores
sofridos a pensar
em ti sobre alto mar.
Ah! não sabes que saudade
padece o nauta ao partir
sentindo na imensidade
o seu batel fugir,
Incerto ao porvir...

"Praieira do meu pecado
morena flór não te escondas,
quero, ao sussurro das ondas,
do Potengi amado
dormir sempre a teu lado,
depois de haver dominado
o mar profundo e bravio.
À margem verde do rio,
serei teu pescador.
ó pérola do amor".

Essa poesia "pastoral", de caráter idílico, reproduz o som e as melodias da cornamusa dos pastores. Sugere Philip Booth:

"Eu te levarei agora como você é
e não outra. Na estação rude
das tempestades do Nordeste, e nos prados
do verão iremos apenas com as sombras das gaivotas.
"E eu arrisco o meu louvor tôsco e imperfeito,
Do meio dia à luz mínima do sol, a luz, e os dias
compõem a cerimônia do meu pronto desejo.
Onda sobre onda, a rocha cinzenta da praia
"torna-se aos poucos areia, que diminui com o refluxo
que a costa já conhece: e nós ficaremos contemplando,
crista azulada e o topo da vaga alva, que busca
ainda por uma praia na maré dos amantes".

Otoniel, não obstante a idiossincrasia obstinada conservou a força de uma aura permanente, o desejo de retorno à poesia ingênua e simples do poeta do amor e do mar:



Labim/UFRN

"Ventos do mar ventos da terra ventos do mundo,
ventos da Morte ventos da revanche do Medo!
em que turbilhão convulso
em que asa despedaçada
em que ângulo de inexpugnável solitário rochêdo
timida, volteia,
ou se esconde na penúgem
ou dorme plácida na areia
nos rios ou no mar, nas núvens, na salsugem,
— simples, fecunda, biblica, feroz —
a sementezinha de mostarda da Paz?"

Era a poesia do após-guerra... E assim se finou, no Rio, o grande poeta e grande amigo Otoniel, quase mendigando o pão de cada dia...

**COSME**
**LEMOS**

Sem livros publicados, tem uma constância admirável na poesia. Sua linguagem, seus tropos, suas imagens, seus símbolos, nos sonetos e poemas, que conheço através de jornais e revistas, trazem a inspiração do poeta profissional, como de Manoel Bandeira disse ainda Mário de Andrade.

Seus versos — "AGASALHO À DOR" (na morte de um filho), impressionam pela sensibilidade e pela amargura:

"Dor, rompe o pericárdio e aqui faze o teu ninho,
entra num coração que te ama e que te espera:
olha como é macio o leito só de arminho
que te guardei, ó Dor, e vê como é sincera.

A expressão de fervor que lês em meu carinho.
como o faquir que afaga o mal que o dilacera,
eu te afago também. E bebo como um vinho
as gôtas do teu fél... e sinto u'a primavera

De amor, no bisturi ferino que retalha
Minha alma... bisturi que lança uma mortalha
de pranto, em meu olhar dormente e já sem brilho.

Vem, Dor amiga, acende a chama da saudade.
agasalha-te aqui comigo por piedade
e recita baixinho o nome de meu filho!"



Labim/UFRN

## JORGE FERNANDES

Poderia inscrevê-lo entre contistas e dramaturnos. Foi à arte poética, porém, que ele deu o melhor de sua inteligência e de sua estesia.

Peregrino Júnior considera-o a "maior figura literária de nossa terra".

Ouçâmo-lo·

### RÊDE

"Embaladoura do sono...
Balanço dos alpendres e dos ranchos...
E vaivém de modinhas langorosas...
Vaivém de embalos e canções...
Professora de violões...
Tipoia de amores nordestinos...
Grande. . larga e forte... para ensaios...
Berço de grande raça
suspensa...
Guardadora de sonhos...
Pra madorna ao meio-dia..
Grande... côncava...
Lá no fundo dorme um bichinho
— ô...ô...ô...óó...ôôóóôôôô...
Balança o punho da rêde pro menino dormir..."

Essa poesia modernista mereceu de Mário de Andrade os maiores elogios.

## HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA

Considerado "o principe dos poetas do Rio Grande do Norte". Jornalista, escritor, ensaísta, teve na poesia seu gênero de literatura fundamental.

"Toda a poesia de Henrique Castriciano, ainda as mais realistas, se veste das roupagens do símbolo. Não é xagegero asseverar que ele foi dos poetas de nossa terra, melhor direi, do Brasil, um dos mais ilustres e brilhantes"· di-lo Araújo Filho.

Ainda é o mar a sugestão da maioria de nossos poetas, como o foi para Otoniel, Vicente de Carvalho, Itajubá.



Labim/UFRN

"Eis-nos sós, companheiro! Amargurado oceano
Deixa-me descansar ao pé de ti, meu velho...
Depois de ter ouvido o Ritual Romano
Quero aprender de cór o teu santo Evangelho.
. . . . . .
Sobe o dia no Azul. Tontas de amor, no Espaço,
Gaivotas vão subindo... Ergue-se ao longo, o braço
De um monte secular, entre nimbos risonhos...
E, ao ver tudo ascendendo, eu procuro o infinito
De tua alma sem fim, para esconder num grito,
Minhas queixas! meus ais! Minhas penas! Meu sonho!"

**ESMERALDO SIQUEIRA**

Médico, professor, jornalista, com uma cultura humanística extraordinária. Polemista mordaz, tem uma dialética satírica, jogando o raciocínio com sabedoria e argumentação lógica, e daí sua autoridade nos asuntos que discute.

"Oferanda à Poesia" retrata seu estado d'alma, sua arte, sua profunda sensibilidade e apurado gosto dos versos, para repetir, com Rômulo Wanderley, a impressão que me causa a poética de Esmeraldo Siqueira:

"Um trono eu te erguerei, escuta bem,
de esmero original,
e como, em tempo nenhum, na terra, houve ninguém,
que tivesse outro igual.
A púrpura — será do meu sangue inda vivo,
ardente e palpitante
o ouro — da áurea prisão do meu verso cativo,
aos teus pés suplicante.

As estrelas irei na asa da inspiração,
de uma em uma escolhê-las,
para cingir-te à fronte a reverberação
das mais lindas estrelas
que valerão do mundo efêmeras grandezas
ante o teu resplendor?
Vencerás, imortal, rainhas e princezas,
Pela glória do amor".



Labim/UFRN

**ANTONIO SOARES DE ARAUJO**

Transcrevo estas palavras de Edgar Barbosa: — "Nenhum livro de versos surgido nesta terra de poetas talvez seja tão expressivamente biográfico e vívido em sentimento como este — "LIRA DE POTI" que o tempo vem tornando cada vez mais jovem. Em "CANTOS DA JUVENTUDE", versos da mocidade, está o soneto "NOIVOS", que o povo consagrou nacionalmente, sem saber que imortalizava uma das jóias mais belas do parnasianismo brasileiro":

"Ser noivo é ser ditoso — tu me dizes,
Convicto; porém, sem te lembrares
De que há noivos, assim juntos, felizes,
E há noivos separados pelos mares".

Foi, além de ensaísta, biógrafo dos mais eminentes e grande Juiz.

**FERREIRA ITAJUBÁ**

Ninguém melhor escreveu sobre Ferreira Itajubá do que Nilo Pereira, no seu discurso de posse nesta Academia, em 1955. Poeta frustrado, "derrotado", "revoltado", como Otoniel, irmanava-os a mesma sugestão do mar:

"Não maldigas o mar, esse abismo profundo
Que vive, como nós, a sofrer sobre o mundo".
. . . . . .
As garças voltarão de paragens remotas,
As velas do costume e as alvas gaivotas!
E rastro encontrareis dos mesmos viajantes!
Que te deixaram viva, aos ventos relutantes!
E que angústia, meu Deus! junto ao cipreste amigo,
Plantado ao pé da cruz que te ensombra o jazigo!"

Itajubá, como bem assinalou Nilo Pereira, foi o poeta do "Desterro":

"Saio do teu amor. Quantos revezes
No desterro terei! Quantos ressabios!
Bendito esse passado de dez meses
Em que vivi cantando nos teus lábios..."



Labim/UFRN

Do painel dessas imágens literárias, parafraseando Raimundo Nonato, por onde correm tantos quadros de nossa existência, continuará em versos a memória da mulher dos nossos sertões.

"Vi-te. Era noite. A lua descorada
Brilhava nas paragens luminosas..."

**SEGUNDO WANDERLEY**

Publicou o seu primeiro livro de versos a que denominou "Estrelas Cadentes", em 1883. Foi acusado de imitador de Casimiro de Abreu no poema "Meus oito anos". Se houve imitação, esta, como diz Rômulo Wanderley, não fica a dever ao modelo.

Condoreiro, da escola de Castro Alves, deu asas à inspiração em versos deliciosos. Tal como Olavo Bilac, exaltou o sentimento da pátria. Lírico, teve arrebatamentos românticos. Cultivou o senso de humor e glorificou os acontecimentos épicos. Seu poema — "O naufrágio do vapor Bahia" é rico de intensidade dramática, como bem registra Rômulo Wanderley, cujo discurso de posse nesta Academia representa uma compilação preciosa sobre esse grande poeta.

**PALMIRA WANDERLEY**

Aproveito aqui, à mingua de tempo, o que pesquisou Rômulo Wanderley: — Os livros de Palmira — "Esmeraldas" e "Roseira Brava" consagraram-na como um dos poetas femininos do Brasil. Dela afirmaram críticos de alta linhagem intelectual: — João Ribeiro: "Não sou dos que acham poesia em todos os poetas, mas na "Roseira Brava" descubro tudo quanto nos pode impressionar em matéria de versos"; Múcio Leão: "É o poeta feminino do Nordeste. Revela grande poder descritivo e muita sensibilidade"; Tristão de Ataide: "O livro de Palmira é desses que a gente lê e fecha, com saudade"; Leôncio Correia: "Natal encontrou em Palmira a sua primeira interprete"; Agripino Grieco: "A poetisa de "Roseira Brava" cultiva o modernismo poético e faz sonetos admiráveis. Achei primoroso "Pitamgueira", que me lembrou Caramuru, ao descobrir a flora e a fauna com igual ingenuidade e acre sabor":



Labim/UFRN

## PITANGUEIRA

"Termina agosto... A pitangueira flora...
A umbela verde cobre-se de alvura;
E, antes que de setembro finde a aurora,
Enrubece a pitanga... Está madura.

Da flor, o fruto é de esmeralda, agora...
Num topásio, depois se transfigura,
E, pouco a pouco, um sol de estío a cora,
Dando a côr dos rubis à carnadura.

A pele é fina, a carne é veludosa,
Vermelha como o sangue, perfumosa
Como se humana a sua carne fôsse...

Do fruto, às vezes, roxo como o espargo,
A polpa tem um travo doce-amargo,
— O sabor da Saudade, amargo e doce..."

**JOAQUIM EDUVIRGES**
**DE MELO AÇUCENA**

**(Lourival Açucena)**

Em assuntos desta natureza, em que não tenho autoridade, costumo ouvir ou ler o que os entendidos escrevem ou dizem a respeito. Esta é a razão por que recorro a um mestre do ofício quando tenho que fazer o perfil de um escritor ou poeta, acolhendo ou não seu entendimento sobre crítica literária.

Refiro-me, em se tratando desse poeta nascido em 1827, ao que escreveu Henrique Castriciano na Revista desta Academia.

Verdadeiro contraste. Um poeta aristocrático, circunspecto, tipo bem conformado com a vida, de linguagem serena e austera, escreve **sobre um poeta humorista, boêmio, satírico**.

Lourival, com a sátira sobre a política, grangeou fama em nosso país e até em Portugal. Falando dos políticos, invetiva-os:

"Nas vésperas de eleição
Vão à casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem sedas à comadre.



Labim/UFRN

E o pobre diabo
Entra na enrascada
Tomando supapos,
Servindo de escada.
Eles vão à côrte
E o compadre fica
Bebendo jucá
ou doses de arnica...
Já ouviu, Yáyá?

Viva Pedro e morra Paulo
É muita festa p'ra festa:
Com pouco mais, viva Paulo
Morra Pedro que não presta!"

Fez poesia religiosa, foi cantor sacro, fez época nos idos de 1848 com sua verve encantadora, representando o espírito alegre da antiga sociedade natalense. "A glória de Lourival é ter sido, desde criança, o máximo interprete desse alegre sentir, dessa emotividade risonha, descuidada, licenciosa, se quiserem".

Faltou-lhe, realmente, a mordacidade de Gregório de Matos ou a polidez de Maciel Monteiro. Sobrou-lhe, entretanto, inspiração poética. Amigo de Oliveira Junqueira, por este foi nomeado Alferes da Guarda Nacional e promovido a oficial-maior do Tesouro, simplesmente porque, numa tertúlia até alta madrugada, divertiu o então Presidente da Província e seus áulicos com modinhas cantadas ao violão...

"Escusado é dizer", ressalva Henrique Castriciano, "que o futuro Ministro e Senador do Império era então solteiro e um rapaz de vinte e poucos anos..."

Apesar disso, sem esquecer seu antigo companheiro de boêmia, Oliveira Junqueira, em resposta a um pedido que Lourival lhe fizera quando ocupava a pasta da Guerra, escreveu: "Recebi a sua prezada carta, que me deu bastante prazer; tenho a dizer-lhe que, nesta data, expedi ordens ao quartel general para que o Pedro (filho de Lourival) seja incluido na Escola Militar, na qualidade de Brigada, assegurando-lhe mais, que, na primeira proposta da arma de infantaria, será ele promovido. Amigo Junqueira".

Grande cidadão, cuja condição humana conservava nos mais altos postos a que seu merecimento pessoal o conduzia!



Labim/UFRN

**JOSÉ GOTARDO**
**EMERENCIANO NETO**

Outro poeta da dor, da tristeza, do "eu" romântico, da boemia espiritual, foi Gotardo Neto, falecido aos 29 anos.

**Amoroso sentimental**, cantou

(Folhas mortas)

"Folhas mortas vós sois, ó meus versos queridos!
Folhas mortas que o vento arrebata sem norte,
Em vós todas existe a gelidez da morte
E a tortura infernal dos corações partidos...
. . . . . .
Folhas mortas vós sois em plena primavera!
Debalde nos acena a última esperança
E a remota visão da última quimera...
Em vós descubro ainda, através da saudade,
O sonho que fulgiu na noite de uma trança
E os dias de ilusão da rósea mocidade!

**Sensual**, exclamou:

(Seios)

Sois de antiga plástica formosa
Sempre envoltos em ninhos de esplendores,
Conchas perdidas sobre um mar de flôres
Num doce escrínio de alabastro e rosa".

**NEWTON**
**NAVARRO**

Escritor, poeta, pintor. É o "poeta da cidade", como o chamamos. Pertence à boêmia espiritual, conduzindo na palavra, nos gestos, nos arroubos, na sua liberdade de movimentos, toda a sofreguidão de um espírito indomável e toda a vitalidade e inteligência de um homem que nasceu para aspirar em grandes haustos a alegria de viver, cantanto as madrugadas ou colorindo os plenilúnios.

Orador fluente, seu verbo escachoante é apenas anunciador de uma mensagem poética, pois de poesia ele vive e da poesia faz a sua razão de existir. Publicou: "O Solitário Vento do Verão", "Beira Rio", "Subúrbio do Silêncio", "Os mortos são estrangeiros" e "Trinta Crônicas não selecionadas".



Labim/UFRN

Poeta da objetividade, não se despregou do intimismo. Conquanto despreze a concepção tradicional da forma, reflui dos seus versos a lírica do ser e da presença, para usar da expressão de Bosi. "As Cores do Dia" trazem o lastro néo-simbolista:

"O dia, a venda
ainda nos olhos,
escava fendas na
couraça, madruga.
Rompe o cerco da
noite, em ondas
se espraia, rastejante

Sanguíneo, mancha
o ar, embebe as
nuvens de vinho.
Agachado, pênsil,
move-se na clareira.

Como bicho sem
vertebras: o faro
arma o salto
sobre a prêsa, sem falhas.

Rapinante, afia
o gume no vime
das malhas; no
saque ara brilhos
de espelho polido;
desfruta o lume do
levante, sem nume.
Na vertigem da queda

o fulvo fruto em
chamas golpela
com fragor os
tambores da manhã.



Labim/UFRN

## AUTA DE SOUZA

Recordo neste instante uma grande poetisa — AUTA DE SOUZA, que, no seu tempo, era considerada a "Poetisa Mística do Brasil".

Câmara Cascudo, em "Vida Breve de Auta de Souza", nega-lhe o misticismo: "A minha geração de Natal, aqueles que começaram a escrever ao redor de 1918, receberam Auta de Souza como a "Poetisa Mística do Brasil". Nenhum de nós sabia o que vinha a ser misticismo. O título era sonoro e orgulhador para o nosso provincianismo sedento de notoriedade. Olavo Bilac e Nestor Victor diziam na "mística". Podiam resolver. Tinham autoridade. Estavamos todos enganados. Eles e nós. Auta de Souza não é uma poetisa mística. Em todo HORTO não há uma só página que denuncie tendências místicas de sua autora".

Discordo respeitosamente. Se misticismo é devoção contemplativa, se é tendência para acreditar no sobrenatural, se místico é o que procura pela contemplação espiritual atingir o estado extático de união direta com a divindade, Auta de Souza era mística.

Francis Grierson expõe a questão com clareza no seu MISTICISMO MODERNO. E Edgar Barbosa, no prefácio à "Vida Breve de Auta de Souza", assim se define: "O próprio misticismo religioso, inspirado nas doutrinas platônicas, sublimou esse amor pela ótica das cortes cavalheirescas do Século XIII, a paixão sem nome, o encontro marcado no céu. As cantigas em que primeiro balbuciou a língua portuguêsa, foram entoadas pelo trovadores dessas cortes os avós longinquos dos nossos "Suspiros poéticos e Saudades".

Tem razão, entretanto, Câmara Cascudo, quando diz que a cultura é fenômeno inteiramente diverso da criação poética.

Isso de "cultura literária vasta" que Henrique Cartriciano afirmava Auta de Souza não possuir, não diminuiu a grandeza de sua poesia.

Auta de Souza tinha talento, tinha dons naturais.

Sentenciava C. Darwin, apoiando-se em Galton, que "a educação e o meio apenas produzem um escasso efeito na mente, seja de quem for, e que muitas das nossas qualidades são inatas". E Grierson adiantava: "A suposição de que a literatura pode ser atingida pela aplicação e pelo estudo, é um erro, que tem causado dano incalculavel: "Os poemas mais perfeitos são aqueles que foram escritos, visando, apenas, ao sentimento de beleza".



Labim/UFRN

Auta de Souza, não obstante ignorar muita coisa de ciência, possuia concepção artística e inspiração poética no mais alto grau, elevando-se, na sua modalidade própria, às alturas do gênio. Marcada por intensa personalidade, a arte poética foi para ela o instrumento harmonioso com que teceu, com símbolos e mistérios, o mundo espiritual em que viveu mergulhada, podendo dizer-se, parafraseando Chateaubriand, que "essas folhas que vão caindo, tais quais os nossos anos, essas flores, que murcham, como as nossas horas, essas nuvens, que fogem como as nossas ilusões, essa luz, que enfraquece como a nossa inteligência, esse sol que arrefece como os nossos amores, esses rios que congelam como a nossa vida", têm secretas relações com o destino de Auta de Souza:

"Não sei que paz imensa
Envolve a natureza,
Ness'hora de tristeza
De dor e de pezar,
Minh'alma, rindo, pensa
Que a sombra é um grande véu
Que a virgem traz do céu
Num raio de luar".

Eis aí a impressão da Natureza, na simplicidade de um estilo espontâneo, com a atração mental pelo tema religioso do estado de alma que a oprimia e engolfava na melancolia, na tristeza, na dor. O amor à natureza, a religião sentimental, a elegia da tristeza, a exaltação da dor, do sofrimento, tudo isso revela o romântico da segunda geração, em que se sobressairam, no Brasil, Alvares de Azevêdo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e Castro Alves, com um pouco de panteismo e de simbolismo. É que no último quartel do século XIX, "era doce morrer em poesia", como disse Edgar Barbosa. Misturavam-se os idolos — Pátria, Religião e Tradição, refletindo-se na poesia as influências ambientais. No caso de Auta de Souza, Religião, Família e sentimentalismo amoroso preponderaram no seu estro, em correspondência intima com a contemplação espiritual:

"Morrer... morrer... morrer... Fechar na terra os olhos
A tudo que se ama, a tudo que se adora;
"E nunca mais ouvir a música sonora
Da ilusão a cantar da vida nos refolhos..."
. . . . . .
Minh'alma é trista até a morte... Doce Jesus falou...
E o nazareno Santo chorava, como se su'alma fosse"
Um mar imenso de amargura e pranto".



Labim/UFRN

Auta de Souza não seguiu escolas ou correntes literárias. Fez poesia moldada pelo seu temperamento, pelas angústias de um amor contrariado e pelo misticismo. Foi uma vontade que se afeiçoou a paisagem lúgubre, deserta da vida, recolhendo-se na crença em Deus, com "a alma tranquila para o céu voltada". Talvez nenhum movimento tenha sido fecundo em melancolia como o romantismo emocional" (Rarrit).

Este bosquejo, lembrando Auta de Souza, sugere uma resposta cabal à filosofia amarga de Schopenhauer. O grande filósofo de Dantzig repudiou sua mãe, sua espôsa, seus filhos. Dele, portanto, não se podia esperar conceitos amistosos em relação à mulher.

Perdoemos Schopenhauer que era gênio e louco, como ele próprio deu a entender no **Mundo como Vontade e Idéia:** "A direta conexão de louco com o gênio torna-se clara na biografia de Rousseau, Byron, Alfieri, etc". Por isso mesmo Lombroso o incluiu na lista.

## NISIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA

Que se não esqueça a grande Nísia Floresta Brasileira Augusta. Essa notável mulher de letras, socióloga, educadora, poetisa, jornalista, ainda não encontrou, na crítica literária, o lugar que o destino lhe reservou. Raríssimas pessoas, como acentua Robert Seidi- possuem noção exata dessa personalidade ilustre.

É preciso, então, reviver, em traços breves e marcantes, a figura de Nísia Floresta, no seu tempo e no atual, pelo reflexo da grandeza do seu espírito, para o engrandecimento desta gleba nordestina e da própria civilização brasileira.

Quem lê seu trabalho sobre o direito das mulheres e injustiça dos homens sente, num milagre de renovação, que a precursora de 1832 se acha presente no século vinte.

Privando com notabilidades mundiais como Lamartine, Dumas Pai, Littré, Saint-Hilaire, George Sand, Victor Hugo, Alexandre Herculano, Augusto Comte, Mazzini, Cavour e Garibaldi, Nísia Floresta fincou no Brasil e na Europa, a bandeira brasileira, enaltecendo nossa pátria e refazendo a imagem distorcida de um país em marcha para um futuro grandioso.

Além de precursora da emancipação da mulher, foi também precursora das idéias abolicionistas e republicanas. Escritora, cultivou o romance, deixando inéditos — "Inspirações Maternas", "Viagens na Itália, Sicília e Grécia" e "Memórias de minha Vida".

Por que o Rio Grande do Norte não edita e reedita a produção intelectual de Nisia Floresta?

*



Labim/UFRN

* * *
*

Finalmente, se os lazeres podem oferecer oportunidades de cultura, se os intelectuais devem banir toda a presunção, todo o sentimento de superioridade, precisamos crer profundamente na igualdade das pessoas dentro da diversidade de temperamentos e das condições. Por isso, temos de compreender os que, na modestia, na sua incipiente instrução, têm realmente sensibilidade artística. Entre outros, no Rio Grande do Norte, estão os poetas Milton Siqueira, Zé Praxedes, Zé Areias e Moysés Sesyom.

"Saber apreciar ora uma paisagem, ora um quadro, um afresco de mestre e uma imagem Epinal, uma sinfonia e uma melodia popular, uma poesia e um raciocínio sem falha, um forte pensamento e um belo gesto, aí está o comportamento do homem verdadeiramente culto, a quem nada de humano é indiferente. Cultura é um refinamento de sensibilidade, capaz de captar cada vez melhor e de apreciar com deleite cada vez mais acentuado todas as coisas e todas as formas de beleza, natural ou artificial, sensível ou moral. Enfim, um impulso de vontade no sentido do verdadeiro, do bom e do belo", eis o que pensa J. Folliet.

Por isso mesmo, pretendo não somente apresentar os que fazem letras no seu conforto, no silêncio das bibliotecas, como também os que têm por engajamento apenas a vivência social.

Milton Siqueira, nos "Botões de Rosa" e "Gorjeios do Sertão", bem como nos versos que espalha, em manuscrito pela cidade, faz arte poética bem definida. Zé Praxedes, nos seus "cantares", filia-se às humanidades do povo. Zé Areias e Moyses Sesyom, no estro fescenino, deliciam o paladar moleque numa poesia mais próxima do picaresco, como diz Oswaldo Lamartine. Escolha-se uma glosa menos escabrosa de Sesyom:

"MOTE — Bebo, fumo, jogo e danço,
Sou perdido por mulher.

"Vida longa não alcanço
Na orgia ou no prazer,
Mas enquanto não morrer,
**Bebo, fumo, jogo e danço.**
Brinco, farreio, não canso,
Me censure quem quiser...
Enquanto eu vida tiver.
Cumprindo essa sina venho,
E além dos vícios que tenho,
**Sou perdido por mulher...**"



Labim/UFRN

*
* * *
*

O que tenho em mira com estes últimos comentários é reafirmar que o individuo, mesmo sem cultura livresca e sem a experiência da prática de conhecimentos armazenados, pode realizar uma obra poética com a manifestação de alta capacidade criadora.

Contraditório será, então, asseverar-se que o sentimento anda a par da ciência e negar-se o valôr da poesia de Goethe, de Victor Hugo, de George Sand, por se terem exagerado em análise psicológica.

Claro é que o conhecimento de um sistema ético ou de uma filosofia enriquece o pensamento, as faculdades intelectuais.

*
* * *
*

Não devo silenciar quanto à contribuição prestada por João Alves de Mélo, autor de "Natureza e História do Rio Grande do Norte". Aqui expresso, portanto, meus agradecimentos a esse pioneiro nas pesquisas sobre escritores, poetas, homens públicos e coisas do nosso Estado, trabalho de real valor.

## 4 — A MULHER PERANTE A CIÊNCIA E OS COSTUMES

De tanto falar em Auta de Souza e Nísia Floresta, não resisto à vontade de escrever algo sobre a mulher no tocante ao papel que desempenha na sociedade, perante a ciência e os costumes.

Creio que, sem desprezar a Antropologia, deve o problema da inferioridade cerebral da mulher ser focalizado através cultura psico-social. Sabido que nenhuma cultura é biologicamente herdada, sua aquisição se faz pelos processos de crescimento e de modificação que dão os contingentes necessários à herança social. Se os hábitos, costumes e idéias se orientam no intento de inferiorizar a mulher, a pressão social condiciona essa inferioridade. São os padrões de cultura, portanto, que definem os interesses e avaliações sociais em conflito. Quando, num determinado tipo de cultura, a sociedade possui conceitos de inferioridade social sobre a mulher, esses conceitos refletem, não há dúvida, a existência de um sistema obscurecendo a personalidade do tipo feminino.

Registro o testemunho de um pensador católico, Alceu de Amoroso Lima: "Tanto o homem como a mulher possuem a mesma alma imortal, com os mesmos direitos, os mesmos deveres, os mesmos



Labim/UFRN

atributos, a mesma origem e o mesmo destino. O homem age, geralmente como se fosse superior à mulher. O título de "rei da criação", ele o toma a sério e ao pé da letra, deixando a "rainha" ao pé do trono... O homem se julga, em regra, superior à mulher, e invoca, muitas vezes, o sexo como privilégio para justificar seus próprios abusos. A civilização burguesa foi fértil nesses subterfugios, pelos quais se consideravam os homens isentos de certos deveres morais, que julgam, aliás imprescindíveis nas mulheres, como sejam a fidelidade e a pureza. A mulher é mais forte nas convicções, mais forte também em sua dedicação à humanidade, mais forte em "seu" amor pelo homem do que este em "seus" amores por ela, mais forte em seu desprendimento pelos filhos, em sua tenacidade, em sua paciência, em seu espírito de renúncia".

À margem certo romantismo, estou de acôrdo com o mestre Tristão de Ataide.

Instrui-se e educa-se a mulher até a Universidade como homem, na mesma escola deste, mas, na hora em que ela se joga ao mundo das aptidões, descobre-se que esse mundo é apenas um mundo masculino. A mulher estuda Filosofia, Antropologia, Letras, Ciência da Administração, Medicina, Direito, Engenharia, Jornalismo, mas, no momento em que pretende exercer uma profissão, ou entrar para a Magistratura, para um Tribunal, para uma Academia de Letras ou de Ciências, fecham-se-lhe todas as portas.

A posição social da mulher é o corolário dos interesses pessoais de cada um, homem ou mulher, desvinculados dos preconceitos enraizados que nos intoxicam e retardam o nosso aperfeiçoamento.

Quero, deste modo, com a minha contribuição ao tema polêmico em debate, confessar meus próprios defeitos masculinos, penitenciando-me, numa revisão de conceitos e num reexame de consciência que me possibilitem dar aos meus próprios impulsos e à sociedade a influência decisiva de uma ação tranquilizadora no meio ambiente.

Encaro o problema impessoalmente, do ponto de vista científico, social e jurídico. É possível ou é certo que tenha cometido injustiças, que seja considerado egoista, ou agressivo, que não sinta as angústias da mulher. Nem por isso estou impedido de censurar-me e aos outros homens por certos fatos que mais agravam a situação. A grande virtude, entretanto, está em reconhecer o erro e procurar corrigí-lo, ou remediá-lo. Embora me aproveite de prerrogativas masculinas, não vacilo em considerar o que de errado existe na compreensão do papel que as mulheres desempenham na vida social. Nem sempre os educadores, os teóricos, estão isentos de faltas. Pode ser até que um sentimento de culpa me leve a escrever estas palavras. Não fujo, porém, ao entrechoque das idéias que



Labim/UFRN

têm sido o suporte de uma suposta superioridade do homem em relação à mulher. Como quer que seja, não escrevo só para mim mesmo, mas também para os outros que talvez menos culpados ou mais virtuosos, possam dar uma contribuição melhor ao ajustamento, ao equilíbrio de uma sociedade que se perde no vazio psicológico.

Afasto-me do que disse Mellusi: — "O homem é um ser toráxico, a mulher abdominal; um nasceu destinado ao trabalho, à luta, a tudo quanto exige força; a outra está adstrita ao labor da maternidade". Aceito, com Geddes, Thomson e Sabatier, que em embriologia e anatomia comparada, o elemento masculino tem um ofício de dispersão e de divisão, e o elemento feminino um ofício de concentração, de unificação, de coesão.

Conquanto seja verdadeira a afirmativa de que a diferença psicológica entre o homem e a mulher reside na diferença anatômica, lembremo-nos de que a personalidade é mais do que um organismo biológico, cujas funções não ultrapassariam o nivel biofisiológico. Personalidade implica uma participação completa do individuo na vida social; é o reflexo de todas as influências ambientais sobre o indivíduo e a sua resposta consequente. Nela não estão somente as bases físicas, biológicas da individualidade, mas também as influências sócio-culturais. A mulher, finalmente, deve ser compreendida como tipo total, nos seus hábitos sociais, nas suas opiniões, mas inseparável do seu círculo de vida, do seu passado, da sua história, dos seus ideais e das suas aspirações.

E.s a palavra final de um grande antropólogo — Ashley Montagu: "Em suma, o antigo mito de inferioridade da inteligência das mulheres, a julgar pelos estudos científicos, não tem o menor fundamento. E acrescenta: "Entre as principais razões que fazem com que as mulheres não consigam tantas realizações quanto os homens estão as seguintes: (1) durante a maior parte de sua história, a maioria dos campos de realizações lhe foi vedada; (2) em campos aos quais foram admitidas, não lhes permitiram ficar em pé de igualdade com os homens; (3) ou então, tendo sido admitidas, não foram encorajadas a aparecer ou foram mesmo desencorajadas, ninguém tomando conhecimento delas.

Na verdade, as mulheres nunca tiveram oportunidades para o desenvolvimento de criatividade na música, na escultura, na pintura, na literatura, nas ciências.

"Agora que as mulheres principiam a emergir do período de sujeição, diz Ashley Montagu, estão começando a tomar parte ativa na criação das coisas com as quais antes não tinham tempo de ocupar-se e que eram consideradas prerrogativas dos homens. No mundo masculino há muita competição e as mulheres simplesmente não são competidoras. Durante milênios, não lhes foi permitido competir".



Labim/UFRN

Os exemplos de tantas mulheres ilustres, a que se refere Montagu — Madame Curie, Lise Meitner, Irene Curie Juliot, Gerti Cori, Marguerite Perey, Gabriela Mistral, Maria Cassat, Georgia O'Keeffe e tantas outras, não são mais "exceções". Auta de Souza, Nísia Floresta, Isabel Gondim e Ana Lima também não são "exceções". Palmira Wanderley, Carolina Wanderley, para citar somente as deste Estado, são uma prova de que o lugar da mulher não é só no lar; é também nos escritórios, nas fábricas, nos laboratórios, na literatura, na ciência, na política, na administração pública. Nações como a Inglaterra, a Índia e Israel têm à frente dos seus destinos mulheres do valor da Rainha Elizabeth, Indira Gandhi e Golda Meyer.

Reconheçamos a verdade destes fatos.

## 5 — A CIÊNCIA DO DIREITO

Desde o século dezessete as relações entre a ciência com a teoria geral do direito têm sido tão estreitas como com a filosofia. Essas relações mais se acentuaram nos séculos dezoito e dezenove com o desenvolvimento das ciências sociais, entre as quais se incluiu a ciência jurídica.

Não mais se admite na atualidade que a teoria geral do direito seja fundada em premissas filosóficas expressamente articuladas. Sobreleva, hoje, uma correlação entre o domínio do direito e outros aspectos da existência e natureza humanas. Daí por que a ciência jurídica deve ajustar os seus sistemas aos das outras ciências. Negando à razão instrumento da investigação filosófica como solução para os problemas práticos, o Direito contrapôs a isso a investigação especulativa que busca uma compreensão do mundo, partindo do princípio de que ainda não se descobriu um método para o descobrimento da verdade que imponha um assentimento geral.

De qualquer modo, reconhecendo-se a excelência das regras descartianas em toda classe de investigações, no sentido de que todos os objetos do conhecimento estão mutuamente relacionados e podem ser conhecidos uns através dos outros, diz-se que o Direito, em substância, é um reflexo do meio social, e, como a sociedade está em incessante fluxo, fica em constante reajuste, tornando, aliás, mais difícil o problema, visto como a Filosofia não é mais a principal fonte extrajurídica. Da habilidade dos juristas, portanto, com base nas idéias gerais lançadas pela Filosofia, resulta uma revisão da metodologia jurídica.



Labim/UFRN

O processo que visa à penetração das razões gerais que se encontram além das razões limitadas, considerados todos os métodos como coordenados na natureza das coisas, tem estado sempre presente na história do direito. Em consequência, se a história da especulação jurídica ainda repousa, em parte, na dialética de Platão, até mesmo para as ciências chamadas exatas, como a Matemática e a Engenharia Mecânica, volta-se à teoria de Descartes pela qual todos os objetos do conhecimento estão relacionados entre si, seguindo sempre a ordem necessária de dedução de uma verdade a partir de outra, sistema que serve bem ao pensamento nos tempos modernos; é que a manipulação conjunta de dados e idéas pode dar resposta à pergunta de Sócrates: "Que é direito?".

Atinjo, aqui, o ponto nevrálgico. A Filosofia, a Matemática, a Medicina, a Literatura e o Direito andam de mãos dadas para uma perspectiva mental geral e também limitada nos objetivos que se quer alcançar.

Enquanto filósofos e cientistas se agrupam, ou se contestam, convenhamos em que a associação da Música, das Belas Artes, da Literatura e do Direito, se não trazem uma solução definitiva aos anseios e necessidades da vida social, conduzem-nos, aproximam-nos do problema último definido por Whitehead: produzir o fato completo.

## 6 — LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE AÇÃO

Dir-se-ia que tenho usado as letras como instrumento de ação, que não sou literato propriamente dito, que não cultivo as belas artes.

Exato. Não fiz romances nem versos. Minha luta é no Forum, nos auditórios, nos Tribunais. Se compus algum texto literário, fi-lo esporadicamente, sem propósito de permanência.

Voltaire, na sua mordacidade, dizia da Academia Francesa: é um organismo onde se recebe gente titulada, homens de destaque, prelados, vultos de toga, médicos, geometros, e até mesmo... homens de letras..."

O que acontece é que aqueles que não são, unicamente homens de letras, fazem, no exercício da profissão permanente, o necessário para que o trabalho desempenhado seja menos egoista, mais humano, algo artístico, poético, se possível.

Euclides da Cunha, engenheiro, ao prefaciar "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho, fez uma composição poética: — "Assim nos andamos nós — do realismo para o sonho e deste para aquele na oscilação perpétua das dúvidas, sem que se possa dife-



Labim/UFRN

rençar na obscura zona neutral alongada à beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza, do naturalista que tateia o mistério.

"No pedaço de carvão de pedra que acendem na fornalha de uma locomotiva, reacendemos muitos raios de sol extintos há milênios.

. . . . . .

"Quando nos vamos pelos sertões em fora, num reconhecimento penoso, verificamos encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados: — Olhos postos nos céus, contrafazendo a lira, que eles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguindo o deserto, como os poetas seguem na existência... a ouvir estrelas!".

*
* * *
*

Se não sou escritor, se não sou poeta, se não sou literato, sou um advogado que tem levado a vida a procurar o encanto da literatura, da poesia, da música, na tribuna, na imprensa, no Pretório. Se a arte é apenas instrumento de ação, não importa.

Se não faço arte com espontaneidade, procuro fazer o Direito com as artes, com as letras, em estilo machadiano, talvez.

Ensinam os mestres que a literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imagniação criadora, cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético, não podendo, por isso, servir de comunicação ou de instrumento a outros valores — políticos, religiosos, morais, filosóficos, jurídicos, pois tem um desenvolvimento autônomo.

Isso é muito didático. Na realidade não é possível dissociar a Filosofia da ciência do Direito, nem a poesia, ou música, de muitas atividades profissionais.

O que resulta do estudo da obra de Platão e de Aristoteles é que eles tinham um extenso conhecimento de assuntos legais e jurídicos. Aristoteles, Eudoxo, Aristónimo e outros viajavam constantemente como peritos legistas. O mesmo ocorria com Cicero, São Tomaz, Spinoza e Bacon. A mais famosa investigação filosófica do século V, antes de Cristo, foi perguntar-se se o justo o era por natureza ou somente por convenção e legislação.

Pelo fato de o Direito ser reflexo do meio social, sujeito aos fluxos e refluxos da sociedade, pode o jurista ser filosófo, ou poeta, ou escritor. A diferença está em que o poeta faz arte pela arte, enquanto o médico, o engenheiro, o jurista fazem poesia, literatura, para comunicação estética.



Labim/UFRN

Na obra de Rui Barbosa e de Joaquim Nabuco, para só citar estes, encontra-se um cabedal riquissimo de literatura.

Gonçalo Rolemberg Leite, no seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras, assim retratou a posição do jurista nas Academias:

"O jurista precisa das letras para justificação, fundamentação e apresentação de suas teses, onde a linguagem austera do Direito sente a necessidade do viço e do perfume das flores literárias, a fim de atingir a atenção e a compreensão do vulgo acessível às manifestações do belo, demasiado rude para entender o intrincado linguajar da ciência.

"É na literatura que o homem da lei, na tribuna, no pretório ou na cátedra, vai buscar o tipo perfeito a exemplificar ou esclarecer, certo que a vida imita a arte, e o gênio supre ou corrige a natureza. Lêde as obras dos juristas da Escola do Recife, um Tobias, um Clóvis, um Virgílio de Sá Pereira, que em todas elas salpicam, aqui e ali, citações literárias amenizando o texto, suavizando a doutrina, clareando a exposição. Como dizia Graça Aranha: "É o Direito visto através dos calores solares da poesia".

*
* * *
*

Dos prurídos, dos assaltos literários juvenís, passei a estudar seriamente sem negar a verdade da sensação e confiando na razão, caminho para o mistério do conhecimento.

Embora confiando na razão, sou algum tanto sofista, não a ponto de afirmar que o conhecimento provém unicamente dos sentidos. Por isso mesmo entendo que a Lógica, subordinando a vida a um silogismo, sempre foi estática, ao passo que a vida é dinâmica.

Sustenta a Lógica que "o homem é um animal racional: — Socrates é um homem, logo, Socrates é um animal racional".

A isso, Firro contrapõe que a razão é sempre incerta, sendo esse silogismo uma petição de princípios; a premissa "maior" não pode ser verdadeira, a não ser que a "conclusão" esteja antecipadamente estabelecida como verdadeira — o que não podemos afirmar, salvo se, presumir que Socrates é racional, nesse caso, se não podemos começar com a proposição de que o homem (incluindo Socrates) é um animal racional; talvez que ele seja apenas raciocinante.

Em tal hipótese, intervém Epicuro: "voltemos aos sofistas e confiemos nos sentidos".

Os céticos, porém, exclamam: "Como? Para nossos sentidos o sol é uma pequena bola e as estrelas uma poeira nos céus — será possível, então, crermos em nossos sentidos?".



Labim/UFRN

Nada é certo, diz ainda Pirro — e quando Pirro morre, seus discípulos o homenageiam de um modo lógico: não chorando sua morte, pois não estavam certos de que ele houvesse morrido. Vitória de Pirro ou dos céticos?

Fala a razão: uma vida sem raciocínio é indigna do homem. Mais vale ser Socrates no cárcere, do que Caliban no trono".

Como é vã a filosofia!

*
* * *
*

Se a ciência depende das orientações passionais e morais, o homem, desorientado pelas desordens mentais, pelas inadaptações ao real, pelo bom ou mau funcionamento das vísceras, pelas taras que enfraquecem o corpo e enegrecem a imaginação, jamais alcançará o bem moral, diz ainda a Filosofia.

Certas virtudes, porém, que pode trazer dentro de si, hão de conduzir o homem certamente a uma vida elevada.

Se, como afirmava Aristoteles, é ridículo dizer — "só a alma constroe ou tece", proposição que São Tomaz subscreveu, devemos aceitar o ensinamento de Sertillanges de que "o pensamento nasce, em nós, depois de demoradas preparações em que a máquina corporal entra em ação. A base de tudo, ao interpretar a Filosofia tomista, é a química celular; as mais obscuras sensações preparam a experiência; esta é o produto do trabalho dos sentidos que elaboram lentamente as suas aquisições e as fixam na memória. O fenômeno intelectual produz-se no meio dos fenômenos fisiológicos. Ninguém pensa, mesmo que utilize uma idéia adquirida, sem evocar uma série de imagens, de emoções, de sensações, que são os adubos em que se fomenta a idéia".

Essa doutrina deve gerar a convicção de que para pensar com ardor e sabedoria durante uma vida inteira, é indispensável sujeitar o pensamento não só à alma e às suas diversas potências, mas também o corpo e todas as suas funções orgânicas.

Eis a razão pela qual subordinei meu trabalho intelectual de jurista a um profundo desenvolvimento do espírito, em estado de pensamento e de emoções universais, como disse de início.

Tendo em consideração o ideal jurídico e a consciência coletiva, ao idealismo **a priori** dos valores inatos, inscritos sobre as tabuas do Direito Natural, contraponho o dos valores adquiridos e constituidos passo a passo com o longo processo histórico que tem por nome **civilização** para empregar os conceitos de George Davy. Foram esses valores adquiridos que me fizeram jurista desejoso de



Labim/UFRN

conhecer a natureza humana, usando de todos os recursos intelectuais, inclusive a arte, pois na arena judicial é que melhor se revelam a nobreza e a cupidez do homem.

## 7 — A ARTE DO DIREITO

"Os juristas romanos se compraziam na elegantia juris. Blackstone, poeta, se entregava livremente à estética jurídica. Um tribunal da Califórnia, fundamentando sua negativa de abandonar um precedente indiscreto, decidiu que, fazê-lo seria estropiar a "beleza e simetria do Direito". Sir. Frederick Polloc considerava o Direito como "obra de arte".

Jerome Franck, membro do Tribunal de Apelação do Estado de New York, dizendo essas palavras, acrescentou: — "Por isso, não preciso de justificativa ao utilizar a metáfora referente às belas artes. Sugiro uma comparação entre a interpretação das leis pelos juízes e a interpretação das composições musicais. O que se pode dizer do interprete musical deve ser dito com relação ao Juíz. Este deve colocar-se no lugar do compositor, tratando de reconciliar os impulsos de sua imaginação com o princípio de que tem que obedecer o melhor que pode ao prescrito pelo compositor.

Contra essa corrente se opôs Wurzel, declarando que a interpretação das normas, como alí se sugere, é "exclusivamente uma arte", o que pode levar o juiz a uma fantasia como se fosse um poeta.

Já em 1944, Maurois leu um ensaio sobre o "Papel da Arte na Vida e no Direito", em que comparava as sentenças dos grandes juízes com a obra dos músicos.

Tudo isso vem demonstrar que o jurista, realizando sua missão, também pode fazer obra de arte.

Existe realmente uma harmonia necessária entre os fatos jurídicos e os fatos de cultura, é o que escreve Henry Levy. "Cada povo parece ter os próprios dons: — Em Roma, é o Direito; na Grécia as Artes, entre os hebreus, a Religião. A conquista da Grécia exerceu uma influência decisiva, não só sobre as Artes e a Literatura, como também sobre suas instituições jurídicas".

Conhecem-se os celebres versos de Horácio:

**Graecia capta ferum victorem cepit et artes intulit agresti latio...**

Desde que o Direito é a expressão das vantagens do corpo social, tudo o que age sobre a sociedade repercute sobre o seu Direito, uma vez que o Direito está intimamente solidário com todas as manifestações da vida social, não podendo ser estudado à parte.



Labim/UFRN

Assim como os que professam uma teoria ou um sistema não devem se isolar nos seus conhecimentos, assim também a Arte não deve dispensar a união com a Literatura e a Música. É o ponto de vista de Francis Grierson: — "Se acaso Miguel Angelo houvera sido menos arquitéto, houvera sido menos poeta e menos escultor. Os grandes homens de gênio têm sido aqueles que possuiam diversas qualidades, quer no domínio da arte, quer no dominio do pensamento, todas elas igualmente desenvolvidas. Milton dispunha das faculdades da música e da imaginação, mas faltava-lhe, em muitos casos, arranjo harmônico, unidade e critério artístico; não podia construir, como Dante, que dispunha da triplice faculdade — arte, música e imaginação, deslisando, de um para outro campo de ação, com a harmonia e uma unidade que se nos afiguram impecáveis. As obras, que nos ferem, como sendo inferiores, são aquelas que emanam de espíritos destituidos de uma ou mais faculdades intelectuais".

A conclusão que podemos tirar dessas observações é que, se um jurista une ao Direito a Arte, a Literatura e a Música, pode redigir uma lei mais legível, mais humana, menos mecanizada, pode dar um parecer mais estético, mais ilustrado, pode, na missão de juiz, fazer uma melhor exposição dos fatos e das razões de decidir.

Assim, o homem de toga, que reuna à cultura jurídica uma faculdade artística, uma combinação de côr, de música e de imaginação, não será um intruso das Academias de Letras.

"No Brasil, escreve Rolemberg, não existe profissão de letras, nem mesmo como segunda profissão, qual aconteceu na França. Os nossos escritores pertencem às profissões liberais ou ao funcionalismo público, que nos deu a maior expressão das letras pátrias, Machado de Assis. E em ser mera diversão ou adereço, talvez lhe vá bem, como nota Afrânio Peixoto, pois só espontânea lhe é possível a sinceridade, condição de excelência de toda arte".

*
* * *
*

Carnelutti, no livro "A Arte do Direito", compara o Estado com o arco de uma ponte. O Estado é a arcada integral, sendo o Direito a fôrça de sustentação de que o Estado e o povo precisam para alcançarem organização e segurança.

Osias Gomes, jurista e literato, interpreta o mestre italiano: — "Quando numa família, o direito chega a ser supérfluo, isto é, quando, como no paralelo da ponte com o Estado, a armação pode ser retirada sem que a estrutura rua por terra, aquilo que ocupa o lugar do direito vem a chamar-se amor. Eis uma verdade que, igual



Labim/UFRN

ao sol, alumia as coisas, mas é tão viva e verberante que deslumbra os nossos olhos. Enquanto os homens não souberem amar, necessitarão de juíz e gendarme para lhe impor uma união compulsória. É precisamente nesta conclusão que reside a diferença entre o idealismo da juventude e o da velhice de Carnelutti. E ele o reconhece com humildade. O jovem tinha fé na ciência e cria no saber. O velho perdeu a fé na ciência e, tal como Socrates, só o que sabe ao certo é que não sabe. E, quando ao saber se junta o saber que não se sabe, então, remata ele, a ciência toda se transforma em poesia, como uma vergontea abre toda a flôr. O moço se contenta com o conceito científico do direito. O ancião sente que tal conceito perde o seu impulso e o seu drama. O jovem queria os contornos cortantes duma definição; o velho prefere as matizes nebulosas duma comparação apenas, e agora reduz tudo ao mito do amor social. O jovem acreditava no que via; o velho já não crê senão naquilo que não pode ver. E para dar uma representação desta nova terra ignota, onde os homens se amam e amando-se é que encontram a verdadeira liberdade, a própria poesia é impotente. O jurista quisera ser músico, para traduzir nas notas quentes de uma dulçurosa melodia todo o encanto deste Paraiso reencontrado..."

Bem faz, pois, Eliézer Rosa, também jurista e literato, ao afirmar que "direito é poesia"...

*

* * *

*

Simplesmente o escrever versos ou escrever livros não significa fazer poesia ou fazer arte. Se o escritor ou o versejador não tiver determinando quinhão cerebral, ou um dom natural, seu trabalho será apenas mecânico.

O advogado, o juíz, o engenheiro, o funcionário público podem ser escritores, poetas, ainda que seus escritos sejam instrumentos de ação profissional.

Lembremo-nos do aforismo de Buffon: "A melhor prosa é a melhor poesia".

Assim como o indivíduo pode ter imanente no seu "eu" o sentimento de beleza, assim também o jurista e o político podem ter dentro de si a alma do poeta, como aconteceu com Rui e Joaquim Nabuco.

Volto, portanto, ao ponto inicial, qual o de um jurista pertencer a uma Academia de Letras, apesar de não ser um homem de letras por excelência. Pode ser um tema monótono, mas é necessário repisá-lo, pelo inusitado de sua proposição.



Labim/UFRN

* * *

Nesta Academia ouvirei os verdadeiros poetas, lerei os romancistas de escol, e com eles tentarei aprender alguma coisa, sem ser propriamente literato.

Se outro motivo não justificasse minha admissão nesta sociedade de literatos, consolar-me-ia o fato de ver a Águia nos céus, acompanhando-lhe o vôo "pela azul planura", para prazer dos meus olhos, certeza da minha desvalia e glorificação da minha vida.

Nesta casa sinto o espírito da comunidade, no que tem de melhor. Saindo do meu isolamento material, tenho oportunidade de conhecer as atividades dos que desejam aproximar-se, corrigir-se, permutar sentimentos, elevar o espírito, visando à comunicação, que é a unidade, fazendo bom uso da existência.

Ouvindo, escutando e aprendendo entre vós, não me julgarei nunca um sábio, atento ao ensinamento de Claude Bernard — "para compreender uma coisa, seria preciso compreendê-las todas", mas estarei certo de que minha mente estará mais esclarecida, que viverei dentro da minha própria condição humana, sentindo a alegria de viver

## 8 — PATRONO DA CADEIRA 36

**Desembargador MANOEL BENÍCIO DE MELO FILHO**

Meu patrono é o Desembargador MANOEL BENÍCIO DE MELO FILHO. Escolhi-o por motivos que adiante apresentarei.

Era filho do Coronel Manoel Benício de Melo e dona Maria Ericina da Cunha. Nasceu na cidade de Mossoró, aos 04 de outubro de 1886, iniciou seu curso de humanidades no Colégio Sete de Setembro, da referida cidade, estudos que complementou no Ateneu Norte-riograndense, hoje Colégio Estadual, nesta capital.

Em 1905, tendo ingressado nos serviços da Repartição dos Correios e Telégrafos, passou a residir em Campo Grande, no Ceará, de onde foi transferido, em 1906, para Fortaleza, e logo depois para São Pedro de Ibiapaba, no mesmo Estado. Em 1908 retornou a Fortaleza, em cuja Faculdade veio a formar-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1910, encerrando o curso jurídico que começara quando



Labim/UFRN

dispunha de tempo e podia, entre uma e outra remoção, frequentar a mesma Faculdade. Em 1911, ainda funcionário daquela Repartição, foi removido para Mossoró, onde se demorou até 1918, quando o designaram para servir nesta capital.

Durante o tempo em que esteve na cidade de Mossoró, ali exerceu a advocacia.

Em 1914 casou-se com dona Adélia do Couto. Em 1918, deixando os Correios e Telégrafos, ingressou na magistratura, tendo sido nomeado para exercer as funções do cargo de Juiz Distrital do Jardim do Seridó, nas quais permaneceu até 7 de janeiro de 1920, sendo nomeado nesse ano para o cargo de Juiz de Direito da mesma Comarca.

Ainda em 1920, enviuvando, casou-se em segundas núpcias com dona Ana Tereza da Cunha, filha do Coronel Florentino de Azevêdo Cunha e dona Olinta Etelvina Cunha.

De setembro de 1926 a dezembro exerceu, em Comissão, no Governo do dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, as funções de Diretor Geral do Departamento da Segurança Pública.

Em janeiro de 1928 foi nomeado Desembargador do então Superior Tribunal de Justiça do Estado, no Governo do dr. Juvenal Lamartine, se aposentando por tempo de serviço a 19 de janeiro de 1948.

No Tribunal, foi seu Presidente e também Procurador Geral do Estado.

Deixou dois filhos do segundo matrimônio, Arnóbio da Cunha Mélo e Florentino da Cunha Mélo. Irmãos que lhe sobrevivem: Mirabeau da Cunha Mélo, Múcio da Cunha Mélo, Moacir da Cunha Mélo, Murilo da Cunha Melo, Márcia Rode Mélo e Maurina Mélo dos Santos.

Faleceu na madrugada de 16 de julho de 1949.

Sobrevive sua espôsa, ora residente no Rio de Janeiro.

Conheci de perto o grande juiz, merecendo sua amizade estreita e respeitosa.

Seus votos no Tribunal, que honrou e enalteceu, lembravam Pedro Lessa, pela sabedoria e justeza dos pronunciamentos.

Se há missão ingrata e espinhosa, há de ser tanto quanto a do Juiz.

Na verdade, a zombaria e o insulto andam à flôr dos lábios de quase toda gente no que diz respeito à Justiça. Enquanto no silêncio do seu gabinete, dispondo apenas de meia dúzia de livros, o ma-



Labim/UFRN

gistrado, com o espírito sereno, esforça-se no querer dar a Cezar o que é de Cezar, coleando, nas calçadas, passa a serpente do anonimato, soez e covarde, a procurar enlamear-lhe a reputação.

Ninguém dá ao Juiz o valor que merece. "Todos querem Juiz para sua causa", sem qualquer restrição. A parte vencida num pleito quase sempre atribui a derrota à ignorância ou à parcialidade do magistrado. Raro é o que recebe o julgamento com isenção de ânimo. Além disso, aqui e alí um interessado, sem atentar para o que faz e sem respeitar a dignidade alheia, tenta conseguir com dinheiro aquilo que ninguém pode comprar: a consciência.

O Juíz íntegro devemos olhar com respeito e admiração.

A fim de que se possa, entretanto, preservar a justiça dos males que procuram minar sua estrutura, cumpre que se mantenham no Pretório Juízes de alta linhagem, capazes de resistir à onda de irreverência, desdoiro e descrédito que vive a ameaçar o Poder Judiciário. Só assim formaremos uma magistratura digna. Só assim defenderemos o prestígio da JUSTIÇA.

De nada aproveitam leis, bem se sabe, proclamava Rui, se não existir quem as ampare contra os abusos; e o amparo sobre todos essencial é o de uma justiça tão alta no seu poder, quanto na sua missão.

Hoje, mais do que nunca, a missão do Juíz é de uma importância capital. Como pensa Felix Escobio, o Juiz tem de se inclinar a uma ordem jurídica mais flexível e mais sensível aos estímulos e exigências sociais. Para atender aos reclamos do Estado, da sociedade politicamente organizada, numa fase de reconstrução, de renovação política, cabe ao Juíz empreender uma ação eficiente, em harmonia com a realidade social.

Na figura austera do doutor Benício, como o chamavamos vejo o paradigma dos bons juízes, ele que alcançou as mais altas funções no Judiciário do Rio Grande do Norte.

Não me atrevo a traçar o perfil moral e intelectual de Benício Filho, tão alto se coloca no meu apreço e na sua grandeza de cidadão e de magistrado.

Pode dizer-se, para usar a linguagem de Emil Ludwing, na biografia de Roosevelt, que Benício Filho era um homem são, distinto e franco.

Homem infenso a tribuna, falada ou escrita, deixou-nos, apesar disso, nas suas sentenças e nos ensinamentos que transmitia sem o perceber aos que com ele conviveram, um material rico em bom senso e espírito de justiça.



Labim/UFRN

Conhecida é a discussão a respeito da adoção da organização judiciária não profissional, ou mais inteiramente profissional.

Lesnodorsk, da Faculdade de Direito de Varsóvia, destacando a tendência crescente para estabelecer, em sentido largo, os laços entre os tribunais e o conjunto da vida social, lembra que o juiz do nosso tempo, já humanista, deve sentir com a cidade.

Benício Filho era dos que entendiam que, em muitas causas, deveríamos fugir aos excessos do tècnicismo, especialmente no julgamento dos crimes mais graves, como o homicídio.

Certa vez, sendo Promotor desta Capital, em 1934, salvo engano, manifestei perante ele, em conversa informal, minha revolta contra certas decisões do Juri, achando que essa instituição era positivamente anacrônica, devendo, por isso, ser abolida.

O grande Juiz, pacientemente fez-me sentir que estava enganado. "O Juri, ensinava ele, "fugindo àqueles excessos já referidos permite ao povo julgar um elemento da sociedade pela consciência formada com apoio na realidade social". E exemplificava: "Imagine um homem que, ao lado de sua esposa, testemunha uma ofensa grave à dignidade desta, a quem alguém chama de "marafona" ou "barregã". Qual a atitude a tomar? Sem dúvida que desagravar a honra do seu lar, tirando até a vida do agressor impudente. Se, matando o insolente, fosse julgado por um Juiz técnico, singular, ou tribunal técnico, talvez não fosse absolvido pela legítima defesa da honra, por não coexistirem os requisitos estabelecidos no Código Penal. E o Juri? Este, constituído por elementos do povo, juizes leigos, não profissionais, entenderia que um individuo em tais condições, poderia, melhor, deveria lavar sua honra com a morte do agressor, sem atender ao rigor da lei na apreciação de tais requisitos.

A instituição do Juri é eminentemente leiga, sem estar obrigada à observância de regras probatórias preestabelecidas em lei. É um direito instituido em favor do cidadão de ser julgado pelos seus pares, juízes de fato, tirados de todas as classes sociais, os quais apoiam sua convicção no que a consciência ditar, não importando as provas defluidas dos autos ou os requisitos legais em que se baseiam os Juizes togados".

Convenci-me e passei a defender o Juri como prerrogativa da ordem democrática.

* * *

Estimaria falar da personalidade do meu patrôno sem alongar-me sobre a ciência do direito de que foi ele conhecedor emérito.



Labim/UFRN

Sendo o Direito um fato social e a norma jurídica uma realidade social, como já acentuei, devemos encarar o homem como instrumento da realização jurídica.

Conhecida a influência das ciências em geral sobre o Direito devemos, de outro lado, conhecer as fôrças condicionantes que atuam sobre os magistrados e suas decisões. Sob outro aspecto, convém estudar a influência educativa da norma jurídica.

E preciso não esquecer, dizem os sociólogos, a "onipresença" do fato jurídico na vida da sociedade, e o caráter que o Direito possui de constituir a forma expressa mais elevada de ordenamento social. Disso resulta que o Direito não é apenas um modo de resolver conflitos, mas um meio de prevenir, condicionando direta ou indiretamente o comportamento.

Dessarte, sou levado, no estudo da personalidade de um magistrado, a focalizar os condicionamentos do processo de decisão dos Juizes, inclusive as pressões sociais e psicológicas que incidem sobre quem exerça a função de julgador, pois todas as situações, todos os fatos que dizem respeito à vida dos magistrados formam o conjunto dos condicionamentos do processo de decisão nos casos individuais, e também nas relações entre o Estado e o cidadão.

Benício Filho, antes de aplicar a norma jurídica, submetia sua aplicação a um processo intelectual em que procurava apreender sua significação, a realidade dos fatos no caso concreto e a adequação deste a um ou mais dos diversos modelos preestabelecidos naquela.

Por isso, grangeou o respeito e a admiração de quantos lidavam com ele no Pretório. Uma palavra que dissesse, um pronunciamento que fizesse, uma sentença que proferisse gerava a convicção de que emanava de um estudo "atitudinal" perfeito, tendo-se em conta as motivações, os fatos políticos, sociais e éticos que condicionavam a posição tomada.

Perguntava-se — Qual o Relator do feito? Se era Benício todos se calavam, ou expressavam confiança na decisão.

Não quer isso dizer que não se enganasse, que sua palavra fosse infalível, não. Ele mesmo teve ocasião de modificar seus votos pelo reconhecimento de motivos ou fatores que lhe haviam escapado no raciocínio jurídico. Reconhecendo sua falibilidade, tornava-se maior, mais humano.

Versou com mestria todos os ramos do Direito, civil, comercial, criminal, fiscal, tudo, enfim, que sua função o obrigava a pesquisar, a estudar, para o acertamento do fenômeno jurídico.

Modesto, não oferece ao biografo as facilidades para uma análise mais profunda de sua personalidade de Juiz. Sua obra tem que



Labim/UFRN

ser observada e enfocada num estudo global. Inteiriço, não se presta a uma divisão ou subdivisão de facetas, de aspectos peculiares que o distinguissem. Era uma força total, cosmopolita de sentimentos e de virtudes, como de Roosevelt disse Emil Ludwing.

Na vida privada era um cidadão de comportamento inatacável, ajudado pelas virtudes raras de sua esposa vinda de um grupo familiar irreprochavel do Seridó, de um mundo moral em que se sabe distinguir o justo do injusto, o bom do mau para a sociedade.

Escolhi o Desembargador Manoel Benício de Melo Filho como patrono da cadeira em que me emposso nesta Academia, não somente para perpetuar um nome por todos os títulos digno de figurar numa galeria de imortais, como também para lembrar que a amizade é o mais doce bem da vida, que o amigo vive das alegrias e glórias do seu amigo, como dizia Nestor Victor de Cruz e Souza, antes e depois da morte, porque se existe alma e a alma é imortal sinto que Benício Filho, de quem, ainda moço fui discípulo e amigo, sentir-se-á feliz em saber, nas alturas em que se encontra, de saber que seu trabalho, que sua estatura moral e intelectual plantou no coração e no espírito dos seus contemporâneos a semente dadivosa do amor, do perdão, da renúncia, da tolerância, da energia, da probidade, da justiça, de tudo aquilo que nos aproxima de DEUS.

## 9 — CONCLUSÃO

Ensina Grierson que "há muita coisa que melhor pode fazer o mancebo, do que um homem de meia idade, ou um velho. Em todo e qualquer ramo de arte, exigindo liberdade de imaginação, paixão, entusiasmo, o mancebo encontrar-se-á mais à vontade, que o espírito mais idoso. As faculdades críticas, porém, principiam a atuar justamente no período em que o entusiasmo e a ilusão principiam a fraquejar".

Se assim é, a par do juizo crítico que em mim deve sobejar escasseiam a imaginação, a paixão, o entusiasmo.

Evoquemos Baudelaire no poema em prosa — "A uma hora da madrugada":

"Enfim, só! Já não se ouve o rodar dos carros retardados e sonolentos. Durante algumas horas, teremos o silêncio, senão o repouso. A tirania da face humana desapareceu, enfim, e eu só terei de sofrer por mim mesmo.

"Enfim! Posso agora revigorar-me num banho de trevas! Antes, porém, mais uma volta na fechadura. Parece-me que essa volta de chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que ora me separam do mundo.



Labim/UFRN

"Vida horrível! Vida medonha! Recapitulemos o dia:

"Vi vários homens de letras, um dos quais me perguntou se se podia ir à Russia por via terrestre, pois de certo tomava a Russia por uma ilha...

"Discuti generosamente com o diretor de uma revista, que a cada objeção respondia: "Aqui é o partido dos homens honestos", o que significa que todos os outros jornais são redigidos por tratantes...

"Cumprimentei uma vintena de pessoas, quinze das quais eu não conheço...

"Distribui apertos de mão na mesma proporção, sem ter tido o cuidado de comprar luvas...

"Subi para matar o tempo, durante uma tempestade, à casa de uma dançarina que me pediu que desenhasse uma túnica de Venus...

"Fiz a Corte a um diretor de teatro, que me disse ao despachar-me: "Você talvez fizesse bem em dirigir-se a Z"... que é o mais grosseiro, o mais tolo e o mais famoso de todos os meus autores. "Com ele, talvez você pudesse arranjar alguma coisa. Procure-o e depois veremos..."

"Gabei-me, não sei porque, de vários atos desonhestos que não cometi e neguei outros que pratiquei com alegria: delito de fanfarronada, crime de respeito humano. Recusei a um amigo um favor fácil e dei recomendação por escrito a um perfeito cretino.

"Ufa! que terminei.

"Desgostoso de todos e de mim mesmo, eu desejaria compreender-me um pouco no silêncio e na solidão da noite. Almas das que amei, almas das que cantei, fortificai-me, apoiai-me, afastai de mim a mentira e os vapores de corrupção do mundo! E vós, Senhor meu Deus, concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem não ser o último dos homens nem inferior aos que desprezo".

Ajustando essas palavras a mim mesmo, que estou velho, que já vou cansando, concedei-me a graça, Senhor meu Deus, de fazer uns versos que sejam a expressão espontânea e sincera do homem sentimental.

Ah! sim... Este poema em prosa, de 1940, quando tinha mais entusiasmo, mais imaginação, não porque já esteja possuido do desânimo acabrunhador, pois, como dizia Carlyle, é desassisado vituperar o sol porque não nos acende o cigarro, mas por aquelas razões de Grierson, embora sinta a glória e desejabilidade da luta, de He-



Labim/UFRN

gel. É um canto telúrico, de exaltação à terra que me acolheu generosamente. Virgílio, que havia experimentado todos os prazeres e conhecera todas as excelências do favor imperial, mostrou-se no fim "cansado de tudo, exceto das alegrias da compreensão". Não chego a pensar como o imortal Goethe, que dizia "nenhum homem ser pessimista depois dos trinta anos". Ninguém pode escapar ao pessimismo no Nordeste brasileiro. Mas esse mesmo Nordeste nos dá a força vital com que afastamos a tristeza do mundo exterior, porque nesse mundo acresce a alegria tanto quanto a dor, porque o pessimismo é produto de nós mesmos, dos que esquecem que a atividade do espírito continua pela eternidade. Senhor meu Deus, concedei-se a graça da compreensão!

## 10 — HINO AO RIO GRANDE DO NORTE.

Nasci na Paraíba. Orgulho-me do Estado onde vim à luz do dia. Orgulho-me do Brasil. Repetiria a célebre frase atribuída a Pedro II: "Se não fosse brasileiro, desejaria de coração ser brasileiro".

Caririzeiro, de Campina Grande, quero bem ao Rio Grande do Norte mais do que a qualquer outra terra. Tenho verdadeira idolatria pelas coisas deste Estado. Natal é para mim a mais linda de todas as cidades. Gosto destas ruas, destas casas, deste rio; destes morros...

O sentimento de pátria é o mais forte de todos os sentimentos.

Não sei como pode haver indivíduos sem pátria. E esse sentimento de pátria é tanto mais arraigado quanto mais afetuoso o convívio. Não está apenas condicionado ao fenômeno físico, recebe a força do elemento moral. É que o amor à pátria vem do coração, de que emana todo o encantamento da vida.

Talvez que algum espírito prosáico receba mal estas confidências. No mundo cabe tudo. Cabe o algodão, o café, o ouro; cabe o ódio, a ingratidão, o despeito; cabe o amor, cabe o lirismo das almas sonhadoras.

Hoover dizia que os Estados Unidos precisavam de um poeta para dar sentimento e imaginação ao país. Num momento em que a máquina substitui o homem, conquanto se vaticine a parte da Poesia, conquanto o materialismo vença e domine, a arte e a religião continuam a ser, como declara Raul Machado, as duas estradas que nos conduzem ao céu: uma pelo encanto estético, outra pelo encanto místico. Longfellow, Byron, Schelley, Emerson, Holmes, Edgar Poe e tantos outros são a prova de que o sentimento não morre, apesar da máquina e do domínio do espírito prático.



Labim/UFRN

Não sei de outra terra a que tenha dado o esforço vital que já empreguei aqui. Ao Rio Grande do Norte tenho oferecido o máximo das minhas energias intelectuais e morais. Caririzeiro, de Campina Grande, apesar de tudo sou filho da terra, quero bem a Natal, gosto destas ruas, destas casas, deste rio, destes morros...

É, sem dúvida, esta emotividade, razão de ser da poesia, que me faz norte-riograndense. Aqui nasceram os meus filhos, aqui se criaram as minhas ambições, aqui moram as minhas desilusões...



Labim/UFRN

## BIBLIOGRAFIA


"Síntese de História da Cultura Brasileira" — Nelson Werneck Sodré ... .. .... — Civilização Brasileira.

"Sociologia do Direito" Felipe Augusto Miranda Rosa .... — Zahar Editores.

"El actual Pensamento Jurídico Norte-americano" — Cairns — Hall — Cowan — P.F. — Patterson — Kelsen — Chroust — Editorial Labor, S/A B. Aires.

"Tratado de Política" — G.E.G. Catlin — ... ... ... ... ... — Biblioteca de Ciências Sociais.

"A Vida Intelectual" — A. — D. Sertillanges ... .. ... — Saraiva & Cia. Editores.

"História Concisa da Literatura Brasileira" — Alfredo Bosi — ... — Editora Cultrix.

"Antologia Brasileira de Literatura" Afrânio Coutinho — ... ... .. .. — Editora Distribuidora de Livros Escolares.

"O Direito e a Vida Social" — A. L. Machado Neto e Zahide Machado Neto — ... ... ... ... .. — Companhia Editora Nacional — Editora da Universidade de S. Paulo.

"Introdução à Literatura no Brasil" Afrânio Coutinho — ... ... ... — Editora Distribuidora de Livros Escolares.




Labim/UFRN

| | |
|---|---|
| "Arquivos do Instituto de Antropologia" — Vol. 2, n.º 1-2 ... | Universidade Federal do Rio Grande do Norte. |
| "Revista da Academia Norte-Rio-grandense de Letras" — ano IV, n.º 4 — ..... ..... ... .... .. | Departamento de Imprensa — Natal — |
| "Revista do Instituto Histórico e Geográfico" — Vol. LII — 1959 ... | Centro de Imprensa S/A — Natal — |
| "Livro do Mérito" — ..... . | Artes Gráficas Impressora S/A — Petropolis. |
| "Vida Breve de Auta de Souza" — Luis da Câmara Cascudo — ... . | Imprensa Oficial — Natal. |
| "Filosofia da Vida" Will Durant — ... ... ... .. .... | Editora Nacional — São Paulo — |
| "O Misticismo Moderno" — Francis Grierson — .. .... ... | Livraria Clássica Editora — Lisboa. |
| "Lincoln, esse Desconhecido" Dale Carnegie — ... ... ... .. | Companhia Editora Nacional. |
| "Folhas Mortas" — Gotardo Neto — ... ... .. .. .... | Imprensa Oficial — Natal. |
| "Lira de Poti" — Antônio Soares de Araújo — ... ... ..... | Imprensa Oficial — Natal — |
| "O Povo e a Cultura" — Joseph Folliet — ... ... ... .. .. | Ferense — Rio. |
| "Revista da Academia Potiguar de Letras", ano VII, n.º 2 — .. .... | Tip. Santa Terezinha — Natal — |



Labim/UFRN

"Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras" Vol. I, ano 1951 — ... ... ... ... ... ..... — Centro de Imprensa — Natal —

---

"Panorama da Poesia Norteriograndense" — Rômulo Wanderley — ... ... .. — Edições do Val Ltda. Rio —

---

"Poetas do Rio Grande do Norte" Ezequiel Wanderley — ... ... .. .. — Imprensa Industrial — Recife —

"A Renascença Norte-Americana" — Organizada por Robert E. Spiller — Editora Letras e Artes — Rio —

---

"Del amor al Delito" — V. Mellusi — ... ... ..... .... .. .... — Centro Editorial de Gangora — Madrid —

---

"As Estruturas Narrativas" — Tzvetan Iodorow — ... ... ... .. . — Editora Perspectiva — São Paulo —

---

"Discursos e Crônicas" João Medeiros Filho — ... .. .. — Tipografia Galhardo — Natal —

---

"A Mulher perante a Lei, a Ciência e os Costumes — João Medeiros Filho — ..... ... ..... .. .. .. — Tribuna do Norte — Natal —

---

"Natureza e História do Rio Grande do Norte — João Alves de Mélo .... .. .. .. .... .. .... — Imprensa Oficial — Natal —

---

"Revista da Faculdade de Direito da Paraíba" — Ano II, n.º 2 — .... — Editora Teone — João Pessoa —



Labim/UFRN

Labim/UFRN

# SAUDAÇÃO A JOÃO MEDEIROS FILHO (*)

*Veríssimo de Melo*

Honra-se a ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS com o ingresso, em seu quadro efetivo, do Acadêmico JOÃO MEDEIROS FILHO.

Quando da ampliação do nosso quadro de 30 para 40 cadeiras, e para que mais se engrandecesse, a Academia o elegeu, por unanimidade. João Medeiros Filho sempre foi um dos nossos. Se não veio antes, certamente, foi porque já havia compromissos anteriores com outros nomes igualmente ilustres. O seu lugar, entretanto, estava assegurado, tendo em vista a intensa atividade cultural que tem desenvolvido entre nós.

João Medeiros Filho é homem pluri-dimensional, de vigorosa personalidade, cuja atuação profissional e política se entrelaça por dois Estados da Federação: A Paraíba e o Rio Grande do Norte. Seu nome une, culturalmente, duas comunidades nordestinas. Sua obra de jurista pertence hoje a todo o país.

Ao aceitar o convite para saudá-lo, nesta oportunidade, muito meditamos na nossa responsabilidade. João Medeiros Filho não se enquadra facilmente em qualquer esquema de uma análise biotipológica. Ele ultrapassa qualquer tentativa de comparação a este ou àquele cidadão de características psíquicas já conhecidas. Extrovertido, afável, tolerante e compreensivo para os amigos, de um dia para outro ele pode desaparecer da cidade e ensimesmar-se em seu gabinete de trabalho, mergulhado na pesquisa e estudo profundo de um caso jurídico. Ele é único como personalidade dentro de um espaço, — o nordestino, — e um tempo, como a nossa época, fins do século XX, mas já com a presença gritante dos grandes acontecimentos do século XXI.

Se tivesse vivido na Idade Média, naqueles velhos tempos das Cruzadas e dos Mosteiros, cremos que seria, no mínimo, um bravo



Labim/UFRN

espadachim, sempre de lança em riste, pelejando por uma idéia ou um duelo constante por um par de olhos. Vivendo no nosso tempo, seu clima ideal é a advocacia, cujo exercício trouxe do berço e aperfeiçoou no estudo e na prática forense a sua mais aguda e irresistível vocação. De fato. Da década de trinta até hoje, João Medeiros Filho tem desempenhado vários cargos e desenvolvido nobres atividades: Administrador, jornalista, Procurador Geral do Estado, Consultor Geral do Estado, Assessor da Confederação Nacional do Comércio, Superintendente de Coordenação do Departamento Federal de Segurança Pública, em Brasília; Diretor de Polícia Civil, em Brasília; Professor da Academia Nacional de Polícia; Professor de Português do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte; Professor e vice-diretor da Faculdade de Direito de Natal, ao tempo de sua fundação. Mas ele próprio tem afirmado e reafirmado que nunca desejou e nem deseja outra atividade que não seja a advocacia. Disso se orgulha. A prática da Justiça tem sido, para ele, não apenas meio lícito e honrado de ganhar dinheiro, mas igualmente a sua fé, o seu credo, a sua meta e o seu destino.

O que pesa em sua existência, o que o engrandece verdadeiramente é a atividade da advocacia, lutando, muitas vezes, contra uma cidade inteira, mas sempre fiel aos seus pontos de vista, sempre altivo, lúcido, desassombrado.

Nesse sentido, o que mais admiramos em João Medeiros Filho é a capacidade para se multiplicar em atividades forenses dentro e fora do Estado, — sem nunca ter hora certa para alimentar-se ou dormir, — e saber, ao mesmo tempo, quando é necessário, enclausurar-se para elaborar pareceres magistrais ou escrever ensaios ou livros da maior importância do ponto de vista jurídico e literário. Ao lado do pesquisador e escritor, há sempre o bravo e eloquente tribuno do juri, criminalista dos mais cultos que já tivemos em tôdas as épocas, civilista emérito, publicando ensaios e estudos que testam seus amplos conhecimentos da ciência do Direito. Na história da vida jurídica do Rio Grande do Norte, nestes últimos trinta anos, João Medeiros Filho conquistou posição de elevado realce, graças à sua contribuição em trabalhos de pesquisa, atividade incansável e livros meritórios. Essa devoção à Justiça reflete-se até mesmo na escolha espontânea que fez do seu patrono nesta casa, — a figura exponencial do desembargador Benício Filho, — cujo elogio acadêmico acabamos de ouvir com encantamento e respeito.

## O JORNALISTA

Como jornalista político, brilhante e versátil, João Medeiros Filho já dirigiu os dois maiores órgãos da imprensa da Paraiba e



Labim/UFRN

do Rio Grande do Norte "A UNIÃO" e "A REPÚBLICA". E sempre se houve com maestria, zêlo, retidão. Ao lado dos editoriais de combate, na defesa da política situacionista, ou na oposição, lutando quase sozinho contra quem aparecesse, ele também sabia escrever crônicas deliciosas, como aquela a que o povo intitulou de "Os Meus Chinelos". Nessa página de memória, resumia toda sua felicidade ao chegar a casa, à noite, após dia duro de trabalho, e poder encontrar seus chinelos ao lado da cama. Era tudo o que desejava. Muitas vezes, porém, seu sonho maior era violentado, porque os filhos ou netos os arrastavam para longe...

Suas polêmicas, através da imprensa e do rádio, marcaram época no Estado. Defendia energicamente sua posição política, criticava os fatos e os homens, — às vezes os líderes mais poderosos, — e jamais se intimidou de proclamar a verdade. Depois, saia à rua de cabeça erguida, para ouvir a repercussão de suas palavras ou continuar a polêmica, se fôsse preciso...

Por essa época, certa vez, confessou-nos:
— A vida só presta vivida perigosamente.

Era o seu clima. No homem público esclarecido e culto, destaque-se também a coragem pessoal a toda prova, o que lhe garantiu êxito no exercício de cargos espinhosos, em plena efervecência política, como os de Chefe de Polícia tanto do Estado da Paraíba quanto do Rio Grande do Norte. Entenda-se que sua bravura cívica sempre foi projeção do cumprimento do seu dever profissional e nunca atitude narcisista ou basófia.

Escrever com propriedade e corretamente tem sido uma constante do jornalista e escritor João Medeiros Filho. Por isso sua frase é límpida, objetiva, elegante. Preocupação que transparece inclusive nos seus ensaios jurídicos.

Pessoalmente, na intimidade dos bons amigos, João Medeiros Filho é um demônio de verve e ironia. Otimista, generoso, desinteressado, ele é sobretudo um dos grandes "causeurs" que já conhecemos. Bem humorado, viril, afetuoso, ouvi-lo, numa conversa entre amigos, é prazer que não se dispensa. De sua vida forense, possui enedotário infindável, tanto dele quanto dos colegas. Não seria fora de propósito, se relembrassemos aqui, à guisa de exemplo, o episódio que o liga ao poeta Jaime Wanderley. Em momentoso júri, no qual o poeta Jaime Wanderley era um dos jurados, pelas três horas da madrugada, constatou João Medeiros Filho que o poeta dormia a sono solto... Instantaneamente, batendo com tremenda violência na sua tribuna, exclamou:



Labim/UFRN

— A JUSTIÇA não dorme!

E o nosso poeta acordou sobressaltado...

Nos intervalos de suas atividades forenses, na boemia literária da cidade, tem tido João Medeiros Filho momentos inesquecíveis.

Certa vez, — apenas um outro episódio, como ilustração, — desafiou Roberto Freire para um duelo, em discussão pública, sobre qual das duas figuras históricas, Caxias ou Tamandaré, teria sido maior. O bar regurgitava de soldados e marinheiros e daí a motivação. O final de tudo já se pode prever, quando os circunstantes resolveram tomar partido e apupar os adversários... Foi quase uma guerra. Mas, felizmente, ele e seu saudoso companheiro escaparam ilesos...

A página que escreveu em homenagem a Cascudo, na revista "PROVINCIA", salientando a condição humana do escritor norte-riograndense, é antológica. Além da análise do intelectual e do amigo, nos oferece depoimento curiosíssimo. Combinara com Cascudo, após conferência do folclorista natalense em Jardim do Seridó, tomar uma cerveja em modesta mercearia das proximidades. A conferência prolongara-se pela noite e João Medeiros Filho aguardava, ansioso, Câmara Cascudo, já à porta do Grupo Escolar, pois o proprietário da mercearia ameaçava fechá-la, face ao adiantado da hora. Vencendo a multidão, ao finalizar a conferência, João Medeiros Filho aproximou-se de Cascudo e disse-lhe ao ouvido:

— Cascudo, vai fechar!

Era a senha inadiável. E descreve, então, o que ocorreu: "E saímos, — diz João Medeiros Filho, — eu na frente, Cascudo atrás e Fernando Luiz Cascudo, seu filho, em seguida. Tudo isso, sabe Deus como, aos cumprimentos, aos apertos de mão e abraços, na maior sofreguidão. Da porta do Grupo começamos a maratona, em fila indiana, com o adesão de um soldado que estava à nossa disposição, o qual supunha haver alguma alteração da ordem... até que aportamos no bom porto, que a agulha de marear havia indicado...

## DADOS BIOGRAFICOS

JOÃO MEDEIROS FILHO nasceu em Campina Grande (Paraíba), a 30 de julho de 1907, sendo filho de João Medeiros Santiago e d. Clara Sampaio de Medeiros. Concluiu o curso secundário no Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa e ingressou na Escola Militar de Realengo, onde passou dois anos. Descobrindo sua vocação para a ciência do Direito, matricula-se na Faculdade de Direito do Recife colando grau na turma de 1927.

Atendendo convite de um amigo, deputado Epaminondas de Aquino, vem, recém-formado, para o Rio Grande do Norte, sendo



Labim/UFRN

nomeado promotor público em Jardim do Seridó e logo depois em Natal. Foi início da carreira notável, na qual o jovem bacharel em direito iria aprimorar conhecimentos e revelar-se, mais tarde, um dos maiores criminalistas e oradores do Estado.

Foi presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Rio Grande do Norte, membro do Conselho Federal dos Advogados, presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Norte, participando de reuniões nacionais como representante do nosso Estado.

Casando, em primeiras núpcias, em Jardim do Seridó, com d. Maria de Lourdes Fernandes de Medeiros, teve do consórcio dois filhos: Jomar Fernandes de Medeiros, advogado, e d. Maria de Lourdes Guimarães de Medeiros, ambos casados. Enviuvando, casou-se, em segundas núpcias, com dona Etelvina Emerenciano de Medeiros, de ilustre família de intelectuais, sobrinha do grande poeta Gotardo Neto, professora de francês do Colégio Estadual, já aposentada, a quem o Rio Grande do Norte deve assinalados serviços no setor educacional. Do segundo matrimônio houve os seguintes filhos: João Medeiros Neto, advogado e alto funcionário da Reitoria da Universidade do Rio Grande do Norte, casado com d. Luciene de Medeiros; Zélia Emerenciano de Medeiros Lucena, casada com o advogado Edson Lemos de Lucena, Procurador da Justiça; Thelma Emerenciano de Medeiros Lira, casada com o sr. Antonio Modrach Lira, funcionário da Fazenda Estadual; Carlos Alfredo Emerenciano de Medeiros, casado com d. Gildete Bezerril de Medeiros, funcionário do Tribunal de Contas do Estado; Tânia Medeiros Philip, casada com o sr. Robert Eugene Philip, residente nos Estados Unidos, e Fernando Luiz Emerenciano de Medeiros, universitário, casado com d. Vilma Carvalho de Medeiros. Dos dois consórcios tem 17 netos.

Em 1964, João Medeiros Filho aposentou-se no cargo de Promotor de 3.ª intrância, com as vantagens do cargo de Procurador de Justiça. O advogado, entretanto, continuou e continua atuante, cavalheiresco, colocando sempre a ética profissional acima de contingências ou interêsses de clientes. Diante de cada novo caso que surge, ele se esmera em estudá-lo e aprofundá-lo, com fundamento em boa doutrina e jurisprudência atualizada.

Descobrindo a praia da Redinha, nos últimos anos, alí construiu o seu castelo e instalou o seu reino. Entre livros e convivência amável da família e raros amigos, desfruta João Medeiros Filho, talvez, os anos mais tranquilos de toda a sua existência. Isto enquanto o dever profissional não o convoca para a luta, porque a qualquer hora do dia ou da noite ele estará sempre disposto a defender os direitos dos que o procuram.



Labim/UFRN

Labim/UFRN

## BIBLIOGRAFIA:

Vasta é a bibliografia de João Medeiros Filho, se fôssemos aqui arrolar todos os seus ensaios, pareceres e principais artigos publicados na imprensa desta e outras cidades, em diferentes épocas. Registramos apenas seus livros e ensaios publicados até 1970: "NOTAS DE UM PROMOTOR PÚBLICO", Natal, 1933; "ELOGIO DO JURISTA", Natal, 1936; "MORTE POR ELECTOPRESSÃO", Natal, 1937; MEU DEPOIMENTO", (sôbre a revolução comunista de 1935, em Natal), 1937; "DEBATE JURÍDICO EM TÔRNO DO PROBLEMA DA LEPRA", Natal, 1941; "DISCURSOS E CRÔNICAS", Natal, 1941; "TERRAS DEVOLUTAS", Natal, 1942; "O DEVER DO ADVOGADO EM MATÉRIA CRIMINAL", Rio, 1943; "AÇÃO DE RESCISÃO DE CONTRATO", Rio, 1943; "LIQUIDAÇÃO DA DÍVIDA DOS PECUARISTAS", Natal, 1950; "ANULAÇÃO DE CASAMEITO POR DOENÇA MENTAL", Natal, 1951; "APOSENTADORIA COMPULSÓRIA DE MAGISTRADO", Natal, 1952; "REAJUSTE PECUARIO", Rio, 1953; "ÉRRO ESSENCIAL DE PESSOA", Rio, 1954; "O DIREITO E AS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS", Recife, 1958; e "CADERNOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO", Vol. 1.º, Natal, 1966, onde reune suas atividades e pareceres à frente do órgão dirigente do Ministério Público do Estado.

De João Medeiros Filho, do advogado e do escritor, muito ainda espera o Rio Grande do Norte. De sua cultura jurídica e fulgurante inteligência, orgulha-se esta Academia, que a partir de hoje se vincula ao seu nome imortal, por tudo que tem feito de bom e útil em benefício dos nossos contemporâneos e em defesa dos ideiais que nortearam sempre sua vida de homem público e de advogado: A Verdade e a Justiça.

Receba, Acadêmico João Medeiros Filho, a nossa efusiva saudação, que tem o calor de uma velha amizade, e a certeza da admiração que lhe devotam os ilustres cofrades desta casa de cultura.

(*) **Discurso pronunciado no dia 27 de agôsto de 1971, por ocasião da posse do acadêmico João Medeiros Filho, na Academia Norterigrandense de Letras**



Labim/UFRN

Labim/UFRN

## IN MEMORIAM (*)

*Jayme dos G. Wanderley*

Façam silêncio, um instante,
pois, eu julgo, inda escutar,
a sonorosa ave, errante,
neste recinto cantar.

Para que em versos eu reúna,
sua inspiração mais forte,
faço, de Rômulo, a graúna,
do Rio Grande do Norte,

pois, cantou, em doce harmonia,
seu lindo torrão natal,
qual graúna saudando o dia,
nas palmas do carnaubal.

Mestrou, com sábias lições,
uma revoada a trinar,
embalando-a nas canções,
que ele ensinou a cantar.

Das competições, na liça,
agiu, sempre, com respeito,
dando, à mancheia, a Justiça
e, a quem fez jús, o Direito.

Nossa bibliografia,
de luzes, enriqueceu,
na beleza que irradia,
dos livros que ele escreveu.



Labim/UFRN

Projetou-se em toda parte
e, para sua ventura,
fez um evangelho da arte,
fez um missal da cultura.

Do lar, fez um paraíso,
cheio de paz e esplendor.
Pra cada filho, um sorriso,
para a esposa, todo amor.

Pelos imensos prazeres,
de poeta, nato, eu advinho,
— amou todas as mulheres,
que cruzaram seu caminho.

Assim, viveu a grande ave,
com que o Açú nos presenteou.
e que, com trinado suave,
tão lindas canções cantou.

Mas, hoje, essas canções belas,
a graúna emudeceu,
pois foi cantar pras estrelas,
nas carnaubeiras do céu.

Excelências:

Eu vos pedí um instante de silêncio para que pudessemos, com a emoção e o respeito, que sempre lhe votamos, escutar a modulação sonora dos garganteiros do grande pássaro, que partiu para sua longa viagem sem retorno, porém, continua vivendo, cada vez mais aproximado de nós, na magnificência deste viveiro de inteligência e de cultura, integrado no nosso espírito, na nossa lembrança, no nosso coração e na nossa saudade.

Rômulo Chaves Wanderley deixou, com seu passamento, desta para a eternidade do nunca mais, um vazio, uma lacuna uma clareira, que a custo conseguiremos preencher, porque dentro dos preceitos que regem esta Academia o ilustre imortal açuense, desaparecido do nosso convívio, foi tudo.

Não fôra apenas o acadêmico dedicado, estudioso, pesquisador, interessado pela grandeza de nossas realizações culturais; não fôra somente, o homem de ampla visão dos problemas e programas de elevado sentido intelectual, que temos a pôr em prática, no cum-



Labim/UFRN

primento de um dever, do qual nos desincumbimos, responsabilizados por um juramento sagrado; não foi, unicamente o imortal que integrou a galeria dos homens de letras desta entidade, para desfrutar o título, e louvar-se nas prerrogativas a que fazem jús todos quantos se irmanam, no aconchego amigo, desta grande família.

Rômulo Wanderley fora, antes de tudo e acima de tudo, um verdadeiro devoto do seu apostolado, dando à missão que lhe fora outorgada, o melhor do que guardava no seu grande espírito de sonhador e de esteta, para que a Academia Norte Riograndense de Letras se conservasse sempre AD LUCEM VERSUS; para que, tudo quanto estivesse ao alcance de suas atividades, de sua vontade realizadora, de sua inteligência de seleção, fosse dirigido, no sentido da elevação do espírito, do fortalecimento e progresso da entidade a que se filiou e, na qual, imperou durante tantos anos, pelo talento de classe, pela inteligência de escol, pela cultura e pelo ideal.

Rómulo foi, de fato, um idealista, vivendo de seu ideal para o sonho e deste para a realidade de seu formoso destino de homem que, antes de tempo sentiu-se realizado, pelo pensamento e pela ilustração, que o acompanharam na sua jornada cultural. E Alfred Vingny já proclamava que "Uma grande vida é um ideal da juventude realizado na idade madura".

Açu, cidade legendária e gloriosa, eu te revejo agora, como num sonho, da janela da minha saudade e contemplo a tua beleza vetusta, porém sempre virgem, sempre moça e sempre cheia de viço e de graça, imponente e linda, como se fosses a Nossa Senhora dos Carnaubais.

Eu te admiro, cidade secular, pela tua tradição e pelo teu passado, por teus Barões, por teus patriarcas e por teus filhos laboriosos, da sociedade e dos campos que, felizes e cada vez mais interessados na tua prosperidade, fomentam, com o suor que lhes escorre do corpo, a tua grandeza e o teu progresso.

Eu te louvo, ó cidade querida e, por todos os títulos glorificada, porque foste o berço de inimitáveis heróis, que se imolaram, que se deram em holocausto pela integridade da pátria, oferecendo-te, como bravos que foram o seu sangue suja costingiu os campos de batalha do Paraguai marcando a sua passagem, na marcha triunfal, que os conduziu à morte.

Eu te bendigo, Açu, e te consagro o meu preito de admiração e respeito, ninho augusto dos meus ancestrais pela inteligência e pelo talento dos teus poetas, dos teus jornalistas, dos teus intelectuais, figuras remotas e presentes, que fizeram e ainda fazem, de tua



Labim/UFRN

beleza inédita, um painel evocativo, conservando a tua gloriosa tradição e perpetuando a grandeza de tua História.

Eu te revejo, na minha imaginação, com a surpresa de um bedulno, que se embevecesse com a fantasia bizarra da miragem, cujo colorido não se dilui nem se apaga dos seus olhos e da sua memória, porque as suas sugestivas cambiantes permanecerão sempre vivas dentro do seu coração.

Açu, o esplendor de tua glória, os marcos imarcessíveis de tua tradição, os feitiços de cidade aberta ao encantamento dos turistas, a imponência do teu grande rio legendario, a pureza azul do teu céu claro e escampo, como um céu de domingo, a cultura e a fecundidade dos teus homens de pensamento, a beleza e a formosura de tuas mulheres, estão sempre vivas e sempre presentes na minha admiração e na minha lembrança.

Volvendo o meu pensamento para o teu solo sagrado, ó antiga e glorioso Vila da Princêsa, eu beijo, com o meu carinho e o meu respeito a poeira do teu chão dadivoso e acolhedor, onde repousam restos materiais de figuras ilustres, entre elas Palmério Filho, Sinhazinha Wanderley, José Correia, Otávio Amorim, João Lins Caldas, Minervino Wanderley e outros vultos que ilustraram e honraram a História da terra augusta, enchendo-a de esplendor e grandeza, espíritos de marcante projeção no cenário cultural e patriótico açuense, cuja imortalidade não se aquilata com a contagem do tempo, mas, se mede com a trena da justiça, na dimensão dos séculos.

* * *

Nessa terra legendária e tradicional, fonte de Castália de uma brilhante legião de poetas e de sonhadores, solo verdejante que se aduba com a beleza pictórica de sua natureza exuberante, quando sobre ela caem as bençãos de Deus, na época das invernadas fecundantes e, que Ferreira Itajubá, no seu lirismo inconvertível, chamaria "Formosa Canaã da natureza" sertaneja, Rômulo Chaves Wanderley abriu os olhinhos, encandeados de surpresas, para os destinos humanos.

Abril de 1910, em uma de suas primeiras auroras, no dia terceiro do calendário gregoriano, trouxe ao lar festivo, como uma alvissara, a figurinha da criança, que recebera, no berço, o destino de ser poeta.

Era filho de Rodolfo Chaves Wanderley e d. Júlia da Silva Wanderley, ambos nascidos sobre o mesmo chão e acobertados pelo azul do mesmo céu.



Labim/UFRN

Na sua juventude descuidosa, quando mal poderia descortinar horizontes mais distantes, o saudoso acadêmico dedicara-se a ajudar o seu genitor, nos serviços de sua tenda de marcenaria, onde morejava as lides do cotidiano, reservando, no seu trabalho, as horas em que se dedicava aos estudos, no Grupo Escolar Cel. José Correia, sob a orientação da sempre reverenciada professora Sinhazinha Wanderley, que por mais de 50 anos exerceu, ininterruptamente, a tarefa do magistério público local, educando diversas gerações estudantis e as encaminhando para o labor da vida prática, não apenas como uma mestra desvelada mas também, com a dedicação e o carinho de uma mãe extremosa.

Assim cresceu o talentoso pupilo dos Wanderley, sempre desfrutando do largo conceito e do grande prestígio que lhe votavam a professora e os colegas de curso.

E, aplicado e inteligente, que o era, não tardou a ingressar no labirinto das rimas, em cujos delineamentos não encontrou nenhum Minotauro a combater, nem donzelas a defender, vencendo todas as dificuldades que lhe surgiram de início, com a beleza virgem de sua imaginação criadora e com o poder do seu talento. É que "o homem só se define quando se defronta com obstáculos", assim falou Saint Exupery.

Estava, deste modo, a cidade do Açu, com mais um poeta a ilustrar e a enobrecer sua cultura e as suas artes.

Firmados os seus pendores literários, no metier açuense, logo, o venerando jornalista Palmério Filho acolheu, nas colunas do seu jornal, "A Cidade", os seus primeiros poemas, que foram recebidos com merecidos aplausos não só por seus amigos e admiradores, mas, preferencialmente, pelos intelectuais que, então, honravam a galeria dos homens de letras da velha e augusta cidade sertaneja.

Assim alicerçou a sua vida intelectual o poeta que, além de aprendiz de marceneiro o era, também, de telegrafia, embora nenhuma das duas profissões estivessem no plano das cogitações do seu destino de idealista.

Tanto era assim que, mais tarde, tomou conta do serviço de um Bar, o "Ponto Chique", em função naquela época, em cujo encargo fracassou, porque a sua condição de homem de pensamento não permitiu a sua permanencia à frente da serventia daquela casa de negócio.

Foi, quando, o Prefeito de Angicos, prof. Gonzaga Galvão, conhecendo-lhe as virtudes de espirito e a capacidade de trabalho, o convidou e nomeou secretário da edilidade angicana, cargo para cujo desempenho não lhe faltaram dedicação, interesse funcional e honestidade.



Labim/UFRN

Contudo, afastado do convívio de sua terra e de sua gente, Rômulo Wanderley mantinha, com assiduidade a sua eficiente colaboração nos jornais que eram editados no Açu, naquela época, jamais deixando de manter acêsa a chama do seu grande interesse pela cultura.

Tempos depois, deixando o cargo para o qual fora nomeado, rumou a Natal, matriculando-se no Colégio Marista, onde fez o artigo 100, então em vigor, tendo conseguido surpreendente colocação entre os numerosos candidatos àquela prova.

Em 1933 matriculou-se no Ginásio "Osvaldo Cruz, em Recife, ali concluindo o curso pre-jurídico, não tendo entretanto, abandonado a sua trincheira no jornalismo maurício, colaborando, como vinha, na "Folha da Manhã" e no "Jornal do Comércio", diários de grande projeção e não menor conceito, no Nordeste brasileiro.

Voltando a esta capital, já cursando a Faculdade de Direito de Recife, Rômulo Wanderley integrou a redação de "A República", órgão oficial do Governo do Estado, colaborando ainda na "Tribuna do Norte" e "Diário de Natal", responsabilizando-se por secções que o tornaram conhecido e admirado pelos leitores daqueles conceituados periódicos.

Em 1942 foi nomeado pelo Governador do Estado para ocupar a cadeira de História da Civilização, no Ateneu Norte Riograndense, cargo que foi por ele exercido até a data do seu passamento para a eternidade.

Em 1945, a velha e tradicional Faculdade de Direito do Recife conferiu-lhe o título de Bacharel em Direito, láurea que zelou com muito brilho, muito carinho, muito senso de justiça, durante o seu trânsito pelo Forum desta capital.

O imortal, que neste ensejo, se homenageia a sua memória, foi poeta entre os que maiores galardões conseguiram, no metier cultural potiguar; cronista oportuno e cintilante: advogado dos mais dignos e mais leais ao seu juramento; professor culto e talentoso; orador de grande imaginação e fluente dialética, manejando o idioma com pureza e profundos conhecimentos e, polígrafo de grande mérito, com diversos trabalhos publicados, que honram o seu nome, a sua cultura e a sua memória.

Computados entre os livros, com os quais enriqueceu a nossa bibliografia, situam-se, em primeiro plano, TEMPESTADE NUM COPO DÁGUA — 1951, ARCA DE NOÉ — 1952, A GEOGRAFIA POTIGUAR NA SENSIBILIDADE DOS POETAS — 1963, CANÇÃO DA TERRA DOS CARNAUBAIS — 1965, PANORAMA DA POESIA NORTE RIOGRANDENSE — 1965, MEMÓRIAS DO PADRE JOÃO MARIA — 1966, deixando, ainda inéditos, A GEOGRAFIA BRASI-



Labim/UFRN

LEIRA NA SENSIBILIDADE DOS POETAS — GUIA TURÍSTICO DA CIDADE DO NATAL e TABATINGA, romance de costumes sertanistas, que não chegou a concluir, porque os grandes afazeres e a precariedade da saúde não lhe permitiram esse prazer, que seria o maior de sua vida, conforme afirmava, em palestra com amigos e confrades.

Ocupou, o saudoso morto, diversos cargos de projeção, em nosso Estado, entre os quais o de Procurador Geral do Estado, Procurador do Tribunal de Contas, professor da Faculdade de Filosofia, Venerável da Loja Maçônica 21 de Março e representante, nesta capital, do Grão Mestre da Maçonaria Brasileira, função e outorgas que desempenhou com inteligência, distinção e nas quais conquistou renome, pela lisura e compreensão com que se manteve, na desincumbência, e pelo alto senso de responsabilidade demonstrado no decorrer do exercício de diversos anos de ininterrupto labor.

* * *

Muito cêdo, Rômulo Chaves Wanderley ensarilhou as armas de combate.

Não por tibieza ou enfraquecimento de sua pujança espiritual, mas, porque a sua saúde se abalara, proibindo-o de desenvolver suas brilhantes atividades anímicas e materiais, no cenário das competições, no metier no qual lutava pela sobrevivência e pela consagração.

Nascido na terra escaldada e comburida do sertão, Rômulo Wanderley foi antes de tudo, um forte, como diria mestre Euclides da Cunha, qualificando a fibra hercúlea e a figura máscula do homem do hinterland, a quem o destino relegou à humildade e ao esquecimento, mas, em permuta desse castigo, deu-lhe a fortaleza homérica de Aquiles e a corôa consagradora do herói, que não tergiversa, quando é preciso lutar e luta, enquanto, no campo, houver inimigos para vencer.

Deixou a vida como um justo, um digno, e por isso mesmo, continua, espiritualmente, vivendo no aconchego da família desolada e inconsolável, na estima dos amigos, que o lembram com saudade, no respeito dos confrades que, num justo apreço, nesta oportunidade, lhe reverenciam a memória e na veneração da cidade, campo de suas atividades e viveiro de suas ilusões e esperanças que, maternalmente, o acolheu, durante muitos anos, como um ilustre participante de sua vida social, política e cultural, ajudando-a,



Labim/UFRN

com abnegado interesse, a progredir e a se engrandecer, como se um seu dileto filho o fosse, como se nos seus quadrantes tivesse aberto os olhos para a vida e recebido, como uma dádiva de Deus, o espírito de sonhador.

(*) **Discurso proferido no dia 16 de setembro de 1971, em homenagem à memória do Acadêmico Rômulo Chaves Wanderley, no Salão Nobre da Academia Norte-Riograndense de Letras.**



Labim/UFRN

# DISCURSO DE EDGAR BARBOSA

*Transcrito dos anais da Câmara Federal*

O Acadêmico Edgar Barbosa foi orador oficial na sessão conjunta que a Academia Norte-Riograndense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte fizeram á memória do saudoso Acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros, no dia 22 de setembro de 1971, em presença de acadêmicos, autoridades, famílias e representantes da imprensa e do rádio.

Esse discurso, que teve a maior repercussão entre nós, foi transcrito dos Anais da Câmara Federal, por solicitação do deputado Grimaldi Ribeiro, que fazendo a comunicação, pronunciou as seguintes e brilhantes palavras sobre a atuação de Edgar Barbosa na vida intelectual do Rio Grande do Norte.

O discurso do Acadêmico Edgar Barbosa, acompanhado das palavras do deputado Grimaldi Ribeiro, foi publicado no Diário do Congresso Nacional, de 24 de novembro de 1971, cuja transcrição se impõe para conhecimento dos norte-riograndenses:

**O Sr. Grimaldi Ribeiro:**

(Comunicação — Lê) — Sr. Presidente, em Natal, reuniu-se a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e prestou homenagem póstuma a José Augusto Bezerra de Medeiros, tal como fez esta Casa, ainda no primeiro semestre do ano em curso, ao ocorrer o falecimento do saudoso e insigne homem público.

Foi orador naquela homenagem o Doutor Edgar Barbosa, Professor titular da cadeira de Direito Constitucional da nossa Faculdade de Direito, e expressão das mais altas do instituto universitário deste País.

É ainda Edgar Barbosa notável escritor, jornalista, ensaista, humanista — clara e lúcida inteligência do nosso tempo.

Dele disse Nilo Pereira, com perfeito senso de justiça, ser "o maior estilista do Rio Grande do Norte a quem nossa terra deve páginas ao mesmo tempo de cronista e poeta".



Labim/UFRN

É autor de numerosos trabalhos, dentre os quais destacaria: Síntese Histórica, Origem e Desenvolvimento da Lingua Portuguêsa, Vícios de Linguagem, História de Uma Campanha, Moisés Soares, Alguns Aspectos da Livre Convicção, Da Igualdade Perante a Lei, Idéias e Propósitos de Uma Faculdade (Conferência — Manifesto da Fundação da Faculdade de Filosofia de Natal), O Livre Acesso às Fontes de Informação, Três Ensaios (Conferências Literárias), Românticos Norte-Americanos e Outras Conferências, Imagens do Tempo.

Requeiro, assim, que conste dos Anais da Câmara dos Deputados, na forma do nosso Regimento, o aludido discurso que passo a ler na integra:

## "O HOMEM JOSÉ AUGUSTO

**Edgar Barbosa**

Comecei a conhecer José Augusto em 1927, quando terminava o seu quadrienio de governo cordial, que sucedera ao de outro homem bom, mas arredio e sisudo, conforme se retrata, na galeria dos nossos varões republicanos, o Dr. Antônio José de Melo de Souza. Não parece fácil a qualquer de nós, jovem daquele tempo, prestar um testemunho impassivel sobre a personalidade de José Augusto, tão mágica era a sua simpatia, tão envolvente seu modo de desfazer reservas ou hesitações de estudantes bisonhos, admitidos a trabalhar na redação da "A República". Dizer algo dele é recordar um pouco de nós mesmos.

O jornal de Pedro Velho, ainda orgão do Partido Republicano Federal, funcionava na Avenida Tavares de Lira, de onde viamos fluir, a alguns passos, a esteira tranquila do Potengi. Pelas calçadas da Avenida transcorria igualmente, a maior parte da vida política, social, econômica e intelectual do Estado. Ponto de encontro certo, assembléia de todos os assuntos, cais de embarque e até observatório meteorológico dos profetas do inverno, a Avenida sombreada de "ficus", junto ao rio onde descera de sua aventura transatlântica o pássaro prenunciador de Ribeiro de Barros, acolhia tanto os coronéis quanto os poetas. Por ela desfilavam, também, invisiveis, mas constantes, as miragens de nossas ambições, os primeiros acenos da politica, pois acadêmicos ou preparatorianos, já éramos os "cadetes" da "A Republica", tal como nos chamava um assíduo frequentador da redação, o deputado e oficial do Exército Epaminondas de Aquino, amigo intimo de José Augusto.



Labim/UFRN

Quase todas as manhãs, acompanhado do Capitão Genésio Lopes, seu ajudante de ordens, o Governador aparecia na "A República". Lia os telegramas, comentava-os entre os circunstantes, conversava com auxiliares e chefes políticos e às vezes despachava o expediente.

A impressão que deixava era a de que governava pouco, ou não tinha muito o que governar, cingido que estava aos usos e praxes do liberalismo. Mas, essa era uma impressão falsa, se remontarmos à época de calmaria administrativa dominante nos quadros governamentais da 1a. República. Deve ser notado, ainda, que a simplicidade de José Augusto desarticulava risonhamente as pautas do formalismo e isso ia de encontro à imagem que criáramos de chefe de Estado, quando o modelo federal se encarnava no austero Presidente Artur Barnardes.

Nem sempre é edificante para os moços a aproximação com os homens eminentes. A glória se compraz de quando em quando em deformar seus favoritos e estraga o artista, tanto quanto o cientista ou o político em uns instilando a vaidade, em outros a fome dantesca do poder.

José Augusto era o contrário.

Seus títulos morais e intelectuais, seu prestigio internacional, o poder que deteve por aclamação dos seus méritos, jamais desequilibraram sua naturalidade, seu modo de ser gentil-homem cuja nobreza guardava apenas o brasão da honradez.

Bacharel do Recife aos 21 anos, professor, magistrado, jornalista, Secretário de Estado, parlamentar, presidente de inúmeras instituições nacionais, filho de uma pequena provincia politica, elevou-a nos altos conselhos do pais, tornando-a respeitada mesmo nas mais precárias vicissitudes do nosso federalismo. A obra de José Augusto revela o estudioso dos problemas de educação, direito público, economia, história, geográfia, ciência politica. Fixando-se no Rio de Janeiro, depois de afastar-se da vida pública, continuou a residir, com ânimo permanente, no Rio Grande do Norte, sem esquecê-lo e sem distanciá-lo do seu labor intelectual. Norteriograndense militante, nos dias fastos ou nefastos de sua vida, sempre se voltou para a nossa terra com enternecimento e humildade, votando-lhe os dons mais preciosos do seu talento e do seu grande amor ao bem público. Dele se poderá dizer como os atenienses disseram de Péricles, que sabia o nome de todos os seus concidadãos.

Em certo periodo dos mais intensos de sua carreira politica viajei com José Augusto por quase todos os municipios do Estado. Jamais vi consultando agenda ou tomando notas. Onde chegava era recebido como um velho parente, pois não tinha em parte al-



Labim/UFRN

guma inimigos jurados nem incompatibilidades mortais. Trazia aos mais esquivos os tesouros de Marco Polo da sua imensa bondade e esbanjava promessas ao seu povo com o sincero desejo de cumpri-las. O político que ainda não fez isso, que se curve sobre sí mesmo e tire da sua cartola ou das mangas do seu fraque de mágico os lenços, as flores, as serpentinas e os pombos que tanto ajudam, em todos os comícios do mundo, prestidigitadores democráticos ou totalitários.

Encontrei anos depois, em autor antigo, uma interpretação da moral helênica que bem se ajusta a certas atitudes de José Augusto. Idealista, ele era um possuido daquele demônio familiar de Sócrates, que consistia provavelmente em inspirações que se lhe apresentavam sem passar pela inteligência. Em alma tão pura quanto a sua é de admitir-se que, irrealizáveis ou impossíveis tais inspirações se consignavam no orçamento sentimental a que não foge o governante.

Ao fazer o necrológio de José Augusto, em sessão da Câmara dos Deputados, o Sr. Grimaldi Ribeiro, concluindo o seu belo discurso, reportou-se ao papel do nosso grande velho estimulando os jovens para o ingresso na vida política. "Na tarde carioca de um sabado, ao vê-lo, ainda na morte, cercado de todos os conterrâneos, acima de todas as divisões e descer o seu corpo para a terra escura, acudia-nos às emoções sofridas e ao espírito conturbado uma outra e generosa visão: a de uma luz difusa, impressionista, dentro da qual os tons violáceos do entardecer pudessem adquirir na perenidade criadora da sua presença, as côres matinais de um dia que renascesse". Estas palavras, dirigidas ao Brasil inteiro, na casa do Parlamento que ele tanto dignificou, traduzem a poesia da vida de José Augusto. Era mesmo um constante amanhecer de alegria renovada — feixe de luz afetuoso a despertar em todas as casas a memória dos seus conterrâneos.

Assim, volta José Augusto ao Rio Grande do Norte, oferecendo-nos o que tinha de mais alto e terno — o coração"

Era, Sr. Presidente, o registro que tinha a fazer.

**(Muito bem)**



Labim/UFRN

## SAUDAÇÃO AO PROFESSOR FERREIRA REIS (*)

*M. Rodrigues de Melo*

A Cidade dos Reis sente-se feliz e honrada em poder hospedar, nessas poucas horas de convívio intelectual, o ilustre casal Professor Arthur Cezar Ferreira Reis e sua excelentíssima esposa, dona Graziela da Silva Reis, amazonenses de nascimento, radicados no Rio de Janeiro, que a nosso convite, vieram até aqui, em visita de cortesia e de intercâmbio cultural.

A honra não é só da Cidade do Natal, como manda chamar o mestre Luís da Câmara Cascudo, mas, sobretudo, da Academia Norte-Riograndense de Letras, que deseja ouvir do Professor Arthur Cézar Ferreira Reis, a palavra justa e autorizada sobre "A Integração da Amazônia no Processo do Desenvolvimento do Brasil".

O Professor Arthur Cézar Ferreira Reis iniciou a sua vida pública como Chefe de Gabinete da Junta Governativa do Estado do Amazonas, em 1930.

De então para cá vem sendo chamado a servir nos mais altos postos dos Estados do Amazonas e do Pará, dali saindo para continuar, no Rio de Janeiro, a trabalhar pela sua região e pelo Brasil.

A leitura do seu **Curriculum Vitae** traduz, em linhas gerais, a imagem do administrador, do homem público, do pesquisador, do historiador, do sociólogo, do professor universitário, do investigador dos problemas brasileiros, do jornalista, do escritor, do homem preparado para realizar, no dinamismo da vida pública, as tarefas que o Brasil lhe confiou, nos mais diversos setores da sua atividade intelectual.

Homem do extremo norte, fronteiro, por excelência, conhecendo como poucos os problemas da sua terra e do seu povo, o Professor Arthur Cezar Ferreira Reis estuda e examina, em seu



Labim/UFRN

Se alguem me perguntasse as razões desta homenagem, eu não vacilaria em dizer que por ela fala a identidade das nossas origens portuguêsas, amerindias e africanas.

Fala além do mais, a nossa identidade latina, americana, brasileira, nortista, pernambucana, paraibana, norte-riograndense maranhense, cearense, alagoana, paraense, amazonense.

Origens, como se vê, nacionais e regionais, em que felizmente, nunca faltou o traço universal.

Fala a nossa lingua, falada, escrita e cantada, no Brasil, em Portugal, nas Ilhas, por toda parte.

Fala o nosso espírito de solidariedade continental, de traço genuinamente brasileiro, amando a paz, o trabalho e o progresso da nossa comunidade nacional.

Fala o espírito cristão do nosso povo, assinalado por vós, em recente e vigoroso ensaio, estudando "O Pensamento da Igreja na Integração da Amazônia".

Falam, sobretudo, as lutas em que estivemos empenhados, ao longo dos séculos, para mantermos inviolável o patrimônio territorial e espiritual do Brasil, isento de quistos raciais, religiosos ou politicos.

O homem e a terra da Amazônia não são para nós estranhos, desconhecidos.

Sao, até certo ponto, um prolongamento de nós mesmos.

Daqui, como sabeis, da quatro vezes centenária Forta leza dos Santos Reis Magos, partiram as primeiras iniciativas para expulsão dos francêses do Maranhão e colonização do Ceara.

Foi um ex-capitão mór do Rio Grande do Norte, Francisco Caldeira de Castelo Branco, que comandou a expedição que levou os portuguêses à Amazônia no século XVII.

Esta referência abre o primeiro capítulo do livro **Estadistas Portuguêses na Amazônia**, de vossa autoria.

Quando afirmei que o homem e a terra da Amazônia não são para nós estranhos, desconhecidos, o fiz ainda baseado na historia que une os povos das nossas comunidades regionais.

Se em verdade, a Amazônia é o resultado da tenacidade e da sagacidade dos estadistas portuguêses, tão bem estudados por vos, no livro **Estadistas Portuguêses na Amazônia**, não há dúvida que a contribuição brasileira, especialmente nordestina, para integração da Amazônia, no território do Império, foi positiva e real, devassando as matas, vadiando os rios, fixando as populações, cruzando com as mulheres indígenas, assimilando os costumes, aprendendo a lingua dos índios e ali plantando o começo de uma civilização que hoje faz inveja aos povos mais adiantados do mundo.



Labim/UFRN

Não ignorais, Sr. Professor Arthur Cézar Ferreira Reis que daqui partiram levas e levas de norte-riograndenses para os seringais da Amazônia, levando a sua contribuição em esforço muscular e em inteligência, para o desenvolvimento das terras do extremo norte, fixando-se ora no Pará, ora no Amazonas, ora no Acre, onde quer que o destino os levasse, por aquele mundão enigmático e misterioso.

Daqui partiu, também, a fina flor da inteligência norte-rio grandense, representada por um Peregrino Júnior, por um Anglone Costa, por um Aurélio Pinheiro, por um Costa Pinheiro, por um Augusto Meira, por um Jorge Hurley, por um Severino Silva por um José Rodrigues Pinagé, por um Francisco Pereira da Silva, por um Juvenal Antunes, por um Barreto Sobrinho, por um Virgílio Trindade, por um Pedro Avelino, por um Bruno Pereira, por um Petronilo Joffili, por um Epaminondas Jácome, por um Alípio Bandeira, por tantos outros que se foram somar ao esforço genuinamente paraense, amazonense, acreano, para defesa da fronteira e desenvolvimento da região.

Daqui partiram ainda Antônio Paulino de Andrade, Tota Andrade, Hermínio Nepomuceno Barbosa e Paulino Chaves, ali se destacando, ora como músicos, ora como compositores.

Esta relação de nomes não sugere em absoluto, a nossa prodigalidade, em mandar tantos expoentes da nossa cultura, ao teatro da luta que se travava pela posse definitiva da Amazônia.

Região seca, presa à monocultura, ora do pau-brasil, ora da cana-de-açúcar, ora do algodão, ora da criação de gado, ora da carnaúba, ora do sal, sujeita às altas e baixas do mercado internacional, sem mercado de trabalho para sua juventude intelectual, o Rio Grande do Norte, nos começos deste século teria, fatalmente, que viver, entre o dilema do emprego público ou dos seringais da Amazônia.

Neste ponto, a Amazônia foi menos pródiga para conosco, pois enquanto lhe mandavamos tantas inteligências superiores, de lá vinham apenas poucas e raras contribuições de real valor e merecimento.

Cito, por exemplo, um José de Lima Penante, no teatro, um Corbiniano da Silva Vilaça, na música e na pintura, um Nunes Pereira, nas belas letras e um Petrarca Maranhão, no ensaio e na trova.

São estas, Sr. Professor Arthur Cézar Ferreira Reis, as razões remotas da homenagem que vos prestamos, neste ensejo, ampliada na pessoa de vossa digna esposa, D. Graziela da Silva Reis, que ao vosso lado nos visita pela primeira vez.

Esta homenagem dirige-se ao homem de corpo inteiro, isto é, ao escritor amazonense, ao historiador seguro dos fatos e das coisas de sua terra, ao discípulo de Capistrano de Abreu e Oliveira



Labim/UFRN

Lima, ao sociólogo, ao professor universitário, ao representante do Brasil em vários certames internacionais, e sobretudo, ao presidente do Conselho Federal de Cultura, em cuja função vos conhecemos, no Rio de Janeiro, ativo, dinâmico, inteligente e culto, presidindo o mais alto colegiado da cultura nacional.

Daquele Colegiado participam as mais representativas figuras da cultura brasileira, dentre as quais, podemos mencionar, Gilberto Freyre, Hélio Viana, Pedro Calmon, Andrade Murici, Peregrino Júnior, Manoel Diégnes Júnior, Rachel de Queiroz, Cassiano Ricardo, Irmão José Otão, Josué Montelo, Gustavo Corção, Gladstone Chaves de Mello, Otávio de Faria, Ariano Suassuna, Sílvio Meira, Afonso Arinos de Melo Franco, todos presididos com aprumo, segurança e inteligência, pelo nosso homenageado de hoje.

Confesso o meu orgulho de brasileiro do Nordeste, ao assistir, várias vezes, em companhia do escritor Raimundo Nonato, as sessões do Conselho Federal de Cultura, sob a presidência do professor Arthur Cézar Ferreira Reis, debatendo os problemas mais importantes da cultura nacional.

Foi ali, certamente, que nasceu a idéia de trazê-lo a Natal, idéia que, para nossa honra e para nosso orgulho, está se concretizando neste momento.

Professor Arthur Cézar Ferreira Reis:

Em nome da Cidade do Natal, em nome dos intelectuais de minha terra, em nome finalmente da Academia Norte-Riograndense de Letras que tenho a honra de presidir, eu vos saúdo e agradeço a honra que nos destes de atender ao nosso convite para falar da vossa terra e da vossa gente.

Agradeço, igualmente, a dona Graziela da Silva Reis, em nome da mulher norte-riograndense, a feliz oportunidade que nos deu de visitar a nossa cidade, podendo sentir e avaliar ao lado do seu esposo, o esforço que fazemos para apresentar lá fora o que somos e o que valemos no mapa geográfico de nossa pátria.

Professor Arthur Cézar Ferreira Reis:

Aqui, podeis falar à vontade, como se fosse em vossa própria casa.

Esta Academia vos recebe e vos pertence, porque também é vossa.

(*) **Discurso pronunciado por ocasião da homenagem ao Professor Arthur Cézar Ferreira Reis e sua esposa D. Graziela da Silva Reis, no dia 21 de dezembro de 1971.**



Labim/UFRN

# A AMAZÔNIA E O SEU DESENVOLVIMENTO (*)

*Arthur Cezar Ferreira Reis*

(Presidente do Conselho Federal de Cultura)

## O MUNDO AMAZÔNICO, CARACTERISTICAS

Há, na Sulamérica, três regiões perfeitamente distintas — a platina, a andina e a amazônica. Caracterizam-nas os aspectos fisiográficos, fundamentais na distinção e personalização de uma região geográfica e mesmo cultural. Na primeira, o que assegura a distinção é a bacia do Prata, com seus formadores Uruguai e Paraguai e respectivos afluentes e confluentes. Na segunda, o elemento por excelência a ser utilizado é a cordilheira andina, que se estende de norte a sul de maneira ponderável. Na terceira, a bacia hidrográfica do Amazonas, a maior do mundo e a que, por isso mesmo, vem provocando a atenção universal.

Na primeira, ocorreu um processo de integração admiravel, com a segurança de potencial de progresso evidente. Foi palco de uma vida extremamente dificil depois da independência dos Estados que a conformam politicamente. Disputou-nos, durante muito tempo, uma primasia no continente. Os nossos grandes conflitos militares alí se efetivaram.

Na segunda, não ocorreu ainda aquele processo desenvolvimentista que podemos encontrar na primeira. Viveu experiência interessantíssima no período anterior à conquista espanhola e, como a primeira, a experiência dolorosa de sua afirmação como soberania e autonomia política.

Na terceira, encontramos o mundo subdesenvolvido mais visível, com a incógnita de sua realidade nos seus aspectos maiores e menores. Muito de seu espaço continua desconhecido, impenatrado, apesar do interêsse que sempre despertou e provocou a movimentação da ciência universal, que dele se aproximou e nele exerceu



Labim/UFRN

uma intensa atividade descobridora e inventariadora, ainda, apesar de todo esse esfôrço, sem os resultados finais definitivos.

O mundo amazônico constitui cêrca de sete e meio milhões de quilômetros quadrados, dos quais quatro milhões e meio pertencem ao Brasil, que o descobriu e incorporou politicamente como área sobre que exerce indiscutível soberania. Conhece outras soberanias, as representadas pela Bolívia, Peru, Equador, Colombia e Venezuela. Representa a vigésima parte da superfície terrestre, um quarto das disponibilidades de água doce do mundo, um têrço da floresta latifoliada da terra, com unicamente dois e meio milésimos da população universal.

Em janeiro de 1967, reuniu em Manáus o Itamarati II, que tomou consciência da situação particular das áreas amazônicas daqueles países, informando-se, pelo testemunho e pela notícia atualizadíssima de nossos representantes diplomáticos ali acreditados. Essa situação, conforme os dados então manipulados para esse inventário preliminar e para tomada de posição face às políticas integracionistas que aquelas nações estariam promovendo, era mais ou menos idêntica em todas as áreas não brasileiras. Despovoadas, culturalmente pobres, economicamente realizando-se sem perspectivas maiores que aqueles que o extrativismo autoriza no imediatismo de sua projeção. Os programas de ação incluiam, realmente, um propósito de modificar o quadro sem que, no entanto, as possibilidades de sua execução ou as ambições que pudessem oferecer importassem na existência de uma decisão de Estado que nos fizesse cientes de que as Amazônias, não brasileiras, estavam realmente constituindo uma preocupação de seus respectivos governos para o futuro mais próximo. Houve mesmo o caso da Venezuela, que nem sequer fazia figurar, nos objetivos da segurança nacional, a área amazônica de seu território. É certo que, no particular do Peru, ocorria uma atitude diferente — o Presidente Belaunde Terry fizera sua campanha eleitoral em têrmos de conquista e de integração da sua Amazônia, uma vez que se considerava a "costa e a sierra" como espaços integrados e, em certo sentido, realizados como operação secular. Legislação de fomento, de preservação e de sentido permanente vem sendo decretada com sucesso visível. A experiência colombiana é menos ponderável.

O mundo amazônico, marcado pela bacia hidrográfica, pela vegetação, representada na floresta fechada em exploração muito escassa, conquanto a economia regional ainda seja uma decorrência do que essa mesma floresta proporciona, compõe, portanto, um mundo perfeitamente definido, autônomo no contexto sulamericano, totalizando 2/5 desse contexto territorial. A população indígena



Labim/UFRN

existente, seja na forma tribal, seja na acomodação em que vive com os elementos não indígenas ou mestiços, é o mais representativo numericamente. A ocupação do território não vem sendo uma operação decorrente de um propósito oficial permanente, mas uma ocupação natural, mansa, levando ao crescimento demográfico vegetativo. E como conseqüência, o processo de civilização ocorrendo lenta e precariamente.

## A AMAZÔNIA BRASILEIRA. CARACTERÍSTICAS.

Somos o espaço maior — mais de quatro milhões de quilômetros quadrados. Os quadros populacionais são igualmente pequenos, se considerarmos o total da população brasileira — pouco mais de cinco milhões de habitantes, em 94 milhões, mas muito superiores aos quantitativos das cinco outras áreas amazônicas. As populações indígenas perderam a expressão anterior dos séculos XVII - XVIII, quando efetivamente representavam o fundamento humano social. O rio, no entanto, para usar expressão de um ensaista amazônico, o sr. Leandro Tocantins, continua a comandar a vida. E dominante, como a floresta que assegura também o mais intenso da atividade econômica, o que de logo pode autorizar uma conclusão imediatista — a Amazônia brasileira, como parte do mundo amazônico, é um mundo por humanizar, aqui o humanizar definindo a parcimônia, em têrmos de civilização, do processo de posse efetiva com as manifestações visíveis de que já realizamos uma tarefa de domínio, vencendo a natureza tropical.

Sim, porque cabe aqui registrar, como elemento importante a considerar, quanto aos êxitos e fracassos do empreendimento, o trópico conta, vale, para explicá-lo, evidentemente sem que importe em assegurar-lhe ou reconhecer-lhe uma ponderância, uma importância ou uma interferência capital. Região tropical, a Amazônia, naqueles altos e baixos, não teria apresentado os mesmos índices de progresso que se podem encontrar em outras partes da Sulamérica ou, para ficar no caso particular do Brasil, em outras áreas do território nacional, em razão de sua condição de trópico. As restrições que se faziam, no passado, aos trópicos, conseqüente a contactos nem sempre mais longos ou observações científicas um tanto apressadas, os prejuízos que se afirmaram estão perdendo expressão. Porque, na verdade, eram muito mais resultantes de posições políticas, compreensíveis, dos países colonialistas, interessados em manter-se sobre populações submetidas à sua soberania e aos seus interêsses econômicos, que propriamente das indagações científicas de cunho realístico. O velho debate, que se travou na Europa até os finais do século XIX, acêrca das excelências ou não das terras americanas, admiravelmente examinadas por Antonello Gerbi, em livros intitula-



Labim/UFRN

dos — "Viejas Polémicas sobre el Nuevo Mundo" e "La disputa del Nuevo Mundo", é um debate encerrado definitivamente. E sobre os trópicos, na sua forma negativa, está começando a constituir também capítulo em vias de perda total de substância e interêsse. A Amazônia não terá alcançado o progresso de outras regiões porque fôsse parte dos trópicos úmidos sulamericanos, mas por fôrça de outras razões, mais imediatistas, da ação do homem sobre a natureza portentosa, que despertou, com os entusiasmos primários, a ação predatória e, insisto, imediatista.

Na Amazônia brasileira já foi possível realizar uma ação criadora, que se representa em todo o conjunto de manifestações da inteligência humana. As cidades capitais que construiu, com a presença indiscutível da energia brasileira, que foi efetiva, ponderante, suporte de todos esses atos de energia que se constatam, comprovam facilmente essa verdade. Se realmente ainda podemos aceitar como exata a frase "o rio comanda a vida", o que importaria em proclamar o estado de natureza em que se viveria, cedendo aos imperativos do meio físico e sem que o homem tivesse podido exaltar-se por comportamento a refletirem suas melhores decisões e seu sucesso, se esse estado de natureza pode ser defrontado, sem esfôrço, a poucos quilômetros dessas cidade capitais, nem por isso podemos deixar de constatar, igualmente que, enfrentando o meio físico, o homem multiplicou-se e está agora semeando a boa semente da emprêsa agrária, da emprêsa criatória, do empreendimento industrial, da vitória sobre a terra firme, da renovação de seu equipamento cultural, através de universidades que funcionem e começam a formar as equipes que comandarão o futuro, elaborando as elites essenciais, indispensáveis mesmo, à renovação que se inicia.

Falamos que o homem começa a alcançar vitória sobre a terra firme. É preciso recordar, ou ter sempre em mente, que até bem pouco o homem amazônico vivia ou construia a sua vida ao longo dos rios, utilizando as várzeas para suas atividades. A terra firme, distante, era tida e havida como de difícil acesso para qualquer emprêsa que não fosse a predatória do extrativismo imediatista, rendoso até agora. Com a abertura das rodovias, o mito está perdendo viço. A Belém-Brasília, a Manaus-Itacoatiara, a Manaus-Mancapurú, a Manaus-Porto Velho, a Porto Velho-Brasília, a Bragança-São Luiz, a Macapá-Clevelandia, a Manaus-Caracaraby, como anteriormente a Belém-Bragança, significam a mudança e, com ela, um capítulo novo de êxito e vitória na renovação. Evidentemente essa renovação não se processa com velocidade. Tampouco é vagarosa demais. Há um meio têrmo. A confiança nos dias que virão, sem o apêlo à manutenção do passado extrativista, que foi natural nas circunstâncias de



Labim/UFRN

suas raízes no tempo, compreensível, necessário ao tempo, é confiança que se evidencia. A atividade agrária, a atividade criatória, a atividade industrial marcam a nova fase. A Amazônia brasileira, nesse particular, supera as outras Amazônias, pela intensidade do esforço que se opera e está conduzindo a uma sua maior e mais extensa e mais rápida integração a um mundo mais próspero e menos rude no trato da própria natureza. As políticas adotadas, fora do Brasil, pelos nossos vizinhos, não expressam uma compreensão da gravidade da situação que se poderá criar com o espaço aberto que possuem face a desventuras, fáceis de constatar em outros cantos da terra habitada por excessos demográficos.

A Amazônia brasileira, como as outras Amazônias, constitui, no entanto, uma das áreas menos sabidas, apesar de toda a legião de cientistas nacionais e estrangeiros que a visitaram e pretenderam estudá-la. Seu sub-solo está oferecendo surpresas magníficas. E o que se afirmava nesse particular, até bem pouco, era justamente de molde a nos levar à convicção de que na Amazônia seria até criminoso investir qualquer espécie de recursos na simples pesquisa de seu sub-solo. O que então poderia afirmar o conhecimento geológico só admitiria aquela conclusão negativa. Ora, o que se está apurando hoje — bauxita na fronteira com a Guiana Francêsa, bauxita nos rios que limitam o Amazonas e o Pará (Nhamundá e Trombetas), ferro no Villa Nova e no Jatapú, cassiterita no vale do Madeira, manganês no Amapá e no Aripuaná, salgema entre o Madeira e o Tapajoz, diamantes no vale do Rio Branco, no Tocantins-Araguaya, ouro no Tapajoz e afluentes, ouro em rios da bacia do Rio Negro, linhito na bacia do Solimões-Maranon, conduzem a outra conclusão.

Os inventários, na base das informações bibliográficas existentes e compulsáveis de autoria de Clara Pandolfo, a informação levantada pela CODEAMA, de autoria de economistas daquele órgão da administração amazonense, os espécimes que se podem ver, existentes nos mostruários do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em Manaus, complementando aquelas comprovações positivas, conduzem realmente a uma outra concepção — o sub-solo da Amazonia não é pobre e poderá trazer surpresas ainda mais positivas, já indicadas pelos técnicos que a FAO nos forneceu nos dias iniciais da SPVEA, hoje a SUDAM.

O inventário da Amazônia, seja a brasileira, sejam aquelas outras dos países confiantes, não pode deixar de ser apressado, constituindo-se as equipes que deverão proceder a trabalhos de campo e de análises do material coletado. O Instituto Agropecuário do Norte o Instituto de Pesquisas da Amazônia, o Instituto Evandro Cha-



Labim/UFRN

gas, o Museu Paraense Emilio Goeldi, as Universidades Federais do Pará e do Amazonas precisam, para essa tarefa urgente, ser convenientemente aparelhadas. Com recursos técnicos, financeiros e pessoal em quantidade e qualidade suficiente, o que se sabe, todavia, não é de alentar. Falta tudo ou quase tudo para que esses organismos funcionem a pleno emprêgo, numa impressão imediatista e talvez perigosa ou inautentica, de que essa exiguidade, limitação, descaso pelo equipamento e pelo funcionamento adequado daqueles centros de atividade científica e de pesquisa aplicada, obedeçam, ingenuamente, a intenções que não deverão ser as dos interêsses brasileiros. Faz-se necessário e urgente que se verifique detidamente esse quadro desalentador, fazendo da decisão de inventariar a Amazônia por suas instituições especializadas uma decisão sua na indicação do que representa como suporte da ocupação da Amazônia, como dever nacional.

Escrevi, em conferência proferida no Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, — "há que se proceder, portanto, a fim de que se torne efetiva e realista a ocupação da Amazônia, a um inventário da Amazônia brasileira revelando-a, na sua realidade, como mundo tropical e empório de matérias primas, região cuja integração representa, em nosso entender, a grande operação geopolítica do futuro, importando na maturidade brasileira. A estratégia a ser adotada deve ser esquadrinhada e realizada por nós próprios, brasileiros, e sob nossa orientação e decisão, conquanto aceitemos aquelas que conôsco venham colaborar, naquelas condições, e com intenções nítidas de cooperação, visando a modificar, através da ciência e da tecnologia, os quadros em que ela se nos apresenta no momento.

A Nação não pode mais ignorar o que realmente possui no seu vasto império tropical. A maturidade de um País não se representa apenas na decisão de seus homens de Governo, nos seus feitos militares felizes, na estruturação de uma economia, alicerçada na produção em massa, que satisfaça os mercados internos, e nas relações exteriores realizadas na medida em que haja produção exportável, desnecessária ao consumo interno. Uma Nação adquire altura de maturidade quando realmente pode enfrentar os problemas de sua vida interior e lhes dá a devida solução, isto é, aquela compatível com a sua dignidade, com seus foros de cultura, visando à satisfação do bem-estar de suas populações, já escrevi em meu livro — "A AMAZÔNIA E A INTEGRIDADE DO BRASIL".

Tal inventário faz-se tanto mais necessário e urgente quando consideramos a potencialidade que a Nação começa a alcançar na sua projeção universal, nas responsabilidades que assume, nos



Labim/UFRN

esforços a que procede para abandonar a condição de subdesenvolvida a fim de assumir a grande função do País em plena conquista de sua energia, na realização de sua civilização. As matérias primas da Amazônia são essenciais a esse novo momento, que estamos criando. O nosso império terá de representar um papel excepcional nessa fase, desde que saibamos, com segurança, encerrando o período do sensacionalismo tão prejudicial e tão falso, o que ele pode proporcionar. Será pedir muito, sonhar, imaginar fora da realidade, pensar em têrmos como estes? Acredito na ressonância destas palavras que não expressam emocionalismo, mas realismo que não pode, porém, deixar de refletir, o sentimento cívico a presidir qualquer iniciativa em Nação jovem como a nossa.

## AMAZONIA OCIDENTAL E AMAZONIA ORIENTAL

Esta, a Oriental, integra-se pelos Estados do Pará, Território do Amapá e áreas amazônicas de Goiás e Maranhão. Aquela, pelo que dispõe o artigo 1.º, parágrafo 4 do Decreto 291, de 28.2.67, dos Estados do Amazonas e Acre, Territórios Federais de Roraima e Rondônia, há que acrescentar, justamente, a área amazônica de Mato Grosso.

A idéia da diferenciação, para efeito de ação governamental nos planos de trabalho a executar, partiu do economista amazonense Samuel Benchimol que, no curso de Análise Econômica, ministrado em Manaus pelo Departamento Nacional do SESI, sob o patrocínio do Governo do Amazonas e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Amazonas, sustentou a evidenciação da existência de sub-regiões do mundo amazônico. Na parte brasileira, havia que compreender, de logo, aquelas duas definidas particularidades regionais. A idéia foi defendida e aceita pelo poder público que, através de legislação pertinente e de atos do Ministério do Interior, está promovendo uma política que reconhece a realidade das duas Amazônias, tendo em vista que a primeira beneficiara-se de sua fronteira marítima e, como consequência, já alcançou um desenvolvimento que não é a característica da outra, isto é, da Ocidental. Nesta, que dispõe de uma fronteira interior imensa, que exigiu a criação e instalação, em Manaus, de um Comando de Fronteiras do próprio Comando Militar da Amazônia e já parte para um Comando Naval e uma Zona Aérea, o subdesenvolvimento é mais intenso, visível, o que justifica plenamente a intensificação, alí, da estratégia governamental em dinâmica maior.

A Amazônia Ocidental, pelos dados levantados pela SUDAM, representa, do ponto de vista de sua extensão territorial, 25,24% do



Labim/UFRN

Brasil, com 2.184.724 quilômetros de superfície· população que não ultrapassa o milhão e meio de habitantes, equivalente a 0,44 de densidade por quilômetro e 1,12 em relação ao Brasil.

A Amazônia Oriental totaliza 2.804.917 quilômetros quadrados, portanto 32,48 da superfície em relação ao Brasil; população de 4.381 613 habitantes, portanto, 0,64 habitantes por quilômetro e 4,95% da população brasileira.

Nesta, o Pará em primeiro plano, há um grau de desenvolvimento apreciável, tendo Belém como metrópole, que se assegura sua posição impar por todo um conjunto de circunstâncias naturais e por uma expressiva atuação de seus habitantes e de seus governantes, que a realizam como demonstração admirável do que o homem brasileiro· no mundo tropical, pode promover.

É preciso, a esta altura de nossa exposição, registrar que a divisão das duas Amazônias, para feito de ação governamental, não teve qualquer intenção restritiva ao desenvolvimento de uma em favor da outra. O que se considerou realisticamente, foi que, a Oriental, com um acêrvo tradicional ponderável, já se distanciara da outra no processo de crescimento· exigindo que se intensificassem, por isso mesmo, na Ocidental, maiores esforços para que ocorresse o equilíbrio, essencial a um desenvolvimento não parcial, mas homogêneo e harmônico quanto possível. A extensão, o despovoamento, a linha de fronteira, o subdesenvolvimento ofereciam razões bastantes para que a sugestão do professor Benchimol tivesse a receptividade que alcançou e se justifica facilmente. A propósito, será do maior interêsse a leitura dos dois admiráveis volumes que escreveu recolhendo as aulas que proferiu· intitulados — "Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia", edição do Governo do Amazonas, série Euclides da Cunha.

## A SOCIEDADE AMAZÔNICA, FORMAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Os homens que vieram promover o descobrimento do espaço Amazônico e dominá-lo na aventura mercantil e no exercício de uma estrategia política para imposição de uma soberania, não eram muitos. Vieram de Portugal e do Nordeste. Em 1616, plantaram um estabelecimento militar, o Presépio, que sombreou o núcleo, Belém· que comandaria a expansão em direção ao norte, ao sul e em direção ao oeste, com o que se elaborou uma base física gigantêsca em detrimento ao que se pactuára em Tordesilhas. Alcançou-se, nessa expansão, o Maranon espanhol e o Orenoco pela via do Cassiquiari.



Labim/UFRN

Os elementos indígenas, que compunham as sociedades e culturas regionais, opuzeram reação pouco violenta, e que facilitou a emprêsa de descobrimento e de imposição de soberania com o complemento ou fundamento material da exploração florestal e animal que assegurou a presença da nova humanidade que se começou a criar.

Essa nova humanidade foi a resultante do processo de mestiçagem, intensificada por decisão oficial que, desse modo, deu raiz a uma sociedade solidária que permitiu a manutenção do "status" político e cultural. Impôs-se a língua portuguêsa, em substituição aos falares dos gentios locais. Estabeleceram-se dezenas de núcleos urbanos, as aldêias missionárias, que compuzeram o fundamento das vilas, cidades e povoados que, sob o Consulado de Pombal, surgiram ainda e também por decisão oficial. Seis Ordens Religiosas atuaram sobre a multidão nativa integrando-a ao novo espaço político e facilitando a emprêsa mercantil que se operava. A mestiçagem, sendo a solução feliz para a sociedade solidária, permitiu uma tranquila posse e um domínio político que levou aos exageros, de um Estado autônomo na região, o Estado do Grão-Pará e Maranhão, que sucedia, em 1751, ao Estado do Maranhão e Grão-Pará, desligado inteiramente de qualquer vínculo de subordinação ao Estado do Brasil. A Capitania de São José do Rio Negro, para completar o mecanismo administrativo, com o Bispado do Pará e a Vigararia do Rio Negro, constituiu capítulo decisivo da ação do governo, traçada de Lisboa.

Escravos negros não compuzeram a mesma gama que vamos encontrar no Nordeste açucareiro ou na região da mineração. Foram porção pequena. O extrativismo vegetal exigia mão de obra encontrada no gentio da própria Amazônia. Casais de açorianos, em meiados do século XVIII, trouxeram sangue novo. Instalaram-se no Amapá, dando origem a Macapá, e em Bragança, fundação deles. A independência fez emigrar contingente português que não aceitou o fato consumado do Sete de Setembro, ou se arreceiou dos extremosos nativistas que explodiram e levaram à cruesa da Cabanagem, quando os desfalques na população se elevaram a cêrca de 30 mil vidas. Nos princípios do século XVIII, uma epidemia de varíola sacrificára 40 mil índios das aldêias missionárias. As epidemias, trazidas pelos barcos da comercialização, contribuiram igualmente para outros desfalques menos expressivos. Arthur Viana, em livro memorável sobre "As Epidemias no Pará", traçou o histórico minudente da ocorrência, à luz de gráficos e notícias fidedignas.

Antes dos nordestinos, atraidos pelos preços convidativos da borracha ou transferidos para a região em virtude dos surtos vio-



Labim/UFRN

lentos de sêcas que os atormentavam, maranhenses procuraram o extremo norte, instalando-se no Solimões e no Purús. Movimentos internos de população, que se deslocavam de um rio a outro, na busca dos produtos florestais, no século XIX, ocorreram depois da Cabanagem. Santarenos, Obidenses, montealegrenses e cametearas abriram as correntes migratórias internas, dirigindo-se, de preferência, para o Madeira.

A migração nordestina provocou a expansão pelos altos rios, aí incluído o alto Purús-Acre e o alto Juruá, o que nos valeu o crescimento territorial no episódio da aquisição do Acre. Quando do último conflito mundial, os nordestinos voltaram a ser mobilizados para a recuperação dos seringais, o que se fez com uma vivacidade bastante apreciável e sem as perdas de vida que se anunciaram em mais um sensacionalismo doentio e maldoso.

A contribuição de estrangeiros não é vultosa. Os norteamericanos que procuraram a Amazônia, depois da guerra de Secessão, não alcançaram sucesso. Estabeleceram-se em Santarém. Sírios e libanezes, como portuguêses que voltaram com o sucesso do "rush" da borracha e se fixaram em Belém e Manaus, como barbadianos que se aglomeraram nas duas cidades e em Porto Velho, desaparecendo sem que a emigração deles fôsse continuada, registraram os algarismos maiores. Hoje, há a experiência japonesa, bem sucedida e sem qualquer ocorrência prejudicial ao seu crescimento. São colônos ativos, que introduziram a juta e a pimenta do reino na modificação da paisagem econômica. Projetos de transferência para a Amazônia de portoriquenhos, árabes e mestiços de japoneses com norteamericanos, frutos de ocupação norte-americana do Japão, não foram autorizados pelo governo brasileiro. Seriam o início da grande movimentação de grupos humanos que compõem os excedentes populacionais a serem abrigados, sob atenções dos organismos internacionais, nas áreas abertas, os espaços ainda não ocupados do mundo. O crescimento vegetativo da população amazônica é grande. Não o bastante, contudo, para a operação que se deseja de ocupação imediata e não a longo prazo como vem sucedendo. Uma política demográfica, portanto, está a impôr-se para evitar surprêsas, como aquela da exigência de nossa concordância para a instalação das sobras populacionais, decorrentes da explosão demográfica universal.

## A ECONOMIA AMAZÔNICA

Quando falamos em Amazônia, a idéia do extrativismo é imediata e razoável. A economia regional continua, porém, prêsa a esse extrativismo, pergunta-se? Os homens que fazem a Amazônia não puderam ou não tiveram a coragem, a iniciativa necessária para mu-



Labim/UFRN

dar, num esforço de progresso? Ou estamos em face de uma comprovação de que distantes do extrativismo, não poderemos ter o pé firme na Amazonia, nela criando novas atividades que signifiquem a mudança?

O extrativismo florestal e a coleta de peles de animais silvestres constituiram, com a pesca sob técnica indígena, os fundamentos econômicos da aventura amazônica. Essa não pode, porém, continuar a ser a constante do que fazemos na Amazônia. A mudança de orientação é necessária, imperiosa, mas não deve significar o abandono daquele extrativismo. O que é preciso fazer, nesse particular, é adotar técnicas novas que produzam maior rendimento e não signifiquem apenas um assalto à floresta para explorá-la primariamente na realização de uma economia destrutiva. A juta e a pimenta do reino, como no passado o cacáu, o café e a cana, e hoje o arroz, o guaraná, são empreendimentos agrícolas bem sucedidos.

A pecuária, outro aspecto a considerar na conjuntura econômica regional, principiou na Amazônia pela Ilha do Marajó, onde no século XVII Ordens Religiosas montaram as primeiras fazendas de criar gados vacum e cavalar. Essa é a origem dos rebanhos daquela Ilha. Depois, foi a vez do Baixo Amazonas, cujos pequenos campos tam bém foram aproveitados, ainda no período colonial. Por fim, no vale do Rio Branco, três fazendas constituiram o plantel inicial dos rebanhos do Território de Roraima, ainda no século XVIII. Agora, os campos do Puciari, no Madeira, possivelmente continuação interrompida dos campos do Oriente Boliviano, e para onde se lançam os interêsses de criadores de São Paulo e de Minas Gerais que já procuram a aquisição de terras para as fazendas que pretendem instalar. Na Estrada Manaus-Itacoatiára, começa a ocorrer o mesmo. Nas cercanias de Manaus, na Ilha do Careiro, nos Autazes e adjacências, o criatório é um empreendimento vencedor. No Território do Amapá, ocorre a mesma decisão de ampliar a área de ocupação com novos plantéis. No norte de Goiás — na fronteira com o Pará, na Belém-Brasília, é emprêsa bem sucedida o criatório em Paragominas. O que acontece, no entanto, é que até agora não se fêz o necessário tratamento das pastagens nem se garantiu ao gado o seu crescimento pelos cuidados de uma defesa animal eficiente. Como consequência, grandes perdas de vida e um processo lento de desenvolvimento. A participação da pecuária na ocupação dos vazios da Planície pode ser um capítulo novo, de sucesso seguro, em face das experiências anteriores. Todos acreditamos aqui na função econômica decisiva da pecuária como instrumento de uma política de ocupação.



Labim/UFRN

Os homens de emprêsa que reagiram ao extrativismo e se lançaram à aventura da industrialização, aproveitando a matéria prima regional, são pioneiros que merecem nossa admiração. Devemos-lhe a indústria madeireira, a de tecidos e beneficiamento de juta, a destilação do pau-rosa, as usinas de beneficiamento de castanhas, as usinas de lavagem de borracha, a indústria de couros e peles, a de óleos vegetais, ainda incipiente, a Refinaria de Petróleo em Manaus.

O salgema de Nova Olinda, o manganês do Aripuanã, o ferro do Jatapú, o linhito do Solimões, o calcáreo de Maués, a bauxita do Nhamundá, a cassiterita do Madeira, são recursos admiráveis que o sub-solo já está nos apresentando como desafio à nossa capacidade realizadora. Como tal, projetos estão sendo elaborados, com capitais nacionais da região e do Sul, e com a participação técnica estrangeira para que o parque industrial no Estado do Amazonas, se desenvolva com maior velocidade e com maior perspectiva de rendimento. Devo acrescentar que há, também, projetos para a produção de açúcar em usina modernissima, e de adubos para o enriquecimento do solo. O ferro do Jatapú vai ser aproveitado na siderúrgica de Manaus, a inaugurar-se em 1971.

O Banco da Amazônia e os Bancos regionais dos Estados do Amazonas, Pará e Acre têm a seu cargo, hoje a política relacionada com o desenvolvimento comercial da região. São órgãos de fomento e também de influência na vida mercantil.

## A PAISAGEM CULTURAL

Escrevi há pouco para a revista "Cultura", do Conselho Federal de Cultura, longo ensaio em que pretendi apresentar em grandes linhas, o panorama do esfôrço da Amazônia para integrar-se no movimento do desenvolvimento do País. Recordei os aspectos primários da criação indígena, o conflito cultural entre os que viviam na Amazônia antes da europeização da terra e os europeus que chegavam para a aventura da conquista do espaço e das matérias primas regionais. A propósito desse conflito, tendo em vista que cultura significa toda e qualquer manifestação do engenho humano criando, inventando e estabelecendo um sistema de atividade, fruto desse espírito criador. Fiz-lhe o histórico, partindo da imposição, ao gentio, da língua portuguêsa contra a qual se mantinham numa reação permanente, que nem os Religiosos haviam conseguido superar. A seguir, recordei todo o vasto trabalho de reconhecimento científico que desde a era portuguêsa descera como curiosidade ou como interêsse politico e mercantil. Recordei nomes e fatos para chegar à indicação dos que, na própria região, principiaram a estudá-la ou a aproveitá-la para os seus ensaios, os seus romances, o seu teatro, a história e a sociografia.



Labim/UFRN

Vem a pelo registrar que o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e o Instituto de Pesquisas Bibliográficas, ambos do Conselho Nacional de Pesquisas, em colaboração, elaboraram valiosa "Bibliografia da Amazônia", onde inscreveram mais de sete mil verbetes, relacionados com a problemática amazônica, número que aumenta pela continuação da pesquisa que já identificou mais dois mil novos verbetes para um outro adicional.

A paisagem cultural da Amazônia, que pode ser considerada sob os ângulos de sua identificação ou da formação de suas elites, teve suas côres mais avivadas a partir do século XVIII, quando se abriram as escolas régias, montaram os cursos mais altos, inclusive um militar, posteriormente enriquecidos pelos Seminários de Belém, Óbidos e Manaus, a que se vieram juntar as Escolas Normais de Belém e Manaus e os Liceus Provinciais das duas Províncias.

Na atualidade, além das instituições de pesquisas a que já fiz referência, há duas Universidades Federais: — uma em Manaus e outra em Belém, uma Escola de alto nível de Agricultura em Belém, uma de pequena envergadura em Manaus, uma Faculdade de Direito em Rio Branco, Acre, além de uma rêde bastante vasta de ginásios e institutos de educação mantidos pelos Estados e Territórios e pela iniciativa privada, particularmente as Prelazias Católicas.

Duas Bibliotecas, uma em Manaus e outra em Belém, aquela inteiramente reformada em sua estrutura e enriquecimento em seu acêrvo, com arquivos, o de Manaus também todo reestruturado, servem ao desenvolvimento cultural da Amazônia. Tenho o direito de referir que em meu governo dei ênfase especial a essa atividade criadora. Além dos Ginásios que criei, dos grupos e escolas que construí, fiz editar 40 monografias acêrca dos motivos econômicos regionais ou estaduais e 104 livros e trabalhos menores em sete séries, que serviram à divulgação dos autores locais, inclusive paraenses ou acêrca da vida amazônica nos seus mais variados temas.

## O INTERÊSSE UNIVERSAL

Escrevi há alguns anos, sendo diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, um livro que alcançou sucesso espantoso. Intitulei-o, depois de muita hesitação — "A Amazônia e a Cobiça Internacional". Saiu agora na terceira edição, acrescido de um novo capitulo. Nele pretendi, com acolhida geral, inclusive fora do Brasil, indicar o interêsse que a Amazônia despertara e continuava a despertar. Havia uma preocupação mundial pelo que ela podia constituir e continuava uma incógnita que era preciso desvendar. Nos dias de hoje esse interêsse cresce. A fome de matérias primas, que



Labim/UFRN

poderão ser encontradas na Amazônia, constitui um dos motivos para esse interêsse. O outro é aquele a que já me referí, de espaço imenso a convidar, não à sua internacionalização, mas à sua ocupação rápida por aqueles excedentes populacionais, produzidos pela explosão demográfica em expansão, apesar de toda a política de contenção de natalidade, prejudicada pela longevidade, decorrente do uso de métodos e de medicamentos capazes de preservar a saúde e levar os homens a idades mais avançadas, diminuindo assim a mortalidade.

As tentativas do Instituto de Hiléa, do Instituto de Pesquisas Tropicais e a mais atual do Instituto Hudson são a evidência mais chocante de que não cessa esse interêsse, que abriga propósitos inconfessáveis e prejudiciais à própria segurança nacional. Porque cabe aqui insistir na tese — não se trata de opormo-nos à contribuição, à colaboração da ciência universal ou à comercialização de nossas matérias primas, até hoje tratadas com tanta violência e primarismo pelos que nos despojam de nossas riquezas visíveis. Essa colaboração sempre existiu, realizada, contudo, conôsco e não à nossa revelia, como se pretende com tanta coragem. Essa comercialização também sempre ocorreu, promovida por homens de negócios nacionais e estrangeiros que nos anunciaram ao mundo na riqueza de matérias primas que oferecíamos ao crescimento industrial das áreas em desenvolvimento ou já desenvolvidas. O que nos deve exigir cautelas, reservas, prudência é esse audacioso propósito de, ignorando-nos como potência soberana, tentar a investigação, a ocupação, a comercialização. O interêsse universal não pode deixar de ocorrer, nem nos podemos opôr a que ele ocorra. Que todavia, seja um interêsse que, em vez de prejudicar-nos, suceda como fruto de nossa ação criadora, vitalizando a Amazônia e integrando-a em nossa mais hábil dinâmica.

## A POLÍTICA OFICIAL DE INTEGRAÇÃO

Há hoje, realmente, uma decisão nacional de ocupar a Amazônia. O sentimento popular, as manifestações do poder público são visíveis e dos mais fortes quanto a essa decisão. Atos oficiais vêm sendo praticados por intermédio de organismos como a SPVEA, hoje SUDAM, e Banco de Crédito da Amazônia. Os incentivos fiscais e a Zona Franca de Manaus são demonstrativos desse propósito. Um planejamento integrado elabora-se no Ministério do Interior. Governadores e governados, Executivo e Legislativo Federais apuram, em inquéritos ruidosos, perigos à vista, erros cometidos, programas



Labim/UFRN

e promovem planos de trabalho. A política oficial brasileira não deve contudo, ser estruturada ignorando-se a existência daquelas outras Amazônias, onde os respectivos governos já se movimentam para operações de integração. O Itamarati, quando promoveu a reunião de Manaus, estava no propósito de promover a reunião dos governos amazônicos para o traçado de um plano mais vasto, que incluísse aquelas outras Amazônias. Seria um planejamento continental, como o que se anuncia com relação à bacia do Prata. Parece-me certa essa atitude do Itamarati, lembrando-se, apenas, que foi o Ministro Macêdo Soares que tomou a iniciativa de promover as primeiras providências, que agora se materializam na anunciada conferência. Imaginava o Ministro que o desenvolvimento da Amazônia de cujo maior espaço somos os detentores, fôsse uma realização que tivesse a nossa coordenação. Evitaríamos a infiltração de outros povos ou de outros governos que perturbassem, por qualquer modo, a nossa projeção natural e irreversível.

As fôrças armadas, com sua presença mais atuante na atualidade, recompondo o esforço similar do passado colonial, assumem um papel edificante na conjuntura. Conheço o que vêm efetuando por experiência própria. Sei, ainda, da confiança que as cerca no interior amazônico, onde as festejam e onde as buscam como aos Religiosos do credo Católico, pelo que mostram que podiam fazer e continuam a fazer. Além da vigilância exercida ao longo das fronteiras, através de contingentes, sob o contrôle do GEF, e da direção mais ampla do "Comando Militar da Amazônia", montam as colônias militares, que constituem uma reprodução do que ocorreu no período colonial e imperial. Com relação à Marinha e à Aeronáutica, os respectivos comandos realizam a complementação da vigilância em termos efetivos, permanentes, em profundidade. A aviação militar cobre a região, em missões civis, atendendo às populações dispersas do hinterland. A fôrça naval, além do levantamento que já realizou da costa norte, leva seus barcos constantemente a atendimento das mesmas populações, localizadas às margens dos grandes afluentes do Amazonas.

Os planos oficiais estão em elaboração final. Acredito que não encerrem fantasias. Não há quem tenha o direito de, a essa altura do processo de desenvolvimento universal, venha trazer-nos ou pretenda impôr-nos projetos mirabolantes. Elaboraram-se dentro da política o processo de manutenção e aperfeiçoamento da unidade nacional. A Transamazônica, com as providências complementares, que mobilizam todo o mecanismo da administração Federal está sendo rasgada em obediência a tais propósitos. Constitui o empreendimento mais ousado, nas últimas décadas, desencadeado na Amé-



Labim/UFRN

rica do Sul. Efetivada, como a Belém-Brasília, e posteriormente a Manaus-Roraima, completará um sistema de comunicações, possibilitando e impulsionando a ocupação dos nossos grandes vazios demográficos, com o que teremos, realmente, atendido à exigência nacional de integração.

A emprêsa amazônica impõe tempo, recursos, decisão de fazer. Assegurará a maturidade brasileira. Revelará ao mundo um povo capaz de promover-se e de realizar-se na sua potencialidade.

---

**(*) Conferência realizada na Academia Norte-Riograndense de Letras, por ocasião da homenagem que lhe foi prestada, no dia 21 de dezembro de 1971.**

---



Labim/UFRN

## REITOR JOSÉ OTÃO (*)

*Otto Guerra*

No decorrer da vida, chegam-nos encargos de toda sorte. Muitos deles terrivelmente difíceis e duros. Outros, entretanto, bastante agradáveis.

Coube-nos hoje, por solicitação do presidente desta Casa, o desempenho de uma daquelas tarefas apraziveis.

Trata-se de saudar um homem de pensamento, um educador de méritos reais, membro do Conselho Federal de Cultura, do Conselho de Reitores das Universidades do Brasil, da Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas, da União de Universidades da América Latina, da Organização de Universidades da América Latina, da Associação Internacional de Universidades Católicas. O portador de títulos, é o Irmão José Otão, tornado agora, para gaudio de todos nós, sócio honorário da Academia Norte Riograndense de Lêtras, que o recebe calorosamente.

Discipulo do bemaventurado Marcelino Champagnat, optou pelo apostolado da juventude, ingressando na comunidade dos Irmãos Maristas, que também presta inestimaveis serviços ao Rio Grande do Norte, Instituto ao qual tanto deve o nosso país. Passaria a compor a União Sul Brasileira de Educação e Ensino, sociedade civil dos Maristas da Provincia do Brasil Meridional, com séde em Porto Alegre.

Na capital gaucha, tendo à frente o Irmão Desiré Alphonse, ou, brasileiramente, o Irmão Afonso, lançaram os maristas a semente da futura PUC — Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de renome tão justificado. Ela ocupa, hoje, a cidade Universitária do bairro do Partenon, onde já estivemos, area consideravel, a ostentar edificios imponentes, com instalações valiosas. Porém, mais que isso, Universidade que reune perto de nove mil estudantes e escolhido corpo de docentes.

Tendo começado em 1931, com o Instituto Superior de Comércio, mais tarde ampliado, tornando-se Faculdade de Ciencias Politicas e Economicas, veria, no decorrer de 40 anos, avolumarem-se para 20 as



Labim/UFRN

suas unidades universitárias — ao par de órgãos auxiliares e suplementares. Tais são além daquela já enumerada, de Ciencias Políticas e Economicas, as Faculdades de Direito, de Serviço Social, de Odontologia, de Meios de Comunicação Social, de Medicina, de Educação, a Escola Politécnica, os Institutos de Matemática, de Fisica, de Quimica, de Biociências, de Geociências, de Filosofia e Ciências Humanas, de Letras e Artes, de Psicologia, de Teologia, todos em Porto Alegre, além das Faculdades de Zootecnia e de Ciencias Contabeis e Administrativas, em Uruguaiana, valendo ainda aludir à extensão do Curso de Ciencias Contabeis, em Santa Rosa.

No ano de 1948, quando estivemos, pela primeira vez, em Porto Alegre, participando para honra nossa, do V Congresso Eucaristico Nacional como um de seus oradores, chegava a noticia alvissareira da aprovação, pelo Conselho Nacional de Educação, da equiparação da Universidade Católica, sediada nesse tempo, à rua D. Sebastião. Logo depois era assinado o decreto presidencial de concessão da prerrogativa de Universidade e de aprovação do seu Estatuto. Mais tarde, em novembro de 1950, receberia, por decreto da Sagrada Congregação de Estudos dos Seminarios e Universidades, o honroso titulo de Pontificia, "com todos os direitos e privilegios que dizem respeito a institutos desta espécie".

Após a curtissima passagem do professor Armando Dias de Azevedo, foi seu primeiro reitor, o professor Armando Pereira da Câmara, admirado por sua cultura polimorfa e profunda. Como vice-reitor, de 1948 até 1951, estaria o nosso homenageado o Irmão José Otão. E depois de ter ocupado, de 8 de agosto de 1951 até 8 de dezembro de 1954 a direção da Faculdade de Filosofia, hoje Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, passaria a Reitor Magnifico da Universidade, desde 1954 até os dias atuais.

Quem conhece os multiplos, complexos e constantes problemas que inquietam um Reitor de Universidade, avaliará facilmente quanto de esforço e dedicação representa essa magistratura tão longa, no campo do magistério superior. Explicada pelo imenso desejo de servir, que é realmente a mesma, a vocação cristã por excelencia. Dela, ao assumir, a 30 de dezembro de 1966, pela quinta vez, a Reitoria, assim falava o homenageado: "os cargos diretivos, quando assumidos com responsabilidade, pesam fortemente nos ombros de quem os aceita".

Sabemos que o estatuto e a missão da Universidade Católica vêm provocando divergencias no mundo moderno. Ela é considerada, por determinada corrente, como reliquia superada, neste mundo secularizado de nossos dias. Para outros, entretanto, a Instituição não perdeu sua validade, nem sua significação. Ao contrário, como diz o professor Norbert Luyten, em estudo publicado na revista "Concilium"



Labim/UFRN

(maio de 1969, edição em português), o seu contributo para o advento de um mundo novo, mais humano, mais pessoal, pluralista e aberto, é indispensavel.

O certo é que a Declaração "Gravissimum Educations", um dos documentos do Concilio Vaticano II, recomenda que as Faculdades e Universidades Católicas se desenvolvam e se distribuam judiciosamente, pelos diversos territórios, mas de forma a que se projetem não tanto pelo seu número, e sim pela promoção das ciencias, de modo a se perceber, com mais profundeza, como fé e razão colaboram para uma só verdade (G. E. n.º 10 §§ 3 e 1).

Mais recentemente, o Seminario de Peritos sobre "A Missão da Universidade Católica na América Latina", reunido em Buga (Colombia), de 12 a 18 de fevereiro de 1967, recomendou que a Universidade Católica tome "consciencia viva da comunidade à qual pertence", jamais permanecendo marginalizada, mas iluminando, evangelicamente, a ordem do saber.

Dirigindo-se, em 1965, ao presidente da Federação Internacional das Universidades Católicas, quando da realização, em Tokio, do VI Congresso da entidade (congresso a que, por sinal, esteve presente o nosso homenageado de hoje, representando as Universidades Católicas e as Oficiais do Brasil), o Papa Paulo VI lembrou que a Universidade Católica deve "realizar suas investigações em total harmonia com todas as Universidades do mundo" e que, sondando a Realidade, tanto cósmica quanto humana, "a Universidade deve atingir os corações, porque a sabedoria, que é o dom máximo da Universidade, nada mais é do que a Inteligencia iluminada pelo Amor" (Carta de Paulo VI ao Reitor Teodor Hesburg, presidente da FIUC, datada de 24.8.1965).

Ora, êste cuidado pelo homem, centro de tudo, é, sem dúvida, o fulcro das preocupações do Reitor José Otão de quem recolhemos magnífica lição, numa de suas aulas sobre a pedagogia do ensino superior, expressão que lhe parece mais completa que a simples didática:

"Embora costumemos dizer que a formação da personalidade se realiza na escola média e na escola superior se realiza a formação especializada do técnico e do profissional, devemos reconhecer, diz ele, que cada vez mais, na sociedade de hoje, o estudante vem à Universidade ainda sem posição filosófica bem definida e sem personalidade integralmente formada".

E continúa:

"Há necessidade, ainda, de "um complemento de formação", de um complemento de formação humana e este complemento de formação deve ser uma espécie de irradiação da cátedra, resultante do



Labim/UFRN

convivio academico". (in Didática do Ensino Superior — PUC — Porto Alegre, 1965).

Ainda mais adiante insiste:

"A Universidade que se limitasse a realizar a formação técnica especializada, embora profunda, esqueceria elementos essenciais à vida e à felicidade do homem. ... a didatica do ensino superior só será completa quando, além de desenvolver a capacidade intelectual, procurar igualmente cultivar a vontade e a sensibilidade.

Poderemos, então, dizer que formamos o profissional e tambem formamos o HOMEM".

Muitos dirão que isto é irrealizavel e que nem mesmo a formação do profissional completo ainda está sendo possivel. Mas o de que o mundo mais precisa é de homens completos. E homens completos somente se formam à luz dos principios que informam os educadores completos.

---

**(*) Saudação feita em sessão solene da Academia Norteriograndense de Letras, na noite de 22 de janeiro de 1972, por ocasião da entrega ao título de Sócio Honorário ao Irmão José Otão, reitor da Pontificia Universidade Catolica do Rio Grande do Sul e membro do Conselho Federal de Cultura.**



Labim/UFRN

# CIVILIZAÇÃO, CULTURA E FÉ (*)

*Professor Irmão José Otão*

Exmo. Sr. Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras

Exmo. Sr. Dr. Otto de Brito Guerra
Exmo. Sr. Prof. André Cerise, DD. Representante do Magnífico Reitor da Universidade Católica do Paraná

Exmo. Sr. Dr. João Batista Cascudo Rodrigues

Senhores Acadêmicos

Foi com surpresa muito grande e que me sensibilizou profundamente, que, ao chegar à cidade de João Pessoa, recebi o convite do ilustre presidente deste sodalício literário para que ao ensejo da reunião do Conselho de Reitores, desse uma chegada mais para o norte e viesse à cidade de Natal para receber um prêmio que não esperava e não merecia porque estou cumprindo missão do Conselho Federal de Cultura. É um compromisso pessoal que farei sempre independente de recompensa. Sensibilizado, procurei, em seguida, corresponder a tanta gentileza e a tanta generosidade.

Com a colaboração dos Magníficos Reitores das Universidades do Rio Grande do Norte e da Paraíba, foi possível acertar, para gáudio meu e para satisfação minha, estar hoje convivendo com os ilustres membros desta Academia, e receber um título que daqui por diante será uma das recordações mais caras da minha vida: pois, ainda não tinha recebido, fora da cidade de Porto Alegre, uma homenagem desta natureza.

Quero agradecer, muito sensibilizado, ao Professor Vice-Reitor, Dr. Otto de Brito Guerra, pelas amáveis palavras com que me saudou.

E felicitá-lo pelo grande número de conhecimentos a meu respeito. Não sei aonde os colheu.



Labim/UFRN

Há, realmente, uma série de informações e afirmações que devem ter sido captadas por qualquer "irradiação especial"

Agradeço profundamente a sua generosidade. E devo dizer ao nobre orador que de fato toda a minha vida se caracteriza por um trabalho em função da educação.

Nascido numa cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul — Garibaldi — vizinha de Caxias do Sul, a cidade da festa da uva, e de Bento Gonçalves, a cidade do vinho, é Garibaldi, a cidade da champanha. São três cidades que se completam num esforço geral do Sul do país para servir ao Brasil.

Nascido naquela cidade, desde cedo fui para Porto Alegre onde fiz minha formação. Depois, as responsabilidades me levaram à Europa, onde tive ocasião de passar dois anos entre Lião e Paris. Completei os estudos na Sorbone. De regresso, ingressei, no magistério superior. Entre o magistério primário, que durou apenas dois anos, no início de minha vida, o magistério secundário e o magistério superior, passei, quarenta e dois anos de minha vida.

Foi um esforço longo. Mas, dou graças a Deus, porque se foram anos de trabalho, foram também anos de elevadas compensações espirituais. Sinto-me feliz de poder ter realizado alguma coisa em benefício de milhares de jovens. São mais de 20.000 os ex-alunos que me passaram pelas mãos, isto é, ex-alunos que tive a honra de orientar na vida.

Mas, meus senhores, antes de proferir a palestra em homenagem a vossas excelências, desejo agradecer, penhoradíssimo, a saudação do nobre presidente, do grande presidente desta Academia e dizer da minha satisfação de encontrar uma realização tão primorosa, tão próspera, tão brilhante. Sou um entusiasta pelas obras culturais. Entendo que todo o organismo, todo sodalício cultural é um embasamento, um ponto de partida de uma IRRADIAÇÃO IRRESISTÍVEL; E QUE PROMOVE A PESSOA HUMANA NOS SEUS ESCALÕES MAIS VARIADOS.

Tem, por consequência, seu mérito, tem o seu valor e tem a sua recompensa antecipada.

Quando vejo, porém, uma Casa como esta, de porte imponente, fica precisamente uma biblioteca, um salão de conferências admirável, salas de trabalho, um salão para artes e atividades culturais complementares, percebo muito bem qual foi o alcance do projeto desta obra: ser inteiramente de cultura para a terra norte-riograndense. E a ressonância desse trabalho iniciado em 1936 é bem conhecida no país. Naquele tempo, dirigia eu em Santa Maria um órgão literário, o grêmio literário Fagundes Varela, órgão colegial, mas de onde saíram belas expressões literárias.



Labim/UFRN

Nessa época surgia aqui esta imponente Academia que é uma das honras das academias literárias do país. Academia que hoje me confere um diploma de sócio.

Agradeço, Senhor Presidente, esta generosidade, a generosidade deste diploma que me vincula mais do que nunca ao Rio Grande do Norte.

Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul são dois Estados irmãos, são dois primos que se entendem, embora à distância. Aliás, não há mais distância, depois do alcance da técnica moderna. O mundo se tornou uma aldeia total, na expressão já consagrada. Basta levantar vôo e estamos aqui, estamos ali. Basta ligar um rádio para ouvirmos em qualquer ponto do mundo uma palestra, uma irradiação.

De modo que o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul, que sempre estiveram de pé pelo Brasil, irmanados neste esforço de cultura, de educação e de civilização, estão no meu coração, agora mais associados do que nunca. Podem crer, este diploma, que levo com o maior carinho, é uma das glórias de minha vida.

Profundamente reconhecido agradeço esta homenagem.

Senhor Presidente,
Senhores Acadêmicos,
Nobre Assistência.

Para os homens de responsabilidade, especialmente no setor educacional, há três forças que comandam o mundo. Três forças, cada uma no seu setor, e cada uma com um poderio diferente, mas quando associadas, de um valor e de uma potencialidade irresistíveis. A primeira força é a força da civilização; a segunda é a força da cultura e a terceira é a força da fé. A civilização eu a conceituo como "o domínio do homem sobre a natureza". A cultura eu a defino como "o domínio do homem sobre si mesmo". A religião ou a fé, como "o domínio de Deus sobre o Homem".

A civilização, e a história está aí para dizê-lo, é este esforço gradativo, pertinaz e paciente do homem para dominar a natureza. É através da civilização que os hemens penetram nos continentes, rasgam estradas, constroem pontes, perfuram a terra, atravessam oceanos, invadem o mundo planetário, lançam satélites, satelizando o globo. Através da civilização é que o homem explora a natureza, e todas aquelas forças indômitas. Todo aquele poderio escondido é descoberto, captado, canalizado, utilizado de modo a fazer das forças brutas da natureza bens utilizados para o conforto e o bem estar do homem.



Labim/UFRN

Quando observamos os povos das mais longínquas regiões, encontramos uma diferença de progresso técnico conforme os recursos, recursos humanos e recursos materiais, mas sobretudo de acordo com a ação da inteligência.

Se conseguirmos fazer uma visita pelo mundo e conhecer os cinco continentes; se demorarmo-nos nas grandes concentrações humanas, como Chicago, Nova York, Tóquio, para ver o produto da técnica humana, ficamos admirados e assombrados. Percorremos os Estados Unidos, percorremos a Europa e vimos o que o homem realizou através de um esforço pertinaz, multiplicado hoje pela técnica que entra numa fase diferente do tempo passado, em que o trabalho era pessoal, manual, lento e pouco rendoso, mas que hoje em virtude da tecnologia se multiplica de uma maneira prodigiosa. Tudo isso é a civilização.

Os homens dominam a natureza, exploram a natureza no bom sentido, tiram dela o seu sustento, a razão de ser da sua vida, o necessário para o progresso, para o bem estar, para o conforto material.

Mas, meus senhores, a civilização lamentavelmente não dá ao homem uma norma de conduta. Nós encontramos, infelizmente, grandes povos, grandes raças, grandes grupos humanos, nações poderosas sob o ponto de vista de civilização, mas que têm uma frieza e uma insensibilidade para o resto da humanidade, o que representa uma desolação, uma tristeza. Não basta a civilização. Não basta dominar a natureza. Não basta explorar a natureza. Não basta tirar de tudo o que ela tem em benefício do conforto e do bem estar físico e material.

É necessário um passo a mais. Há outras forças que devem ser exploradas, devem ser estudadas, devem ser desenvolvidas e devem entrar em operação. Não basta a civilização. Precisamos da cultura.

A cultura é o domínio do homem sobre si mesmo. Os antigos diziam que o homem era um microcosmo, e de fato, realiza-se na pessoa humana tudo o que de grande existe no mundo. É um microcosmo, é um mundo pequeno, mas um mundo, o mundo do homem. Toda a potencialidade psíquica trazida da natureza e que deve ser cultivada e desenvolvida, é uma riqueza que não tem limites. A sensibilidade para sentir as impressões do mundo ambiente, a inteligência para compreender e analizar o que existe em torno de nós e nos planos da natureza, e a vontade para agir, para interferir, para pautar normas de conduta. É realmente um esforço diferente. Há da parte da natureza um dom de Deus em todos nós, na pessoa humana, uma riqueza espetacular, mas adormecida para muitas pessoas, e que, por falta de ambiente, por falta de circunstâncias, por falta de condições, não



Labim/UFRN

conseguiram vir à tona e se desenvolver. Mas, quando é possível, quando há organismo, quando há possibilidade de patrocínio que favorece, que cultiva a pessoa humana, ela se torna um potencial, um valor extraordinário. De fato, quantas potencialidades existem em mãos que são prejudiciais e devem ser arrolhadas: o orgulho, a insensibilidade, a inveja, a antipatia. São forças perigosas que podem se desenvolver, mas que devem ser despertadas e desenvolvidas, como a simpatia, a cordialidade, a fraternidade, a caridade, a convivência plena e leal, o serviço para o próximo, para o semelhante, a disponibilidade para a colaboração social. Que maravilhas se encontram na pessoa humana esperando apenas a oportunidade de ação e de organização. A cultura, meus senhores, é o domínio das forças negativas e é o desenvolvimento das forças positivas.

O homem culto não é apenas aquele que conhece, mas aquele que além de conhecer se preparou para agir e age convenientemente. Por isso não é só no campo da sensibilidade, mas na força da inteligência e no campo da vontade que se constrói a verdadeira cultura. E não há cultura sem uma ação conjugada de todas as forças que integralizam a pessoa humana. E o que é em síntese a cultura senão esta capacidade de interpretar a beleza, a verdade e o bem em todas suas manifestações? O que é uma obra de arte, o que é uma produção literária, senão uma manifestação da cultura? O que é uma obra de arquitetura, senão uma harmonia de formas? O que é a música, senão uma harmonia de sons? O que é dança, senão uma harmonia de movimentos? O que é a palavra, o que é literatura senão a harmonia de palavras e de composição?

É nessa harmonia, nesse esforço, fruto do trabalho humano, que estão as manifestações da cultura. A cultura, a verdadeira cultura, não é interiorisada somente; ela tem base na criatura humana, mas se projeta no exterior com realizações artísticas e literárias. Passam as civilizações. A cultura, porém, obra do espírito, dura. A cultura não tem aquele aspecto negativo que se pode encontrar, que lamentavelmente se encontra, muitas vezes, na civilização. A cultura é o domínio do homem, das suas energias, para se tornar mais útil. Não há verdadeira cultura se não houver essa visão completa da pessoa humana. A cultura, bem entendida, é a realização em plenitude da grande busca da verdade, que não tem limite, do belo que não tem restrições, e do bem que é a expressão máxima de tudo o que há de grande.

Todas essas verdades, todos esses princípios, todos esses conceitos se realizam em plenitude em Deus, esplendor e síntese da beleza, da verdade e do bem.

Quanto mais o homem vive esses princípios, os incorpora e os realiza na perenização de suas obras, de suas atividades, seja em ma-



Labim/UFRN

nifestações culturais, seja em produções culturais, tudo é a cultura real, positiva, autêntica.

Um sodalício como este é expressão continua e permanente da cultura. Produz uma atividade irradiante e estimula o despertar de atividades nas áreas, mantém viva a chama da fé nos valores espirituais e realiza assim aquela obra de purificação e ascenção, dando ao homem uma maneira prática e completa de auto-realizar-se e, auto-se-realizando, levanta consigo o mundo.

Senhores, esta cultura, assim expressa, com essas maravilhas que nos distanciam de uma maneira sensível da pura e simples civilização, ainda poderia ter um aspecto penoso e limitado.

É que o homem assim concebido, assim apresentado, poderia considerar-se dentro de uma antropologia imanentista, apenas como um fim em si mesmo. Mas, assim não é.

O homem é algo mais. O homem tem algo de passageiro e algo de permanente. E é no permanente que se situa a maior grandeza. Por isso ao lado da civilização e da cultura há lugar para a fé, para a religião, que é o domínio amoroso de Deus sobre a criatura.

De fato, de pouco serviria a civilização mais desenvolvida e a cultura mais apurada, se tudo ficasse encerrado nas limitações do tempo.

O homem, porém, possui uma alma imortal, tem sede de Deus, tem sede de eternidade e alimenta o desejo de sobreviver ao tempo.

Por isso a fé em Deus, a fé na revelação cristã, e a prática da religião constituem o complemento da civilização e da cultura, dando ao homem um sentido de eternidade.

O homem iluminado pela luz da fé, que é dom generoso e gratuito de Deus, tem uma visão diferente da vida e possui a possibilidade de uma realização mais completa.

Quando as três forças assinaladas se encontram reunidas e atuam conjuntamente o homem se torna um ser forte e poderoso e a sua capacidade de ação fica multiplicada.

É o que desejo para os membros da Academia Norte-Riograndense de Letras: que a civilização, a cultura e a fé sejam sempre as forças norteadoras de todas as suas atividades.

Assim, se engrandece a figura de cada um e o sodalício preencherá cada vez mais e melhor as suas grandes finalidades.

Encerro estas breves considerações renovando à Academia os meus profundos e sinceros agradecimentos.

**(*) Conferência pronunciada de improviso pelo Professor Irmão José Otão, Reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na noite de 22 de janeiro de 1972, quando lhe foi conferido, em sessão solene, o diploma de Sócio Honorário da Academia Norte-Riograndense de Letras.**



Labim/UFRN

# DE NISIA FLORESTA A ROMULO WANDERLEY (*)

*Maria Eugenia Maceira Montenegro*

Todos nós sabemos que um pequenino fósforo, um vagalume ou uma bruxuleante vela tem o poder de afastar as trevas. que, temerosas da luz, se afastam e se escondem em seu mundo obscuro do nada.

Assim, sras, e srs., encontro-me neste momento, com vontade de esconder-me em algum lugar, assustada com o esplendor que me rodeia, a voejar "AD LUCEM VERSUS" tal mariposa encantada com a luz que incide nas paredes brancas desta Casa, dando-lhe este aspecto magnífico da dignidade humana que a envolve.

Srs. Acadêmicos: Vosso gesto tão acolhedor em receber-me na Casa da Cultura e da Inteligência do Rio Grande do Norte deixa-me deveras sensibilizada com a alta distinção que me conferis.

O bom senso teria sido, talvez, o melhor amigo, aconselhando-me a permanecer no justo lugar, não fora um ato de descortesia relegar a confiança que em mim depositais, ao auferir-me o direito de juntar-me a vós, de crescer e labutar ao vosso lado, no privilégio mor de usufruir o convívio salutar de vossas mentes iluminadas, proporcionando-me maiores conhecimentos na fonte luminosa do saber.

Entro, pois, na Casa de Henrique Castriciano, com olhos de ternura, observando estas paredes, construídas com a argamassa da coragem, da perseverança e do idealismo de Manuel Rodrigues de Melo e demais companheiros de ideal, impregnada que está da sede de saber de Veríssimo de Melo, com o classicismo de Edgar Barbosa e com as auras que reluzem a personalidade de todos os seus componentes, dos que fizeram e continuam a fazer a história política e cultural deste Estado. Esta Casa irradia por todos os recantos a cultura universal de Câmara Cascudo e de Amaro Cavalcanti, sem duvida os líderes incontestes do Rio Grande do Norte no panorama nacional.



Labim/UFRN

Permiti, meus caros acadêmicos, sras, e srs., que a minha saudação primeira seja à mulher norte-riograndense, a começar por Nísia Floresta Brasileira Augusta, a precursora do feminismo em nossa Pátria, a ilustre pensadora e idealista.

NÍSIA, a que traz no pseudônimo a perfeição da métrica, e, no decassílabo, uma FLORESTA de brasilidade AUGUSTA.

Nascida Dionísia Pinto Lisboa, a imortal Nísia descortinou a mulher brasileira, com as centelhas vivas de sua inteligência e coragem, um horizonte novo, rompendo elos que a acorrentavam às arcaicas condições sociais, integrando-a aos meios sócio-político-cultural da Vida Nacional.

Nísia, a autodidata, a revolucionária, a enfermeira, a jornalista, a poetisa, a conferencista, a escritora, a abolicionista e republicana, que pregava a igualdade das províncias e das raças.

Seu sonho: ver a mulher coparticipar da Vida Nacional, não ficar à margem da história, mera e inútil espectadora, à semelhança do boiadeiro indiferente ao progresso, que Pedro Américo soube tão bem colocar na célebre tela do Grito do Ipiranga.

E pensar que, em plena era espacial, quando uma Valentina Tereskova sobe ao Cosmo, uma Golda Meier e uma Indira Gandhi lideram seus países, dependendo de duas mulheres a paz mundial, num século em que as mulheres de várias nacionalidades recebem o prêmio Nobel de Literatura, ainda haja em nossa Pátria portas fechadas à mulher.

Nísia, a flor rebelde de três sangues borbulhantes, que lhe legaram no amálgama das raças a audácia, a sede do desconhecido, sempre a percorrer países, a conhecer povos e costumes.

Nas jaças genéticas de um belo diamente a lapidar, aparecia a mulher bela e sedutora, guitarrista de temperamento apaixonado. Se suas idéias inflamavam a sociedade, seu espírito permanecia coerente com seus pensamentos e ações. Escreveu vários livros, dentre eles, "Conselhos à Minha Filha," utilizado em escolas de França. Em "Opúsculo Humanitário," seus artigos versam sobre a educação feminina. Seu ensaio sobre a Mulher mereceu versão inglesa e teve no Brasil tradução francesa. Oliveira Lima cognominou-a "a mais notável mulher de letras do Brasil" e Adauto da Câmara, seu historiador, de "mulher extraordinária".

Viveu Nísia Floresta vinte e oito anos na Europa e conviveu com personalidades famosas do tempo: Augusto Comte, Victor Hugo, Alexandre Herculano e outros. Casou-se duas vezes e morreu em Rouen, na França. Nasceu no sítio Floresta, em Papari, neste Estado, em 12/10/1810, e faleceu em 24/04/1885.



Labim/UFRN

Cuçamos o que diz a grande poetisa potiguar, Estefânia Mangabeira, que reside atualmente em Belo Horizonte, sobre Nísia Floresta:

Vive no bronze! Vive eternamente!
Mulher sublime, glorioso gênio!
Tu passarás à porta de um milênio
Dizer: "NÍSIA morreu" não se consente.

Nascida numa terra bem modesta,
Interessante, graciosa e pura
Criara-se a correr pela natura
Dentro de um sítio, colossal, FLORESTA

Escritora genial! Alma altaneira!
Seria até inveja ou covardia
Não reputá-la grande BRASILEIRA

Eu julgo ver e este prazer me assusta
Que lá na França toda gente via
Uma auréola de luz cercando AUGUSTA

Sras e Srs.: Se Nísia Floresta foi uma lídima representante de um terreno cheio de sensualidade, de magnetismo pessoal, de desinibição, nós vemos no reverso da medalha um ser angelical: Auta de Souza, a mística poetisa, que nos transporta às celestiais moradas através da tristeza de uma alma em flor, com seus cânticos maviosos, sem dúvida dos mais belos da poética brasileira. São flores e frutos espirituais que colhemos do seu HORTO. Sua alma em versos a falar da fé, da paz, do amor.

Como é feliz a hora do descanso!
Quando sinto os meus olhos manso e manso
Morrendo para a luz...
Todas as dores da saudade esqueço
Junto as mãos sobre o peito e adormeço
Sorrindo para a Cruz.

Podemos dizer que Auta de Souza encontrou na terra uma alma irmã. Outra poetisa, injustamente esquecida que deveria refulgir nas antologias brasileiras, outra batalhadora incansável da emancipação da mulher: Angelina Macêdo. Cloto, a fiandeira cruel, aos 33 anos corta-lhe o fio do destino, após uma doença pertinaz e um malogrado casamento. Se modesta foi a sua produção literária, seus versos esparsos a imortalizaram. Nos dois tercetos de seu "Resignação", sua alma falando:



Labim/UFRN

Não criminem a Morte que me leva
A ver estrela que no céu cintila...
A luz que vem do céu, não chamem treva!
Pouco a pouco a matéria se aniquila
Mas a alma imortal aos céus se eleva...
Que venha, pois, a Morte, estou tranquila.

No panorama nacional, a mulher potiguar tem a sua página reluzente, que marca sua personalidade patriótica, seu desejo de servir, de integrar-se à Comunidade e à Pátria.

Nas páginas gloriosas da História do Brasil, temos um nome a lembrar com respeito e admiração: Uma heroína, que passou a se chamar na história a Bradinarte Brasileira. Clara Camarão. É considerada a primeira mulher que pegou em armas para defender o Brasil. É preciso iluminar a memória da índia Garijó, a amada esposa de Felipe Camarão, que, com denodo e audácia, ajudou o esposo amado a expulsar o terrível invasor flamengo, causando verdadeira admiração aos próprios inimigos. Lidera a lista das pioneiras cívicas da Pátria.

Sras. e Srs.: É muito bela a página histórica onde se registra através da lei sancionada pelo então Presidente do Rio Grande do Norte, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, o direito do voto à d. Celina Guimarães Viana, consagrando-a, desta forma, a primeira mulher eleitora do Brasil.

Esta bela página cívica, a mulher norte-riograndense deve-a ao ilustre e consagrado homem público — o Senador Juvenal Lamartine. São suas as palavras:

"Foi o Rio Grande do Norte, e por iniciativa minha, o primeiro Estado da raça latina, onde as mulheres tiveram os seus direitos políticos reconhecidos e os exerceram livremente".

Homem de lutas, não se intimidou com as críticas. Sentiu que o movimento feminista trazia no âmago o anseio de uma grande e justa reivindicação humana, integrando a mulher em seu lugar da civilização moderna. Hoje, é mistér que seu nome seja lembrado como o descortinador dos horizontes cívicos da mulher brasileira.

Consequentemente coube a d. Alzira Soriano, outra norte-riograndense ilustre, o título máximo da primeira mulher eleita na América Latina, como Prefeito do município de Lages.

Ainda no campo das pioneiras aparece a brilhante, a personalíssima dama potiguar — d. Maria do Céu Fernandes, membro de uma das ilustres famílias do Estado, como primeira Depu-



Labim/UFRN

tada Estadual. Defendeu com o brilho de sua inteligência, com patriotismo e coragem, e verdadeira noção partidária, as cores gloriosas do antigo Partido Popular.

A seguir, uma figura graciosa e gentil, alegre e corajosa, que não se conformava em pisar o solo firme da terra. No seu arrojo e idealismo, na beleza de sua mocidade em flor, quebrou tabus, contrariou ordens paternas e quís alçar às nuvens e atingir os céus. Lucy Garcia. Hoje, a senhora Evaldo Lira Maia. Foi a primeira aviadora do Nordeste. Recebeu da Escola de Pilotagem de Parnamirim, o "brevet" em 1942, sendo a única mulher entre os treze aviadores brevetados. Pequenina e graciosa, seus colegas apelidaram-na carinhosamente, de Meio-Quilo. Teve a maior emoção de sua vida, quando saiu "lachê", ao solar firme pela primeira vez. Lucy, deslumbrada com o céu, excedeu o tempo regulamentar de vinte minutos. Durante uma hora alou seus sonhos, causando sérias apreensões ao instrutor da FAB, que a repreendeu vivamente ao solar, quase cortando-lhe as asas dos sonhos. Foi solene a entrega do "brevet" em Parnamirim. Fizeram-se presentes autoridades civis e militares, dentre elas o então Governador Rafael Fernandes e o General Cordeiro de Farias.

Se marcaram época, em passados dias, ilustres damas da terra de Potí, voltando ao presente, temos figuras de projeção social as mais relevantes.

No Tribunal de Contas do Estado, temos D. Lindalva Torquato Fernandes, que passará também à história como a primeira mulher a ocupar o cargo de Ministro no Brasil.

À semelhança de um triângulo equilátero, na junção harmoniosa de seus vértices voltados para a cultura, temos tres diretoras que fazem jus ao cargo que ocupam.

À frente do CRUTAC, esse importante orgão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, temos uma açuense: Maria Bezerra do Nascimento, de comprovada capacidade, com diversos cursos de especialização no exterior, e recentemente chegada dos Estados Unidos. Projeta o nome da nossa terra e da nossa gente.

No setor artístico, dirigindo a Escola de Música da mesma UFRN, Luiza Maria Dantas, refulge, demonstrando sua capacidade através das tertúlias musicais, de alto teor artístico.

Completando o trio, a personalíssima Noilde Ramalho, símbolo de energia e disciplina. Com forte pulso, tem mantido as tradições da Escola Doméstica de Natal, famoso estabelecimento de ensino, considerado no gênero o melhor do País.



Labim/UFRN

Convém notar que, se hoje a mulher norte-riograndense desfruta um lugar ao sol no panorama social, muito o deve à "Liga de Ensino", fundada em Natal, em 08.10.1911, tendo como seu inspirador Henrique Castriciano. Essa Liga visava a auxiliar os poderes públicos em tudo quanto dissesse respeito à educação do povo e, em particular, à instrução e formação da mulher. Seu idealizador teve apóio integral de homens de visão como Juvenal Lamartine e José Augusto Bezerra de Medeiros. Dentro dos moldes da Liga, foi então fundada a Escola Doméstica de Natal, que tudo deve ao grande beletrista e grande educador Henrique Castriciano.

São muitas as mulheres que, através de sua vida exemplar, marcaram sua presença. Não passaram pela vida em brancas nuvens. Quem poderá esquecer-se de Lourdes Guilherme, a de saudosa memória? Seu lema: amar, servir honrar. Suas abençoadas mãos pousaram como carícias de veludo sobre os seres e as coisas.

E as mulheres que primam em seguir os caminhos da cultura e do saber?

Em Nati Cortez, mãe extremosa de vinte e quatro filhos, dezessete vivos, temos o exemplo de um espírito arejado e evoluído, que não apenas alicerçou um lugar a base da fé e do amor, mas procurou lenitivo, para as horas ainda vagas, escrevendo belas páginas literárias. Já foi laureada em vários concursos. Hoje é sócia da SBAT e da SBDV.

No poder jovem temos a enaltecer, as novéis doutoras que conseguiram honrosa classificação no Concurso para Promotor de Justiça Substituto, realizado pela Procuradoria-Geral de Justiça do Estado. Foram aprovadas em ordem de classificação:

Walquíria Félix Albuquerque Melo
Maria Evanilde de Souza
Ieda Amorim Martins
Margarida Bezerril de Araújo
Maria do Carmo de Souza

No 6.º lugar foi classificado por desempate de títulos, Othon Donaldson Oliveira,

continuando
Viviane Ribeiro Cunha
Lúcia Maia Fernandes Araújo
Judite Miranda Nunes



Labim/UFRN

É de salientar que Walquíria e Margarida, em concurso anterior para Juiz de Direito, foram aprovadas, respectivamente, em primeiro e segundo lugares. No último concurso, ainda em primeiro lugar, Hilda Fernandes.

E, assim, comprovando sua capacidade e cultura, confiante no progresso e no futuro, a mulher potiguar preenche na comunidade o lugar almejado.

Sras. e Srs: Não poderia encerrar esta Lista, silenciando o nome de Atenilde Cunha, açuense também, a incomparável, a que tem levado a outros países, através de sua voz maviosa, o nosso folclore e o nosso cancioneiro popular.

Atenilde, a iluminada, a que procura, nos versículos sagrados, a resposta para os seus problemas. Indecisa, se aceitava ou não, o convite do Governador do Maine, uma bolsa cultural do programa "Amigos do Maine", ouviu altas horas da noite, entre as vozes do silêncio e do sonho, uma voz que lhe ordenava: "Não te mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo". Confiante no seu Deus, partiu para os Estados Unidos da América do Norte. Ali, na cidade de Liwston, fixou residência por dois anos na Universidade de Bates, como Professora de música. Durante sua permanência nos Estados Unidos, deu quarenta e oito concertos em Escolas, Clubes, Igrejas, Universidades, sendo muitas vezes aplaudida de pé. A crítica registrava: "soprano incomparável", "divindade na voz", "magnífica" etc. Como cantora sacra, comovia pastores e seus rebanhos, a ponto de lágrimas. Recebeu do Governador do Maine a chave da cidade, honra tributada somente a grandes personalidades. Recebeu-a com uma placa de prata com o nome do Estado irmão. Divulgou sobremodo a música popular brasileira, nosso folclore. Maestrina, regia o coral da Universidade. Deu várias entrevistas. Falou através da "Voz da América". Convidada pela Embaixada Brasileira, deu em Washington um belo recital com árias de óperas e clássicos.

Sras. e Srs. Nesta hora solene, a minha admiração:

À d. Alda Ramalho Cortez, como cooperadora incansável do Governador Cortez Pereira;

À d. Adelaide Moreira e Silva — A MÃE das DIVINAS DORES: pelas oito mil crianças que viram a luz primeira através de suas abençoadas mãos;

À d. Izabel Gondim — A NOTAVEL EDUCADORA, POETISA, HISTORIADORA E DRAMATURGA POTIGUAR:

À d. Georgina do Nascimento — A QUE CONHECE O AMOR;

À d. Amelinha Soares — A ALICERÇADORA DO LAR;

À d. Alice Fernandes — A BENEMÉRITA: personalidade internacional,



Labim/UFRN

À d. Wanda Matos e d. Aldeísa Bezerra — AS QUE ESPALHAM BENÇÃOS;

À d. Clarice Palma — Poetisa e idealista.

E às mulheres anônimas, heroínas dos lares, que labutam, dia a dia, na formação da célula-mater da sociedade — A FAMÍLIA — a todas a minha admiração.

Caros acadêmicos, prezados ouvintes! Para que justifique a minha aceitação em ocupar a cadeira n.º 16 desta Casa, é mister remontar ligeiramente às minhas origens e falar-vos de Eros, o Deus alado, que houve por bem transportar-me com asas de cuidados, qual planta verdejante e tenra, arrancando-me impiedoso da cadeia de montanhas das Alterosas "das paisagens das verdes matas, águas catadupejantes, frios de inverno, entre fúcsias e jasmins" no dizer de Câmara Cascudo, para plantar-me, zeloso, cheio de desejos, no árido sertão nordestino. Ali, na terra dos verdes carnaubais, onde rio Piranhas ou Açu serpenteia faminto de sede, o filho de Afrodite cobrou o mais alto t r i b u t o em distância, em solidões, sob as agruras de um sol inclemente, que os verdes leques da "copernicia cerifera" não conseguiam esconder, quadrejando solos, secando fontes, maltratando homens e animais. E, não satisfeito com o seu ciclo em febre, ainda suga a clorofila das matas raias de juremas, pereiros, mofumbos e cumarus perfumados. Só o heróico juazeiro, as quixabeiras e as seculares oiticicas sombreiam de verde a caatinga, na mensagem muda da esperança, — o alento do sertanejo.

Para alcançar esta tribuna, foi-me primordial o encontro primeiro com a terra, com as condições sociais que me obrigaram a procurar nos "sarcófagos da flor" — os livros — o convívio salutar e edificante dos silentes amigos.

Pisei o solo do Açu, antiga Vila Nova da Princesa, a Atenas Norte—Riograndense — terra de poetas e de heróis, berço de Perceval e Ulisses Caldas, os bravos imortais dos Campos de Curuzu, da guerra do Paraguai, onde Ulisses, ao ver explodir a seus pés uma mina ceifando vidas, exclamou: "Avante Camaradas! Ainda é vivo Ulisses!" Terra-título do Conselheiro Brito Guerra — o Barão do Açu — Ministro do Supremo Tribunal do Império.

Perguntaram-lhe, certa vez, se iria viver no Açu. Respondeu: "Não. Vou para morrer no Açu". O ilustre norte-riograndense é tio bisavô do acadêmico Otto Guerra. Homens como Palmério Filho, Moisés Soares e João Celso Filho, que marcaram época como jornalistas e patriotas. Este ainda advogado, professor e autodidata ilustre.



Labim/UFRN

Em Açu, tive o privilégio de conviver com intelectuais que me mostravam, através de suas personalidades várias, a beleza do verso e da prosa, nas alegres tertúlias, de cadeiras na calçada, muitas vezes haurindo o halo manso da rainha da noite, que desfilava no céu sua majestade prateada. Dentre eles, João Lins Caldas, o de saudosa memória, a quem chamo de Mestre, aquele que me mostrava muitas vezes a chorar o seu lindo céu literário, impregnado de amargura e dor. Com sua voz telúrica e soturna, como se remontasse a dias anteriores de Tebas ou a barbatanas de peixe, no seu próprio cantar, recitava-me:

Qual o remédio jocundo,
que ao mal nos serve de escudo?
Fechar os olhos a tudo,
sorrir de tudo no mundo.

Foi esta a resposta clara,
que me deu, certa vez, interrogado,
um homem que tinha achado,
coisa rara, a ventura neste mundo.

Se ouvia maravilhada os poemas do poeta da dor, meus ouvidos também se encantavam com a voz maviosa de "Fulô do Mato", de Renato Caldas, que, com seu perfume de sertão, soube tão bem captar. E ainda Francisco Amorim, a contar-me histórias da imprensa no Açu, com os cento e dezessete jornais que ali circularam, ou a recitar-me versos de sua Seriema. Ainda Mariano Coelho, o glosista genial a me falar de Manoel de Bobagem, de João de Papai e do imortal Moisés Sesiom, o Bocage brasileiro, e outros magníficos poetas do povo.

É tão grande o amor do povo açuense pelas letras, que pelas ruas da antiga Vila Nova da Princesa, perambulam Demócritos, Diógenes, Sócrates, Sólons, Demóstenes, numa explosão cultural, de admiração à decantada Grécia.

Assim, pois, do velho costume de cadeiras na calçada, sob um "céu de abelhas de ouro em bando", ou sentindo o magnetismo prateado da sereia da noite, as alegres tertúlias incentivavam-me, dando-me belas lições literárias, sob os olhares complacentes de Érato ou Calíope.

Em Açu, bebi também das águas do Poassá.
Açu, berço dos Wanderley.



Labim/UFRN

Deve ter sido plena de vitalidade cósmica a semente que o velho capitão holandês, Caspar Wanderley, legou a Gonçalo Lins Wanderley, que a trouxe para o Açu, e a plantou carinhosamente, sob a brisa do vento norte ou sob o lençol freático do Rio Piranhas, que ali cresceu e refloriu em uma das mais belas árvores geneológicas do Brasil.

Árvore que tem a grandiosidade dos pinheiros, o romantismo das cerejeiras, a delicadeza dos bambus e a graça dos salgueiros.

Árvore que Walter Wanderley soube tão bem catalogar, no magnífico trabalho antropológico, através do livro "A FAMÍLIA WANDERLEY".

Árvore de ramos imponentes e altaneiros, a reflorir perfumando os ares dos quadrantes da Pátria brasileira. Suas flores da mais alta expressão poética:

Palmira Wanderley — A MAGNÍFICA — decantada em todo o Brasil, através de sua Roseira Brava. Um dos membros fundadores desta Casa. Quem não conhece o sabor da sua Pitangueira, o cântico do Bentivi e as centelhas da fé de sua Palma da Ressurreição? A crítica do País a enaltecer a sua obra poética, considerada por muitos, como a primeira poetisa do Brasil. Irmã do teatrólogo e poeta, acadêmico Jaime Wanderley.

Temos ainda nesse buquê literário, a tristonha Carolina, acadêmica de alto valor, também componente do grupo fundador da Casa de Henrique Castriciano, irmã de Sandoval, o grande teatrólogo e poeta. As românticas Stela e Alice Wanderley e a extraordinária Sinhazinha, irmã de Segundo Wanderley, escritora, poetisa e compositora genial de músicas folclóricas, patrióticas e populares.

Num outro ramo florescente, outra mulher, que marcou época na cidade do Açu: d. Belisária de Carvalho e Silva, a Baronesa da Serra Branca, a protagonista de comovente drama social, quando, ao ser decretada a lei áurea, libertou seus escravos. Ofereceu-lhe lauto banquete, servindo-os pessoalmente, de touca e avental brancos, numa demonstração, afetiva de alto valor humano. Mulheres que marcaram época e que engrandecem o panorama social e cultural da nossa pátria.

Assim são os Wanderley.

O patrono da cadeira n.º 16 — Manuel Segundo Wanderley — cadeira que, comovida e humildemente passo a ocupar nesta data solene, sem dúvida foi o mais alto e verdejante ramo dessa árvore.

É considerado o Príncipe da Poesia Potiguar. Foi realmente um esteta, um abnegado da perfeição da métrica, da arte. Tinha uma concepção perfeita e sublime do belo.



Labim/UFRN

Torna-se difícil escolher, dentre sua preciosa obra literária, o mais belo verso ou poema. São centenas de imagens, as mais ricas e emocionantes, que nos transportam ao palácio da beleza onde tem morada.

É admirável seu poder de comunicação.

Ele nos faz espectadores do Naufrágio do Vapor Bahia. Seus versos épicos transportam-nos aos empirios céus da emoção e da dor, quando descrevem nos noventa e seis versos a tragédia, que sem dúvida, coroou com selo de ouro sua obra literária. Cada verso, em si, um poema:

Sorria em baixo, o mar — abismo de esmeralda
Sorria em cima, o céu — espelho de cristal
Uma tábua qualquer valia quase um trono,
Um resquício de luz valia mais que um sol

Ainda já no fim do poema:
Só para conservar no crânio o pensamento:
— Que o mar devia ser a campa dos heróis:

Segundo atingiu o apogeu de sua trajetória poética na escola condoreira, embora cultivasse, com a mesma dedicação, o panteísmo, o gongorismo, o lirismo, e outros estilos.

Como poeta condoreiro, transmite-nos centelhas vivas de civismo. Encantado com esse estilo de poesia social, escreveu em 1879 o seu magnífico Eco da Liberdade. É também conhecido como poeta dos Mártires e dos Heróis. Seus poemas elevam-no à Casa do condor, onde planamos no azul de seus versos.

Sentimos sua ternura quando se dirige às crianças.
Como romântico, temos vontade de morar em "O Meu Chalet"

"Cheia de encantos, de maravilhas"
"Todo enlaçado de trepadeiras,
E ao longe o hino das cachoeiras".

Se foi um festejado poeta, sua verve dava asas à imaginação e aos nobres ideais, sempre a combater erros, a educar, a criticar e a orientar como jornalista credenciado, os leitores, com a segurança de seus argumentos.

Sua vida foi um livro aberto, onde se podia ler, a história de uma vida consagrada a Deus, à Pátria, à Família. Como poucos, amou



Labim/UFRN

a sua terra e a sua gente. Foi manso e resignado; compassivo e caridoso; suave e educado; indulgente e generoso; compreensivo, bondoso, humilde e dedicado. Foi filósofo, pensador, poeta, escritor; patriota, abolicionista, dramaturgo, jornalista, médico, orador, teatrólogo, polemista, Professor. Se recebeu tantas bênçãos, soube reparti-las. Viveu para servir. Passou pela vida como um sol a iluminar, a aquecer todos os que dele se aproximavam. Poucos os homens com tantos dons, tanto espírito, tanto amor.

Na prosa, suas frases são incisivas, elegantes, destacando-se pela clareza e coordenação de idéias:

"Sem o ar não se vive, sem a instrução não se caminha"
"A dor seria um aniquilamento, se a esperança não fosse um alívio"
O seu Paralelo entre o Homem e a Mulher é de uma beleza bíblica:
"O homem é templo, a mulher é sacrário. Ante o templo, descobre-se, ante o sacrário ajoelha-se".

Nota-se sua admiração pela mulher. Enaltece-a e a situa no pedestal da glória.

Francisco Palma foi o fundador da cadeira n. 16 e deixou à imortalidade sua bela página literária nos livros Santelmo e Luz e Cinza. Pai da grande poetisa Clarice Palma.

Substituiu-o o nosso inesquecível confrade e amigo
ROMULO CHAVES WANDERLEY,
outro rebento da pujante árvore.

Relembro o meu ilustre antecessor, sempre olhando para a frente e para o além, num olhar romântico e transcendente. Parece ser sina dos Wanderley mirar o infinito, o insondável, o etéreo, o azul, talvez numa sede de procura e de encontro.

Relembro Rómulo altaneiro, romântico, andar compassado, cabeleira à Castro Alves. Às vezes, um sorriso irônico completava uma crítica ou escondia uma emoção. Na voz grave, o magnetismo dos poetas. Sua voz telúrica, a falar de uma infância longínqua em sua terra natal — o Açu. Ali, no chão do Macapá, em casa modesta, seus pés de infância decalcaram no barro escuro, o contato primeiro com a terra que lhe foi berço e que muito amou.

Do amálgama do sangue sertanejo de Rodolfo Chaves Wanderley e de d. Júlia da Silva Wanderley, de Mossoró, nasceu Rômulo, o primogênito, a 02 de abril de 1910.



Labim/UFRN

Fez-se menino no bairro humilde, brincava por certo de cavalinho de pau, de curral de osso, de pé de castelo com as castanhas que os velhos cajueiros ofertavam-lhe ao redor com muitas sombras para amenizar a canícula, e muitos galhos para galgar. Teve suas arapucas e baladeiras, seus canários de briga, como um menino comum. Deve ter brincado de gurita no cruzeiro da Santa Cruz, deve ter subido escadas, tocado sinos, tudo o menino deve ter feito na vida travessa de menino.

E os sonhos do menino? Estudar. Fez as primeiras letras no Grupo Escolar Tenente-Coronel José Correia. Certo, não conheceu a palmatória. Sua primeira mestra, Sinhazinha Wanderley, sua parenta que já antevia e aplicava, com seu espírito evoluído, novos métodos pedagógicos. Fez os cursos primário e complementar com brilhantismo. Sua data de nascimento no primeiro decanato de mês e de século, num dia dez, marca como um sígno sempre presente o dez, em sua longa escola da vida.

Ainda menino ajudava o pai na oficina de carpinteiro, na casinha olorosa do Macapá.

Vivo e diligente, podemos imaginá-lo separando cumarus, pereiros, emburanas, angicos, juremas para a confecção de mesas e banquinhas que eram vendidas nas feiras.

Teve seu primeiro contato com a dor, em 1924, quando perde o extremoso pai. A responsabilidade de um lar modesto pesa-lhe nos ombros. Emprega-se como caixeiro no Ponto Chic, de Solon Wanderley. Devia ter uma aparência muito agradável, dentro de um terno engomado e nós de gravatas. Desse tempo, as serenatas ao luar cantando as modinhas em voga, maltratando muitos corações românticos.

Agora, era um jovem que observava a província que amava, mas, que não proporcionava um futuro ao alcance de seus sonhos. A terra berço poucas condições oferecia ao seu espírito ávido de trabalhos e realizações.

No verdor dos anos, o amor à literatura manifestou-se como uma necessidade imperiosa. Fez os primeiros versos. Mostrava-os orgulhoso e tímido aos mestres João Celso Filho e Francisco Amorim, chegando a publicá-los na "A Cidade", de Palmério Filho, e no "Jornal do Sertão", de Pedro Amorim.

O jornalismo empolgava-o, a ponto de fundar com amigos, o Bentivi que, se marcou época na cidade do Açu lhe deu também muitos inimigos, pela ironia e arrojo de seus artigos.



Labim/UFRN

Nas horas vagas, praticava telegrafia, na esperança de um bom emprego. Seus ouvidos, bons na rima, falharam no Morse.

Em 1929, recebe convite para secretariar a prefeitura de Angicos. Ali, continua a escrever para os jornais da terra. Sua ascenção jornalística e cultural continua.

Em Angicos, casa-se com d. Maria Amélia Pinheiro, e passa a residir na fazenda do sogro. A vida bucólica não o atraia. Lê muito nesse período, entra na política, elege-se vereador à Câmara Municipal de Angicos.

Muda-se para Natal, onde pretende continuar os estudos. Faz os preparatórios no Colégio Marista, sendo um dos favorecidos pelo Decreto 100, que vigorou na época, conseguindo ser um dos primeiros da turma.

Em Natal, seu círculo de amizade crescia, através de suas relações de amizades com intelectuais e políticos. Aceita o convite para revisor de "A República". Em 1939, faz o pré-jurídico no Ginásio "Osvaldo Cruz", colaborando ali em Recife, na Folha da Manhã e no Jornal do Comércio.

Em 1942, deixa a redação de A República, para dedicar-se ao magistério público, como Professor de História da Civilização do Ateneu, onde permaneceu por longos anos.

Ainda nesse ano passou a colaborar no vespertino O Diário, onde manteve uma seção de versos — Casos do Dia — sob o pseudônimo de Elmano.

Em 1945, terminava o curso jurídico pela Faculdade de Direito do Recife. Exerceu a profissão de advogado, como digno discípulo de Têmis, acrescentando um título a mais em sua bela vida intelectual.

Em 1951, foi nomeado redator da **Tribuna do Norte**, onde manteve por longo tempo as seções **Revista da Cidade** e **A Nota da Manhã**.

A vasta cultura de Rômulo Wanderley abrange várias facetas literárias

Poeta, jornalista, conferencista, orador, professor, trovador, romancista.

Publicou em 1962 **A Arca de Noé** com o expressivo sub-título: Descrição de alguns "seres vivos" do nosso mundo político.

Em 1963 — A Geografia Potiguar na Sensibilidade dos Poetas.
Em 1964 — Canção da Terra dos Verdes Carnaubais.
O seu estro poético, impregnado no sangue como um gene das origens nós o sentimos no canto VIII.
Deus te salve, terra amada,



Labim/UFRN

berço dos meus ancestrais!
Eu morreria de mágoa
Se não te revisse mais.
Se não pudesse beijar-te
nos meus dias outonais
escutando o farfalhar
dos verdes carnaubais.

Em 1965. publica: Panorama da Poesia Norte-Riograndense.
Em 1966 — Luiz da Câmara Cascudo e os Trovadores
É uma bela homenagem prestada ao grande historiador.
Em 1967, Noções de História e Geografia do Rio Grande do Norte
Em 1968 — Romance da Vida e dos Milagres do Padre João Maria
Em 1969 — História do Batalhão de Segurança

É um magnífico documentário histórico. Diz dele Câmara Cascudo: "Rômulo Wanderley manejou com todos os recursos de sua inteligência o rico material dos arquivos, tradições orais, reminiscências e notas de raridade e valor. Escreveu com elegância, emoção, alegria participante. É um livro destinado a ficar sob todos os olhos. Avivará nas memórias presentes a viva tradição de sacrifício, coragem e honra do velho Batalhão mais de que centenário".

Deixou a ser editado o seu romance de costumes da Várzea do Açu — Tabatinga — e vários trabalhos em preparo.

Roteiro Histórico e Turístico da Cidade de Natal
Antologia dos Prosadores Potiguares
Moisés Sesiom — o Bocage Brasileiro
Histórias do Cavaleiro Roldão
Geografia do Rio Grande do Norte
Capitão J. da Penha — denodado Potiguar
Como vemos, uma vasta e polimorfa bibliografia
Ocupou cargos de alta responsabilidade em várias instituições sociais e culturais:
Membro da Associação Brasileira de Imprensa
Do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil — Secção do Rio Grande do Norte
Da Associação Norte-Riograndense de Imprensa
Professor do Colégio Estadual
Membro da Loja Maçônica "21 de Março" onde ocupou depois o cargo de Delegado do Grão Mestre Geral do Grande Oriente
Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.



Labim/UFRN

Rômulo Wanderley deixa viúva d. Maria Amélia Pinheiro Wanderley — digna companheira das lutas e vitórias, e dois filhos, os doutores, Berilo e Gilberto, e três netinhos para se perpetuarem no lema heráldico:

**Seja Sempre Um Fiel Wanderley**

Como vedes, sras. e srs., prezados acadêmicos: Pesa sobre os meus ombros uma grande responsabilidade, ao ocupar hoje a cadeira n. 16, cujos antecessores deixaram na memória do povo e no recinto desta nobre Casa raios esplendorosos de sua inteligência e saber.

Sinto-me neste momento como a violeta humilde e singela que emerge das sombras, olha o sol e tem medo de aparecer no seu jardim.

Vós me olhais. Se não posso brilhar ao vosso lado, caros confrades, procurarei perfumar as reuniões acadêmicas com o meu espírito fraternal e agradecido. E ainda vos digo:

Vou pisando com cuidado,
Os jardins do outro lado.

---

**(*) Discurso de posse na Cadeira n.° 16, da Academia Norte-Riograndense de Letras, proferido na noite de 21 de junho de 1972.**



Labim/UFRN

## SAUDAÇÃO À ACADÊMICA MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO (*)

*Veríssimo de Melo*

Sr. Presidente,

Srs. Acadêmicos:

Uma das mulheres mais extraordinárias deste século, Margaret Mead, antropóloga norte-americana, clarificou de modo muito feliz os tremendos desajustamentos de gerações e conflitos do mundo contemporâneo.

Ela observou que os novos e poderosos veículos de comunicação de massas, com os satélites e a televisão à frente, — aproximaram rapidamente os homens de todos os países, tornando este planeta, pela primeira vez, um mundo único, um mundo só, um universo realmente e não um multiverso, como era antes.

Anteriormente, o que se passava nas grandes capitais da Europa, Ásia ou América, só raramente chegava ao conhecimento de outros países. Hoje tudo que acontece de mais importante é televisionado e transmitido, na hora, para todos os quadrantes e provoca influências. E essas influências se exercem, particularmente, nos jovens, determinando impacto muito mais forte do que nos homens maduros e nos velhos. Diz ela: "Nenhuma geração pode jamais experimentar o que outra geração experimenta, e a consequência é que tanto os adultos quanto os jovens sentem-se isolados uns dos outros".

Houve, portanto, um hiato de gerações. A mentalidade dos jovens de trinta ou quarenta anos passados não podia ter a largueza, a amplitude e também as angústias do mundo de hoje. Outra foi a sua experiência. Esse isolamento entre as gerações se acentua em relação aos avanços da tecnologia e consequentemente da mentalidade dos jovens de hoje. Houve uma mudança gigantesca de comportamento em todos os sentidos, motivada pelas influências recíprocas de todas as principais nações do mundo.



Labim/UFRN

Há os que ainda não aceitam essas transformações e se insurgem contra os jovens e contra o mundo em mudança.

Noutras palavras, este é o pensamento de Margaret Mead, para esclarecer o que o próprio mundo ainda não conseguiu entender. Com este fato, queremos destacar como é notável a contribuição de uma mulher superior, para nos ajudar a compreender as aparentes contradições dos nossos tempos. Na verdade, não ha contradição de espécie nenhuma. Há, sim, uma mudança brusca e terrível de comportamento, cavando um abismo de experiências entre as gerações. Mudança que invade a toda hora os nossos lares, contaminando crianças e jovens principalmente, — porque os velhos ou não mudam ou custam a mudar.

Quem assim nos conscientiza para os mais graves problemas não envelheceu. Permanece lúcido e fecundo, oferecendo a todos os homens lições magistrais, como esta.

No plano de nossa pequenina província, — nos desculpem, mas aqui também é mundo, — a eleição de Maria Eugênia Maceira Montenegro à Academia Norte-Riograndense de Letras não teve rio, — aquele que permite o ingresso do elemento feminino neste apenas a significação do cumprimento de um dispositivo estatutácenáculo. O acontecimento nos sensibilizou muito mais pelo alto e nobilitante significado do papel da mulher na atualidade, o que é uma das conquistas do século XX.

Nesse sentido, — nos permitam dizer, — é lamentável que a ilustre Academia Brasileira de Letras continue sendo alvo de críticas as mais severas, pelo fato de persistir mantendo, em seus estatutos, disposição completamente absoleta para a nossa época: A proibição de mulheres em seus quadros.

Há quem justifique o anacronismo afirmando que é norma tradicional, que vem ainda dos primeiros estatutos formulados inclusive pelo fundador da casa Machado de Assis. Convêm lembrar que, daqueles velhos tempos até hoje, tem ocorrido permanente e esfusiante evolução em todos os sentidos. Evolução que tem colocado a mulher no mesmo nível de igualdade dos homens, quando não os suplantam. O hiato de gerações, de que falava Margaret Mead, bem justifica a atitude conservadora dos membros da Academia Brasileira de Letras. Porque não mais se entende a discriminação do sexo feminino em qualquer setor da vida pública e social, sobretudo naquelas tarefas mais nobres e dignificadoras da condição humana: O exercício das letras, a prática da cultura em todos os seus gêneros.



Labim/UFRN

Sabia, portanto, foi a determinação introduzida nos antigos estatutos da nossa Academia, incluindo já duas ilustres conterrâneas, Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, como fundadoras da instituição. E nem poderia ser de outra forma, tendo-se em vista que as duas poetisas, que honram esta casa, já acompanhavam todos os movimentos que, na época, se desenvolviam pelos homens de letras que idealizaram e fundaram esta Academia. Excluí-las, naquela hora ou depois, seria cometer injustiça imperdoável e discriminatória.

O ingresso, agora, de Maria Eugênia Montenegro nesta casa de cultura é, por conseguinte, coerência na linha de conduta dos que fazem a instituição, atentos sempre e cada vez mais para os novos valores que surgem no Estado, no campo das letras.

É oportuno relembrar, mesmo brevemente, a ação cultural da escritora e poetisa que hoje recebemos, residindo há vários anos no interior do Rio Grande do Norte, onde também oferece contribuição generosa a obras assistenciais.

Mineira de Lavras, filha do português sr. Bernardino Maceira e sua esposa d. Ricardina Maceira, a menina-moça Maria Eugênia ligou-se definitivamente ao Rio Grande do Norte em consequência do seu matrimônio, em 1938, com o dr. Nelson Borges Montenegro, conhecimento que se verificou ainda na época em que o nosso conterrâneo estudava agronomia na Escola Superior de Agricultura, em Lavras.

Maria Eugênia já então se diplomara normalista pelo Colégio Carlota Kemper, do Instituto Gammon de Lavras e exercia intensa atividade social na sua cidade de origem. Na realidade, ela realizava a expansão de seu temperamento extrovertido, cultivando os valores estéticos em todas as suas formas e aprimorando seus conhecimentos literários e artísticos.

De um momento para outro, pela mão do seu esposo dr. Nelson Montenegro, foi conduzida ao Rio Grande do Norte, passando a residir na Fazenda Itu (Picada), de 1939 a 1958, no município de Ipanguaçu. Diga-se de passagem que nem sempre as jovens damas do sul, que se transportam ao nordeste, se adaptam facilmente à existência interiorana. A tendência mais comum da mudher de outras áreas brasileiras é arrastar o marido para sua terra de origem. Maria Eugênia, pelo seu gênio dócil e virtudes de inteligência, adaptou-se tranquilamente à nova vida, passando a ser colaboradora eficiente e ativa do marido, nos serviços assistenciais. Nos seus instantes de lazer, estudava, lia, fazia música, pintava e preparava



Labim/UFRN

A versatilidade de Maria Eugênia está assim configurada, através dessas inúmeras atividades, o que sempre soube fazer sem alardes, sem publicidade, quase como num entretenimento cordial entre a família e amigos. A modéstia, a simplicidade, a singeleza são traços característicos da personalidade da nova acadêmica.

Vivendo tantos anos no Rio Grande do Norte, Mária Eugênia manteve, todavia, acesa a chama de seu amor à terra berço. Além de assídua correspondência, enviava colaboração aos jornais locais, como "A Gazeta" e "Tribuna de Lavras", assinando artigos e poemas. Em 1970, por esses motivos, seus conterrâneos a distinguiram, elegendo-a para a cadeira n. 7 da Academia Lavrence de Letras.

Sua colaboração à imprensa se estende ao Açu, entre outros jornais, no "OLIMPICUS", "O VAQUEIRO" e "A MUTUCA"; e, em Natal e no Recife, colaborou no "Diário de Natal", Tribuna do Norte", "Diário de Pernambuco" e "Jornal de Poesia".

Num questionário que apresentamos à escritora, para conhecer, um pouco, suas preferências, ela enumerou nestas palavras o que mais gostava e gosta, como se fosse um poema: Flores, crianças, pássaros, crepúsculos, ter amigos, viajar, ser útil, cinema, silêncio e chuva". Em contrapartida, indicou também o que não gostava: "Hipocrisia, ignorância, sábado, despertador, madrugar-me, visitas protocolares, sol, pedir carona, esperar, preguiça".

Em traços leves, mas cremos que sugestivos de sua personalidade, assim vislumbramos a nova acadêmica, que substitui na cadeira n. 16 o nosso saudoso companheiro Rômulo Wanderley, ainda tão lembrado por todos nesta casa.

Ornamentando e valorizando a nossa instituição, a partir de hoje, com a sua insinuante presença, Maria Eugênia Montenegro será também representante legítima de Minas Gerais e sobretudo do Açu, entre nós, esperando-se que continue a revelar à nossa terra os valores velhos e novos que fizeram ou fazem a inteligência e a grandeza daquele município, ao lado de suas peculiaridades e tradições seculares.

No momento solene e inesquecível de sua posse na Academia, nós temos a honra e a alegria de apresentar à nova e brilhante acadêmica Maria Eugênia Maceira Montenegro as saudações mais afetuosas da instituição, com os votos de felicidade pessoal extensivos às exmas. famílias Maceira e Montenegro.

(*) **Lido em sessão solene da Academia, na noite de 21 de Julho de 1972**



Labim/UFRN

# A ACADEMIA E O INSTITUTO NO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

*Otto Guerra*

A Academia Norte-Riograndense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do RGN vêm trazer a sua colaboração, simples e espontânea, às festas comemorativas do sesquicentenário de nossa Independência política, promovendo esta reunião, a que tantas presenças abonadas vêm dar brilho singular.

Nos antecedentes do 7 de setembro de 1822, na consolidação de nossa Independência, na estruturação crescente do novo Estado, sempre esteve presente a figura do intelectual, junto àqueles outros personagens, também marcantes, quais sejam os pragmáticos, os homens de ação, militares ou civis.

Por vezes, é difícil distinguir uns e outros, o intelectual e o pragmático, porquanto o mundo da cultura e do pensamento e o mundo da decisão imediata, da composição ante os fatos, podem fundir-se na mesma pessoa.

É o caso, por exemplo, do jornalista. Na redação do seu periódico, ele está ao mesmo tempo voltado para o pensamento e para o mundo todo que o cerca, em comunhão permanente com ele, sentindo-lhe as palpitações, para poder bem informar e bem influir sobre a opinião pública.

Na preparação da nossa Independência, assinalam com razão os historiadores, o jornalismo foi instrumento precioso, simbolizado muito bem na pessoa de Joaquim Gonçalves Lêdo. Recorda-se o seu artigo de 30 de abril de 1822 quando, dirigindo-se ao Príncipe d. Pedro, escrevia, incisivo e cortante: "Não desprezes a glória de ser o fundador de um novo Império".

Dentre os homens de cultura, podemos tomar dois para uma rápida análise do seu papel marcante. Um deles foi o visconde de Cairu, o outro, o principal, José Bonifácio.

Vejamos o primeiro, José da Silva Lisboa, professor, jornalista, poeta, advogado, economista, político, magistrado. Como todos sabem, foi o inspirador máximo do ato de abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional livre.



Labim/UFRN

Fato que ocorreria logo ao recebermos, ainda colonia, o rei d. João VI e sua côrte, transmigrados de Portugal, e que permaneceriam no Brasil por 13 anos. Um transplante de mais de dez mil pessoas, a montagem, na colonia, de toda uma estrutura governamental suprema, o espalhar de costumes e mentalidades bastante diferentes daquelas que apresentavamos.

Esse decreto de 28 de fevereiro de 1808, que Euclides da Cunha denominaria de verdadeira revolução liberal, traria repercussões profundas de ordem economica imediata, mas tambem de natureza cultural e política, sobretudo tendo-se em vista o afluxo, que provocou, de novas correntes de pensamento, europeias e norte americanas, em contraste com a mentalidade colonial dominante.

Cairu, que foi também um dos pioneiros dos estudos economicos em nossa terra, tornou-se um dos assessores de d. João VI. E graças a essa influencia, surgiriam outras medidas que apressariam a independencia da Colonia. Entre elas, o estabelecimento de fábricas, que a estreita legislação colonial vedava, sob pretexto de que a atividade industrial prejudicava a expansão da agricultura e da mineração, a criação da imprensa régia, a instalação do Banco do Brasil, as primeiras escolas superiores.

A propósito, cabe aqui uma digressão. Terá sido d. João VI, consciente ou inconscientemente, um dos instrumentos de nossa emancipação política? O abalisado historiador José Honório Rodrigues contesta essa tese, que ele denomina conservadora, segundo a qual o rei d. João fôra "senão o primeiro fundador, pelo menos o verdadeiro fundador do Império", conforme a expressão textual de Varnhagen, opinião reforçada pelo douto Oliveira Lima e por João Camilo de Oliveira Torres. Para este último "não houve solução de continuidade entre a Colonia e a Independencia, em virtude da lenta, segura e suave evolução traçada por d. João VI".

Segundo a tese liberal, defendida por José Honório Rodrigues, só o povo, senhor da soberania nacional, podia dar a corôa a d. Pedro, como podia ter preferido a República. No seu entender, "d. João é o grande obstáculo à Independência e a sua partida desembaraça as dificuldades, anima os patriotas, permite o encontro de todos os revolucionários, os sobreviventes dos antigos movimentos libertadores, desde 1789 e os da época, republicanos, liberais, radicais e até conservadores, cujos interesses econômicos os faziam partidários da liberdade comercial, ameaçada pela rebelião liberal-burguêsa de 1820 em Portugal".

Eis um tema vivamente polemico, ficando a opção para os estudiosos de nossa história, parecendo-nos que, ainda aqui a verdade



Labim/UFRN

não se encontra nos extremos. Como quer que seja, acreditamos que o povo, sozinho, sem líderes, que lhe interpretassem os sentimentos não teria trazido a nossa Independencia, pelo menos no recuado ano de 1822.

Entre esses líderes, avulta a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, homem de pensamento, mas também um estadista, um político, na acepção nobre e exata do termo.

Bonifacio soube aliar qualidades superiores de um homem profundamente culto, a um conhecimento penetrante e tático da realidade brasileira. Conhecimento que tantas vezes tem faltado, no decorrer de nossa história, a muitos politicos e estadistas, como assinalaram Alberto Torres, Oliveira Viana e outros mais modernos.

Referindo-se aos homens da monarquia, escreve por exemplo Cândido Mota Filho: "Os nossos pensadores desse tempo, com raras exceções, como um Bernardo de Vasconcelos, um Tavares Bastos, um Mauá, um Torres Homem, um Nabuco, — foram homens incapazes de perceber a realidade que os cerca, devido, em parte, ao romantismo da época e à natural crise das pátrias criadas por uma transplantação".

Também José Bonifacio, repitamos, foi um desses realistas não romanticos. Preocupou-se, desde cêdo, com o problema da escravidão negra. Com a situação dos indios, ainda hoje um desafio, apezar de todos os esforços dispendidos. Com a proliferação dos latifundios, cuja divisão preconizava, mediante um adequado plano de colonização e uma legislação conveniente, a que somente agora estamos chegando, com o Estatuto da Terra, o Prorrural e o Proterra. Deu, também, um alerta contra a destruição dos recursos naturais, especialmente as florestas, tema hoje da maior atualidade e importancia. Preocupou-se com a pesca, com a navegação, num país de litoral tão extenso, com a boa localização das cidades e os problemas de urbanismo, com os serviços do abastecimento dagua, com o desenvolvimento da mineração e chegou a defender a necessidade de fixar-se a capital do pais no interior.

Ressalte-se, por fim, seu interesse em pról da integração social, um dos temas mais quentes, passados 150 anos, pela melhoria da alimentação do povo clamando em frase cortante: "No Brasil, disse, há um luxo grosseiro, a par de infinitas privações de coisas necessárias".

Sem duvida, muito devemos a essa visão realista dos problemas nacionais, à sua capacidade politica de resolver dificuldades e intransigencias, na implantação e na construção do Imperio brasileiro, exemplo magnifico de unidade, frente ao esfacelamento do dominio espanhol na America do Sul.



Labim/UFRN

José Bonifacio e os irmãos, observa Otavio Tarquinio de Souza, "viram na pessoa do Principe regente o instrumento mais idoneo para atingir a independencia sem sacrificio da unidade brasileira e com um mínimo de comoção".

Se dos homens de pensamento passarmos aos pragmáticos, parece que ninguem os representará melhor, naquela quadra da Independencia, do que o próprio d. Pedro I. E' uma personalidade curiosa, já muito bem estudada sob as facetas mais diferentes, boas e más, também romanceada e por vezes até mesmo distorcida. Dele nos deu Otavio Tarquinio de Souza um retrato de corpo inteiro, numa obra já hoje clássica, integrante de sua História dos Fundadores do Império.

Realmente, a vida de d. Pedro, a sua tipologia, oferecem material abundante para estudos ricos de conteudo. Cheio de contrastes, do arrebatamento mais impulsivo à humildade de um simples, muita coisa se explica pela educação recebida.

Ele viveu, como se sabe, no seio de uma familia, a de seus pais, cheia de problemas, ou, como se diria na linguagem moderna uma familia profundamente desorganizada.

Com efeito, sabe-se que d. João VI e d. Carlota Joaquina nunca se entenderam. Seu casamento, como tantos outros enlaces de principes, fôra pura obra da diplomacia. Carlota Joaquina era feia (quase horrorosa, diz Otavio Tarquinio de Souza), baixinha (um metro e quarenta e sete centímetros), com escoliose visível. E ao casarem era ainda menina, pois contava apenas dez anos de idade, andando seu marido pelos dezoito.

Apezar de casados, houve uma prévia e prudente separação de corpos, pelo espaço de cinco anos.

São fatos, todos estes, que não concorrem mas ão contrário dificultam o adequado e indispensavel ajustamento de um casal, que se tomaria de crescente aversão recíproca, no correr dos anos.

Casados em 1785, o principe d. Pedro não é dos primeiros rebentos desse par, que teria ao todo nove filhos. Ele nasceria a 12 de outubro de 1798, quando a ojeriza recíproca dos pais já se aprofundara, com repercussões facilmente imagináveis sobre a personalidade do filho, cujas falhas de educação o próprio d. Pedro não escondia.

Em carta ao visconde de Barbacena, escrita em 1827, Pedro I, falando-lhe do filho, que seria o futuro d. Pedro II e dos cuidados que havia tomado para ministrar-lhe uma boa educação, desabafava, com sincera simplicidade: "Eu e o mano Miguel havemos de ser os últimos maleriados da familia".



Labim/UFRN

Também a sua saude não era das melhores e Otavio Tarquinio de Souza chega mesmo a falar num temperamento neurótico.

Ainda aqui o desajuste familiar deve ter entrado com sua parcela de responsabilidade. Segundo os entendidos nesses problemas, a familia é o meio afetivo ideal, oferecendo uma indispensavel "vitamina psicológica".

Analisados, de maneira sumária, tres vultos marcantes de nossa Independencia, vale recordar que a história não se faz, tão só, pela atuação dos herois, dos chefes, dos líderes, mas principalmente pelo viver cotidiano do povo, pelas suas qualidades básicas e até por seus defeitos.

Se é verdade que cada pessoa tem um papel na vida, papel que ou desempenha ou terá falhado em sua missão, é lícito achar que existe igualmente um papel para cada nação, na comunidade mundial.

Do brasileiro já se disse que somos um povo cordial, de grandes qualidades humanas, distinguindo-se pela lhaneza no trato, pela hospitalidade, pela generosidade, "expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante", na expressão de Sergio Buarque de Holanda.

Estas virtudes e qualidades permitem alimentarmos sentimentos de confiança em nosso futuro, no povo brasileiro, se forem adequadamente aproveitadas e não distorcidas, para o esforço de desenvolvimento integral, de que seja o homem, sempre, o ponto central, esforço em que está seriamente empenhada a nação brasileira

A boa qualidade dos elementos raciais formadores da cepa de nossa nacionalidade é o lastro, o alicerce, a pré-condição para um desenvolvimento equilibrado e ao mesmo tempo extraordinário, à luz do humanismo cristão.

Somos uma democracia racial, em que pesem orgulhos bôbos de branquidade discutível, em certos grupos ou pessoas. Pois a mistura, em todos nós, numa escala maior ou menor, do branco, do negro e do indio, e, após o surto imigratório, sobretudo no sul do país, das novas contribuições européias ou orientais, tudo isto põe por terra aquelas vãs pretensões de pureza de raça e documenta um fusionismo étnico, em que os componentes dificilmente poderão distinguir-se.

Daí porque um estudioso dos nossos problemas, do porte de Lynn Smith, chega a dizer que somos, no Brasil, um verdadeiro "caldeirão racial". E da mistura nesse caldeirão, em permanente ebulição, têm surgido exemplares magníficos, que honram a qualquer povo.

Infelizmente, nós temos a tendencia de olhar mais para as coisas erradas, para as deficiencias, para o patológico, do que para as coisas boas. Ninguem nega que temos, no Brasil, um mundo de pro-



Labim/UFRN

blemas. Que há miséria, que há fome, que há doenças, que existe analfabetismo, fatalismo, curandeirismo e assim por diante. Mas é preciso reconhecer que já foi muito pior. Que evoluimos bastante. E que se está procurando corrigir. O terrivel é quando as falhas existem e não há consciencia delas e, mais grave, quando nem se procura eliminá-las.

Não temos, por conseguinte, o direito de descrer desta nossa terra, nem da nossa gente, nem do nosso futuro. O importante é que cada um de nós, na medida de suas forças, saiba cumprir aquilo que a sociedade espera de cada um.

**Discurso pronunciado no Salão Nobre da Academia, no dia 25 de Setembro de 1972.**



Labim/UFRN

## SÀUDAÇÃO A WALDEMAR DE ALMEIDA BARBOSA (*)

*Walter Wanderley*

**Senhores Acadêmicos:**

A nossa Casa está em festas. Recebe, hoje, o escritor e historiador mineiro, prof. WALDEMAR DE ALMEIDA BARBOSA.

Conheci-o através de nosso eminente colega, Acadêmico Raimundo Nonato. E, desde então, temos tido, na capital mineira, os melhores contatos no campo social como no intelectual.

Autor de importantes livros que têm enriquecido a literatura mineira e marcado sua presença, sempre brilhante, nas letras de sua terra, a exemplo desse **DICIONÁRIO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS, A BANDEIRA DE MINAS GERAIS, A VERDADE SOBRE TIRADENTES, DORES DO INDAIÁ DO PASSADO, GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA DO BRASIL, A CAPITANIA DE MINAS GERAIS, OS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS E A QUESTÃO RELIGIOSA NO BRASIL, A DECADÊNCIA DAS MINAS E A FUGA DA MINERAÇÃO, NEGROS E QUILOMBOS EM MINAS GERAIS, MINAS E A INDEPENDÊNCIA,** dentre outros, são livros dos mais importantes, pelos temas e substância, dentro da literatura do grande Estado montanhês.

Homem do interior, alma boa e simples, nascido nessa encantadora DORES DO INDAIÁ que tem para ele aquela ternura que todos temos pelas cidades natais, a cuja terra dedicou um livro primoroso, como fazemos aqui com as nossas, a exemplo de Cosme Lemos, através de um livro de minha autoria, cantando as belezas de Mossoró, saudando a claridade intensa de seu sol, de Edinor Avelino, em outro livro meu, no seu cântico emocional repleto de ternura a essa Macau — a terra calma e boa —, de M. Rodrigues de Melo dizendo da sociologia e da ternura da **Várzea do Açu** num livro primoroso em que extravasa o seu amor de varzeano eternamente enamorado daquelas terras onde passou **"os melhores anos de sua vida"**, de Lauro Pinto no relato proustiano em **Natal que eu vi** ou Celso Caldas



Labim/UFRN

em Natal do meu passado, do mestre Luís da Câmara Cascudo em **História da Cidade do Natal**, Vingt-Un Rosado com MOSSORÓ, Raimundo Nonato com MOSSORÓ NO ESPAÇO E NO TEMPO, Aurélio Pinheiro com esse romance MACAU que suscitou tantos debates, tendo merecido do Acadêmico Américo de Oliveira Costa um estudo magnífico, de Nilo Pereira com esse telúrico IMAGENS DO CEARÁ MIRIM, onde retrata o vale esplendoroso, dentro da sua saudade emocionalmente ligada à sua infância. E são tantos os que, como o autor de DORES DE INDAIÁ DO PASSADO têm exaltado sua terra, podendo dizer-se o verso primoroso: **"Todos cantam sua terra/Também vou cantar a minha/Nas débeis cordas da lira/Hei de fazê-la rainha"**.

Pois, senhores, é este historiador e escritor de Dores do Indaiá que, como tantos de nós, um dia deixou a sua terra para fixar-se na capital mineira, onde o espaço é maior para os seus grandes vôos no campo da literatura, professor universitário, membro da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, nome de alta projeção nas letras mineiras, querido e admirado, que trouxemos para receber as nossas homenagens

A seu convite, o presidente Manuel Rodrigues de Melo, o escritor Raimundo Nonato e eu fomos recebidos, lá em Belo Horizonte, numa sessão conjunta da Academia Mineira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. Todos nós exaltamos o Rio Grande do Norte, dissemos o que fizeram os nossos escritores no panorama da literatura regional, saudados que fomos pela palavra sempre brilhante do nosso homenageado de hoje.

Por isso temos insistido tanto nessa visita. Hoje, para alegria nossa, foi possível concretizá-la. E aqui recebemos o prof. WALDEMAR DE ALMEIDA BARBOSA com esse calor que ele encontrou desde Mossoró, calor humano de terras e gentes que se juntaram num só ramalhete para testemunhar-lhe o agrado dessa visita e início de uma amizade que só tem motivos para continuar.

E a nossa Academia Norte Rio-grandense de Letras não quis que esse contato ficasse, tão somente, nos discursos protocolares. Foi mais adiante. Concedeu ao prof. WALDEMAR DE ALMEIDA BARBOSA o diploma de sócio-correspondente lá nas Alterosas, onde as montanhas e o Céu quase que se encontram para o beijo da natureza ao seu Criador, por ter agraciado aquela terra com o encanto da Mantiqueira e a beleza do Itacolomi, paisagens que encantam nossos olhos dentro dessa singular simbiose.

Seja benvindo a esta Casa, prof. WALDEMAR DE ALMEIDA BARBOSA. Seja o Rio Grande do Norte mais uma de suas terras, porque nós que escrevemos, telúricos e sentimentais, temos muitas e



Labim/UFRN

receba nesta noite festiva, além desse diploma que lhe outorgamos prazeirosamente, o abraço fraternal de seus irmãos potiguares e o desejo de que volte sempre para as nossas merecidas homenagens.

---

**Saudação ao Professor Waldemar de Almeida Barbosa, por ocasião de sua visita a Natal, no dia 2 de outubro de 1972.**



Labim/UFRN

# MINAS E OS MINEIROS (*)

*Waldemar de Almeida Barbosa*

Convidado a falar-vos por três amigos norte-riograndenses, Walter Wanderley, Raimundo Nonato e Manuel Rodrigues de Melo, julguei mais acertado trazer-vos algumas notícias históricas da minha província natal, Minas Gerais.

Podemos dizer que mesmo os mineiros em grande parcela, não conhecem a formação histórica de Minas, repleta que está sua história de lendas e fantasias.

Minas Gerais surgiu daquele "rush" que resultou da descoberta das minas de ouro.

Diversas entradas, oriundas do Norte, devassavam o território das Minas Gerais, em tentativas infrutíferas, para localizar riquezas minerais. Em vista do fracasso dessas entradas, organizadas na Bahia, passaram os bandeirantes a partir do Sul, isto é, de São Paulo.

Das bandeiras oriundas de São Paulo, a mais famosa foi, sem dúvida, a de Fernão Dias Pais, cujo 3.º centenário será, em breve, comemorado.

Com o incentivo da coroa, continuaram os bandeirantes paulistas, depois de Fernão Dias, a procura das ambicionadas riquezas minerais, até que, entre 1693 e 1695, foram descobertas, afinal as cobiçadas minas de ouro. Teve início, então, o famoso "rush", passando a vir gente de São Paulo, do Rio, da Bahia, de Pernambuco, do Piauí, de Portugal, das Índias. Foi tanta a gente que saiu de Portugal com destino às Minas do Ouro, que, em 1732, uma representação do Conselho Ultramarino pedia ao rei uma providência urgente, pois que, do contrário, dizia textualmente, "se despovoará o reino".

E vieram os conflitos entre os descobridores das minas e os forasteiros, surgiu a famosa guerra dos Emboabas, que ensanguentou as terras mineiras, por volta de 1708 e 1709. Nessa luta pela posse das minas, venceu o mais forte. E porque nas disputas comuns normalmente vencia o mais forte, surgiu a necessidade de se criarem auto-



Labim/UFRN

ridades que pusessem ordem entre os mineiros. Essa razão que levou o Governador da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, D. Antônio de Albuquerque, a criar as primeiras vilas, com suas justiças: Ribeirão do Carmo, que é a atual cidade de Mariana, Ouro Preto e Sabará.

O povo das Minas Gerais, desde o seu nascedouro, formou seu espírito, no meio de conflitos. Os levantes populares eram frequentes.

No início do nosso povoamento, havia essa instituição admirável, que eram as Câmaras Municipais, constituídas exclusivamente dos chamados "homens bons". Uma atitude incorreta do Ouvidor, de qualquer outra autoridade, até mesmo do Governador da Capitania, motivava reunião da Câmara, que convocava todos os homens bons da vila, os nobres e, em conjunto, tomavam decisões importantes, inclusive a deposição do Governador.

Desses levantes tão comuns em Minas Gerais, o mais famoso foi o de 1720, impropriamente chamado levante de Felipe dos Santos, porque este foi o único enforcado e esquartejado.

O movimento de 1720 foi motivado exclusivamente por interesses particulares de um grupo de portugueses, jamais teve a animá-lo a menor parcela de sentimento nativista. Isto não impediu que muitos escritores tentassem colocar Felipe dos Santos como o primeiro mártir da Independência. A História, costumava dizer nosso saudoso Augusto de Lima Júnior, é campo cheio de turistas, que escrevem o que lhes vem à telha, sem o menor respeito pela verdade dos fatos. Mesmo aqui no Nordeste, em Pernambuco, um tal Codeceira pretendeu, seguindo as pegadas de Joaquim Norberto de Souza Silva, apresentar Felipe dos Santos como legítimo protomártir da Independência, em vez de Tiradentes. Codeceira foi um dos turistas da História.

Até 1720, Minas e São Paulo constituiam uma só Capitania. Mas, a agitação permanente nas Minas exigia a presença constante do Governador; este, pois, passou a residir em Ribeirão do Carmo que se tornou de fato, a capital da Capitania de São Paulo e Minas do Ouro.

Mas São Paulo passou a ressentir-se da falta de um governo próprio; isto levou a Coroa, em 1720, a separar São Paulo da Capitania das Minas do Ouro. Foi, pois, em 1720, que surgiu a Capitania de São Paulo, com seu governo próprio; e surgiu a Capitania de Minas Gerais, autônoma.

As divisas entre as duas Capitanias constituiram problemas dos mais sérios. Sofremos a invasão de autoridades paulistas, houve reação militar nas Minas e houve também soluções provisórias. Basta dizer que, no período colonial, tivemos, creio, seis diferentes li-



Labim/UFRN

nhas divisórias com São Paulo; e só conseguimos solução definitiva para o problema no período republicano, já em nosso século.

Contam até que, certo fazendeiro, homem rústico, sem instrução, na ocasião em que os engenheiros passaram a executar a definitiva divisa entre os dois Estados, creio em 1914, recebeu, com grande desgosto, a notícia de que a sede de sua fazenda ficara localizada dentro do território paulista. Pediu com empenho, aos engenheiros, dessem um jeito, pois sempre se considerara mineiro, e como iria passar a residir em São Paulo!... Pediu, implorou inutilmente, queria continuar morando em território mineiro; os engenheiros limitavam-se a explicar que nada podiam fazer, apenas executavam o laudo arbitral... O fazendeiro, que nem sabia o que vinha a ser laudo arbitral, exclamou, afinal, como último argumento: Mas, doutor, eu não me dou com o clima de São Paulo...

Mesmo com a presença de um Governador, este só conseguiu impor sua autoridade, só foi capaz de assegurar o cumprimento de suas ordens, depois que passou a dispor de tropas.

Com o ouro das minas, pôde a Coroa realizar a obra notável de centralização administrativa; e os Juízes de Fora nomeados no Norte, no Sul, na Bahia, em Minas, por toda a parte, aos poucos, acabaram com a decantada autonomia das Câmaras Municipais. Presidindo as assembléias de vereadores, os Juízes de Fora puseram fim à independência dessas Câmaras.

O ouro foi o centro em tôrno do qual girou a vida das Minas Gerais, em todo o século XVIII.

Na segunda metade desse século, com a decadência das Minas e a queda brusca na produção do ouro, teve início a troca dos instrumentos da mineração pelos da lavoura. Começaram a surgir as fazendas de plantação e de criação de gado e, desta forma, iniciou-se outra fase da história da Capitania das Minas Gerais, a fase da expansão do seu território. Foi nessa época que passou a ser povoada a margem esquerda do rio São Francisco, o chamado lado de Pernambuco. Minha cidade natal, Dores do Indaiá, colocada na margem esquerda do São Francisco, situada na zona chamada do Alto São Francisco, pertenceu, até um século atrás, ao bispado de Pernambuco.

Foi já nos princípios de século XIX, que todo o Triângulo Mineiro, povoado por mineiros, é verdade, pediu e obteve de D. João fosse integrado no território das Minas Gerais.

A História da minha província anda cheia de lendas e fantasias; e uma dessas lendas, repetida até nas páginas venerandas da Revista do Arquivo Público Mineiro, é da passagem do Triângulo para Minas. A história é de ontem. É recente. No entanto, ainda existem os que escrevem que essa transferência foi pleiteada e conseguida por uma



Labim/UFRN

tal D. Beija. É um grande jornalista, Assis Chateaubriand, promoveu, a criação, em Araxá, do Museu de D. Beija.

Quem era essa D. Beija? O nome já o indica. Era uma prostituta, um tanto vivaldina, que ajuntou bastante cabedal, mas jamais teve a menor parcela de influência na História de nossa terra.

Infelizmente, continuam as lendas a predominar em nossa História.

Vejamos, por exemplo, o movimento mais bonito de nossa história, infelizmente pouco conhecido no seu legítimo significado: a Inconfidência Mineira. A maioria das obras publicadas sobre a Inconfidência Mineira foge inteiramente à verdade histórica. E por que? Explico:

Em 1870, teve início, no Brasil, a propaganda republicana. E os primeiros republicanos históricos apresentavam Tiradentes como seu ídolo, como o mártir do ideal republicano. Um deles, dr. Pedro Bandeira de Gouveia, apresentou a idéia de se levantar uma estátua a Tiradentes no Rio de Janeiro. Pois bem, um monarquista apaixonado, amigo pessoal de D. Pedro II, alto funcionário de uma Secretaria do Estado que era o que chamamos hoje de Ministério, Joaquim Norberto de Souza Silva, se dispôs a escrever um livro, com a finalidade de provar que Tiradentes não merecia uma estátua na Capital do Império. E assim, surgiu, em 1873, a HOSTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA. O autor explicou em artigo publicado na imprensa do Rio, que sua obra tinha por fim provar que Tiradentes não merecia uma estátua na Capital do Império. O livro, portanto, era mais político que histórico. Joaquim Norberto falsificou episódios, deturpou fatos, citou trechos isolados de depoimentos, visando a distorcer-lhes o sentido, enfim, conseguiu de fato, desta forma, pintar um Tiradentes moleque, irresponsável, que pôs a Inconfidência Mineira a perder. Tem-se a impressão nítida de que Norberto supôs que ninguém mais, em tempo algum, se daria ao trabalho de ler os Autos da Devassa e portanto, poderia deturpar a história à vontade.

Pois bem, esse livro de Norberto, a HISTÓRIA DA CONJURAÇÃO MINEIRA, foi a fonte onde se abeberaram quase todos os nossos historiadores e compendiadores que, nas suas obras, apresentam um Tiradentes falsificado, tanto no físico, como no moral.

O interessante é que Norberto, de tudo quanto afirma, cita a fonte: e o leitor é levado naturalmente a acreditar na fonte citada. Pois bem, eu me dei ao trabalho de conferir todas as 1.228 notas do livro e pude concluir com sinceridade: houve má fé do autor. E esse livro, de finalidade exclusivamente ideológica, não histórica, mereceu ser reeditado pelo Instituto Nacional do Livro.



Labim/UFRN

Há cerca de 12 anos, quando publiquei o primeiro trabalho sobre o assunto, o livro A VERDADE SOBRE TIRADENTES, vim-me sustentando uma luta de esclarecimento a respeito. Resultado? Magnífico. Eis a prova:

Pedro Calmon, homem que admiro e respeito, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, num de seus primeiros livros, a HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, vol. 14 da coleção Brasiliana, no capítulo sobre a Inconfidência Mineira, escreveu um resumo da obra de Norberto: a Inconfidência foi um sonho de poetas, Tiradentes não passava de um louco que, admitido na conspiração, pôs tudo a perder, era um irresponsável, falador que não escolhia hora, nem local, nem a pessoa a quem falar; enfim, falou da conspiração a Joaquim Silvério e este, então, fez a denúncia.

Pois bem, o mesmo Pedro Calmon, na sua HISTÓRIA DO BRASIL, em vários volumes, editada recentemente, já conta a história da Inconfidência com mais fidelidade, narra com exatidão de quem o denunciante ouviu pormenores sobre a conspiração, já não chama Tiradentes de "desassisado".

Meus amigos, essa série de conflitos, levantes, sedições e conspirações, a que me referi, tornou o mineiro um tipo essencialmente reservado e desconfiado. É possível que para isto tenha influído um pouco o sangue indígena, que trazemos nas veias.

Elisée Reclus, escrevendo sobre os mineiros, informa que descendem de paulistas puros ou mestiçados, parte de portugueses imigrados, vindos pelo Rio de Janeiro; e conclui assim: "os outros elementos, de origem européia só tiveram diminuta parte no povoamento do país das Minas".

Elisée Reclus não menciona a ascendência indígena, mas, como regra geral, aqueles que tiveram pai paulista, ou português tiveram mãe índia.

Pois bem, esses mineiros, humildes tabaréus, vulgarmente chamados "roceiros", pelos viajantes estrangeiros ou groteiros, como outros dizem, "caipiras" ou matutos, segundo outros, "jecas" — são tantos os apelidos que têm recebido — são afinal de contas, homens que se consideram escravos da palavra dada, honestos, retraídos, pouco expansivos, sobretudo com estranhos; humildes, sim, mas têm a honra à flor da pele. Um ditado popular diz que o mineiro dá um boi para não entrar numa briga; mas, depois que entra, dá dois bois para não sair...

Acha Gilberto Freyre, não sei se com razão ou não, que o "simplismo no mineiro é só aparência: dentro é como se fosse um interior de igreja bizantina". E acrescenta com maldade o grande sociólogo de Pernambuco que o tipo do mineiro "é um dos mistérios da psicolo-



Labim/UFRN

gia regional brasileira, que estão a exigir pesquisas mais freudianas e mais proustianas..."

A honestidade do roceiro é um ponto pacífico. A desconfiança existe principalmente com estranhos.

Belo Horizonte, que é uma cidade cheia de mineiros do interior, mostra diariamente a desconfiança do mineiro, nas esquinas, onde há sinais de trânsito: o mineiro não olha se ali está um "siga", verde, ou um "pare" vermelho. Não, ele olha se vem carro ou não vem carro. Ele não acredita no sinal.

Exemplo típico do mineiro retraído, nós o temos na vida de José Joaquim da Rocha. O nome, creio, vos é desconhecido; no entanto, foi o verdadeiro artífice da nossa Independência. Foi José Joaquim da Rocha, segundo depoimento de Antônio de Meneses Vasconcelos de Drumond, e segundo se lê em um manuscrito que se encontra no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quem idealizou um plano de fazer a Independência do Brasil, e, apoiado pelos amigos, levou-o à prática. Primeiramente, idealizara fazer a independência em 12 de outubro de 1821, data natalícia de D. Pedro, quando se pretendeu aclamá-lo imperador. Foi José Joaquim da Rocha quem convocou reunião do Clube da Resistência, no dia 10 de dezembro de 1821, dia em que foi publicado o decreto que convocava o Príncipe a embarcar para a Europa e, aos seus amigos, expôs o plano da independência brasileira, sendo por todos apoiado.

Com o auxílio de Francisco de Gordilho e de José Maria Berquó, conseguiu modificar o pensamento de Dom Pedro, levando-o a aceitar a idéia de ficar no Brasil, desobedecendo ao decreto das Cortes.

José Joaquim da Rocha e José Mariano de Azeredo Coutinho conseguiram, com dificuldade, a poder de muito empenho, que José Clemente Pereira, o Presidente do Senado da Câmara do Rio, aceitasse o papel de orador no dia do "Fico", 9 de janeiro de 1822. Foi José Joaquim da Rocha quem escreveu cartas para Martim Francisco e José Bonifácio, em São Paulo, como escreveu também para amigos de Minas, solicitando a adesão das províncias de S. Paulo e Minas para a campanha, no sentido de conseguir que D. Pedro ficasse no Brasil. Foi em resposta às cartas de Rocha, que foi redigida a carta do governo paulista, de 24 de dezembro de 1821, pedindo a D. Pedro que ficasse no Brasil.

Foi ainda José Joaquim da Rocha quem conseguiu atrair José Bonifácio para a causa da independência; enviou a São Paulo um amigo de infância do ilustre Andrada, Dr. João Evangelista Faria Saião Lobato, para o fim de conseguir que o cientista fosse ao Rio, tomasse pulso da situação e aderisse à causa da independência; e Saião Lobato conseguiu o seu desideratum. Bonifácio foi ao Rio le-



Labim/UFRN

var o abaixo-assinado dos paulistas, D. Pedro sentiu-se fascinado pela personalidade marcante do cientista, que foi nomeado Ministro do Reino e dos Estrangeiros e, a partir daí, passou a liderar o processo da Independência, justificando o cognome de Patriarca da Independência.

No entanto, nos livros de História, sobretudo nos compêndios de História, nem ao menos é mencionado o nome de José Joaquim da Rocha.

Há mais: em 1823, ao ser dissolvida a Assembléia Constituinte Brasileira, José Joaquim da Rocha foi preso e presos foram também seus dois filhos, Inocêncio e Juvêncio Maciel da Rocha. Foram remetidos para a França. Pois bem, enquanto o Governo pagou as despesas de transporte dos três Andradas, Martim Francisco, José Bonifácio e Antônio Carlos; enquanto pagou também as despesas de viagem do Pe. Belchior Pinheiro de Oliveira, todos também exilados para a França, negou-se a pagar as despesas de transporte de José Joaquim da Rocha e seus filhos.

Só depois que regressou do exílio, em 1830, pleiteou a indenização, paga aos demais exilados, em igualdade de condições.

Meus amigos, foi o mineiro humilde, sobretudo foi a mulher mineira que deu início ao movimento de que resultou a Revolução de 1964.

A História é de ontem. Não sei se os amigos do Rio Grande do Norte acompanharam o episódio pelos jornais: Brizola, que vinha provocando agitação pelo Brasil inteiro, anunciou sua conferência no salão da Secretaria da Saúde de Belo Horizonte, o maior salão da capital mineira, com cerca de 3 mil poltronas.

Mais ou menos às 18 horas, a polícia mineira cercou o edifício, a fim de só permitir a entrada aos pelegos e seus amigos. Um dos Secretários do Governador Magalhães Pinto apoiava abertamente o deputado Brizola. Acontece, porém, que, antes das 18 horas, mais de mil homens e mais de duas mil mulheres lotaram completamente o Salão da Secretaria da Saúde. Chega a hora da conferência, e Brizola e sua comitiva chegam o prédio, mas não conseguem penetrar no salão, tão repleto estava. No palco, rezava-se o terço entremeado de cânticos religiosos. A polícia nada pôde fazer. Fora um imprevisto. Quando tomaram conhecimento da verdadeira situação, Brizola e seus amigos, com extrema dificuldade, conseguiram sair pelos fundos do prédio, lotaram rapidamente alguns carros, que arrancaram em seguida. Acontece, porém, que, no próprio carro em que estava Brizola com mais cinco ou seis companheiros, entrara por desculdo, um bêbado. E, com o carro em disparada, o bêbado pôs-se a gritar: — Morra Brizola! O bêbado foi atirado no meio da rua, com o carro em



Labim/UFRN

velocidade. Este episódio foi noticiado com destaque pelo "Estado de Minas".

Mas, o mineiro, que estou tentando descrever como humilde, reservado, tímido e desconfiado, amigo da Liberdade é afinal de contas o descendente do português, do indígena e parte também do negro. Alguns tiveram pai paulista, mas o paulista era filho de pai português e mãe índia.

Mas, e o sertanejo do Nordeste? Não é também descendente do português, do indígena e parte também do negro? Mas, então o mineiro e o sertanejo nordestino são feitos do mesmo barro? Claro que é o mesmo barro. E todos somos brasileiros.

Li, nem sei mais onde, a descrição do sertanejo nordestino, feita por um inglês, Cunninghame Graham; ao que me parece, é a perfeita descrição do mineiro. Vejam:

"O sertanejo é enfaticamente o que o francês denomina "um macho". O sangue indígena deu-lhe resistência e uma paciência sobre-humana, na adversidade. De seus antepassados brancos, herdou a inteligência, o amor ao indivíduo, em contraposição à liberdade geral, inerente às raças latinas, boas maneiras, e forte dose de respeito a si mesmo. Não esquece nunca um benefício e acaricia um insulto, como se fosse uma gema de alto preço, pronto para a desforra..."

Meus amigos, estou vivendo um capítulo inteiramente novo, em minha vida. Como professor, sempre fui professor, e todo o mundo sabe o que é a vida moderna do professor, nunca pude conhecer este lado do Brasil, como sempre desejei.

Agora, de repente graças à amizade e ao coração grande de três norte-riograndenses, Walter Wanderley, Raimundo Nonato e Manuel Rodrigues de Melo, eis-me aqui, em pleno Nordeste, conhecendo Natal, conhecendo esta parte do Brasil inteiramente nova para mim, e verificando como este país é grande, como é bom, hospitaleiro e expansivo o povo do Rio Grande do Norte.

Eu agradeço aos amigos cujo nome mencionei, Walter Wanderley, Raimundo Nonato e Manuel Rodrigues de Melo o bem que proporcionaram a minha alma, com esse convite para vir a Natal. Agradeço a todos vós a atenção generosa com que me ouviram.

E a Deus eu agradeço a oportunidade que me deu de conhecer gente tão boa, tão brasileira, tão cheia de vida e de amor à Liberdade, como essa do Rio Grande do Norte.



Labim/UFRN

## RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DO MAUSOLÉU DE NISIA FLORESTA

Senhores Acadêmicos: —

Eleito no dia 13 de Janeiro de 1955 para presidir os destinos desta instituição, eis-nos, afinal, perante vós, decorrido um ano de atividade, para prestar-vos conta dos atos da nossa administração.

Recebendo a Presidência da Academia das mãos do acadêmico Paulo Viveiros, com um saldo brilhante de atividade em pról das letras do Estado, um dilema se antolhava à nossa frente: **parar** ou marchar. Parar seria a morte da instituição. Marchar seria darmos vida ao trabalho iniciado, demonstrarmos amor pela causa das letras, solidarizarmo-nos com a comunidade a que pertencemos, darmos, enfim, prova da nossa gratidão e do nosso reconhecimento pela confiança em nós depositada pelos nossos confrades de Academia. Sem deixarmos de reconhecer os naturais embaraços com que nos depararíamos nessa difícil conjuntura em que nos jogara a benevolência dos nossos pares, confiavamos, no entanto, na solidariedade dos amigos e confrades de Academia. E, na verdade, tudo isso foi superado com a colaboração dos nossos companheiros. Devemos consignar aqui o nosso apreço e a nossa gratidão pelo alto espírito de compreensão dos senhores acadêmicos, atendendo aos convites da Presidência, opinando nos casos em que eram chamados a opinar, enfim, participando direta ou indiretamente de todos os assuntos da Academia. Satisfeito com o resultado administrativo da nossa gestão, afirmamos, sem vaidade, mas, também, sem falsa modestia, passaremos a mencionar os assuntos que pelo seu carater imediato nos fizeram deter mais demoradamente a atenção.

### MAUSOLÉU DE NÍSIA FLORESTA

Não havia transcorrido dois mêses da nossa posse quando surge na imprensa desta capital uma campanha contra as autori-



Labim/UFRN

dades do Município de Nísia Floresta, com tendência a envolver, mais tarde, a Academia de Letras, pelo fato daquelas autoridades não terem providenciado a construção do mausoléu da escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, cujos despojos há quase dois mêses haviam sido depositados na Igreja daquela cidade, onde permaneciam, ainda, insepultos, por falta de uma providência naquele sentido.

Em face da campanha da imprensa e da impassibilidade da Prefeitura Municipal de Nísia Floresta, resolveu a Academia, por unanimidade dos seus membros, assumir a responsabilidade da construção do Mausoléu, promovendo os meios de torná-lo realidade. Tomada essa deliberação seguimos na mesma semana para aquela cidade onde, em companhia do contador Jovino dos Anjos, do professor Gonzaga Galvão, do construtor Álvaro José de Mélo e do pedreiro José Cirino dos Santos, entramos em entendimento com o Prefeito local, Sr. José Ramires, e o Presidente da Câmara Municipal, Coronel João Marinho de Carvalho pondo-os ao corrente da situação e comunicando-lhes a resolução da Academia. Aquelas autoridades se solidarizaram de pronto com a iniciativa, e, embora nada fizessem de prático para remover a situação criada, em parte por elas, não se opuseram, porém, à ação da nossa entidade. Nada mais exigia também a Academia para Nísia Floresta, sinão que lhe dessem liberdade de ação e meios para realizar aquele objetivo. E foi o bastante. Voltamos no mesmo dia a Natal e no dia seguinte publicamos a primeira notícia no **Diário de Natal**, anunciando o começo do trabalho. Desta data em diante nunca mais deixamos de trabalhar pelo Mausoléu da escritora. Havia ali no sítio onde nasceu a escritôra um Monumento construído em cimento armado e alvenaria, cercado por um muro em péssimas condições. O Monumento era baixo, medindo, se muito, dois metros e meio de altura. Demos ordem ao construtor para elevar o Monumento à altura compatível com a sua estética, revestindo-o ainda de marmorito, harmonizando-o com a vestimenta do Mausoléu que é idêntica à do Monumento. O muro velho foi igualmente derrubado, construindo-se um outro mais amplo e espaçoso, de acôrdo com as necessidades do conjunto. A natureza do trabalho, em grande parte de marmorito, exigia operários especializados, contratados em Natal, encarecendo, portanto, a mão de obra. Ao lado dessa circunstância devemos lembrar a inconveniência de um serviço feito na ausência do seu principal responsável. Além da falta de transporte, lutavamos ainda com a exiguidade de verbas para esse fim, só podendo visitar o serviço de oito em oito dias, ora em automóvel de aluguel, ora em carros de amigos particulares. Logo após os primeiros preparativos para a



Labim/UFRN

construção do Mausoléu verificámos a necessidade de mandar confeccionar uma planta, tendo o construtor Álvaro José de Mélo, autorizado por nós, convidado o engenheiro Souza Lelis para apresentar o projeto, sendo esse feito pelo referido profissional, nada custando à Academia. O mesmo, diga-se de passagem, aconteceu com o construtor Álvaro José de Mélo que, tomando a direção técnica do serviço a nosso pedido nada exigiu da nossa entidade prestando-lhe os mais relevantes serviços durante a construção do Mausoléu e a reforma do Monumento. Conforme prometemos, pessoalmente, e em notícias veiculadas em jornais da cidade, aqui deixamos a demonstração dos auxílios recebidos para a construção do Mausoléu e a sua respectiva aplicação, firmada nos documentos da despesa Os auxílios recebidos durante toda a campanha foram os seguintes: —

| | | |
|---|---|---|
| Governo do Estado .. .. .. .. .... | 5.000,00 | |
| Prefeitura de Natal .. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Luís Veiga .. .. .. .. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Dr. Aldo Fernandes .. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Aguinaldo Vasconcelos .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Santos & Cia. Ltda. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Imp. Severino Alves Bila S/A .. .. .. | 1.000,00 | |
| Imp. Dinarte Mariz S/A .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Miguel Carrilho .. .. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Dr. Roberto Bezerra Freire .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Luís de Barros .. .. .. .. .. .. .. | 1.000,00 | |
| Sebastião Correia de Mélo .. .. .. .. | 500,00 | |
| Pedro Augusto Silva .. .. .. .. .. .. | 500,00 | |
| Wandick Lopes .. .. .. .. .. .. .. | 300,00 | |
| Sebastião Ferreira Lima .. .. .. .. .. | 300,00 | |
| Oton Osório de Barros .. .. .. .. .. | 200,00 | |
| Walter Pereira .. .. .. .. .. .. .. | 200,00 | |
| Araújo Freire & Cia. .. .. .. .. .. | 200,00 | |
| Cunha & Maia .. .. .. .. .. .. .. .. | 200,00 | |
| Álvaro d'Araújo Lima .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| Enico Monteiro .. .. .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| Gurgel Amaral & Cia. .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| Henrique Santana .. .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| João Rodrigues Barbosa .. .. .. .. | 100,00 | |
| Sérgio Severo .. .. .. .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| Euclides Vidal de Lira .. .. .. .. .. | 100,00 | |
| Severino Souza Ribeiro .. .. .. .. .. | 50,00 | |
| Bruno Batista .. .. .. .. .. .. .. .. | 50,00 | |
| Lindolfo Gomes Vidal .. .. .. .. .. .. | 50,00 | Cr$ 18.250,00 |



Labim/UFRN

Esses auxílios foram angariados por uma comissão composta do Presidente da Academia, do acadêmico Hélio Galvão, do industrial Luis Veiga e do contador Jovino dos Anjos; o terceiro, amigo devotado das letras, cujo interesse pelas coisas do espírito e da inteligência não será preciso ressaltar porque é de todos conhecido; o quarto, natural da cidade de Nísia Floresta, colocou-se desde os primeiros momentos a serviço da causa comum, cooperando por todos os meios para a sua realização.

As despesas que se elevaram ao total de Cr$ 26.710,00, conforme documentos arquivados, tiveram por objetivo os seguintes serviços: — destruição do muro velho e construção de um muro novo em alvenaria rebocado, caiado e pintado; elevação do antigo Monumento, de dois e meio metros (2'/2) para cinco (5) metros de altura, todo revestido de marmorito; construção do Mausoléu em alvenaria, todo revestido a marmorito; iluminação elétrica de todo o conjunto, com material novo e de primeira qualidade; construção do piso interno e da calçada ambos a mosaico.

Confrontando-se a Despesa e a Receita do Mausoléu e do Monumento, ver-se-á que houve um deficit de Cr$ 8.460,00, coberto pelas rendas ordinárias da Academia.

Os documentos assinados pelas casas fornecedoras do material e pelo mestre da obra, José Cirino dos Santos, dirão melhor, na mudez dos seus algarismos, do que a linguagem dos relatórios com todas as suas minúcias.

Devemos lembrar que nessas despesas não foram incluídos os trabalhos técnicos e de administração do engenheiro Souza Lelis e do construtor Álvaro José de Mélo, cujos serviços foram gratuitos e porisso mesmo merecedores da nossa gratidão e do nosso reconhecimento. Não foram igualmente computados aqui os tijolos e a areia fornecidos gratuitamente pelo Capitão João Marinho de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal de Nísia Floresta.

Não foram incluídos mais os seguintes materiais e obsequios, doados e prestados por várias pessoas, cuja menção manda a justiça que se faça. São os seguintes: —

1. Pedro Paulino de Carvalho, terreno para ampliação da área do muro;
2. Carlos Gondim, um portão e uma grade de ferro;
3. João Suassuna, seis alqueires de cal;
4. Galvão Mesquita, Ferragens S/A, quarenta quilos de ferro e dois quilos de arame fino;
5. Casa Lux Ltda., quatro tubos de ferro de 3/4 para eletricidade, fora o que foi comprado posteriormente;



Labim/UFRN

6. Antonio Justino & Cia., dezessete latas de marmore, fora o que foi comprado posteriormente;
7. José Silva, dois sacos de cimento "Zebú", fora o que foi comprado posteriormente;
8. José Martins, seis alqueires de cal para traço e uma lata de cal virgem;
9. Um Anônimo, viagem de carro para Nísia Floresta;
10. Wandick Lopes, viagem de Jeep a Nísia Floresta;
11. Um Anônimo, viagem de Jeep a Nísia Floresta;
12. Dr. Raimundo França, viagem de Jeep a Nisia Floresta;
13. Prefeitura de Natal, viagem de um caminhão a Nísia Floresta;
14. Carlos Gondim, trouxe e levou várias vezes, material de construção para o Mausoléu de Nísia Floresta;
15. Base Aérea de Natal, viatura posta à disposição da Academia para condução dos convidados no dia da inauguração do Mausoléu e do Monumento;
16. Pedro Augusto Silva, Carlos Gondim e Tenente Adauto Barros e Senhora, lanche preparado e servido em Nísia Floresta no dia da inauguração do Monumento;
17. Osório Dantas, viagem de Jeep a Nísia Floresta, com a colaboração do jovem estudante Walter Lopes que serviu de motorista;
18. Instalação da luz do Monumento e do Mausoléu, a cargo do eletricista Manuel Silva e do seu respectivo auxiliar;
19. Prefeitura Municipal de Nísia Floresta, placa em alto relevo, confeccionada por importante firma de Belo Horizonte, Minas Gerais, cuja doação muito recomenda o bom gosto e a compreensão do Prefeito José Ramires, e do Presidente da Câmara Municipal, Coronel João Marinho de Carvalho. É de justiça salientar o interesse do contador Olacildio Ximenes Jales, representante da referida firma, nesta capital, que tudo fez para que a confecção da placa de Nisia Floresta se realizasse na presente gestão da Academia de Letras.

Não foram incluidas, enfim, muitas despesas miúdas que pela sua natureza escapam ao registro de quem dirige. Concluido o trabalho do Mausoléu e do Monumento reuniu-se a Academia, marcando a sua inauguração para o dia 3 de abril de 1955. Efetivamente, naquela data, daqui partiu a Academia em viatura gentilmente cedida pelo Comando da Base Naval de Natal, ali chegando às 9 horas e fazendo logo depois o trasladamento dos restos mortais da escritora



Labim/UFRN

da Igreja local para o Mausoléu a ser inaugurado. O acontecimento está registrado no Livro de Atas da Academia que por sua vez recolhe as assinaturas da pessoas presentes.

Senhores acadêmicos:

Quando fomos eleitos para a Presidência da Academia compreendemos logo que deveriamos por à margem qualquer interesse de ordem intelectual imediata para nos dedicar exclusivamente ao trabalho social da instituição que por um gesto de alto descortinio dos seus ilustres membros nos havia escolhido para dirigir os seus destinos. Assim fazendo seguiamos apenas a praxe de todos os Presidentes que uma vez honrados com a distinção dos seus pares se consagravam ao trabalho anônimo da administração, sem usurpar ou concorrer com os demais académicos na disputa de oportunidades para aparecerem na tribuna ou nas missões de alta representação desta casa

Com esse espírito iniciamos e terminamos a nossa gestão, certo de havermos cumprido o nosso dever, naturalmente sem o brilho que exigem funções tão altas e relevantes, mas com a seriedade e com a dedicação que são igualmente indispensáveis nessses casos. De certo não esquecestes ainda os grandes serviços prestados por Paulo Viveiros a esta instituição. Foi na sua gestão que a Academia conseguiu os primeiros auxílios destinados à publicação da Revista e de tantos outros serviços de rotina indispensáveis à vida da instituição. Foi na sua administração, sobretudo, que a Academia obteve a doação de um terreno pela Prefeitura de Natal, para a construção de sua sede, prescrita, depois de 5 anos, por não ter sido possivel construir o prédio em questão. No segundo período da sua administração Paulo Viveiros andou pensando na sede, no fardão e no jeton, tendo nesse sentido escrito aos nossos representantes na Camara Federal e no Senado, solicitando o seu apoio e solidariedade para realização desses objetivos. Amigo do Presidente Paulo Viveiros, acompanhando-o invariavelmente nas suas lutas e trabalhos pela prosperidade da Academia, sonhando os mesmos sonhos que ele sonhava, não trepidamos em continuar o seu programa de ação, pugnando pelas mesmas reivindicações que ele pugnava. Desejando as mesmas coisas, escrevendo aos mesmos representantes a quem ele escrevera, agindo com a mesma sinceridade, não nos foi difícil levar adiante o plano que ele idealizara, no seu segundo ano de governo.



Labim/UFRN

## A SEDE PRÓPRIA

Partindo do princípio de que o espiritual assenta sobre o material, achamos que nenhuma instituição filosófica, artística, intelectual, religiosa, poderá viver sem o seu patrimônio material, isto é, sem a sua casa, a sua sede, enfim sem o fundamento material da sua existência. Daí o motivo porque um dos nossos primeiros cuidados, ao assumirmos a presidência, foi trabalhar junto ao Governador Sylvio Piza Pedroza no sentido de conseguirmos a doação de um terreno para a Academia de Letras, onde podesse esta, mais tarde, construir a sua sede. Além do terreno solicitamos ainda de S. Excia. a inclusão de Cr$ 200.000,00, no orçamento do Estado, para a construção do prédio da referida entidade. É possível que outros acadêmicos hajam dado idênticos passos junto a S. Excia. no sentido de obterem esse mesmo benefício, especialmente os acadêmicos Américo de Oliveira Costa e Paulo Viveiros. Acontece, porém, que S. Excia. é por natureza um homem amigo das letras e das artes, e, ou fosse por atenção aos pedidos que lhe chegavam ou por uma tendência natural da sua sensibilidade, o certo é que fez a doação de um terreno medindo 20x40, onde será construída a sede da nossa instituição. Antes mesmo da doação do terreno que veio aumentar consideravelmente o patrimônio da Academia havia S. Excia., num gesto de alto descortino, doado à referida instituição quase mil exemplares do livro "História do Rio Grande do Norte", do escritor Luís da Câmara Cascudo, cujo resultado da sua venda será destinado à construção da sede própria. Esse livro foi recebido por esta presidência, em dez (10) caixões, devidamente lacrados, os quais à medida que vão sendo abertos vão também sendo distribuídos pelas Livrarias da cidade e vendidos ao público ao preço de Cr$ 100,00 cada exemplar. Até o momento foram abertos quatro caixões, contendo cada um 96 volumes que somados perfazem o total de 384 exemplares. Estes estão assim distribuídos: —

| | | |
|---|---|---|
| Walter Pereira .. .. .. .. .. .. .. | 60 | volumes |
| Pedro Augusto Silva .. .. .. .. .. | 30 | " |
| Henrique Santana .. .. .. .. .. .. | 40 | " |
| João Lima .. .. .. .. .. .. .. .. .. | 30 | " |
| João Rodrigues .. .. .. .. .. .. .. | 42 | " |
| Prefeitura Municipal .. .. .. .. .. | 10 | " |
| Jovino dos Anjos .. .. .. .. .. .. .. | 40 | " |
| Luís Pinheiro .. .. .. .. .. .. .. .. | 10 | " |
| José Penha .. .. .. .. .. .. .. .. .. | 10 | " |



Labim/UFRN

da literatura norte-riograndense. Neste sentido escrevemos aos Senadores Georgino Avelino, Dinarte Mariz e Kerginaldo Cavalcanti, bem como aos Deputados Djalma Marinho, João Galvão de Medeiros, Eider Varela, Aluizio Alves, Dioclécio Duarte, Teodorico Bezerra, Creso Bezerra, Dix-huit Rosado e José Arnaud. Escrevemos ainda à Exma. Sra. D. Jandira Fernandes Café solicitando os seus bons ofícios junto ao Presidente Café Filho no sentido de que fosse assegurado à Academia uma subvenção ou auxílio destinado à construção da sede própria. Servimo-nos ainda do prestígio do Deputado Djalma Maranhão junto aos seus amigos e correligionarios Deputados Eider Varela e João Galvão de Medeiros a fim de obtermos os referidos recursos. De todo esse trabalho folgamos em declarar que os frutos foram os melhores possíveis. Atendendo ao nosso pedido os ilustres representantes do Estado na baixa e alta Câmara do pais, colocaram no orçamento da República para o exercício de 1955, a importância de cento e cinquenta mil cruzeiros (Cr$ 150.000,00) destinados à construção da sede da Academia. Esperamos e confiamos que no exercício de 1957 os nossos representantes incluirão no orçamento da União importância não inferior a de 1956, destinada à mesma finalidade. Trabalhamos mais junto aos nossos representantes na Assembléia Legislativa do Estado e tivemos a satisfação de ver que por indicação do Deputado Ubaldo Bezerra, com o apoio de todas as bancadas, foi aumentada de 6.000,00 para 10.000,00 cruzeiros a subvenção da Academia no orçamento estadual de 1956. O mesmo fizemos junto ao Prefeito do Município de Natal, engenheiro Wilson de Oliveira Miranda, solicitando o aumento da subvenção da Academia de 6.000,00 para 12.000,00 cruzeiros, no exercício já referido.

## PRÊMIOS LITERÁRIOS

Velha aspiração da Academia e dos senhores acadêmicos, a instituição de prêmios literários aos trabalhadores intelectuais do Rio Grande do Norte foi, finalmente, realizada por um homem de espírito e de sensibildade que é sem dúvida o Governador Sylvio Piza Pedroza. Por Lei n.º 1.363, de 1.º de Dezembro de 1955, instituiu S. Excia. vários prêmios literários que serão distribuídos pela Academia Norte-Riograndense de Letras, pelo Instituto Histórico e pela Sociedade Brasileira de Folclore. À nossa instituição coube a importância de 90.000,00 cruzeiros, por ano, que será criteriosamente distribuída entre os candidatos que obtiverem as melhores classificações no julgamento dos trabalhos apresentados. Essa Lei do Governador Sylvio Piza Pedroza abre realmente uma nova era na vida literária do Rio Grande do Norte e dela poderão advir grandes frutos para a cultura do Estado.



Labim/UFRN

Foi em atenção a esses atos de benemerência praticados para com a nossa instituição, que a Academia em sessão a que compareceu a maioria dos seus membros resolveu incluir no seu quadro de Sócios Honorários o homem que tantos benefícios materiais prestara à referida entidade. Este homem é o Governador Sylvio Piza Pedroza a quem deve a Academia o pequeno patrimônio de que é hoje possuidora.

## LOCAL DA SEDE

Senhores acadêmicos: —

A Academia Norte-Riograndense de Letras possui, para todos os efeitos, o terreno destinado à sua sede. Está, como sabeis, localizado num dos bairros mais aprazíveis da nossa capital. Acontece, porém, que a vida da Academia não se limita só à "sede", no sentido estreito desta palavra. A sua finalidade transcende de muito a esses limites. Porisso precisa desde já cuidar de criar os meios materiais que possibilitem a realização daqueles fins superiores. Esses meios materiais são inegavelmente os fatores econômicos e financeiros. Ora, a sede da Academia, no bairro de Petrópolis, por excelência residencial, jamais poderá lhe dar uma renda que a torne economicamente forte e capaz de resistir às oscilações econômicas e financeiras do mundo moderno. Sugerimos então, aos senhores acadêmicos uma solução razoável e digna da maior atenção. Na Rua da Conceição, desta Capital, existe um sobrado de idade mais que centenária, pertencente à família Raposo da Câmara, residindo, atualmente, no Rio de Janeiro. O prédio está exposto à venda pela importância de trezentos mil cruzeiros, (Crs 300.000,00). Ponto central, excelente para construção de um grande prédio em toda a extensão do terreno, com três (3) frentes: uma para a rua da Conceição, outra para o bêco (casa Dr. Varela Santiago) e outra para os fundos da loja maçonica "Evolução 2a.". Este prédio poderia ser construído em alvenaria e cimento armado com dois ou três andares. Para argumentar: — dois andares. Embaixo, a Academia construiria salas de aluguel destinadas a instalação de gabinetes médicos e dentários, mercearias. cafés, bares, barbearias, etc. Em cima, construiria um amplo salão ao correr de todo o prédio onde funcionaria a Academia com salões para festas, secretaria, biblioteca, etc. Pelo exposto vêm os senhores acadêmicos quanto ganharia a Academia na realização deste plano soberbo. Dentro de pou-



Labim/UFRN

cos anos seria a nossa instituição uma potência não só intelectual e moral, mas também econômica e financeira. Para realização deste plano, a Academia pediria licença, em primeiro lugar, ao Governo do Estado para vender o terreno de Petrópolis e com essa importância compraria o sobrado da rua da Conceição. Adquirido o velho sobrado poderia a Academia iniciar desde logo a construção do prédio com o dinheiro que já possui em cofre e por receber, bem como com o produto de campanhas financeiras que seriam feitas para esse fim. Estas sugestões são fruto de longa e demorada reflexão em torno de um dos assuntos que consideramos mais importantes para o presente e para o futuro da Academia. Deixamo-las ao exame dos senhores acadêmicos e cremos que depois de muito pensarem no assunto chegarão, como nós, às mesmas e ineludíveis conclusões.

## RECEITA E DESPESA

Iniciando este relatório fizemos a demonstração da receita e da despesa do Mausoléu e do Monumento erigidos na cidade de Nísia Floresta, à memória da insígne escritora e educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Agora, cabe-nos fazer a demonstração do movimento geral da receita e da despesa da Academia Norte-Riograndense de Letras, no exercício de 1955. Neste movimento geral estão englobados não só a parte referente à Academia propriamente dita, mas também a parte que diz respeito à construção do Mausoléu e à reforma do Monumento. A receita geral do exercício orçou em Cr$ 109.252,80 e a despesa atingiu a importância de Cr$ 57.140,90 havendo, portanto, um saldo credor na importância de Cr$ 52.111,90 conforme cadernetas da Casa Bancária Norte-Rio-Grandense S/A, assim descriminado: —

| | | |
|---|---|---|
| Caderneta n. 876 .. .. .. .. .. .. | 8.611,90 | |
| Caderneta n. 3163 .. .. .. .. .. .. | 43.500,00 | Cr$ 52.111,90 |

## PLACA DE NISIA FLORESTA

Neste final de relatório cabe-nos uma referência especial à Prefeitura Municipal de Nísia Floresta que, por intermédio do seu Prefeito, Sr. José Ramires, e do seu Sub-Prefeito, Capitão João Marinho de Carvalho, deu uma demonstração que poucas vezes se tem visto neste pedaço do território brasileiro que é o Rio Grande do Norte. Queremos nos referir ao gesto nobre e elegante que teve



Labim/UFRN

aquela Edilidade fazendo doação à Academia Norte-Riograndense de Letras de uma belissima placa em alto relevo para ser afixada no Mausoléu da insigne escritora e educadora patrícia. A placa será colocada brevemente e não é sem emoção e sem um profundo reconhecimento de gratidão que agradecemos àquelas autoridades, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, essa prova de confiança e solidariedade que deram à nossa instituição, como que premiando-a pelos grandes esforços que dispendera na realização de tão árdua e difícil missão. Não deve ser esquecido aqui o nome do Sr. Olacildio Ximenes Jales, representante da firma de Belo Horizonte, que tanto se interessou pela confecção e pelo aprimoramento da placa em questão.

## CONCLUSÃO

Senhores acadêmicos: —

Aqui estão em traços rápidos os principais atos e fatos da nossa administração no exercício de 1955. A vossa ilimitada confiança, aliada à generosidade inata aos homens deste rincão, quis, há oito dias passados, atribuir-nos a mim e aos meus companheiros de diretoria, qualidades que não sabemos se as temos para merecer tão alta e expressiva distinção, qual seja a de continuarmos dirigindo os destinos desta casa por mais um ano.

Quaisquer que sejam, porém, os méritos ou os deméritos dos membros da diretoria reeleita, cumpre-nos afirmar perante vós a nossa obstinada disposição no sentido de realizarmos aquilo que mais precisa e almeja a nossa instituição, isto é, a sua sede própria.

Com esta disposição, cremos poder falar em nome de todos os membros da nova diretoria, tomamos posse nos cargos em que o vosso sufrágio nos colocou, esperando de vossa parte a mesma e nunca desmentida solidariedade que sempre demonstrastes numa convivência de quase vinte anos lutando e trabalhando pelo progresso e pelo desenvolvimento da nossa Academia.

Natal, 26 de Janeiro de 1956.

**MANOEL RODRIGUES DE MELO**
**Presidente**



Labim/UFRN

## RELATÓRIO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS SOBRE A CONSTRUÇAO DA SEDE PRÓPRIA

**Senhores Acadêmicos:**

O Regimento Interno desta Casa dispõe, no seu Art. 12, § 1.º, que na última sessão ordinária do ano, o Presidente apresentará o Relatório das atividades do exercício que findou, e exporá, se fôr possível, o programa do ano seguinte.

Esta reunião, porém, tem um obetivo mais amplo do que a simples leitura de relatório anual.

Em vez de cingir-se à apresentação do relatório do exercício de 1971, englobará, por imposição das próprias necessidades sociais, uma exposição geral de tudo o que se fez no período de 13 de janeiro de 1955 a 31 de dezembro de 1971.

As condições precárias da Academia, nem sempre contando com recursos financeiros para manter em dia os seus serviços burocráticos, nos impôs o sacrifício de adiar indefinidamente essa obrigação estatutária, amparado sempre na ilimitada confiança de quantos compõem os quadros desta egrégia Instituição.

Os motivos desse retardamento foram, por um lado, a falta de recursos financeiros, e por outro, as graves obrigações que assumimos, tocados por um sadio entusiasmo pouco comum em iniciativas e empreendimentos dessa natureza.

Recebendo a Academia das mãos do nosso eminente confrade acadêmico Paulo Viveiros, no dia 13 de janeiro de 1955, nos defrontamos, logo depois, com um sério problema de administração, exigindo recursos financeiros para quem só dispunha de Cr$ 13.160,00, depositados na Casa Bancária Norte-Riograndense Ltda., desta Capital.

Queremos nos referir ao Mausoléu e Monumento da escritora e educadora Nísia Floresta Brasileira Augusta, em cuja reforma e construção aplicámos Cr$ 26.710,00, conforme documentação arquivada na Tesouraria desta Instituição..



Labim/UFRN

A inauguração do Mausoléu e a reinauguração do Monumento tiveram lugar no dia 3 de abril de 1955, no sítio Floresta, do Município de Nísia Floresta, com a presença de autoridades, acadêmicos, famílias e do povo em geral, conforme consta do Livro de Atas N.º 3, desta douta Casa de cultura.

Reinaugurado o Monumento e inaugurado o Mausoléu da excelsa escritora e educadora norte-riograndense, procedemos à reforma dos Estatutos da Academia, visando criar condições de mobilidade para melhor enfrentar o problema da construção da sede própria, sugerida na gestão anterior, embora sem fundos, além de um terreno doado pela Prefeitura, que depois de vencido o prazo para a construção, voltou ao patrimônio municipal, por falta de recursos para aquele fim.

O ex-governador Sylvio Piza Pedroza, por iniciativa própria, ou por influência de elementos destacados da Academia, fez doação de um terreno, à Academia Norte-Riograndense de Letras, no bairro de Petrópolis, medindo vinte metros de frente por quarenta de fundos, cuja escritura, lavrada no 3.º Cartório desta cidade, se encontra nos arquivos desta Instituição.

A eleição do senador Dinarte de Medeiros Mariz, para o governo do Estado, em 1956, possibilitou a nomeação de Djalma Maranhão para a Prefeitura Municipal de Natal, onde o orador que vos fala, farejador de mil recursos para a sede própria, foi encontrá-lo, levando o pedido de revalidação da doação do terreno, caído em fidei-comisso, por falta de construção no prazo legal.

Djalma Maranhão, doublé de caudilho e administrador, não discutiu o assunto, salientando apenas que fizesse o trabalho junto à Câmara Municipal que ele sancionaria a lei.

O trabalho foi realizado junto aos vereadores, e com tal sorte que, dias depois, era aprovado o projeto de lei, subindo, em seguida à sanção do Prefeito.

Sancionada a lei pelo Executivo Municipal, lavrada e assinada a Escritura no 3.º Cartório desta Capital, criava-se assim um novo problema que era preciso remover a todo custo: aparecia a Academia com ares de senhora latifundiária, detentora de dois terrenos, ameaçada de perdê-los novamente, por falta de recursos para iniciar a construção da sede própria.

Era preciso, porém, remover o obstáculo.

A sede própria, naquele momento, era o problema crucial da Instituição.

E o presidente, sonhador inveterado de tantos sonhos parcialmente realizados, passava dias e noites pensando naquele ideial que se constituiria dali por diante, o mais alto e o mais nobre galardão de sua vida.



Labim/UFRN

Quem o visse pelas ruas da cidade, perseguindo aquele mito, conversando com uns e com outros, cochichando ao ouvido de vereadores, deputados federais e estaduais, senadores, entrando em Palácio, solicitando audiência para falar com os governadores, pedindo, rogando, e nunca se deixando vencer, quaisquer que fossem os resultados, haveria de dizer, como bom Sancho Pança que aquele homem não passaria de um exemplar acabado e perfeito de Dom Quixote.

E' verdade que os estímulos não nos faltaram, não só dos companheiros de Academia, como das autoridades federais, estaduais e municipais.

Mas, ali, acolá, surgiam vozes discordantes, agoureiras, vaticinando fracassos, habituadas que estavam com o lenga-lenga da terra do já teve...

Houve até quem dissesse: "não passará da pedra fundamental"...
Outros, mais pessimistas, nos chamavam de louco...
Mas tudo, felizmente, passou.

O projeto do edifício, apresentado em sessão da Academia e aprovado por unanimidade pelos senhores acadêmicos, foi, posteriormente, considerado inestético, em face da avalanche modernizante que afeiava e desconjuntava a bela cidade dos Santos Reis Magos.

Ignoravam os críticos improvisados que a copia do novo edifício fora transposta de um modelo inglês e adaptada ao nosso clima, ao nosso meio, ás nossas condições eoclógicas.

O arquiteto era, no tempo, o mais hábil, o mais conceituado da cidade, aparecendo como autor de inúmeros projetos de construção, ao lado de engenheiros e construtores do maior merecimento.

Queremos registrar aqui o seu nome, numa homenagem comovida e respeitosa à Cidade do Salvador, onde nasceu o Brasil, nos primeiros dias do seu Descobrimento.

Chama-se ele Manoel de Sousa Lelis, engenheiro-arquiteto, baiano de nascimento, radicado entre nós, lutando e vivendo conosco, nosso amigo e nosso irmão, cujo nome ficará para sempre gravado nas páginas da história deste Senáculo e da própria Cidade do Natal.

Perdoai-nos, senhores, a digressão, que representa, em parte, uma confidência, arrancada do mundo submerso desta Casa.

Mas, retomemos o assunto.

Era preciso remover o obstáculo, vencer as dificuldades, transformando a Academia de senhora latifundiária que era, ameaçada de perder, mais uma vez, o seu patrimônio, em matrona poderosa e fascinante, capaz de atrair pretendentes às suas poltronas, vindos das mais diversas condições sociais e intelectuais do Estado.



Labim/UFRN

Foi nessa conjuntura que procurámos, mais uma vez, o Prefeito Djalma Maranhão.

O caudilho, experimentado em tantas refregas duras e arriscadas da sua vida política, iria dar mais uma solução ao caso da Casa do Academus papa-jerimu.

Em poucas palavras, fizemos a exposição do plano.

A Academia era uma senhora latifundiária, investida nessa condição, em parte, por culpa dele, inimigo figadal do latifúndio, com a cumplicidade democrática do ex-governador Sylvio Piza Pedroza.

Se insistisse, erradamente, em manter intacto aquele patrimônio, na esperança de conseguir recursos para construção da sede própria, terminaria, mais uma vez, não conseguindo, perdendo, por fim os terrenos, que lhe foram doados por mercê de conterrâneos tão generosos.

Diante do exposto, só haveria uma solução: vender o terreno doado pela Prefeitura para com o resultado deste iniciar a construção do edifício.

A resposta do Prefeito, já se vê, foi incisiva e peremptória: "requeira e faça o trabalho junto à Câmara Municipal".

O conselho foi seguido, e quando menos esperavamos, eis que um novo embaraço se depara à nossa frente: o vereador Felizardo Moura, na melhor das intenções, zelando pelo patrimônio municipal, dera parecer contrário à permissão da venda do terreno, quase pondo por terra todo o trabalho realizado com aquele objetivo.

Essa notícia, recebemo-la num encontro fortuito de rua, através de pessoa fidedigna.

O parecer seria posto em discussão no dia seguinte, e talvez fosse aprovado por unanimidade.

Dali partimos formulando desde logo os argumentos que deveriamos levar à consideração dos vereadores.

Esse noite foi longa como um pesadêlo, do qual só se consegue sair pela porta da derrota ou da vitória.

Às seis horas da manhã, mercado, café, contadoria do Hospital Miguel Couto, tarefa normal e obrigatória ao longo de trinta e cinco anos.

Às onze horas, novamente em casa, banho, almoço, roupa domingueira, descida para a Ribeira.

Antes das treze horas estavamos entrando na Câmara Municipal, instalada, a esse tempo, nos altos do Banco do Rio Grande do Norte S.A.



Labim/UFRN

Só estava presente o pessoal burocrático.

Saudações, perguntas e respostas, fomos afinal, levados ao gabinete do Presidente.

Ali ficámos aguardando os vereadores, lugar estratégico para falar com todos antes do início da sessão.

A nossa situação se nos afigurava privilegiada: Presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras, ali estavamos em visita ao Legislativo Municipal, em cujo seio contavamos com vários amigos, entre os quais convém salientar, de passagem, o presidente Luís de Barros, os vereadores Antônio Félix da Silva, Felizardo Moura e muitos outros.

À medida que os vereadores iam entrando, nós iamos expondo o assunto e pedindo a solidariedade de todos e de cada um em particular.

Tratava-se de uma questão de vida e de morte para a Academia: a sede própria.

O próprio Felizardo Moura, relator do parecer contrário, cuja memória reverenciamos aqui nesta solenidade, hipotecou desde logo a sua solidariedade, comprometendo-se a retirar o parecer e votar favoravelmente pela permissão da venda do imóvel.

Às dezenove e trinta daquele dia, quando o projeto baixou a plenário, mereceu a aprovação unânime dos vereadores, sob palmas das galerias.

Foi uma vitória consagradora que nos obrigou a ficar no recinto da Câmara até o final dasessão, agradecendo pessoalmente a todos os representantes do povo natalense e muito especialmente ao relator do parecer, Felizardo Moura, cuja atitude nobre e elegante nos deixou profundamente sensibilizado.

Votada a permissão da venda pela Câmara Municipal e sancionada pelo Prefeito Djalma Maranhão, uma nova batalha se antolhava à nossa frente, qual fosse a de encontrar comprador para o terreno, sem prejuizo para a Academia de Letras.

Aqui, porém, entra a ação anônima e desinteressada de um companheiro de Academia, acadêmico Raimundo Nonato da Silva, a esse tempo ligado ao empresário Jessé Pinto Freire, presidente da Federação Nacional do Comércio, proprietária de imóveis na Praça Tomás de Araújo, onde estava localizado o terreno da Academia.

Raimundo Nonato da Silva, nosso confrade da Casa Euclides da Cunha, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-Riograndense de Letras, acompanhando passo a passo os planos desta Presidência, foi encarregado de ofere-



Labim/UFRN

cer o terreno ao presidente Jessé Pinto Freire, uma vez que o mesmo ficava na área dos terrenos da Federação e poderia mais tarde servir para os desdobramentos das construções que a mesma tinha em mira realizar.

O presidente Jessé Pinto Freire, autor do projeto que doara o mesmo terreno à Academia, na gestão do presidente Paulo Viveiros, quando vereador à Câmara Municipal, reafirmava, mais uma vez, o seu interesse pelas letras da Província, propondo, por intermédio de Raimundo Nonato da Silva, Cr$ 300.000,00 pelo terreno localizado à Praça Tomás de Araújo.

Essa importância, uma vez lavrada a Escritura Pública, foi depositada na Cooperativa Banco Auxiliar do Comércio Ltda., a 27 de maio de 1958, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, cujas cadernetas e talões de cheques se acham arquivados na Tesouraria desta Instituição.

O valor do terreno vendido à Federação Nacional do Comércio, reunido a outras verbas recebidas do Estado e da União, inclusive venda de livros, doados pelo ex-Governador Sylvio Piza Pedroza, elevou-se aproximadamente a Cr$ 600.000,00, importância que possibilitou o começo das obras de fundação do edifício, iniciadas no dia 22 de junho de 1958.

Não pretendemos fazer aqui a biografia do prédio da Academia Norte-Riograndense de Letras, nem tampouco bater uma radiografia da sua estrutura de cimento armado.

Queremos apenas dizer que assistimos e acompanhamos toda a sua construção, desde o desmatamento do terreno, iniciado a 25 de abril de 1958, até a conclusão das obras de construção, no dia 21 de maio de 1970.

Parece que foi ontem, e no entanto, já lá se vão dezesseis anos de dedicação a uma causa, que só o amor e a vocação de servir explicam esses gestos da natureza humana, num século em que a vida material se torna dia a dia mais assoberbante e imperiosa, exigindo do homem uma atenção toda especial para os problemas do cotidiano esmagador e pungente.

O exemplo da Academia Norte-Riograndense de Letras não constitui caso único na paisagem urbana e social da cidade.

Citaremos de passagem alguns casos semelhantes que configuram a vocação pioneira do nosso povo para o trabalho desinteressado e gratuito em benefício da comunidade norte-riograndense.



Labim/UFRN

Para nos cingirmos a iniciativa particular, em que não faltou a colaboração do governo do Estado e da União, bastaremos lembrar a figura inesquecível de Henrique Castriciano, fundando a Escola Doméstica de Natal, a de Januário Cicco, ampliando o Hospital Miguel Couto e construindo a Maternidade de Natal, a de Varela Santiago, o Leprosário São Francisco de Assis, a de Luís Soares, mantendo até morrer, os Escoteiros do Alecrim, e a de Ulisses de Góis, empenhado na educação da juventude, fundando escolas, estabelecimentos de crédito, dezenas de atividades, que o elevam e credenciam ao respeito e à admiração de todo Estado do Rio Grande do Norte.

Por incrível que pareça, foi nessas fontes generosas de devotamento à causa do povo que fomos buscar inspiração para realizar, em plano mais modesto, a construção deste edifício.

Foi no exemplo de Ulisses de Góis, educador por excelência da juventude norte-riograndense, que fomos buscar forças para realizar alguma coisa em benefício dos intelectuais do Rio Grande do Norte.

Foi, sobretudo, no exemplo admirável de Januário Cicco, homem de ciência e homem de letras, com assento nesta Casa, que fomos buscar reservas de energia e de otimismo para construir este Palacio.

Foi ele, na sua austeridade, na sua elegância, na sua obstinada vocação de servir, que nos transmitiu, tete-à-tete, certa manhã, no Hospital Miguel Couto, a necessidade imperiosa de construirmos o prédio da Academia Norte-Riograndense de Letras.

A idéia da sede própria, como dissemos anteriormente, nascera na segunda gestão do presidente Paulo Viveiros, cujos serviços a esta Casa ainda não foram suficientemente exaltados.

Januário Cicco, integrante da comissão que deveria tratar do assunto, aproveitava as manhãs no Hospital Miguel Couto para falar na sede da Academia, na planta, transbordando, certamente, o entusiasmo das conversas que mantinha com Paulo Viveiros e outros membros da Instituição.

Convém, porém, ressaltar, que o entusiasmo de Januário Cicco, por motivos que ignoramos, caiu em compasso de espera, não indo para frente a idéia generosa e pioneira do grande benfeitor da cidade do Natal.

Mas, a verdade é que ele andou pensando na sede própria da Academia, levando o presidente Paulo Viveiros a declarar em sessão ordinária de 26 de julho de 1951, "que o acadêmico Januário



Labim/UFRN

Cicco se achava interessado na construção do prédio-sede da Academia, tendo solicitado de um arquiteto seu amigo, a planta respectiva que está em elaboração".

Essa planta, porém, não chegou a ser confeccionada.

Ficou, no entanto, a idéia que seria, mais tarde, retomada por um amigo e companheiro dos dois precursores da sede própria.

Retomando o assunto da construção, devemos esclarecer que os Cr$ 600.000,00 conseguidos inicialmente com tanto esforço, deram para os trabalhos de fundação do edifício, em toda a sua extensão, inclusive levantamento das paredes e cobertura da parte da frente, compreendendo as cinco salas do andar térreo, escada que leva ao primeiro andar, bem como a placa, saguão e salas do primeiro andar.

Terminada a cobertura da parte da frente do primeiro andar, esgotou-se a verba.

Este fato nos colocou num dilema terrível, pelo menos aparentemente.

Ensarilhar as armas, seria diminuir 50% do nosso entusiasmo.

Levar avante, sem recursos para atender aos pagamentos essenciais, com folha do pessoal e material de construção, seria uma loucura.

O bom senso, porém, mostrou-nos o caminho a seguir. Indenizamos o pessoal, ficando apenas com o mestre de obras e o vigia, que prestaria por sua vez serviços de servente na preparação de massa para construção.

Na primeira semana verificamos que o rendimento do serviço não compensava o dinheiro empregado e adquirido com tanto esforço.

Conversando com o mestre de obras, Antônio Soares da Silva, nos lembramos de que a Polícia Militar do Estado possuia em seus quadros pessoas habilitadas em trabalho de construção.

Falamos, então, com o coronel José Reinaldo Cavalcanti, sobre a possibilidade de nos arranjar um pedreiro para ajudar na construção do prédio da Academia.

O coronel José Reinaldo, sensível ao nosso apelo, designou o cabo Juarez para nos ajudar, mediante uma pequena retribuição semanal.

Formamos assim uma pequena equipe de três homens da melhor categoria em serviços de construção.



Labim/UFRN

Graças a essa colaboração do coronel José Reinaldo, não paramos de todo os serviços de construção da sede própria.

As verbas viriam com o tempo, do Estado, da Prefeitura de Natal, da União, da venda de livros.

O governador Dinarte de Medeiros Mariz, a pedido nosso, mandara consignar no orçamento do Estado uma obra de Cr$ 210.000,00 para construção da sede própria, reduzida depois para Cr$ 110.000,00, por iniciativa da Assembléia Legislativa do Estado.

A situação econômico-financeira do Estado não era boa, levando o governador a fazer dramaticos apelos ao Presidente Juscelino Kubtschek no sentido de colaborar na solução dos problemas sociais e administrativos desta Unidade da Federação.

Sabiamos disso através dos jornais e do radio, pela palavra do próprio governador.

Mas, um dia, a nossa situação se agravou. Os dinheiros recebidos haviam se esgotado. E os operários precisavam receber no fim da semana o salário, já de si minguado.

Sabendo da situação do Estado, decidimos enfrentar o governador, cujo coração não era de pedra. Era este o único argumento que tinhamos a nosso favor. E nos enchemos dessa convicção.

Era uma quinta-feira. O fim da semana estava à vista e era preciso pagar a folha dos operários.

Subimos as escadas de Palácio, aparentando energia, mas só Deus sabia como estavamos acabrunhado.

O diálogo foi iniciado e as razões que apresentamos foram tão fortes que o governador, depois de contrapor todas as dificuldades do Estado, terminou cedendo, em proveito da Academia.

Dali saimos tocados do mais alto sentimento de gratidão. O governador atendera ao nosso apelo, mandando pagar Cr$ 50.000,00 da verba consignada no orçamento do Estado.

Estas reminiscências precisavam ser trazidas ao conhecimento desta Casa, não para envaidecimento da nossa atuação modesta à frente dos seus destinos, mas para mostrar a participação benfazeja dos estranhos na construção desta obra, que possui, no seu todo, um pouco da generosidade e do amor que todos nós dedicamos ao Rio Grande do Norte.

Esse período da construção foi mais dedicado aos serviços de acabamento da parte principal do edifício, já que as verbas não eram suficientes para avançar os trabalhos de construção de todo o prédio.



Labim/UFRN

Chegou, porém, um momento em que não seria mais possível continuar.

Dispensamos a pequena equipe de operários e ficamos em compasso de espera.

Nem mesmo o vigia foi poupado. Nessa altura dos acontecimentos já possuíamos as salas da frente construídas, assentadas as esquadrias, possibilitando a guarda do material de construção, graças à colaboração do mestre de marcenaria, Antonio Cassiano da Silva, que se propôs a fabricar toda a esquadria do edifício, retirando em pequenas parcelas o valor do seu trabalho.

Em 1960, final do governo Dinarte Mariz, fomos ao Rio, com passagem de avião paga pelo Estado, correndo as despesas de hospedagem por nossa conta, com ajuda do Presidente da Sociedade de Assistência Hospitalar, acadêmico Onofre Lopes da Silva, a esse tempo, no Rio de Janeiro, tratando dos negócios da nascente Universidade do Rio Grande do Norte.

A nossa missão era conseguir o pagamento das verbas consignadas no orçamento da República pela nossa Bancada, para a Academia Norte-Riograndense de Letras.

Ali contamos com a colaboração do acadêmico José Augusto Bezerra de Medeiros, junto às repartições federais, nada, porém, conseguindo, em face da mudança de governo que se operava naquele instante, com a entrada do Presidente Jânio Quadros e a saída do Presidente Juscelino Kubtschek.

Regressando a Natal, depois de quinze dias de esforço junto às repartições federais, recebia, dias depois, as verbas mencionadas, graças à colaboração eficiente do nosso procurador, no Rio de Janeiro, Dr. Manoel de Medeiros Brito, cujos serviços a esta Casa serão sempre lembrados como prova do seu esforço e da sua eficiência no cumprimento das tarefas que lhe foram confiadas.

Com esse dinheiro, reiniciamos os trabalhos , completando os serviços de acabamento da parte principal do prédio, assentamento de esquadria, e outros serviços complementares.

Em 1962, convidamos o deputado Tarcísio Maia para fazer uma visita ao prédio da Academia, e este atento ao compromisso assumido anteriormente, parou, certo dia, o carro na porta da Instituição, percorrendo-a em todos os ângulos, na companhia do Presidente



Labim/UFRN

As obras estavam paradas. Recebemo-lo na porta principal, conduzindo-o a todas as salas e ao primeiro andar.

Viu tudo, observou e disse categórico: vou ajudar.

Efetivamente, dias depois, consignava no orçamento federal Cr$ 5 000.000,00 para a Academia Norte-Riograndense de Letras, que foram recebidos em duas parcelas de Cr$ 2.500.000,00.

Com essa importância reiniciamos a construção do prédio, começando pela confecção da grande lage de cimento armado, na parte traseira do edifício.

Todos esses documentos constam do arquivo da Tezouraria e estão escriturados nos livros de contabilidade da nossa Instituição.

E' de justiça destacar aqui, e o fazemos com a maior alegria, o papel da Bancada Federal, na construção do prédio da Academia Norte-Riograndense de Letras.

De 1955 a 1971, não houve um só exercício que não escrevessemos aos membros da nossa Bancada, solicitando verbas para a construção do prédio e manutenção da nossa Instituição.

E manda a justiça salientar que desde o primeiro ano da nossa administração até hoje nunca deixamos de ser atendidos nas nossas solicitações e nos nossos pedidos.

Georgino Avelino, João Batista de Medeiros Galvão, Aluizio Alves, Dix-Huit Rosado, Sergio Marinho e outros foram os primeiros a consignar verbas no orçamento federal para construção do edifício da Academia.

De 1962 para cá, se inscreveram na batalha da construção da sede própria, os deputados e senadores Tarcisio Maia, Dinarte Mariz, Jessé Freire, Clóvis Mota, Aluízio Bezerra, Dix-Huit Rosado, Djalma Maranhão, Vingt Rosado, Aristófanes Fernandes, Ribeiro Coutinho, Walfredo Gurgel, Manoel Vilaça, Teodorico Bezerra, Alvaro Mota, Grimaldi Ribeiro, Antônio Florencio, Henrique Eduardo Alves, Pedro Lucena e Duarte Filho.

Depois de citar os nomes de tantas pessoas empenhadas na construção do nosso Patrimonio Social, devemos lembrar os banqueiros da cidade, Aldo Fernandes Raposo de Melo e Ulisses de Gois, um e outro assegurando a continuidade da construção, por meio de empréstimos, sob a responsabilidade do Presidente, com endosso de comerciantes como Luis Veiga e Paulo Paulino Mesquita, amigos e admiradores do Presidente.



Labim/UFRN

Registre-se aqui a solidariedade do comércio da cidade, despachando os pedidos da Academia, sem discutir prazos para pagamento, uma vez que estes dependiam de verbas estaduais e federais, nem sempre recebidas em prazos certos.

Luís de Barros, Amaro Mesquita, Leonel Leite, José Dias Fernandes, Rubens Chacon e muitos outros colaboraram na medida do possível para realização dos nossos objetivos.

A gestão do governador Aluizio Alves não abriu solução de continuidade nas relações da Academia com o governo do Estado.

Pelo contrário, foi no seu governo que conseguimos concluir os trabalhos de acabamento das salas do andar térreo e das salas do primeiro andar, instaladas no dia 5 de setembro de 1964, com a presença de autoridades, famílias, acadêmicos e do povo em geral.

Foi ainda no governo do sr. Aluizio Alves que conseguimos, por intermédio do deputado Erivan França, apoiado pelos seus pares, a inclusão de uma verba de Cr$ 20.000,00 para construção do edifício da Academia, importância essa recebia e aplicada, conforme documentos arquivados na Tesouraria desta Instituição.

Em 1966, já na gestão do saudoso Monselhor Walfredo Gurgel, não tendo sido votado o orçamento para o exercício seguinte, foi revigorado o orçamento do ano anterior, mantendo-se, assim, a verba de Cr$ 20.000,00 destinada à Academia, igualmente recebida e aplicada, como é fácil verificar pelos documentos arquivados na Tesouraria.

Essas dotações feitas pelo Estado do Rio Grande do Norte, através dos seus ilustres mandatários, reunidas àquelas que vieram do Governo da União, através de emendas e dotações no orçamento federal, pelos membros da nossa bancada, sem distinção de partido, possibilitaram a construção deste Edifício, que constitui, sem dúvida, um grande esforço, em que tomaram parte várias pessoas interessadas na valorização do nosso patrimônio artístico e intelectual.

Terminada a construção do edifício no dia 21 de maio de 1970, verificamos que a nossa missão não estava terminada.

Faltava o mobiliário. E foi nesse intento que viajamos ao Rio de Janeiro, tentando conseguir verbas para aquisição do mobiliário padrão da Academia. Ali visitamos o Conselho Federal de Cultura, sob a presidência do professor Arthur Cezar Ferreira Reis, onde já existia um pedido da Academia Norte-Riograndense de Letras, solicitando auxílio para compra do mobiliário.



Labim/UFRN

O Conselho Federal de Cultura exige que as solicitações de verbas para as entidades dos Estados sejam submetidas e aprovadas pelos Conselhos Estaduais de Cultura, sob pena de não serem atendidas por aquele Colegiado.

O nosso primeiro pedido por intermédio do Conselho Estadual de Cultura foi considerado aqui demasiado, não obstante termos mencionado peça por peça, sala por sala, desejosos que estávamos de concluir logo os trabalhos de instalação para procedermos a inauguração definitiva do prédio.

O Conselho Estadual de Cultura não querendo dar inteira aprovação ao nosso pedido, remeteu o processo para o Rio deixando a critério do Conselho Federal de Cultura, o quantum que deveria ser destinado ao mobiliário da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Era mais uma pedra que se colocava no caminho da Academia, obstinada na realização dos seus ideais.

Mesmo assim procuramos contornar a situação da melhor maneira, contando com a colaboração dos membros do Conselho Federal de Cultura, especialmente do Conselheiros Irmão José Otão, que deu o parecer favorável, e colaborou ainda com o acadêmico Raimundo Nonato da Silva, na localização do processo para o respectivo pagamento.

Essa verba do Conselho Federal de Cultura, destinada exclusivamente a mobiliário, foi de Cr$ 20.480,00, sendo recebida em duas parcelas de 10.240,00, em conta vinculada do Banco do Brasil S/A.

Com esse dinheiro, iniciamos a confecção do mobiliário padrão, cujas peças estão à vista de todos os interessados.

Em começos deste ano, voltamos novamente à Guanabara, levando novo pedido de verba, desta vez aprovado integralmente pelo Conselhço Estadual de Cultura, mas infelizmente, sem os resultados que previamos, em virtude do corte de verbas sofrido pelo Conselho Federal de Cultura, no orçamento de 1971.

Mesmo assim, ainda conseguimos Cr$ 5.000,00 para aquisição de mobiliário, graças ao empenho do Conselheiro Irmão José Otão, ajudado pela presidente do Conselho, Professor Arthur Cezar Ferreira Reis.

Devemos, porém, esclarecer que até o momento não recebemos os Cr$ 10.000,00 aprovados para este ano.

São estas, de modo geral, as informações que trazemos a esta Casa sobre a construção da sede-própria da Academia Norte-Riograndense de Letras.



Labim/UFRN

Sentimos que a nossa tarefa não está de todo concluida.

Desejariamos fazer voltar a presidência às mãos daquele que nô-la entregou num ato solene, depois de convenientemente instalada e inaugurada.

Esse objetivo parece que não está muito longe de ser alcançado.

Tudo, porém, depende exclusivamente de vós, senhores acadêmicos. Qualquer que seja a vossa atitude, precisamos consolidar o trabalho até hoje realizado.

Vamos todos trabalhar, no exercício de 1972, para conseguirmos verbas, destinadas à instalação do Salão Nobre e do Auditório, no andar térreo.

Realizados esses dois objetivos, organizada a biblioteca, estaremos aparelhados para realizar em Natal, uma grande obra de cultura, através dos órgãos da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Para isso, esperamos contar com a vossa nunca desmentida solidariedade, com o vosso apoio, com o vosso engajamento nas iniciativas da nossa Instituição, colaborando, incentivando, defendendo a todo custo, o nosso patrimonio material e intelectual.

Natal, 22 de dezembro de 1971.

MANOEL RODRIGUES DE MELO
**Presidente**



Labim/UFRN

# ÍNDICE


Brasil 2.022 ..... 7
Sebastião Fernandes ..... 9
Ferreira Itajubá ..... 17
Francisco Ivo: Advogado e Poeta ..... 25
Meu Irmão Otoniel..... 33
Virgílio Trindade ..... 41
A Morte do Professor Ventura ..... 47
Literatura Oral ..... 53
Honrado e Contente ..... 63
Saudação a Peregrino Júnior..... 75
Imagem da Mulher ..... 81
Saudação ao Acadêmico Cascudo Rodrigues ..... 103
O Presidente da Academia no Centro Norte-Riograndense do Rio de Janeiro..... 113
Cultura, Literatura e Direito ..... 117
Saudação a João Medeiros Filho ..... 179
In Memoriam (Rômulo Wanderley) ..... 187
Discurso de Edgar Barbosa ..... 195
Saudação ao Professor Ferreira Reis ..... 199
A Amazônia e o seu Desenvolvimento ..... 205
Reitor José Otão ..... 221
Civilização, Cultura e Fé ..... 225
De Nisia Floresta a Rômulo Wanderley ..... 231
Saudação a Maria Eugênia Montenegro ..... 247
A Academia e o Instituto no Sesquicentenário da Independência ..... 253
Saudação a Waldemar de Almeida Barbosa ..... 259
Minas e os Mineiros ..... 263
Relatório do Presidente da Academia sobre a Construção do Mausoléu de Nisia Floresta ..... 271
Relatório do Presidente da Academia sobre a Construção da sede própria ..... 285




Labim/UFRN

Este Livro foi Composto e Impresso nas Oficinas de Artes Graficas da Companhia Editora do Rio Grande do Norte — CERN — Janeiro de 1974.

Esta publicação recebeu ajuda do
Conselho Federal de Cultura